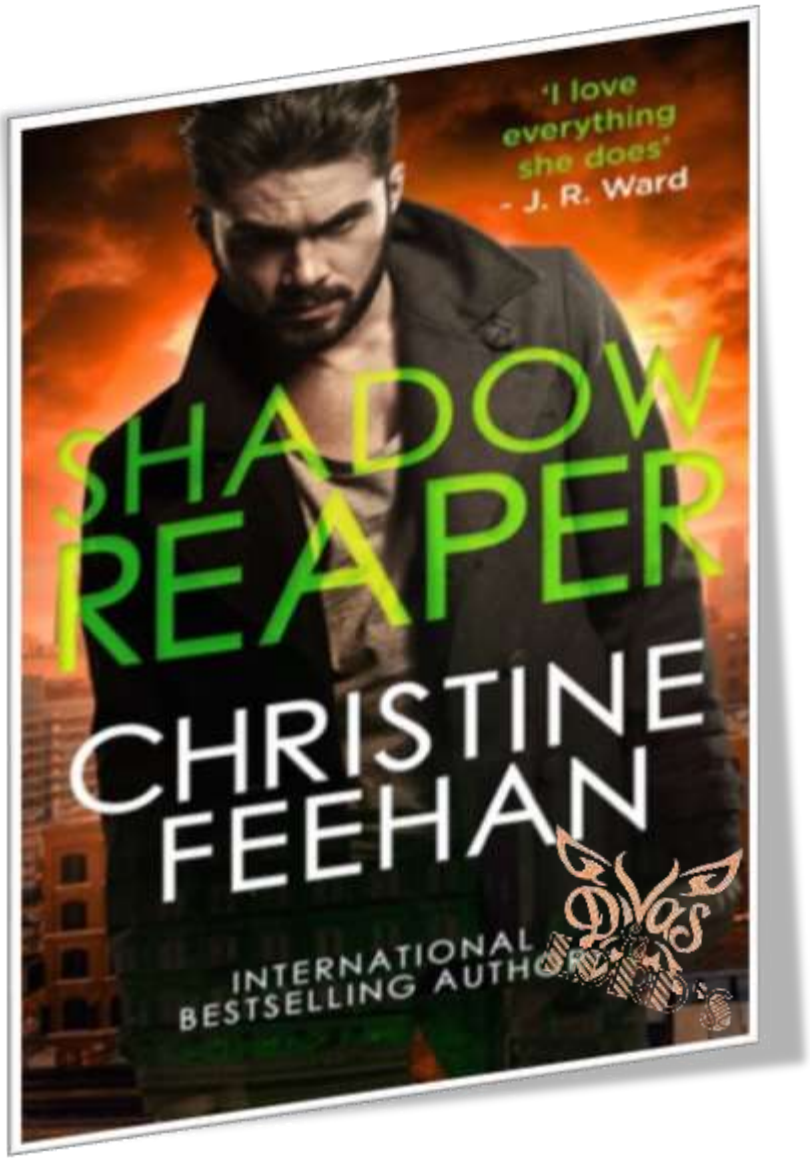
Ceifador da Sombra

CHRISTINE FEEHAN

Série Shadow 2



Este Livro faz parte, da união de pessoas que gostam da leitura e o repasse, sem fins lucrativos, de fãs para fãs. A comercialização deste produto é estritamente proibida.

Mais um projeto das 'Divas & Lord's'



Traduzido e Revisado do Inglês e Espanhol por Fãs

*Tradução e 1ª Revisão: *Helena*

*2ª Revisão, Leitura Final e Formatação: *Lunna e *Divas Pell*



AvIso

Essa Tradução foi feita pelo grupo Divas de forma a proporcionar ao leitor acesso à obra motivando-o a adquirir o livro físico ou no formato e-book.

O grupo tem como objetivo a tradução de livros sem previsão de lançamento no Brasil, não visando nenhuma forma de obter lucro, direto ou indireto.

Para preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo sem aviso e se assim julgar necessário, retirará do arquivo os livros que forem publicados por Editoras Brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente que o download dos livros destina-se, exclusivamente para uso pessoal e privado, sendo proibida a postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, assim como a divulgação do trabalho no grupo, sem prévia autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado, também responderá individualmente pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito por aquele que, por ação ou omissão, tentar ou utilizar o presente livro para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal e da Lei 9.610/1988.

Série Shadow

Lançamento



Distribuído



Christine Feehan



O playboy e bilionário ***Ricco Ferraro*** *não conhece outra vida. Ser um cavaleiro das sombras está em seu sangue—mas também um desespero assombroso emana dos segredos de seu passado escuro. Sua imprudência não só põe sua vida em risco, mas o futuro de toda a sua família. Para salvá-los todos, ele deve encontrar uma mulher que possa satisfazer todos os seus desejos com um calor todo seu próprio …*

Apenas quando Ricco perdeu a esperança, ele a encontra—uma mulher misteriosa cuja a sombra se conecta com a dele. Ela é alguém que procura um refúgio seguro contra o perigo que a perseguiu ao logo dos últimos meses. No abraço de Ricco, ela encontra um. Mas a escuridão na qual freqüentemente eles encontram refúgio também pode consumi-los …



1

Ricco Ferraro queria dar um soco em algo. Duro. Não, ele *precisava* socar algo—ou alguém, de preferência seu irmão. Seria satisfatório sentir o rompimento de seus nódulos dividindo a carne. Ossos rachados. Sim. Ele poderia ficar para trás se o seu irmão não fechasse a boca. Eles estavam em um hospital com médicos e enfermeiros em torno deles em cada andar. Se ele realmente fosse para a cidade e fizesse acontecer, Stefano não iria sofrer por muito tempo.

— Ricco, —Stefano sibilou novamente, usando seu irritante, tom baixo, de irmão mais velho que fazia Ricco se sentir mais louco do que ele já estava se sentindo. — Você está mesmo me ouvindo? Isto tem que parar. Na próxima vez você não conseguirá.

Stefano estava falando há dez minutos. Ricco não imaginava que alguém pudesse ouvir por tanto tempo, muito menos ele. Ele não tinha paciência. Ele sabia malditamente bem o quão perto ele tinha estado de morrer. Eles tinham substituído cada gota de sangue que ele tinha em seu corpo não uma vez, mas duas vezes. Ele estava no maldito hospital há semanas.

Seu carro tinha atingido a parede a mais de trezentos quilômetros por hora, mas ele sabia que ele não tinha feito isso. Algo quebrou e a suspensão se foi, levando as peças de metal através de seu corpo como estilhaços. Ele tinha

sobrevivido. Ele ainda sentia isso. Cada músculo e osso em seu corpo doendo como o inferno.

— Eu vou ouvir quando você fizer sentido, Stefano, —Ricco estalou e terminou de abotoar sua camisa. Não foi fácil. A dor era excruciante quando ele fazia o menor movimento, mas ele estava saindo deste maldito hospital, o médico assinasse os papéis de liberação ou não. Ele tinha tido o suficiente de todos eles, especialmente de seu irmão mais velho.

Ele virou-se para encará-los—seus quatro irmãos e uma irmã com as expressões tão preocupadas. Sombrias. Mas havia Francesca, a esposa de Stefano. Ele focou nela e na compaixão em seus olhos. Ela tinha empurrado Stefano várias vezes para fazê-lo parar. Tinha funcionado duas vezes, mas apenas por um ou dois minutos.

— Vou dizer isso mais uma vez e nunca mais. Você não precisa acreditar em mim. —Ele falou para Francesca, porque surpreendentemente, era Francesca que acreditava nele. Todos deveriam ter, eles podiam reconhecer mentiras. Isso deu a ele uma pausa. Ele podia reconhecer mentiras. Se ninguém acreditava nele, era porque ele tinha que estar mentindo para eles, e para si mesmo.

Ele virou de costas para eles. Só esse pequeno movimento doeu. Seu corpo protestava a menor coisa que ele fizesse. — Pelo menos esperem até que obtenham o relatório sobre o carro, antes de saltar para conclusões. Eu não tinha controle. O sistema do carro apenas apagou. —Isso ele estava certo de ter acontecido. Ele dirigia a uma velocidade de mais de 300 km por hora e nunca teve nenhum problema. Sua coordenação mão/olho e reflexos nunca lhe falharam. O carro tinha falhado. Ele sabia disso com absoluta certeza, então por que não podia

convencer seus irmãos e irmãs de que não tentou acabar com sua vida? Por que não conseguia convencer a si mesmo?

Levou tudo o que ele tinha ficar lá, tentando não balançar quando seu corpo estourava em suor e ele podia contar seus batimentos cardíacos através da dor que inundava seus músculos. O que ele tinha feito para tentar salvar a si mesmo? *Nada.* Ele não teria feito nada. Ele deixaria o destino decidir, fechando os olhos e dando-se a si mesmo ao julgamento do universo. Ele tinha acordado no hospital com agulhas em seu braço e sacos de sangue entrando nele.

Seu quarto estava cheio de flores. Havia caixas de cartas, todas de pessoas do território Ferraro, o pedaço da cidade considerado sem criminosos. Seu povo, todos bons e decentes. Ele não tinha olhado as cartas, mas queria mantê-las. Ele não merecia essas cartas mais do que merecia a preocupação nos rostos de seus irmãos e irmã, ou a compaixão que Francesca mostrava. Mesmo assim, ele estava vivo e tinha que continuar.

— Algo deu errado com o carro, Stefano, —ele repetiu, se voltando para olhar seu irmão nos olhos.

— Estamos verificando o carro. —assegurou Vittorio. Ele sempre tinha sido o pacificador da família, e Ricco apreciava isso. — Nós o rebocamos imediatamente para nossa garagem pessoal e está sob guarda. Somente nosso pessoal de confiança está trabalhando nisso.

Ricco lançou um rápido olhar para seu irmão, o que deveria servir de agradecimento. Ele não diria isso em voz alta, não com Stefano respirando em seu pescoço.

— Você quase morreu, —disse Stefano, e desta vez a raiva tinha desaparecido de sua voz e havia tensão. Apreensão. Cuidado.

Isso deixou Ricco se desfazendo. Era impossível ver ou ouvir o estoico Stefano devastado. Ele era reconhecidamente o chefe da família por uma razão. Ricco não merecia a maneira com que eles se importavam. Havia muitos segredos, Muitas omissões. Ele colocou todos em perigo e eles não tinham ideia. Pior, ele não podia dizer a eles. Ele só tinha de vigiá-los noite e dia, um dever que ele levava muito a sério.

Ele balançou a cabeça, suspirando. — Eu sei Stefano. Eu sinto muito. Eu perdi o controle do carro. —Isso era verdade. Ele tinha. Lembrava-se muito pouco das consequências, mas aquele momento em que ele percebeu que o carro não era mais uma extensão dele, que era uma besta rugindo pela supremacia, separado dele, tinha sentido alívio por ter terminado. Se ele tivesse morrido, tudo teria acabado e o perigo para sua família teria desaparecido.

— Você está me convencendo? Ou a você mesmo? —perguntou Stefano em voz baixa. — Nós estamos tirando você daqui, mas você tem que se recompor. Basta de loucuras, Ricco, ou não terei escolha a não ser tirá-lo da rotação, mesmo quando você estiver fisicamente apto e o médico disser que está bem para o trabalho.

Suspiros escaparam de seus irmãos e Emmanuelle, sua irmã. Francesca balançou um suave *"não"* e sacudiu a cabeça. O coração de Ricco quase parou. Ele era um *cavaleiro*. Um cavaleiro da sombra. Era *quem* ele era. O *que* ele era. Um cavaleiro não tinha escolha, só fazer o que tinha sido treinado desde os dois anos de idade, mesmo antes disso. Estava em seus ossos, em seu sangue, ele não poderia viver sem isso. Ele dispensava justiça a todos aqueles que a lei não podia tocar.

Stefano pisou diretamente na frente dele, perto, então eles estavam olho no olho. — Entenda-me Ricco. Eu não vou te perder. Eu farei *qualquer* coisa para te

salvar. Dar qualquer coisa, incluindo a minha vida. Eu vou usar todas as armas em meu arsenal para protegê-lo de si mesmo e de qualquer inimigo em seu caminho. Faça algo sobre isso, seja o que for preciso, e isso inclui aconselhamento. Mas não haverá mais acidentes. Você me entendeu, irmão? Não haverá mais acidentes.

Ricco assentiu com a cabeça. O que mais ele poderia fazer? Quando Stefano dava uma ordem, ele queria dizer cada palavra que disse. Não era com frequência que Stefano falava assim com eles, mas ninguém o desafiava, inclusive Ricco. Ele amava seu irmão. Sua família. Ele tinha sacrificado a maior parte de sua vida por eles de bom grado, mas Stefano era mais do que um irmão. Ele era mãe, pai, irmão mais velho, protetor, tudo embrulhado em um.

Tinha sido Stefano que sempre esteve lá para ele. Seu próprio pai e mãe não tinham ido ao hospital para visitá-lo depois do acidente, mas Stefano mal tinha saído para comer. Ele parecia desgastado e amarrotado. Em todos os momentos em que a dor despertara Ricco de seu estado de semiconsciente, Stefano, seus irmãos e Emmanuelle estavam ali com ele. Essa solidariedade só reforçou a decisão de Ricco de mantê-los seguros. Eles eram tudo para ele.

— Eu entendi você, —ele assegurou suavemente.

— Está feito então. Quando o médico concordar, você retoma o treinamento, mas não treina mais do que as horas normais. Você dorme mesmo que você tenha que tomar alguma coisa para dormir. Você vai parar de beber tanto, e falar comigo se você estiver tendo problemas para fazer essas coisas.

O coração de Ricco estava batendo horas extras agora. Ele não podia prometer a Stefano que iria parar com suas horas extras de treinamento. Ele tinha que ter certeza de que estava na melhor forma em todos os momentos—que ele

não—nunca poderia cometer um erro. Isso era parte dele também. Mas como ele explicaria isso a seu irmão quando não pôde explicar por quê? Ele apenas balançou a cabeça, permanecendo em silêncio para que ninguém pudesse ouvir sua mentira.

Ele bebia para dormir às vezes, mas podia parar sem problemas, ele simplesmente não conseguiria dormir. Ele não estava disposto a dizer mais nada a Stefano. Era impossível mentir para ele e ele não queria que seu irmão se preocupasse mais do que já fazia.

Olhando para o espelho enquanto terminava de abotoar sua camisa cinza-pomba, olhou para as hemorragias viciosas e o inchaço, do lado de sua cabeça que tinha sido quase afundada. Debaixo da camisa seus músculos ondulavam com qualquer movimento, um testemunho de sua força—e ele era incrivelmente forte. Tinha sido a sua excelente condição física que o salvou de uma morte certa—pelo menos foi isso o que o cirurgião disse, *sua força e um milagre*. Seu quadro era enganoso, pois seus músculos não eram tão óbvios como os de seus primos, mas estavam ali sob a pele de seus ombros largos e poderosos braços.

Ele pegou a jaqueta. A família de pilotos Ferraro sempre usava ternos listrados. Sempre. Era a sua assinatura. Até Emmanuelle usava o terno, equipado e fazendo-a parecer um milhão de dólares, mas então ela poderia usar qualquer coisa e ser linda ... Ele deu um sorriso reconfortante para a irmã porque ela parecia como se pudesse chorar. Ele sabia que parecia mal. Sentia-se pior do que isso, mas sua irmã não precisava saber disso.

— Estou bem, Emme, —ele a tranquilizou. Ele não estava, mas não tinha estado há muito, muito tempo.

— Claro que você está, —ela disse rapidamente, mas ela parecia tensa. — Sair de um acidente como aquele é fácil para um Ferraro.

Ela não tinha exatamente se afastado dele, mas ele estava de pé agora. Ele se forçou a não estremecer quando vestiu o casaco. Uma vez que o material se assentou sobre seus braços e ombros, ele entendeu a maneira que seus irmãos o viam, um macho apto, intimidador, imponente mesmo.

Houve um farfalhar na porta. Seus irmãos Giovanni e Taviano se afastaram para permitir que o médico e a enfermeira entrassem. O médico olhou para todos eles. A enfermeira manteve os olhos no chão. Ele notou que suas mãos tremiam. Ela não queria enfrentar os Ferraros, mas não teve escolha quando o cirurgião insistiu em dar sua opinião.

— Você não deveria estar de pé, Sr. Ferraro, —disse o Dr. Townsend.

— Eu estou bem, —Ricco assegurou. — E muito grato a você. —Isso tinha que ser dito fosse uma mentira ou não, e ele honestamente não sabia se era.

— Eu me recuso a liberá-lo. Você pode ter coágulos de sangue, um aneurisma, qualquer outro número de complicações, —continuou o médico.

— Eu não vou. —Ricco lhe deu o olhar que cada Ferraro tinha aperfeiçoado desde antes de seu décimo aniversário. Seus olhos estavam frios, planos e duros. O médico e a enfermeira recuaram imediatamente. Isso, pelo menos, foi satisfatório. Ele deu outro passo em direção a eles e eles se separaram para deixá-lo passar. Poderia parecer uma cadela e sentir-se pior, mas ainda era formidável.

— Quero as caixas de cartas, mas você pode distribuir as flores para outros pacientes do hospital, —continuou Ricco, ignorando o cenho de Stefano. Ele sabia o que significava isso. Stefano gostaria de conversar com seu médico. Um cavaleiro da sombra poderia reconhecer mentiras e puxar a verdade, mesmo de alguém no campo médico. Ele continuou caminhando, sabendo que seu irmão nunca o deixaria sair sozinho para enfrentar os repórteres.

— Você está saindo contra o conselho médico, —reiterou o médico.

Ricco não desacelerou. Imediatamente, seus irmãos e Emmanuelle caíram ao seu redor. Rodeando-o. Ombro a ombro. Solidariedade. No momento em que ele saiu de seu quarto no hospital, seus primos Emilio e Enzo Gallo se moveram para frente deles. Tomas e Cosimo Abatangelo, também primos-irmãos, ficaram atrás. Os primos sempre agiam como guarda-costas para os Ferraros, e Ricco sabia que precisava deles. Poderia dizer que estava pronto para deixar o hospital, mas não estava. Seu corpo precisava descansar desesperadamente, bem como tempo para curar. Ele simplesmente não podia fazer isso lá.

A imprensa tinha estado em todo o acidente, tentando se esgueirar pelo hospital e conseguir fotografias dele coberto de bandagens. Uma enfermeira havia sido suspensa enquanto investigavam o fato de terem tirado várias fotos de Ricco inconsciente e vendendo-as para os tabloides. Houve várias outras tentativas por parte de enfermeiros e um zelador. Qualquer pessoa que conseguisse uma foto de Ricco Ferraro depois que ele tinha batido o carro de corrida em uma exibição ardente. Iria fazer centenas de milhares de dólares.

— Eloisa veio visitá-lo? —Stefano perguntou, caminhando em perfeito passo com ele.

Ricco olhou para ele, uma sobrancelha levantada. — Eu bati Stefano. Não fui perfeito. Por que você acha que nossa mãe viria me visitar quando eu mostrei ao mundo que eu era menos que perfeito? —Stefano os havia criado, não Eloisa.

Stefano olhou para Francesca. — Eu pensei que ela estava tentando escrever uma nova página. Acho que eu estava errado.

Ricco não respondeu. Sabia que Francesca estava tentando fazer as pazes com Eloisa, mas sua mãe não tinha um instinto maternal no corpo. Não se importaria

menos. Tiveram Stefano enquanto estavam crescendo, e ele tinha prestado atenção em todos eles—como estava fazendo agora. Seu irmão mais velho podia ser irritante, mas amava seus irmãos. Muito. E cuidou deles. Era algo com que todos contavam.

Ricco odiava ter causado tanta aflição a seus irmãos e irmã. Ele sabia que tinha que mudar sua vida. Já era tempo. Ele só não sabia como.

— Pronto? —Stefano perguntou enquanto se aproximavam das portas duplas que levavam ao estacionamento. Ninguém quebrou o passo, todos se movendo com o mesmo passo confiante. O carro já tinha sido trazido para a entrada. Estava a poucos metros de distância, mas os paparazzi, em várias fileiras, começaram a fotografar.

— Sim. —disse Ricco. Ele não estava. Ele mal podia caminhar ereto. Cada passo empurrava seu corpo e lembrava-o que ele era humano.

Ele tinha medo de cair antes que alcançasse a privacidade do carro, mas continuava caminhando. Tinha que sair do hospital antes de perder a cabeça. Ele tinha sua própria ala privada completa com guarda-costas, mas isso não tinha parado a loucura da imprensa e seu medo era de que o pegassem em seu estado mais vulnerável.

Stefano e o resto de seus irmãos tinham ficado as três semanas que ele ficou inconsciente, pelo menos foi o que Francesca tinha sussurrado a ele. Eles só o deixavam se um trabalho era imperativo. Uma vez que ele acordou, foi principalmente Stefano que ficou com ele enquanto os outros cuidavam do trabalho. Ele sentiu seu amor, e naquele momento, enfrentando os paparazzi com seus irmãos que o cercavam, ele sabia que tinha valido todo o sacrifício que fizera para protegê-los. Ele faria tudo de novo em um batimento cardíaco.

Ricco manteve a cabeça erguida enquanto se moviam como uma única unidade para o carro com suas janelas coloridas. Emilio e Enzo abriram caminho pelos repórteres. Nenhum dos Ferraros os olhava. Normalmente eram amigáveis com os paparazzi. Eles precisavam dos repórteres e fotógrafos para fornecer álibis para eles. Hoje, a família só queria levar Ricco para casa.

Para seu desânimo, Stefano entrou no carro com ele. Ricco suspirou e balançou a cabeça enquanto Tomas fechava a porta para as câmeras frenéticas e gritos de perguntas.

— Stefano. —Deus, ele estava cansado. Ele ergueu a mão para limpar as gotas de suor na sua testa. — Você não tem que me escoltar para casa.

— Eu queria uma palavra privada com você.

Evidentemente, o fato de que seu primo-irmão estava dirigindo o veículo e Emilio estava no banco da frente não importava.

Ricco ergueu a cabeça contra o couro fresco. — Estou ouvindo.

— Eu fui paciente desde que você voltou do Japão.

Ricco endureceu apesar de todo seu treinamento. Era a última coisa que ele esperava que Stefano falasse. Tinha apenas quatorze anos quando fora enviado para o Japão, e tinha acabado de completar dezesseis anos quando voltou. Parecia outra vida. Ele tentou enterrar essas lembranças, mas os pesadelos recusaram-se a ir embora. Eles o assombravam, não importando quanta bebida ele consumisse.

— Você tem que conversar com alguém sobre o que aconteceu lá. Isso mudou sua vida. Você é o melhor cavaleiro que temos Ricco, mas você é muito imprudente. Você não se importa com sua própria vida, e isso é algo que eu não vou permitir que você se arrisque. Você ficou pior, não melhor.

Ele não podia negar isso. — Eu nunca falhei em uma missão. Nem uma única vez, Stefano. —Ricco mal podia respirar. Seu irmão não poderia estar dizendo que ele achava que estava.

— Não, mas você não se importa se vive ou morre.

Era a porra da verdade, e se ele abrisse a boca, Stefano a ouviria. Ricco forçou o ar através de seus pulmões e olhou pela janela para os edifícios enquanto rodavam pelas ruas de Chicago. Aparentemente, ele parecia calmo. Confiante. Havia uma verdade que ele poderia dar a seu irmão. Ele se virou para ele. — Não há sobrevivência sem ser um cavaleiro da sombra. Você tira isso de mim e eu não tenho nada para aguentar.

Raiva rápida cruzou o rosto de Stefano. — Isso é uma besteira de merda, Ricco. Você tem a gente. Sua família. Como você acha que vou fazer sem você? Ou Emme? O resto deles? Você é importante para nós. Você se importa mesmo com a gente?

Ele amava seus irmãos e irmã com ferocidade. Protetoramente. Ele alienou-se deles, por eles. A fúria explodiu através dele, aquela raiva que às vezes ameaçava consumi-lo. — O que significa isso? Você acha que eu faria isso se eu tivesse uma escolha. —Ele parou. Isso foi um erro, e os cavaleiros das sombras não cometem erros. Ele não poderia dar ao luxo de lançar Stefano em uma investigação. Foram os analgésicos, afrouxando a língua quando ele sabia melhor.

Stefano ficou em silêncio. Isso era um sinal muito ruim. Ele era muito inteligente e pouco escapava dele. Ricco tentou desesperadamente pensar em algo que pudesse distrair seu irmão, mas nada lhe veio à mente. Ele estava machucado demais. Cada músculo. Cada osso.



A maioria das pessoas não percebia o quão fisicamente exigente era correr um carro durante o tempo que uma corrida levava, e muito menos em uma velocidade tão alta. Mesmo com todas as medidas de segurança incorporadas ao carro, o sacudir e girar do corpo foi incrível. Acrescente um acidente real na parede e seu corpo parecia como se tivesse sido espancado por uma linha de homens fortes com bastões de beisebol, ou atropelado por vários caminhões muito grandes.

— Eu entendo o que você está me dizendo, Stefano, e eu vou fazer algo sobre isso. Devo ser um cavaleiro. Você não terá que me substituir na rotação. Assim que eu estiver curado, voltarei ao trabalho. —Ele derramou a verdade em sua voz, sabendo que seu irmão poderia ouvir.

Isso não seria suficiente e ele sabia disso. Ele fez um show suspirando, então seria mais credível quando cedeu. — Eu preciso mudar minha vida. —Não havia nada mais verdadeiro do que isso. — Eu não posso esperar por uma mulher andar por nossas ruas jogando sombras como Francesca fez. Eu tenho que achar alguém agora. Eu estive pensando nisso, mas eu tinha decidido que não seria justo encontrar alguém, permitir que ela se apaixone por mim e depois tenha que desistir dela para casar com um cavaleiro para que eu possa produzir filhos.

Era esperado que todos os cavaleiros casassem com outro, capaz de produzir cavaleiros, mesmo que isso significasse um casamento arranjado. Emme tinha o pior porque ela era uma mulher, e se ela não encontrasse seu homem até que ela tivesse trinta anos, seu casamento seria arranjado. Os homens tinham mais alguns anos, mas não era apenas se apaixonar e se casar com alguém. Esse era um dos preços que eles pagavam sendo cavaleiros da sombra.

O olhar escuro de Stefano nunca deixou o seu e Ricco forçou a si mesmo a continuar. — Eu pensei muito sobre isso. Eu sou um artista. Eu continuei

estudando *Shibari*[1] e eu amo os elementos artísticos, mas o único lugar para realmente exibir ou praticar minha arte é em um dos clubes. —Ricco se sentia aterrado quando praticava a arte das cordas usando o corpo humano como fundo.

Stefano piscou sua única reação.

Ricco assentiu com a cabeça. — Eu sei que não posso ser protegido nos tipos de clubes que eu teria que freqüentar. Mais cedo ou mais tarde os paparazzi descobririam e estaria em cada revista daqui até o inferno e para trás. Mas se eu encontrar um bom modelo de corda, com quem eu possa trabalhar na privacidade da minha casa, posso fotografar minha arte. Eu sempre quis fazer isso. Eu tenho meu próprio quarto escuro e posso revelar as fotografias. Você sabe que eu sou um bom fotógrafo. Eventualmente eu posso colocar as fotos sobre telas ou em forma de livro. Eu só preciso encontrar a modelo certa. Estou esperando que se eu o fizer, vou sentir uma forte ligação com ela.

Stefano esfregou a ponta de seu nariz quando o carro desacelerou e, em seguida, atravessou através da pesada multidão de paparazzi em pé na calçada quase bloqueando o caminho que conduzia a casa de Ricco. Ambos os ignoraram quando o motorista atravessou a multidão até os altos portões de ferro. — É um risco, Ricco. Não a arte. A mulher.



[1] **Shibari** (しばり) é um verbo japonês que significa literalmente *amarrar* ou *ligar*. É uma expressão que tomou um sentido diferente no século XX, quando o uso da corda (***nawa*** em japonês) começa a ser utilizada no contexto erótico.

Ricco assentiu. — Estou ciente disso. Quero encontrar alguém por quem possa me apaixonar. Alguém que possa me amar e talvez entender se eu tiver que estar com outra mulher.

— Isso é altamente improvável.

— Eu sei. Eu sei disso. Eu não posso mais viver assim. —Ficando acordado toda a noite, bebendo em um estupor ou festejando até que o sol surja com várias mulheres ao mesmo tempo. Nunca sentindo nada. Ele observou enquanto os portões se abriam para permitir que eles entrassem. Ele não percebeu que estava segurando o fôlego até que os portões se fecharam atrás do carro, bloqueando os paparazzi.

— Alguém nos ameaçou, não é?

Stefano perguntou calmamente—tão discretamente que Ricco quase perdeu e quase perguntou o que ele queria dizer. Stefano disse como se já sabia, que ele estava apenas confirmando. Claro que ele iria descobrir isso. Ele era o chefe da família há anos, desde que ele era um adolescente. Ele tomou conta de todos eles, quando ele era ainda mais jovem do que isso. Ele saberia. Ele provavelmente tinha considerado essa possibilidade o tempo todo.

— Eu não posso falar sobre isso. —Isso foi uma confirmação e não foi.

Stefano xingou, um longo discurso de italiano. Ele manteve a voz baixa, viciosa, e Ricco ouviu a promessa de retaliação ali.

Sacudiu a cabeça. — Apenas deixe-o ir.

— Deixe-o ir? —Stefano olhou para ele como se tivessem crescido duas cabeças nele. — Eles ameaçam meu irmão, um cavaleiro companheiro, e você quer que eu deixe-o ir. Temos um conselho.

— Não. Estou falando a sério, Stefano. Deixe-o ir. Há razões ...

— Nunca há razões para uma família de cavaleiros ameaçarem outra família.

— Foi há muito tempo. Estou pedindo que você deixe-o ir. —Ele não permitiu que o desespero aparecesse em seu rosto, não importava se ele estava se sentindo assim. Stefano iria querer ir à guerra em um piscar de olhos por ele, mas não havia como saber quantas famílias no Japão se uniria contra eles. Ricco não estava disposto a arriscar seus irmãos, irmãs ou primos.

Ele permaneceu em silêncio por anos. Tinham sido longos, duros anos sempre olhando por cima do ombro e treinando mais do que nunca. Muitas vezes, quando não conseguia dormir, ia para uma das casas de seus irmãos e cuidava deles, algo paranoico podia acontecer com eles. Depois de vários anos, ele tinha certeza de que estavam seguros, e não queria que Stefano provocasse problemas.

— Acho que encontrar uma parceira para a sua arte é um movimento positivo, Ricco. —Stefano mudou de assunto novamente. — Procurar por uma mulher para ser sua parceira quando você sabe que vai ter que ir embora mais tarde é algo completamente diferente.

Ricco já sabia disso, mas ele estava perdendo muito de si mesmo. Era uma tentativa desesperada de sentir algo. Qualquer coisa. Ele já estava muito longe e não sabia se havia alguém que podia trazê-lo de volta. Ele se separou de sua família, passando menos tempo em público com eles e mais tempo correndo ou festejando na esperança de que os outros pensassem que ele não se importava com eles. Ele deve ter feito um bom trabalho para que Stefano lhe perguntasse se a família lhe importava.

Ricco deixou cair a mão na porta, precisando escapar. Stefano mudou de lugar, como se pudesse segui-lo. — Preciso me deitar. —disse ele, sabendo que seu

irmão ouviria o anel da verdade. Ele precisava de uma cama e rápido ou ele iria cair logo.

Stefano retrocedeu. — Angelina Laconi vai vir verificar você, e não me dê nenhum problema sobre isso. Ela é uma enfermeira.

— Ela me cobiça com os olhos. —Agora ela tem desculpas para tocá-lo. Ele não conseguiria escapar de uma enfermeira, ele poderia dizer pela expressão de Stefano.

— Viva com isso. Emmanuelle certificou-se de que sua geladeira foi abastecida e Francesca fez várias refeições para você. Estão no congelador. Uma delas está na geladeira.

— Por favor, agradeça por mim. —Ricco empurrou a porta e forçou seus pés a trabalhar. Não era fácil, mas ele tinha disciplina em abundância, um traço que todos precisavam. Ele estava muito, muito consciente dos olhos de Stefano sobre ele quando se dirigiu para a porta.

— Francesca. —Ricco inclinou a cabeça para roçar um beijo na bochecha de sua cunhada. As semanas de descanso e a fisioterapia tinham ajudado. A dor não o atravessava toda vez que ele dava um passo, e ele começou a treinar de novo, embora Stefano o observasse de perto. Seu irmão mais velho ainda não tinha conhecimento da sala de treinamento que Ricco tinha instalado

em sua casa alguns anos antes. A maior parte dos encontros era na cobertura de Stefano, no Hotel Ferraro.

— Ricco. —Francesca mostrou seu sorriso divertido, aquele que zombava dele um pouco de sua saudação.

Ele raramente dizia olá ou adeus. Ele dizia seu nome, e ela retaliava dizendo o dele. Ele adorava isso nela. Ele amava tudo sobre ela, principalmente que ela amasse seu irmão mais do que qualquer coisa ou alguém.

Ele nunca aprendeu a arte de relaxar. Podia desempenhar seu papel em público, mas em casa, com seus irmãos e irmãs, sempre era ele quem ajudava Taviano, seu irmão mais novo, na cozinha, ou encontrava-se na sala de treinamento e trabalhando fora, enquanto os outros conversavam. Desde o acidente, ele fez algumas tentativas de ser melhor.

— Cheira bem.

— Espero que tenha um gosto bom. Eu tenho trabalhado com algumas receitas novas para o molho de alcachofra que você disse que gostou e eu acho que consegui. Vou servir massa caseira com molho de alcachofra, pudim de abobrinha e frango recheado com cobertura de creme. Oh, e para a sobremesa, tiramisu.

— Bom. Eu nunca comi nada que você tenha cozinhado que eu não gostasse. —Era a verdade. Ele não gostava de bajulação, mas Francesca era realmente a mulher mais bonita que conhecia. Ela os amava e os aceitava junto com seu exigente marido. — Onde está o chefe?

Ela riu. — Ele só *pensa* que é o chefe. Eu ainda tenho o meu trabalho na deli, não é? Você sabe o quanto ele odeia que eu trabalhe.

— Aqui está uma pequena notícia para você, querida, —disse Ricco. Todos nós odiamos que você trabalhe. Temos inimigos.

— Eu não.

Eles cuidaram de seu inimigo. Permanentemente. — Eles podem chegar até nós através de você, —ele apontou. Era um velho argumento e ele tinha certeza de que Stefano tinha tentado muitas vezes. Francesca podia ser a mulher mais doce que ele conheceu, mas ela não era empurrada.

O fato de Francesca ainda ter seu emprego o surpreendeu. Ele não podia imaginar seu irmão mais velho permitindo que sua mulher se colocasse em perigo, e Stefano não tinha problemas em mandar todos os seus irmãos a vigiarem.

Ricco tirou a jaqueta e deixou que ela a pegasse para pendurar junto com sua gravata — Somente nós esta noite? —Ele já estava desabotoando os três primeiros botões da camisa.

— Sim. —Ela fez uma careta para ele. — Negócios de família.

Ele se viu relaxando. Ele era bom em negócios familiares. Francesca teria dito a ele se Eloisa estivesse presente. Como regra, sua mãe não aparecia para eventos familiares na casa de Stefano—o que significava que ela quase nunca estava presente.

Taviano viera a ele três semanas antes com suas descobertas. Uma caixa tinha rachado no amortecedor. Stefano ainda tinha que falar com ele sobre isso, então ele tinha certeza de que esta noite era sobre isso. Ele não se importava com o que unia a família, só que eles estivessem juntos.

— Stefano me disse que você pôs anuncio para uma modelo de corda, — Francesca continuou. — Como está indo?

— Há um monte de mulheres fodidas no mundo, —ele respondeu.

Ela riu. — Você só está descobrindo isso agora?

— Desde que te conheci, eu tive grandes esperanças. —Isso era parcialmente verdadeiro, mas ele estava principalmente provocando-a. Algo novo para ele com um estranho, embora ele nunca a considerasse assim. Francesca se encaixou bem com seus irmãos e Emmanuelle. Ela era família, e cada um deles daria suas vidas por ela.

Ela deu outro sorriso. Ela realmente era uma mulher bonita. Stefano teve sorte em encontrá-la. Não só ela era doce, inteligente e bonita, mas também poderia ter sido uma cavaleira, se tivesse sido encontrada e treinada desde criança. Ela era rara. Muito rara. Ela aceitou o modo de vida deles, envolto em segredo e fora das leis aceitas na terra.

Ricco suspirou. Ele esperava secretamente que procurando uma modelo de corda, a mulher de seus sonhos aparecesse. Ela seria alta, com cabelos ruivos, porque ele gostava dessa aparência, magra como uma modelo e muito disposta a aceitá-lo como o foco da sua vida. Mais, ela seria uma cavaleira sem treinamento, alguém que poderia dar filhos a ele para que sua família fosse feliz. Até agora ele tinha conseguido todos os tipos de corpo, cor de cabelos e uma variedade de curvas, um monte de mulheres dispostas a fazer perversões e mais que queriam dinheiro. Muito dinheiro. Ele não tinha se conectado com nenhuma delas—nem mesmo fisicamente.

Ele não tinha conduzido as entrevistas, mas tinha estado lá, nas sombras, observando o desfile de mulheres que não podiam vê-lo. Ele estava determinado a encontrar uma mulher que o despertasse pelo menos emocionalmente, se não fisicamente, mas nada aconteceu. Foi deprimente.

Ele sempre gostou de mulheres—especialmente quando ele saia dos tubos de sombra após um trabalho. Ele nunca se conectou com elas em qualquer outro

nível, só físico. Ele nunca quis passar algum tempo com elas fora das relações sexuais. Ele era sexualmente aventureiro e cercou-se de mulheres que também eram. Mas ele jogava e saía. Ele sempre deixou isso claro. Ele não era um homem que ficava. Ultimamente, até mesmo isso estava desaparecendo. Ele jogava ocasionalmente com as gêmeas Lacey, mas ele não estava mais nisso.

Ele invejava Stefano e sua capacidade em ter um relacionamento. Ele não tinha certeza de que poderia fazê-lo. Agora que tinha participado das entrevistas com as várias mulheres oferecendo-se para ser um modelo de corda, estava quase certo que nunca seria esse homem. Ele queria isso, mas sentia apenas indiferença ou aborrecimento. Nenhuma das mulheres sabia quem era o mestre de cordas, mas tinham tentado descobrir. Ele tinha sido cuidadoso, deixou Emilio conduzir as entrevistas em um local neutro—a sala de conferências do Hotel Ferraro onde muitas entrevistas para uma variedade de empregos eram muitas vezes conduzidas.

— Vai acontecer para você, Ricco, —Francesca disse, andando com ele pela enorme sala aberta para a cozinha onde a família normalmente se juntava. — Eu sei que você não acha que vai, mas eu sinto isso. Ela está perto.

Ele olhou para ela bruscamente. Francesca não era dada à fantasia. Ele balançou a cabeça em negação. Ele havia desistido desse sonho há muito tempo. — Fiz coisas demais em minha vida para ter uma mulher decente comigo.

— Eu sou uma mulher decente e te amo, —disse Francesca.

— Sim, mas você é minha irmã.

— Eu também te amo. —Emmanuelle juntou-se a eles, deslizando seu braço ao redor da cintura dele também. — Mas eu sou sua irmã, também, e é bem conhecido por todos vocês que não tenho nenhum sentido.

Ricco não pôde deixar de rir. Emmanuelle sempre podia fazê-lo sorrir, não importando o quanto suas noites tinham sido ruins. Ela era um raio de sol para todos eles.

Ela virou para ele, seus olhos se movendo sobre o rosto dele, vendo coisas que ele não queria que ela visse. Imediatamente o sorriso dela desapareceu. — Você não está dormindo.

Ele deu de ombros, tentando parecer casual. — Nunca fui bom em dormir, querida. Diga-me o que está acontecendo em nossa vizinhança. Fiquei fora do circuito por algum tempo.

— Francesca sabe muito mais do que qualquer um de nós. Trabalhando no Masci's, ela sabe de tudo, não é?

Francesca foi até o fogão, onde Taviano estava dourando o frango na frigideira. Usando azeite, ele havia salteado alho e cebolas e depois colocou o lado da pele da galinha para baixo antes de adicionar salvia. Ele olhou para cima e piscou para Ricco. — Francesca iria deixar isso queimar.

— Ela nunca queima nada, —Giovanni objetou. Ele misturava o macarrão caseiro com o molho de alcachofra. — Stefano marcou o grande-tempo com ela. Ele só precisa de alguns bambinos correndo por aí, ela grávida e descalça, e o homem ficará feliz.

— Ele já está feliz, —disse Francesca, presunçosamente.

— Bem, eu ficaria feliz, —Giovanni esclareceu. — Eu daria um ótimo tio.

Francesca deu-lhe um beijo e sentou-se no banco entre seus cunhados. — Lúcia e Amo estão passando o tempo de suas vidas com sua nova filha, Nicoletta. Estão extremamente felizes.

— Ela já está indo para uma escola regular? —Stefano perguntou, chegando por trás de sua esposa e circundando-a em torno da cintura com seus braços.

Ricco tinha notado que Stefano não conseguia chegar perto de Francesca sem tocá-la. Ele invejava seu irmão e queria isso para si mesmo. Ele só queria sentir algo por alguém. Conectar-se com alguém.

— Ela é inteligente, —disse Vittorio. Ele enfiou o garfo na massa e experimentou um pouco, então levantou seu polegar, indicando que estava bom. — Mas ela não quer ir a uma escola regular. Amo me pediu para falar com ela. Eu fiz, mas não acho que ela ficou impressionada. Ela não falou muito, apenas olhou para mim. Eu não os invejo. A menina é linda. Cada jovem daqui até o inferno e voltando vai bater na porta deles.

— Por que todos vocês a querem em uma escola regular? —perguntou Taviano. — Muitos problemas se você me perguntar. Todos aqueles bastardos excitados olhando de soslaio para ela. Nós realmente queremos esse tipo de problema? Um de nós teria que ir assustar a merda fora deles e então ela ficaria envergonhada ou chateada e teríamos a culpa. Mantenham-na em casa. Trancada. É para o seu próprio bem.

— É seu último ano do ensino médio. —disse Francesca. — Ela merece se divertir.

Ricco não foi positivo. Francesca tinha razão sobre enviá-la para a escola secundária local. Nicoletta viera de Nova York, de uma situação terrível. Ela foi brutalmente abusada, fisicamente, sexualmente e emocionalmente. Stefano e Taviano a resgataram, mas o dano tinha sido feito e tinha sido severo. Ricco sabia que a menina, como ele, não dormia. Ele sabia porque muitas vezes ele ficava de guarda à noite.

Nicoletta era uma das raras potenciais cavaleiras, sua sombra jogando tubos para se conectar com as outras sombras ao redor dela. Todos os pilotos viriam sobre ela. Ele tomou o turno da noite porque lhe servia, e ela saia pela janela do seu quarto e sentava-se no telhado ouvindo música. Ele vigiava, mas não interferia. Ela parecia tão jovem e sozinha, e ele sabia que apenas a assustaria se ele aparecesse de repente ao lado dela.

— Ela gosta de estar com Lúcia e Amo, —disse Stefano. — Eu falei com ela, muitas vezes, e ela quer ficar com eles.

— Quem não gostaria de estar com eles? —perguntou Taviano. — Eles vão estragá-la. Ela é boa para eles também.

— Foi uma caixa rachada, Ricco. —disse Stefano abruptamente. — No amortecedor. Não você, uma caixa rachada. O envôlucro metálico incorreto foi usado e passado para nós como o negócio real. Já informei as outras equipes de corrida.

Ricco não olhou para seu irmão. Isso era o máximo que Stefano iria lhe dar, quando ambos sabiam que tudo o mais que tinha sido dito entre eles, ainda estava de pé. Ele apenas balançou a cabeça e afundou na cadeira na mesa ao lado Emmanuelle. De qualquer maneira, não era exatamente uma notícia nova. Taviano tinha ido até ele imediatamente três semanas antes e disse a ele. Taviano preferia a corrida Indy, e ele era quem, junto com Vittorio e Emmanuelle, projetava seus motores.

— Como você está indo em sua caça por uma parceira? —Vittorio perguntou, deslizando em uma cadeira na longa mesa.

Ricco encolheu os ombros. — Eu acho que eu tenho que escolher alguém em breve. Estou fazendo mais uma rodada de entrevistas em poucos dias e então eu vou ter que escolher alguém.

— Ou não. —disse Francesca. — Sério, querido, não se ligue a qualquer uma. Não vai funcionar.

Ele sabia disso, mas estava determinado a tentar.

2

Ricco suspirou e passou os dedos pelos cabelos escuros, que caiam sobre a testa dele. — Eu acho que é isso, Emilio. Eu não vi ninguém, eu fui minucioso, mas vou examinar as candidatas novamente e ver se alguma me atinge. —Isso era mentira, e qualquer um de seus irmãos ou sua irmã iria saber que ele não iria ver aqueles currículos novamente.

— Aquela que chicoteou sua camisa era boa, —Emilio apontou com um sorriso. — Estou guardando seu número de telefone e endereço.

— Ela vai esperar que você a amarre. —advertiu Ricco.

— Eu posso fazer isso. —Emilio revirou os ombros para tirar a tensão e esticar as costas. — Eu odeio ficar sentado. Mesmo com todas as modelos perto, sério, Ricco, isso não é para mim. Da próxima vez, peça a Enzo.

Ricco sabia que não haveria uma próxima vez. Ele sabia que nenhuma das candidatas ia dar certo. Ele iria para casa e jogaria todas as inscrições na lareira. Aquele último raio de esperança que ele sustentou havia morrido de morte violenta quando a última modelo se sentou lá com um chiclete que ela mascava de boca aberta e com os três botões superiores de uma camisa três tamanhos menores, que ela tinha aberto tudo enquanto sua mão se aproximava de Emilio para acariciar seu braço sugestivamente.

Todas as modelos tinham pensado que Emilio era o mestre de corda. Eles anunciaram um bom salário, afirmando que as fotografias seriam usadas em um livro, que seria exclusivo do mestre de corda. Das trezentas candidatas, apenas cerca de quinze eram claramente modelos com experiência na arte de corda.

Uma batida tímida na porta fez com que ambos se virassem quando uma mulher agarrando um livro em seus braços disse. — Eu estou atrasada demais? — Havia uma nota de apreensão em sua voz musical.

Ricco ficou absolutamente quieto. O tom era baixo e doce. Esse tom empurrou seu peito, diretamente em seu centro, como se fosse uma chave destravando algo travado e duro nele. Ele moveu a mão sobre seu coração quando uma desconhecida emoção agarrou-o com força, arrancando, torcendo, forçando esse bloqueio a abrir para que sua própria música pudesse ser ouvida, batendo como um tambor perdido, buscando o ritmo certo.

Ele inalou bruscamente quando algo que ele não entendeu se espalhou por ele como raios de sol, afastando a pressão que estava sempre com ele, sempre pesando sobre ele. Ele não poderia se mexer mesmo que quisesse. A sensação era diferente de qualquer coisa que ele conhecesse, mas tão forte que era esmagadora. Ele tinha

que ouvi-la novamente. Tinha que estar perto dela. Não era um desejo, mas uma necessidade.

Ele permaneceu travado no lugar, seu olhar flutuando sobre o corpo dela, examinando cada detalhe. Ela era inesperada. Não era a mulher alta e magra que ele sempre tinha imaginado que queria. Ela também não era pequena e delicada, mas estava em algum lugar entre as duas. Ela não era uma ruiva, e ele sempre pensou que fossem as suas favoritas. Ela tinha curvas, pele pálida, seus olhos eram grandes, cor de avelã e em forma de gato. Ela tinha o cabelo loiro e era graciosa, um pouco frágil, lembrando-o de uma flor exótica. Ela parecia de uma raça mista para ele, parte asiática—japonesa talvez—apesar da coloração dela. Ele nunca teria procurado nessa direção depois de tantos traumas, mas cada célula em seu corpo respondeu a ela.

— Desculpe querida, —disse Emilio. — As entrevistas estão encerradas.

A mulher ficou ali, bem no centro da entrada, agarrando o livro no peito. Ela era mais alta do que Emmanuelle e Francesca, mas menor que as supermodelos que ele costumava namorar. Era impossível dizer o tamanho do cabelo dela. A massa loira brilhante estava presa com paus longos em algum estilo intrincado, que ele não podia entender, mas deixava o pescoço dela nu e vulnerável. Sua pele era perfeita. Aparência suave. Bonita. As palmas de sua mão imploravam por uma corda. Vermelha, ele pensou para complementar sua pele e aquele cabelo loiro brilhante.

Com a resposta de Emilio, a mulher deu mais dois passos dentro da sala, exatamente sobre o clarão de luzes que eles criaram propositadamente. Seu coração, agora um tambor batendo, quase parou. As luzes derrubaram suas sombras em relevo por trás dela na parede. A sombra era escura e fina, mas jogava

tubos fortes, os sensores indo em direção a outras sombras. Quando não havia nenhuma, os sensores iam mais longe para conexões, alongando, buscando, dando mais um passo longe dela.

A respiração prendeu em sua garganta quando o tubo caiu no chão, movendo-se através das sombras até que se conectou com as sombras onde ele estava. Acertou-o como um trem de carga. Sacudiu-o. Agitou-o. Encheu seu pênis com uma necessidade quente e urgente. A luxúria era afiada e terrível, quase incontrolável. Ele sentiu a mesma selvageria batendo em seu coração, martelando através de seu pênis. Ele sabia que ela sentia isso, também. Sua cabeça levantou como se estivesse cheirando o perigo e seus olhos se moviam ao redor do quarto cautelosamente.

— Entre, —Ricco conseguiu dizer, mas ele não sabia como ele podia falar em um tom normal. Nenhuma parte de seu corpo parecia sua, nem mesmo sua voz. Ele estava grato por seu rigoroso treinamento. Ele evitou mostrar todo o interesse em suas características duras, quando todo o seu ser reagia a ela.

O olhar dela saltou de Emilio para ele. Ele estava nas sombras e ela provavelmente não o avistou imediatamente. Ela hesitou, e ele não podia criticá-la. Ele a estava intimidando e sabia disso. Os Ferraro nasceram intimidando. O tempo pareceu parar enquanto esperava que ela obedecesse a seu pedido. Tinha sido uma ordem. Ricco costumava conseguir de todos ao seu redor, obediência e deferência. Quando ele falou, ele esperou e conseguiu uma reação instantânea.

Emilio olhou-o bruscamente, soltou um suspiro resignado e afundou-se na cadeira alta apoiado na mesa de conferência. Ele acenou para a mulher. — Sem dúvida, você não está atrasada demais, querida. —Ele indicou a cadeira na frente

da mesa dele. — Você trouxe um portfólio? Alguma coisa com sua foto? —Ele estendeu sua mão para o livro.



Mariko *Majo* mal conseguia respirar com a necessidade correndo através de suas veias como lava derretida. Ela não entendia o que estava acontecendo. Em um instante, estava perfeitamente bem, um pouco preocupada de que não conseguisse essa entrevista extremamente importante, e logo, estava sobrecarregada com a necessidade, com algo que ela nunca conheceu. Pela primeira vez em sua vida, ela teve o impulso de se virar e fugir. Ela reconhecia o perigo quando via, e Ricco Ferraro era puro perigo. Os dois homens estavam esperando. Ela ergueu o queixo e forçou seu corpo a entrar em movimento. Ela não esperava que Ricco Ferraro estivesse na sala de entrevistas.

Ela sabia que o hotel pertencia aos Ferraro, mas nenhuma mulher tinha saído da sala de conferências falando sobre ele. Ela sabia que era ele porque, claro, tinha visto fotografias dele, quem não tinha? Ele estava em todas as revistas, as online e as em papel. Ele tinha uma grande reputação como mulherengo e ela podia ver por que ele a merecia. Ele era lindo. Impressionante. Assustador.

Ela deu vários passos pela sala, mas então a porta bateu e seu coração pulou e começou a acelerar. O medo tinha gosto aditivo. Ela olhou de volta para a porta. Ela não era covarde, nunca tinha sido, mas os Ferraro tinham a reputação de ser do crime organizado, uma família perigosa para se ter algo a ver com eles. Sentiu-

se um pouco desesperada, presa com os dois homens muito intimidadores. Era sussurrado que eles podiam reconhecer mentiras. Ela tinha segredos. Muitos. A última coisa que precisava era que um dos Ferraro fizesse perguntas.

Ninguém falou, nem para encorajar nem desencorajar. Era decisão sua e ambos os homens deixaram isso bem claro. Ela apertou os braços ao redor do livro, como se isso pudesse dar-lhe a coragem necessária. Mariko não era uma mulher que tivesse muitos medos, mas na presença de Ricco Ferraro, ela se viu tremendo. Esse não era um bom começo. Endireitando os ombros, ela atravessou o chão em direção à mesa de conferência. Era grande e intimidante, assim como os homens.

— Não trouxe um portfólio. Nunca fui um modelo, mas minha mãe era. Ela morreu muito antes de eu ter tido a oportunidade de conhecê-la. —Sua voz era baixa e muito suave, um som suave e agradável, cultivada pelos anciãos enquanto ela crescia. Agora, ela não sabia como levantar a voz. Ela desejava poder. Ela foi criada para parecer sedutora, agradável aos ouvidos e ao corpo de um homem. Não queria atrair atenção indevida, não quando estava sozinha em uma sala com os dois homens, obviamente um Ferraro, o outro claramente relacionado.

Emílio suspirou de novo e olhou para Ricco. — Eu posso fazer isso e te acompanhar mais tarde. —A ideia era não permitir que as modelos conhecessem o mestre da corda. Se elas soubessem que era um Ferraro, eles teriam tido ainda mais mulheres procurando preencher o cargo, esperando que elas tivessem a chance de conhecê-lo.

O hotel costumava ser usado por empresários para uma variedade de reuniões. Ninguém poderia pensar nada sobre as entrevistas realizadas lá. Não seria inédito que um Ferraro fosse visto no hotel ou conversando com um dos

homens que usavam a sala. A maioria das modelos tinha ficado desapontada com o fato de não terem visto um dos famosos membros da família.

Mariko prendeu a respiração. Ela queria que Ricco saísse da sala, mas ele não ia. Ela estava confusa com a forma como seu corpo de repente ganhou vida, todo tempo ciente dele. Seus olhos estavam escuros e encapuzados, sem mostrar nada. Ele parecia invencível. Desinteressado. Ela era uma massa de nervos e ele estava no controle. Ela queria correr, mas precisava ficar—para convencê-los de que ela era perfeita para o trabalho.

Observou as outras modelos saindo uma por uma. Elas eram principalmente americanas, embora não todas. Algumas eram do Brasil ou do México. Um par era da Espanha e Argentina. Havia uma da Islândia. Ela era linda.

A maioria era bonita, muito alta, algo que ela não era. No momento em que ela pensou nisso, as vozes levantaram-se para provocá-la. Ela era mesclada—japonesa e americana. Nada. Um nada. Um ninguém. O *kanji*[2] em seu último nome significava *"demônio feminino"*. Ela nem sabia qual era o seu verdadeiro sobrenome porque ela desonrara a família simplesmente por nascer.

Ela não era linda como qualquer uma das mulheres que ela tinha visto com Ricco nas revistas. Havia duas em particular, que ele preferia. Gêmeas. As irmãs Lacey—ambas atrizes. Ela tinha lido sobre elas várias vezes, o fato de que os



[2] **Kanji - Os kanji** (漢字) são caracteres da língua japonesa adquiridos a partir de caracteres chineses, da época da Dinastia Han, que se utilizam para escrever japonês junto com os caracteres silabários japoneses katakana e hiragana. No mundo ocidental, kanji, também é sinónimo de ideograma.



tabloides haviam pegado todos juntos nus em uma de hidromassagem juntos tinha sido estampado em cada pequena revista de celebridades e fofocas. Ela forçou essa imagem a sair da mente dela. Ela tinha *uma* oportunidade aqui e tinha que fazer isso certo. Ela já tinha dado uma má impressão ao chegar atrasada, esperando muito tempo para se decidir.

Deu uma respiração profunda, continuou em frente, mantendo os passos suaves e claros. Ela sabia como manter o nervosismo fora do rosto e da voz, mas ela nunca se sentiu sob um escrutínio tão grande. Ricco tinha uma cicatriz em seu rosto, uma longa linha que corria de seu olho esquerdo até o canto da boca. Ele era bonito, mas de um jeito áspero, masculino, a sombra ao longo de sua mandíbula teimosa, suas sobrancelhas altas, nariz reto e olhos incríveis. Aqueles olhos escuros viam muito, mas permaneciam planos e gelados. Ele era considerado o mais violento dos cinco irmãos, e, olhando para ele, acreditava.

— Eu vou ficar, —disse Ricco. — Eu poderia ter mais perguntas.

Seu coração empurrou duro. Ela continuou andando, sentindo como se estivesse indo para o seu julgamento. Ela não olhou ao redor, mas ela notou as saídas no momento em que entrou na sala. Ela deu uma rápida olhada no quarto enorme, avaliando tudo. Ela não era uma pessoa que entrasse em um hotel sofisticado e ficasse deslumbrada como as mulheres que tinham saído. Ela deliberadamente esperou e observou o lobby enquanto as modelos esperançosas haviam saído. Nenhuma parecia particularmente certa de que tinha conseguido o emprego. Ela não tinha tido certeza em tentar o cargo e queria ter certeza de que a oportunidade era legítima.

— Sente-se. —Ricco balançou a mão em direção à cadeira em frente ao outro homem. — Eu sou Ricco Ferraro. Este é o meu primo, Emilio Gallo.

Ricco estava definitivamente no comando. Ele estava deixando isso bem claro. Emilio olhou novamente para ele, levantando uma sobrancelha. Então, Ricco não realizou as outras entrevistas. Isso não era bom. Por que ela pensou que pudesse fazer isso?

Ela empurrou a ficha sobre a mesa para Emilio, mas ela sabia que Ricco iria vê-la. — Eu sou Mariko. Mariko Majo. —Ela curvou a cabeça, seu olhar deslizando para longe dele com vergonha. Isso era incomum para ela, geralmente parecia desafiadora, desafiando alguém a notar seu nome. Comentar. Ainda assim ela observou Ricco com cuidado, sob seus longos cílios. Ela aperfeiçoou essa arte em particular muito, muitos anos antes.

O olhar dele percorreu seu rosto até que ela tivesse que lutar para evitar o rubor. Muito devagar sua mão, grande, forte e com longos dedos, virou a ficha para ele. Enquanto isso, seus olhos permaneceram no rosto dela, e então seu olhar caiu para a escrita. Suas feições ficaram completamente imóveis.

Ele sabia. Ele podia ler os caracteres e sabia o que seu sobrenome significava. O nome que lhe foi dado, não aquele com que havia nascido. Ela não conhecia seu verdadeiro sobrenome, o que tinha sido tirado dela e de seu irmão. A humilhação quase fez com que ela tirasse o papel de sua mão, mas o orgulho ganhou e ela ergueu o queixo e seu olhar para o rosto dele, preparando-se para o seu comentário malicioso. Que ele a julgasse. Ela estava acostumada a isso. Ela viveu com desaprovação todos os dias de sua vida.

— Posso chamá-la de Mariko? Eu prefiro não ser formal.

Ela inclinou a cabeça, surpresa por ele renunciar a qualquer referência ao seu nome. *Demônio feminino.* Ela tinha mantido o caractere do demônio por desafio. Se ela fosse estritamente verdadeira, às vezes ela era o diabo. Ela percebeu que não

tinha dado sua permissão para chamá-la pelo seu primeiro nome, mas então ele seria seu empregador se ela ganhasse o cargo.

— Você não tem experiência, mas você quer ser um modelo de corda. Por quê?

Ela sabia que teria que responder a isso e ela poderia dizer a verdadeira verdade. Ela empurrou o livro sobre a mesa para ele. — Nunca conheci minha mãe. Isso é tudo que eu tenho dela. Ela era um modelo de corda no Japão.

Ele continuou a olhar para ela, não para o livro, embora sua palma caísse sobre a capa. — Conte-me sobre sua mãe.

Sua respiração ficou presa sua garganta. Ela conhecia alguns poucos fatos, a maioria dos quais não era bom, mas estava determinada a ser sincera. — Ela viajou para o Japão com o propósito expresso de encontrar um mestre de corda. Ela estava muito interessada na arte. —Pelos elementos eróticos, se aqueles que a criaram disseram a verdade. Tinha sido um escândalo terrível, seu pai desonrando sua família querendo se casar com ela. Essa tinha sido a história que tinham lhe contado, mas quando ela fez a pesquisa, procurando por ela ...

— Seu nome?

Ela lutou por evitar que o rubor aumentasse. É claro que ela deveria ter começado com isso. Por que ela estava permitindo que ele sacudisse sua compostura habitual?

— Marie. Marie Hammond. Ela conheceu meu pai lá e eles quiseram se casar. —Para o horror de toda a família. De acordo com o que lhe foi dito, seu pai quase tinha destruído sua família com sua escolha. Sua mãe tinha sido tudo o que a família havia previsto e mais. No final, ele não se casou com ela e ela morou nas

ruas, ganhando a vida como prostituta. Ela abandonou Mariko e seu irmão nas ruas e sumiu.

— O nome do mestre da corda?

Ela hesitou. Ela não estava certa de que ele era seu pai. Houve um longo silêncio. — Eu prefiro não dizer.

Ricco manteve seus olhos nela por um momento e depois girou o livro e o abriu. Ele estudou as fotografias. — Esses parecem ser os trabalhos de Eiichi Hayashi.

Mariko tinha rastreado sua mãe através dos nomes no livro, mas o mestre de corda estava morto. Ele morrera de velhice, e seus filhos lhe disseram que ele teve muitos modelos ao longo dos anos e nunca se casou com nenhuma delas. Mariko suspeitava que a história que lhe contaram não era a verdade, mas encontrou todos mortos para todos os lugares que ela havia virado. Eiichi era muito velho para ser pai dela.

Ela inclinou a cabeça, aguardando a denúncia, mas novamente ele a surpreendeu ao permanecer em silêncio, esperando que ela continuasse.

— Isso é o que você espera fazer? —Perguntou Emilio. — Casar com seu próprio mestre de corda? —Havia um pequeno toque de sarcasmo em sua voz.

Ela estremeceu. Ela tinha ouvido essa nota de escárnio muitas vezes enquanto crescia as crianças a provocavam sobre sua mãe americana. Sua *"família"*, os que eram graciosos e honrados em cuidar de dois órfãos, eram duros com ela para o seu próprio bem para que ela não se tornasse a prostituta que sua mãe tinha sido.

— Emilio. —A voz de Ricco era muito baixa, mas era um chicote, atacando o outro homem.

Ela não queria que ele usasse esse tom com ela nunca. Era terrível, e ela não era uma mulher que se aterrorizava por qualquer coisa. Sua família tinha sido dura, às vezes fronteiriça com o brutal, e ela deveria estar acostumada a uma repreensão suave mais severa. Claramente, Ricco era uma força a ser contada.

— Eu termino isso. Obrigado pela ajuda.

Era uma demissão e Emilio ficou instantaneamente de pé. Ela não queria que ele fosse embora e a deixasse sozinha no quarto com Ricco Ferraro. Era perigoso. A tensão no quarto era tangível e crescia cada vez mais. Mariko manteve a cabeça ligeiramente abaixada, assim como tinha sido ensinada desde que era criança, uma posição respeitável quando os homens conversavam, mas seus olhos se moviam, observando tudo sobre eles, posições do corpo, o jeito que eles se mexiam, Emilio como um lutador, Ricco como uma pantera.

Esta era a coisa mais difícil que ela já havia feito. Sentar-se quieta, absolutamente imóvel, sentindo-se mais vulnerável do que jamais esteve em sua vida com exceção de uma vez, mas tinha sido há muito tempo, quando ela era criança. Ela era adulta e totalmente capaz de escolher seu próprio destino. Ela veio a este lugar determinada a conseguir esse emprego, e ela ainda estava determinada. Ela simplesmente não tinha esperado se sentir tão indefesa ou suscetível a Ricco Ferraro.

Houve silêncio depois que Emilio fechou a porta, deixando-a sozinha com a pantera. Ela contou os batimentos cardíacos, mas recusou-se a levantar os olhos. Seu corpo já cantarolava, vivo um ritmo estranho que ela nunca sentira antes, um que não apenas a alarmou, mas a deixou perplexa. A atração física era tangível, na melhor das hipóteses, tinha sido suave. Isso era tudo menos suave. Era chocante

em sua intensidade, seu corpo alcançando o dele. Ela quase não respirava com ele tão perto. Ela nunca tinha estado tão consciente de outro ser humano.

— Olhe para mim.

Ela não se atrevia a levantar os olhos para os dele. Ela primeiro teve que reunir coragem, antes de entrar na batalha. Uma que ela tinha que ganhar ou poderia ser desonrada por todos os tempos.

— Se você não pode sequer olhar para mim, Mariko, como você espera que isso funcione?

Seu tom era suave, mas havia uma pitada de repreensão nela e ela estremeceu. Ela não gostou daquela voz, mas não era porque não estivesse acostumada com o tom, era mais por não querer decepcioná-lo, ou a ela mesma. Engolindo com força, ela ergueu o olhar para o dele.

De repente, ela caiu nos olhos profundos e escuros. Ela nunca viu ninguém com olhos tão atraentes. Seu coração tamborilou ainda mais alto. Lutar ou fugir? Ela estava congelada e não podia fazer nenhum dos dois. Ela tocou o lábio com a língua, uma sobra de um hábito de infância pelo qual ela tinha sido espancada. No momento em que ela fez, ficou envergonhada de si mesma. Ela forçou o ar através de seus pulmões e manteve seu olhar.

— Isso é melhor. Você disse que sua mãe era uma modelo de corda como se você soubesse o que isso implica. —Ele fez uma declaração.

Ela assentiu ligeiramente.

— Você vai precisar falar comigo.

Ela era uma idiota para pensar que poderia fazer isso, mas já estava na situação. Ela não esperava sentir nada. Certamente não atração. Para o inferno com a infância e todas as vozes sussurrando em sua cabeça. Ela umedeceu seus

lábios, vendo-o a observar. Aquela leve ação de sua língua nos lábios, o deixava nervoso. — Sim. —A única palavra saiu baixa e rouca.

Seus cílios não pareciam cintilar. Ele tinha longos cílios. Belos cílios. Sua boca era incrível também. Só que ele era muito mais assustador do que ela esperava.

— Você já viu uma performance?

Ela assentiu. Ele continuou olhando para ela. Esperando em silêncio. A cor deslizou sob sua pele. — Sim.

Ele permaneceu em silêncio.

— Depois que me deram o livro, estudei a arte e fui a várias demonstrações. Eu acho que queria me sentir mais perto dela. —Ela queria entender sua mãe.

— O que você achou?

O que ela achou? Foi ensinado a ela que sua mãe era uma puta. Uma prostituta. Que ela destruiu uma família inteira, desonrando-os. Ela acreditou varias vezes que sua mãe tinha feito sua vida prostituindo-se, que ela tinha abandonado seus dois filhos nas ruas. Não era uma imagem na qual queria pensar. Até agora. Até que ela aprendeu tudo o que sabia, talvez isso não fosse real. O chão se deslocou de baixo dela e agora ela estava aqui, tentando descobrir o que ela poderia fazer em seguida.

— Eu pensei que era uma arte linda. Eu não entendi por que ou como poderia fazê-lo. —As fotografias eram deslumbrantes. Mas ser amarrado à mercê de alguém. Isso foi perturbador. Mariko não estava certa de que poderia realmente fazê-lo.

— Para que isso funcione, você precisa confiar em mim. Implicitamente. Você deve saber que eu sempre cuidarei de você em qualquer circunstância.

Ela piscou. A respiração ficou presa em seus pulmões e sentiu-se presa lá. Não confiava em ninguém. Especialmente não em um homem como Ricco Ferraro. Ela fez seu trabalho antes de se candidatar para o cargo. Ninguém mais parecia saber que Ricco era o mestre, mas ela suspeitava o tempo todo. Não havia muitos mestres de cordas nos Estados Unidos.

Ele esperava, e ela não conseguia pensar em uma única coisa a dizer. Ninguém cuidou dela. Nunca. Ela cuidou de seu irmão, mas ninguém cuidou dela. Ela nem estava certa do que isso significava para ele.

Ele se moveu e seu coração apertou tão forte em seu peito que ela temia ter um ataque cardíaco. Tudo o que ele fez foi avançar, e ela não podia respirar.

— Você sabe que temos que nos conhecer rapidamente. O contrato é para seis meses.

— Eu pensei que eram três. —As palavras saíram estranguladas. Ela soou como um pequeno rato assustado e isso a irritou. Ela não era um rato.

— Seis. —Ele foi firme. — Seis e você mora na minha casa. Comigo. Você teria sua própria suíte dentro da casa.

Ela balançou a cabeça e ficou de pé. Ela não podia respirar. Ela tinha que se mover. No momento em que se mexeu, ele também, recuando para permitir que ela se levantasse. Ela não esperava isso. Por quê? Ela não era sua prisioneira. Ela estava procurando por uma posição que queria. Não, ela precisava.

— Você vai ficar?

Sua voz estava baixa. Hipnotizante. Ela amava música e respondia as notas musicais. Isso era diferente, mas não menos perfeito. Ele tinha o tipo de voz que fazia uma mulher ficar macia e úmida. Isso fazia com que ela quisesse fazer

qualquer coisa que ele dissesse. Mesmo ela. Ela pensou que era imune a algo assim. Até este momento.

— Você quer que eu fique? —Ela prendeu a respiração. Ela precisava de sua resposta mais do que precisava de ar.

— Sim.

Ela não entendeu como poderia ficar tão afetada por sua voz. Por essa única resposta. Ela respirou fundo. — Eu honestamente não sei se posso fazer isso. — Ela não sabia. Essa era a verdade. Ela estava caminhando sobre cascas de ovos, dando-lhe tanta verdade quanto possível sem revelar os segredos escuros que a seguiam a cada passo.

— Claro que não. Você não me conhece. Você tem que me conhecer antes de ter *fé* de que eu nunca a magoarei ou prejudicarei de qualquer maneira.

Ele pegou sua mão, fechando a dele muito gentil, mas firmemente em torno dela, e afastou-se da mesa. Agarrando seus ombros, ele a virou até ela estar de frente para a porta. — Fique aqui para mim. Eu não quero que você se mova.

Mariko descobriu que estava tremendo. Seu toque era aterrorizante. Não porque ele não tivesse sido gentil, mas porque sentiu o comando absoluto nele, que telegrafou através desses dedos quentes e fortes. Era impossível não pensar como seria ter aqueles dedos acariciando sua pele. Ela tentou se fechar para esses pensamentos, mas eles se recusavam a deixá-la. Ela não queria olhar para ele, apenas no caso dele poder ler seu desejo mais íntimo.

Ricco moveu-se, então, como uma pantera perseguidora, dando uma volta ao redor dela lentamente, silenciosamente. Quando ele se moveu para trás dela, fora de sua visão, ela quase entrou em pânico. Era tudo o que podia fazer para não

correr para a porta. Ele a posicionou bem, quase como se ele estivesse desafiando-a a fugir.

Ela *sentiu-o.* A respiração em sua nuca. A ponta do dedo dele correndo do pescoço pela espinha dorsal. Seu toque era tão leve que parecia não existir. Ela imaginou isso? Se fosse isso, a carícia era tão real que enviou chamas pela pele dela. Ela não queria se mover. Ela queria mostrar-lhe que era boa. Ela era poderosa. Ela poderia ser o que ele precisava. Ela era o que ele precisava.

— Coloque suas mãos para frente. Palmas juntas como se estivesse orando.

Sua voz era calma e baixa. Um mero sussurro, mas se ela achou que ele estava comandando antes, agora ouviu o comando real. Ninguém poderia desobedecer aquele tom suave e poderoso. Um sussurro de tremor deslizou por sua espinha. Ao mesmo tempo, ela sentiu seu sexo apertar, ficar úmido.

Ela foi lenta em levantar as mãos, mas ele não parecia impaciente. Ele simplesmente esperava. Ela nunca tinha sido amarrada. — Eu pensei que íamos conhecer um ao outro.

Nenhuma das outras modelos que saíram da sala havia dito que tinham sido amarradas por Ricco Ferraro. Ela estava certa de que elas não resistiriam a se gabar disso. Isso era o que Shibari era, não? Ela não pensou no fato de que se colocaria em uma posição tão vulnerável. Impotente e inteiramente à sua mercê.

Ricco se moveu na frente dela naquela maneira silenciosa dele. Ele era muito forte. Muito poderoso. Muito assustador. Não era apenas a aparência dele—e ele era um homem impressionante. Era a vibração predatória que ele emitia. O olhar em seu olhar sem piscar, tão focado nela. Agora ele tinha uma corda na mão. Era vermelha e deslizava pelos dedos como se fosse uma parte dele. Ao mesmo tempo, ela ficou hipnotizada por esse único movimento. Ela não podia olhar para outra

coisa. A corda parecia uma extensão dele, enrolando, desenrolando, deslizando, como se de repente estivesse tornando viva com poder absoluto.

— Estamos nos conhecendo, Mariko. Você também deve se conhecer. Esta é uma troca de poder. Estamos juntos. Você deve ser capaz de falar comigo. Deixar-me saber o que é desconfortável, o que você gosta. O que você não gosta. O que a assusta. O que faz você se sentir como se estivesse voando.

Será que as pessoas realmente se sentiam assim nas cordas? Ela não podia imaginar. Ainda assim, ela se comprometeu com isso, mas se ela permitisse que ele lhe amarrasse as mãos, ela estaria em uma posição muito ruim. Ela olhou ao redor da sala. As sombras pareciam ter aumentado um pouco, dizendo que o tempo estava escorregando. Ele foi paciente. Ele não falou novamente, não tentou persuadi-la, deixando-a inteiramente para tomar a decisão.

Respirando, esticou os braços para ele, suas palmas juntas. Seu coração batia selvagem agora, e ela se sentia um pouco fraca.

Ele não deslizou a corda sobre os pulsos como ela pensou que seria. Ele se inclinou para ela, a boca contra a orelha dela. — Respire para mim, Mariko. Apenas respire.

A corda deslizou ao longo de sua bochecha, um sussurro de seda. Ele a moveu por sua garganta para acariciar a pele nua, onde ela expôs seus ombros e decote, e isso era uma carícia. Parecia sensual. Ela se viu tremendo. Sua respiração tinha ficado quente, seus lábios escovando o lóbulo da orelha dela. Ricco Ferraro era muito mais perigoso do que imaginara, de maneiras que nem sequer tinha considerado e não estava preparada para ele.

Não havia como negar nada a essa voz. Ela forçou o ar em seus pulmões, com medo, de desmaiar ou pior, desapontar a ele e a si mesma.

— Essa é a minha garota.

Seu coração pulou com seus elogios, aquela nota suave de encorajamento, de aprovação, até admiração. Ele sabia que ela nunca tinha feito isso antes e estava ansioso para vê-la através disso. Ela tinha que dar isso a ele. Ele não era um homem que pisoteasse seu modelo para fazê-la agir como ele desejava.

— Olhe para mim. Olhe para os meus olhos enquanto eu a amarro. Quero ver sua expressão, para saber se você está bem. Se você não estiver, eu vou saber e vou remover a corda imediatamente.

Foi preciso coragem para levantar seu olhar para o dele. Não porque ele pediria permissão para amarrar seus pulsos, mas porque olhar nos olhos dele era muito perigoso. Uma mulher poderia se perder ali, e Ricco Ferraro não era um homem para se confiar o coração de alguém. Ela sabia muito disso por sua pesquisa sobre ele.

Ela olhou para seus escuros—muito escuros olhos, tão escuros que pareciam pretos. Lindos. Atraentes. Intensos. Ela quase esqueceu o que ele estava fazendo, mas então a seda moveu-se contra sua pele nua, deslizando sensualmente, uma extensão dos dedos dele. Não apenas dos dedos dele, ela percebeu, uma extensão *dele.* Por isso a corda parecia tão poderosa e sensual ao tocar sua pele.

Ela esperava sentir-se claustrofóbica e com medo, mas não o fez. Não enquanto ela olhava nos olhos dele. Ela podia ler as pessoas, ouvi-las pelo que estava sob suas palavras, não apenas as coisas bonitas que elas diziam. Olhando dentro dos olhos de Ricco, ela sabia que estava segura com ele. Ela se sentia segura. Mais sentia-se livre. Era estranho, aquele sentimento de liberdade, como se a amarrando ele estivesse libertando seu espírito—abatido, então envolto nas

crenças dos outros, do que era certo, do que estava errado, o que ela era—para que ela pudesse apenas ser. Simplesmente ser.

— Olhe para seus pulsos. Eles são tão delicados, tão femininos. Sua pele é extraordinária. Para mim, você é como uma bonita flor. Seus dedos são fortes, ainda assim você parece tão frágil. Diga-me o que vê quando observa as cordas contra sua pele.

Ela mal conseguia se forçar a afastar os olhos dele. Suas mãos estavam sobre as dela, o polegar deslizando pela parte de trás delas, um roçar pequeno e leve, de um lado para o outro, que refletia profundamente no seu lugar mais íntimo. Era como se ele tivesse feito uma conexão entre ele, suas mãos e o sexo dela.

Lentamente, relutante, baixou o olhar dos olhos dele para as mãos. A corda vermelha destacava-se contra a pele nua, mas não parecia bizarra ou feia, os nós eram intrincados e bonitos. Formavam duas pulseiras, largas e laçadas, deitadas contra os pulsos como punhos delicados. Suas mãos envolviam as dela, segurando-a com gentileza requintada, quase como se ele realmente achasse que ela era uma flor frágil e a guardasse com cuidado. Isso a fez sentir uma fraude, mas ela não conseguiu se afastar dele.

— Você está desconfortável?

Ela estava? De muitas maneiras, mas não do jeito que ele quis dizer. Ela nunca se sentiu mais sensual. Mais atraída por um homem. Mais intimidada ou divertida. Esta era uma dança entre eles, e isso podia acabar sendo fatal para ela—ou para ele—mas era lindo e ela não queria que acabasse.

— Não. —Essa não era estritamente a verdade e seu olhar saltou para o dele. Ela não só sentiu a censura, mas a viu. Sua decepção. Isso doeu. Uma flecha

inesperada. Ela balançou a cabeça. — Não, mas sim. As cordas não são desconfortáveis. Eu pensei que teria claustrofobia, mas não.

— Você sofre de claustrofobia?

Era um erro admitir. Ele podia não querê-la, e de repente ela queria a posição porque estava certa de que precisava para aprender coisas sobre ela nunca tinha conhecido e nunca mais teria a oportunidade de descobrir. Ela assentiu relutantemente. — As vezes.

— Você sabe por quê?

Era impossível ignorar aquela voz suave e cativante. Ela correu ao longo de suas terminações nervosas, deixando-as em fogo, fazendo-a muito consciente dele. Dela. Do subir e cair de seus seios, pelo fato de ele ser mais alto, mais largo e mais forte. De sua personalidade ser inesperada. Ela pensou que ele poderia ser mau. Um valentão. Usando seu poder e riqueza para empurrar os outros. Ele não precisava fazer isso. Ele tinha aquela voz, tão baixa e sensual, uma tentação ao pecado. Coloque a voz, seus olhos e seu corpo juntos, e qualquer mulher podia se perder. Ela certamente estava.

Quando ela não respondeu imediatamente, ele puxou muito gentilmente a corda, até que ela foi forçada a dar um passo para ele. De uma vez ela foi cercada pelo perfume masculino. Ele tinha um cheiro limpo. Fresco. De ar livre. Uma cachoeira poderosa em uma floresta. De perto, ele era assustador, e muito mais sensual. Em cada respiração ela levou-o mais fundo em seus pulmões até que ela não soubesse onde ela acabava e ele começava.

A seda vermelha conectou-os. As pontas nunca deixaram as mãos dele. Ele controlava o movimento sem parecer fazê-lo. Isso a abalou. Ele não foi óbvio sobre isso, mas tinha controle total. — Eu preciso de uma resposta, Mariko.

Ela fechou os olhos para evitá-lo, mas imediatamente ouviu os gritos de dor. Os gritos de uma mulher. A voz de um homem quando ele morria. As imagens aumentaram o crack da porta do armário. Seus braços ao redor de seu bebê, seu irmão. Sua mão sobre a boca para tentar evitar que ele chorasse e denunciasse seu esconderijo. As marcas de sangue correndo como sombras escuras pelo chão.

Por um momento, ela não conseguiu respirar. Era tudo muito real. Estava muito perto. Ela manteve a porta de seus persistentes pesadelos fechada, mas agora ela estava trazendo isso tudo a superfície e não podia voltar. Não importa o quê, não haveria volta para sua outra vida.

— Tenho sonhos de estar trancada em um armário quando eu era criança. Eu tenho pesadelos sobre isso quase todas as noites. —Ele ouviria a verdade disso se todos os rumores sobre sua família fossem verdade. Era dito que não se podia mentir para um Ferraro, então não teve escolha senão compartilhar suas lembranças quando ele perguntou.

Ele tirou as cordas e massageou os pulsos, procurando por marcas em sua pele. Não havia nenhuma, o que não a fazia tão feliz como teria pensado. Pertencer a ele seria incrível, mas ele não era homem de uma mulher só, e ela nunca aceitaria menos que isso.

Ricco afastou-se dela, enrolando a corda com facilidade em suas mãos sem olhar para ela, provando que era uma extensão dele. — Vou chamá-la a qualquer hora da noite. Eu não durmo muito bem e quero ser capaz de praticar minha arte sempre que meu humor exigir. Vou compensar você bem pelo seu tempo. Você terá seu próprio quarto. Durante o tempo que você estiver comigo, você não terá outras relações. Eu deixei claro no anúncio que se você estivesse casada ou vendo alguém não se candidatasse.

— Eu não estou, —disse ela.

— Você só tem que assinar os papéis. Leia-os cuidadosamente. Meu advogado os fez e ele é muito, muito minucioso. Eu acho que vamos nos adequar, mas eu quero que você esteja feliz com o acordo.

Ele estava esperando e ela teve que responder. Dar esse último e irrevogável passo. Ela teria seu próprio quarto, seu próprio lugar onde ninguém poderia chegar até ela. Poderia pensar sem entrar em pânico. Ela faria o que fosse necessário, tinha que ser certo, sem erros. O que ela estava fazendo era muito, muito perigoso, mas não tinha escolha.

Respirou fundo e assentiu. — Eu acho que esse arranjo vai se adequar muito bem.

— Em quanto tempo você pode se mudar?

— Imediatamente. Eu não tenho muito. Apenas minhas roupas pessoais e algumas coisas.

— Eu vou te dar o endereço e uma chave.

Estava feito. Ela conseguiu a posição quando todas as probabilidades pareciam empilhadas contra ela. Ela não sorriu porque as consequências eram muito severas, mas ela ficou exaltada. Ela seguiu no caminho que precisava.

3

Ricco andou pelo chão com a energia inquieta que sempre o diferenciou de seus irmãos. Ele poderia ficar absolutamente imóvel quando necessário, mas na maior parte do tempo ele estava em movimento. Ele treinava muito, trabalhava e lutava com mais força, mas essa energia dentro dele nunca o deixava sozinho. Ele estava ciente de Francesca lançando-lhe pequenos olhares ansiosos. Sua linda cunhada, a verdadeira mãe de todos eles agora. Ela adotou todos eles quando escolheu Stefano.

Ela transformou a cobertura monstruosa no topo do Ferraro Hotel em uma casa. Como ela havia feito isso, ele não fazia ideia, mas estava acolhedor onde antes era frio. Ela era tudo, na opinião de Ricco, que seu irmão precisava. Suave quando precisava ser, e dura como pregos quando Stefano saía de mão, o que era frequente.

Ele enviou a seu irmão um olhar rápido. Stefano, como sempre, estava quieto. Ele simplesmente esperava a explicação de por que Ricco havia convocado uma reunião de emergência. Sentado no sofá de couro, uma bebida na mão, pensativo em relação a Ricco. Era impossível pensar que alguém poderia colocar qualquer coisa sobre Stefano, nem Ricco queria tentar. Isso era muito importante. Por outro lado, Stefano não tinha soprado fumaça quando informou a Ricco que faria qualquer coisa para salvá-lo.

— O que houve irmão? —Perguntou Giovanni, jogando-se em uma das poltronas amplas e confortáveis. Ele foi o último a chegar. — Eu tive que cancelar um encontro essa noite. É melhor que seja bom. —Ele sorriu para Ricco, mas seus olhos estavam preocupados.

Ricco olhou em volta da sala, para a família dele. Todos estavam preocupados. O único que realmente não mostrava isso era Stefano, e ele era o mais preocupado de todos. Ele não tirava os olhos de seu irmão, não desde o momento em que Ricco entrou na cobertura.

Ele respirou fundo e virou-se para encará-los. Emmanuelle e Francesca seriam suas aliadas, não importa o quê. Possivelmente Taviano. Stefano seria uma luta. Os outros, ele não estava certo. Esta era a batalha mais importante de sua vida e ele a ganharia. Se ele perdesse ... Estava perdido. Era disso que ele tinha que convencer Stefano. Se Stefano se unisse a ele, todos o fariam, e o ajudariam. Deus sabia que depois de todas as coisas selvagens que ele fazia em particular e publicamente, ele precisaria de ajuda.

Ele atravessou a sala até o bar e se serviu de um uísque com gelo. Pousando-o sem prová-lo, virou-se e encarou a família. —Encontrei-a. —Ele anunciou calmamente. Ele não levantou a voz porque nunca precisava, mas havia uma parte dele que estava cheia de alegria, tanta que ele mal podia contê-la.

Stefano pousou a bebida e inclinou-se para frente, seus olhos nunca deixando o rosto de Ricco. Sem Piscar. Emmanuelle e Francesca trocaram um longo olhar e então ambas começaram a sorrir. Giovanni, Vittorio e Taviano se aproximaram dele sem compreender.

— Encontrou quem, mano? —Perguntou Giovanni.

— Ela. A única. Ela entrou no último minuto. Emilio e eu estávamos desistindo. Eu queria jogar todas as fichas no fogo e então ela entrou. Ela é uma cavaleira da sombra. Sua sombra se estendeu e se conectou com as sombras da sala e depois tocou a minha. Era um pouco como estar apenas muito bêbado, mas muito melhor. —Ele não estava prestes a dizer-lhes que a conexão tinha sido tão forte que ela lhe dera uma permanente ereção, mas ele estava certo de Stefano sabia tudo sobre isso. Tinha encontrado Francesca.

— Só porque ela é capaz de ser cavaleira não significa que ela seja *sua* mulher, —advertiu Vittorio. — Há mais do que isso.

Ricco assentiu e pressionou a mão no peito. — Ela entrou e perguntou se era muito tarde, eu senti uma nota pressionar no meu peito e desbloquear algo preso em mim. Eu nem sei como descrevê-lo, mas, desde o momento em que eu a vi e a ouvi, eu soube. Sinto-me diferente. Por um longo tempo, eu não sentia nada por uma mulher, nem mesmo desejo.

Havia constrangimento e vergonha ao confessar isso aos seus irmãos. Eles pensaram que ele era o garanhão do século. Vittorio deu um pequeno bufo de zombaria e Giovanni tossiu, quase pulverizando sua bebida por toda parte.

— Não, é a verdade. Nada nem ninguém me excita mais. Todos os jogos, não funcionam. —Ele não ousou olhar para Stefano. Ele estava em silêncio. Muito observador.

— E as gêmeas Lacey? —Perguntou Taviano.

Ele balançou a cabeça. — Nada. Então ela entrou e não consegui um momento de paz. Não vai ser fácil viver com ela na minha casa e tentar seduzi-la lentamente.

Vittorio riu. — Isso não deveria ser um problema para você, Ricco. Eu vou apostar que você faz isso em menos de uma semana.

Todos riram. Felizes por ele. Todos, exceto Stefano. Ele continuou observando-o. Esperando. Ricco tinha que convencê-lo de que isso era o verdadeiro e que ele precisava mais disso do que ele precisava de segurança. Mais que qualquer coisa. Ele não sobreviveria sem isso—sem ela.

Ele colocou o copo no aparador e olhou diretamente para o seu irmão mais velho. — Você estava certo, Stefano. Talvez eu não tenha causado esse acidente, mas uma vez que a caixa quebrou, eu não fiz nada para tentar impedir de me estatelar naquele muro. Estou cansado. Muito cansado. Eu não senti que havia qualquer coisa ou qualquer saída para mim. O trabalho me manteve, mas eu não durmo e isso estava começando a afetar o trabalho.

Vittorio e Giovanni se entreolharam, mas Stefano continuava observando-o, sem piscar, sabendo que havia mais. Ele sempre soube.

— Eu preciso dessa mulher. Não se trata apenas de desejá-la, e eu sei que está errado. Eu sei que deve ser sobre vontade, não necessidade, mas não vou conseguir isso sem ela. —Stefano tinha que saber que era muito ruim. Admitir isso não o fez sentir muito bem consigo mesmo, mas então ele não se sentia bem a um longo, longo tempo.

— Você está preocupado que ela não vai gostar de seu relacionamento com as gêmeas Lacey? —Perguntou Giovanni. Ele não estava sendo sarcástico: *Era uma questão legítima e ambos sabiam disso.*

— Não, ela não vai gostar disso ou de qualquer outra coisa estúpida que eu fiz, mas espero que possamos superar isso com a ajuda de todos vocês. Francesca

e Emmanuelle estou realmente contando com vocês duas para fazer amizade com ela.

— Claro, —disse Emmanuelle.

Francesca acentiu, balançando a cabeça, mas agora as duas mulheres pareciam preocupadas. Ele não podia culpá-las. Ele nunca ficava nervoso. Nunca. Ele estava olhando para Stefano, e agora, todos eles estavam cientes disso e estavam olhando para o chefe da família também. Stefano não disse uma palavra. Apenas esperou. Porque ele sabia. Ele sempre soube.

— O que há de errado? —Francesca expressou o que eles estavam todos se perguntando.

— Há uma série de pequenos problemas, alguns que são de minha própria criação, e depende de mim convencê-la que vale a pena dar uma chance, mesmo que eu tenha a pior reputação do mundo. —Ele empurrou uma mão pelos cabelos dele. — O maior problema é que ela é uma cavaleira das sombras e estou bastante certo de que ela está aqui para me matar.

Emmanuelle ofegou. Francesca pegou a mão de Stefano. Ele permaneceu imóvel, ainda como uma estátua, seu olhar nunca deixando Ricco. Ele levantou a mão para silenciar quando os outros começaram a falar todos de uma vez.

— Você tem certeza, ela é uma cavaleira de verdade? —Ele perguntou sua voz estritamente neutra.

— Não há como ter certeza, —disse Ricco. — Ela foi muito boa no que fez. Agindo nervosamente. Eu sabia que ela estava totalmente consciente de mim, que a conexão entre nós a atingiu forte. Eu sei quando uma mulher me quer, e a atração física foi definitivamente mútua. Qual a mulher que não flertaria um pouquinho? Ela não fez. Ela tem uma tremenda coragem. Ela realmente permitiu que eu

amarrasse seus pulsos. Eu poderia dizer que foi aterrorizante para ela, mas ela passou por isso. Os paus nos cabelos definitivamente não eram os normais das mulheres. Ainda assim, não há maneira de estar certo. O que posso dizer é que eu simplesmente *soube.*

— Conhecemos todas as famílias. Se ela é uma cavaleira, nós vamos conhecê-la, —Stefano disse. — Eu posso chegar ...

Ele balançou sua cabeça. — Espere. Preciso que você aguarde.

— Por que ela não deveria simplesmente matá-lo sem se mostrar? —Vittorio perguntou.

Ele balançou sua cabeça. — Eu não faço ideia.

— Você é culpado de algo que não sabemos? —Perguntou Stefano. — Algo que o colocaria no caminho de um cavaleiro?

Um cavaleiro das sombras levava a justiça quando a lei não podia. Sempre, sempre eles tinham que ter certeza, o que significava uma investigação minuciosa dos fatos.

— Ela teria que ser uma das famílias Archambault. Existe uma mulher cavaleira. Eles são os únicos pilotos autorizados a ir atrás de outra família de cavaleiros de sombra, —disse Stefano.

— Ela não é francesa. —Ricco respirou fundo. — Eu tenho que contar. É hora, mas Stefano temos que ter muito cuidado, caso contrário, vamos acabar em uma guerra e todos perderão.

Ele não queria dizer a verdade sobre o que aconteceu no Japão, mas ele faria isso. Seria um alívio tirar toda a bagunça do seu peito. Saber que sua família olhava sobre os ombros, em vez dele guardá-los noite e dia, seria um alívio. Dizer a verdade seria se liberar de muitas maneiras.

— Comece a falar, Ricco. —Isso foi Stefano, todo negócios.

— Os cavaleiros são diferentes no Japão. Quando treinamos outros cavaleiros, os recebemos como família e os tratamos como nos tratamos uns aos outros. Lá, cavaleiros de outros países são desprezados—especialmente os dos Estados Unidos, são considerados preguiçosos e indisciplinados.

Ele não sabia se estava dando desculpas ou apenas precisava encontrar um lugar para começar. Todo o caso sórdido esteve engarrafado por muito tempo. Embrulhado em culpa e medo por sua família, ele ficou em silêncio até quase não saber como lhes dizer o que ocorreu.

— Não importava o que fizéssemos ou o quão duro trabalhamos, aqueles de nós que não eram das famílias nunca eram reconhecidos, nem mesmo durante os torneios. Isso me irritou. Eu tenho um temperamento e eu entrei em muitas lutas, provando-me, batendo a merda de alguns dos meninos das famílias anfitriãs. Claro, isso acabava por provar a eles que eu era indisciplinado e não era adequado para ser um cavaleiro.

Ainda eram dolorosas, essas lembranças. Ele treinava mais do que ninguém, e não importava. — Se eu derrotasse os filhos das famílias de acolhimento, se eu batesse o tempo que andavam nas sombras, ou de qualquer forma os superasse, nunca era reconhecido, mas os meninos eram punidos e o ódio e a amargura cresciam para com todos os outros cavaleiros treinando, em particular eu e um outro cavaleiro—uma mulher. Você pode imaginar o que era ser uma cavaleira lá onde as mulheres deveriam esperar seus homens e ser subservientes a eles. Ela nunca foi considerada boa, e os meninos eram terríveis com ela.

— De que país ela era? —Perguntou Vittorio.

Apenas sua voz era calmante. Vittorio, o pacificador. Vittorio, o irmão que sempre parecia trazer calma e sentido no meio de qualquer tempestade.

— Esse é o problema, ela era do Japão. Bem dali. Ela era filha de um membro do conselho. Eu não fiquei com sua família, nenhum dos cavaleiros estrangeiros o fez. Sua mãe havia morrido e seu pai era um ex-cavaleiro, que não saía em mais trabalhos. Sua avó era muito má e feia com ela e com as outras crianças. Ela deixaria nossos pais envergonhados.

— Nome, —disse Stefano abruptamente.

Claro que ele iria aos fatos imediatamente. Nada iria passar por ele. Nada jamais fez.

— O nome dela era Akiko Tanaka.

Stefano assentiu. — Ela vinha de uma linha feroz, mas eles já se foram. Ela foi morta em um acidente de carro junto com sua linhagem, seu pai e sua avó. Eu acho que outros três cavaleiros, filhos de algumas das melhores famílias, morreram também. Um sobreviveu, mas ficou em uma cadeira de rodas para o resto de sua vida. Foi uma tragédia horrível.

Ricco sacudiu a cabeça. — Nenhum deles morreu em um acidente de carro. Eu matei os três cavaleiros e coloquei o outro na cadeira de rodas. —Ele largou a bomba no meio da sala. Ninguém se mexeu. Ninguém falou. Todos simplesmente o encaravam, chocados. Havia verdade absoluta em sua voz, e ele soube que todos a ouviram.

Ele não tirou os olhos de Stefano. Ele amava seu irmão. Ele era mãe, pai e irmão mais velho, todos em um só. Ele era a ideia da família do que seria um cavaleiro de sombra, um Ferraro, alguém para ser respeitado. Matar outros cavaleiros, especialmente jovens cavaleiros não treinados quando se precisava

desesperadamente deles, era o pior pecado que um cavaleiro poderia cometer, tanto que era proibido e traria uma sentença de morte para o agressor. Só um cavaleiro de Archambault poderia trazer a justiça a outro cavaleiro sombrio.

— Ricco, —Emmanuelle sussurrou, sua voz cheia de uma mistura de horror e compaixão.

Ele não a olhou. Ele manteve os olhos em Stefano, aguardando julgamento, esperando a condenação. Ele deveria ter sabido mais.

— Você não teria feito isso sem uma boa razão, Ricco, —disse ele. — O que aconteceu com Akiko e sua família?

Ricco balançou a cabeça. Não havia maneira de se colocar em uma boa luz. Não podia mudar ou deixar de lado os detalhes. — Houve um torneio naquela tarde e Akiko derrotou Nao Yamamoto. Ele tinha dezessete anos e considerado o mais rápido dos cavaleiros de sombra no Japão. Sua família estava extremamente orgulhosa dele. De acordo com todos, ele trouxe grande honra. Mas ele era um ser humano terrível. Ele intimidava a todos, incluindo os meninos que o seguiram. Ele tinha sua própria pequena gangue. Seus amigos tinham dezesseis e dezessete anos. Se algum deles alguma vez desprezasse qualquer um deles, ou de qualquer forma os fizesse parecer mal, eles cavalgavam as sombras, visitavam-nos e batiam o inferno sagrado fora deles. Eles se gabavam para o resto de nós que visitavam as meninas que gostavam e faziam o que queriam.

— Oh, meu Deus, —disse Emmanuelle. — Espero que você tenha denunciado.

— Vários de nós fizeram um dia antes em que o ataque ocorreu, mas os anciãos disseram que eram apenas meninos se gabando. Que não era verdade. Nós sabíamos diferente, porque *ouvimos* a verdade quando eles estavam se gabando.

Nao e sua gangue derrubaram dois dos outros cavaleiros que os denunciaram, e eu estava aguardando a sorte quando eles viessem para mim. Em suma, não fui muito mal contra os quatro, e se eu for estritamente honesto, Nao estava com muita dor quando entrou no torneio naquele dia.

— Espere um minuto, —disse Stefano. — Eu quero que você seja muito claro sobre isso. Você relatou o que você ouviu sobre esses meninos usarem suas habilidades para danificar e espancar outros cavaleiros e o conselho descartou isso como falso?

Ricco assentiu. — As mulheres não são tratadas lá do mesmo modo como são aqui. Sabemos que precisamos delas para que os cavaleiros sobrevivam, mas lá, elas são menos do que um homem. Os estrangeiros são tratados da mesma forma. O conselho era composto pelos pais desses meninos. Se tivesse saído que tal coisa estava acontecendo, suas famílias teriam sido desonradas. Eles são muito tradicionais e da velha escola.

— A honra entre os cavaleiros é tradicional, —disse Taviano, — ou pelo menos eu sempre pensei que fosse.

— Se todas as famílias fossem desonradas, e seus filhos fossem proibidos de sair, despojados de suas habilidades, as famílias não ficariam com nada. Eu não posso explicar o quão terrível as consequências para eles seriam lá. Ninguém reconheceria ou teria alguma coisa a ver com eles. Primos, qualquer pessoa que fossem os cavaleiros exigiria que seu sobrenome fosse mudado. —Ele interrompeu o fato de que o sobrenome de Mariko não poderia ter sido o nome com o qual ela nasceu.

Giovanni tinha que estar pensando nas mesmas linhas que ele. — Algum desses meninos tem irmãos? Uma irmã? Sua mulher poderia estar relacionada a um deles?

Ricco tentou lembrar. Tanto quanto ele sabia, nenhum deles tinha irmãs. Ou irmãos também. Ele balançou sua cabeça. — É por isso que a maneira como eles tratavam Akiko realmente me chamou atenção. Não fazia sentido quando eles precisavam de cavaleiras e havia uma ali mesmo, não relacionada, que eles a tratassem como lixo. Eu não entendi nada, além do fato de que Nao estava em uma viagem de poder. Ele continuava a argumentar que mesmo a Yakuza o temeria.

— Então, esse Nao entrou no torneio já ferido da noite anterior, quando ele e sua pequena gangue te pegaram. —Stefano redirecionou-o, querendo mantê-lo no caminho certo.

Ele assentiu. — Akiko o derrotou por uma margem tão grande que não houve nenhuma maneira de que os juízes pudessem fingir que era um empate ou que ela tinha trapaceado de qualquer forma. O troféu foi dado a ela, e Nao ficou envergonhado. Seu pai ficou furioso com ele e o deixou do lado direito na frente a todos. Até seus próprios amigos riam dele. Eu sabia que ele tentaria retaliar.

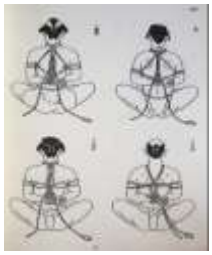
Ele abaixou a cabeça por um longo momento. Ele tinha que confessar a Stefano. Não havia maneira de contornar isso. Ele olhou diretamente para seu irmão. — Eu estava tão revoltado com a maneira como eles me tratavam que eu tinha parado de trabalhar duro. Eu sabia que não importava o que eu fizesse, não seria reconhecido. Foi só depois que percebi que o reconhecimento não era importante. O treinamento sim. Mas eu tinha me tornado o que eles disseram. Eu não tinha disciplina.

Ele sabia que isso era chocante para seus irmãos e irmãs. Ele treinava noite e dia. Ninguém poderia vê-lo nas sombras. Ele poderia encontrar qualquer local—a qualquer hora, em qualquer lugar. Ele era rápido e cruel quando ele precisava ser. Ele balançou a cabeça e levantou a mão quando seus irmãos iriam protestar.

— Eu era um cabeça quente, pior do que sou agora. Eu pensei que estava provando um ponto, mas em vez disso, eu matei muitas pessoas.

— Como? —perguntou Stefano, a voz sem julgamento. Esperando a evidência do crime de seu irmão.

— Eu fui a uma aula sobre *Hojojutsu*[3]—forma antiga de amarrar prisioneiros—naquela noite. Dois cavaleiros ouviram Nao e seus amigos conspirando para ir atrás de Akiko, e eles me procuraram antes de ir à aula, perguntando sobre o que fazer. Eu aconselhei-os a ir ao conselho novamente. Eu pensei que todo o cuidado tinha sido tomado, até chegar em casa e ver que os meninos tinham ido embora. Eu sabia que eles estavam indo atrás dela. Eu nunca estive na casa de Akiko. Nenhum de nós tinha. Eu não tinha o endereço exato. Eu tinha que encontrá-la. Pensei que chegaria lá, avisaria seu pai, mas eu me enganei. Acabei do lado errado da cidade e tive que voltar para trás. Se eu estivesse estudado como deveria ter feito, eu teria chegado lá primeiro e eu poderia tê-los parado. Akiko ainda estaria viva.



[3] **Hojōjutsu** (捕 縄 術), **ou Torinawajutsu** (捕 縄 術), **ou apenas Nawajutsu** (縄 術), é a arte marcial japonesa tradicional de restringir uma pessoa usando cordão ou corda (nawa縄 em japonês). Abrangendo muitos materiais diferentes, técnicas e métodos de muitas escolas diferentes.

Houve silêncio, ele se aproximou do bar e se serviu outra bebida. Ele precisava disso, e não conseguia se fazer olhar para seu irmão. Ele não queria ver o desapontamento que ele sabia que estariam em seus olhos. Eles foram criados por Stefano para sempre dar o melhor de si. Stefano nunca se esquivou de aprender. Nem por um momento. Não importava o quanto Ricco treinasse, todas as horas extras, as habilidades que ele tinha agora, nada disso compensou o se perder em Tóquio naquele dia.

Os cavaleiros eram enviados para Tóquio porque era a maior cidade do Japão, ou mais corretamente, província. Era muito confuso para os jovens cavaleiros, fácil o suficiente para se perder, mas eles deveriam escutar as instruções e serem capazes de se mover livremente de uma extremidade a outra rapidamente.

— Isso é besteira, Ricco. —Taviano explodiu. — Completa e total besteira. Não se pode culpá-lo pela morte dessa menina. Que diabos? Você tinha *quatorze anos.*

Ricco engoliu o uísque, sentindo que ele queimava todo o caminho pela garganta e sua barriga antes de virar e encarar os outros, tentando não ver as imagens que queimavam tão profundamente em sua mente que ele nunca tinha conseguido esquecer. — Não foi apenas Akiko. Eles mataram seu pai e sua avó, bem como duas criadas. Akiko lutou contra eles, e o barulho trouxe seu pai e sua avó correndo, junto com duas pessoas que trabalharam há anos para a família deles. Os quatro meninos os mataram. Cheguei tarde e encontrei os corpos da avó e criadas. Havia sangue em todos os lugares.

— Ricco, —murmurou Francesca, — Que horrível.

— Ainda não consigo fechar os olhos sem ver essa cena. Quando entrei na casa, eu quase pisei no corpo da avó. Eles quase a cortaram em pedaços fora da

porta da pequena sala onde ela recebia as visitas. As criadas estavam à direita dela. Uma tinha sido cortada com uma espada nas costas e ainda estava morrendo. A outra quase foi decapitada. Os ataques vieram por trás. Dois dos meninos haviam cuidado do pai e das criadas enquanto Nao e o outro lidavam com Akiko e a avó. Quando cheguei lá, os dois primeiros ainda estavam cortando os corpos das criadas. Peguei as espadas e os matei. Não foi fácil—eu tenho as cicatrizes no meu peito e na minha coxa.

Ele tocou as três marcas de cortes que ele mantinha cobertas por sua roupa em todos os momentos, lembrando a sensação da lâmina cortando sua carne.

— Oh meu Deus, Ricco, —Emmanuelle sussurrou. — Você tinha apenas catorze anos, mais joven do que eles. Você assumiu dois cavaleiros com espadas e conseguiu ficar vivo?

— Não tive escolha, —disse ele. — Não, se eu fosse tentar salvar a Akiko.

— Você está me dizendo que quatro cavaleiros de quatro famílias no Japão usaram suas habilidades para assassinar inocentes? —Perguntou Stefano. Sua voz era baixa, mas um chicote. — Quais famílias? Diga-me agora. Eu preciso ouvir você confirmar que estes meninos eram os filhos dos cavaleiros do conselho.

Ele sabia que Stefano ficaria furioso. Quebrar o código de um cavaleiro de sombra era o pior que se poderia fazer. O código de honra foi criado para proteger todos os cavaleiros, suas famílias e todo ser humano inocente que existisse.

— Três famílias. —corrigiu Ricco. — Você conhece Nao Yamamoto. O pai dele, Isamu Yamamoto, foi chefe do conselho, supervisionando todos os cavaleiros no Japão naquele tempo. Os outros dois membros tiveram filhos.

— Ricco. —Foi um aviso. — Pare de enrolar. —Stefano pressionou os dedos nos cantos dos olhos, colocando pressão lá.

Ele não estava enrolando tanto quanto tentando não voltar para aquele momento em que ele estava diante dos membros do conselho, sabendo que matara seus filhos e eles poderiam fazer qualquer coisa para ele e ninguém saberia.

— Eiji e Hachiro Saito seguiam Nao a qualquer lugar que ele fosse. Eles eram intimidadores, acreditando que porque seu pai Daí Saito, se sentava no conselho no Japão, ninguém poderia tocá-los. Ambos estavam com espadas naquela noite. Foram eles que mataram as criadas.

Stefano varreu a mão sobre o rosto como se estivesse tentando varrer as coisas que o irmão disse. — Isso deveria ter sido levado ao Conselho Internacional. Aqueles homens *mentiram* sobre as mortes. Quem era o último menino?

Claro que ele sabia. Sua mãe tinha frequentado os funerais dos meninos, dando seus respeitos aos Cavaleiros que perderam seus filhos. Mikio Ito era o outro membro do conselho.

— Kenta Ito, filho de Mikio Ito, —confirmou Ricco.

— Esta é uma desgraça. Uma maldita desgraça, —Stefano mordeu. — As três primeiras famílias de cavaleiros. Membros do Conselho. Mentiu para outros cavaleiros, puxando essa merda porque, como membros do conselho, eles tinham a capacidade de contar uma história com emoção que podia turvar a audição. Seus filhos eram assassinos. Maldito seja Ricco, deveria ter nos dito isso.

O olhar de Ricco varreu a sala. Seus irmãos estavam atordoados. Choque aparecia no rosto de Emmanuelle. Tal coisa era inédita. Mentiras no mundo dos cavaleiros. Era um grupo pequeno e fechado, e contavam com honestidade. Na verdade. Na honra acima de tudo.

Ricco balançou a cabeça lentamente. — Eu não poderia te contar.

Stefano abriu a boca e depois a fechou. Giovanni levantou-se, pegou os copos de cristal e derramou mais Scotch, entregando-os de volta antes de sentar-se novamente. Ele tomou o seu tempo, certificando-se de que todos tiveram uma chance para se recuperar do puro choque.

— Diga-nos tudo. —recomendou Vittorio. — Isso está virando meu estômago, mas nós temos que saber.

— Foi Kenta Ito quem matou o pai de Akiko. Ele pintou o rosto com o sangue do pai dela e estava dançando em torno de Akiko e Nao. Eles queriam que ela visse que sua família estava morta. Nao tinha estuprado Akiko e ele a cortou em pedaços. Ela ainda estava viva, e Nao disse que iria matar seu irmãozinho e irmã. Ele disse que iria violar sua irmã na frente dela antes de matá-la. Sua irmã tinha três anos. Seu irmão tinha quinze meses.

Francesca ofegou e colocou uma mão na garganta. Stefano imediatamente puxou-a para perto, sob a proteção de seu ombro.

— O poder corrompe. —Taviano repetiu o que Stefano tinha perfurado neles desde o momento em que eram crianças. — Claramente, esses meninos se acreditavam acima de todos os outros, em vez de servos do povo.

— Eu entrei no quarto e ouvi o que ele estava dizendo. Kenta virou-se para me encarar. Ele tinha uma espada, assim como os outros, e era grande e muito forte. —Ele já conhecia o medo naquela época, enfrentando aquela lâmina, a raiva e o ódio de Kenta e Nao. — Eles acreditavam que eu era menos do que eles. Akiko era menos. A família dela. Seu pai já não podia andar nas sombras e era considerado pária e desonrado. Eu tive que lutar contra eles, não importava o medo que eu tivesse deles. Akiko ainda estava viva e eu podia ver o desespero em seu rosto. Ela não tinha mais ninguém para salvar seus irmãos.

Ricco não aguentou mais. A energia inquieta estava lá dentro dele, exigindo que ele se movesse, mas seu corpo, ainda se recuperando, não poderia obrigá-lo. Ele pegou a cadeira de frente para Stefano. Esta foi uma confissão, pura e simples, e era Stefano quem o julgaria. Giovanni, Vittorio e Taviano ficariam solidamente com ele. Emmanuelle tinha o coração macio e nunca pensaria que ele era culpado de qualquer coisa. Ela provavelmente o veria como um herói.

Ele sabia que era responsável. Ele não estudou como deveria ter e se perdeu nas sombras de Tóquio. Ele não tinha ido com os meninos naquela noite para tentar convencer os anciões do que os outros não eram bons, porque ele não acreditava que eles fossem ouvir. Ele sabia que os membros do conselho tornariam sua vida ainda mais miserável do que já era. Então havia a questão dos assassinatos reais. Os meninos, sem que eles quisessem, eram cavaleiros.

Havia um código—um código inquebrável.

— Kenta e eu lutamos e enquanto nós fazíamos, Nao foi ao armário e abriu a porta. Pude ver a garotinha agachada no chão segurando o irmão, a mão sobre a boca. Ele arrastou o menino para fora e jogou-o no chão, pisoteando-o repetidamente. Ossos se quebraram. Eu os ouvi. O som me deixou enojado. A menina, de apenas três anos, o atacou. Ela pulou no ar e chutou Nao com os dois pés bem nas bolas, afastando-o do seu irmão. Quando ela pousou, ela atingiu o sangue de Akiko e escorregou, caindo quase aos pés de Nao. Kenta me cortou algumas vezes. Eu tinha que tomar a posse da espada e acabar com ele. Fiquei perto e ele balançou exatamente como eu sabia. Puxei a cabeça para trás, mas a ponta cortou meu rosto.

Ricco tocou a cicatriz feia. Ele nem sentiu a dor desse corte. Ele estava desesperado. Kenta era bom com a espada. — Eu continuei me movendo para ele.

Akiko devia estar fazendo a lição de casa quando eles atacaram e sua mesa virou. Encontrei uma caneta no chão e a enfiei em seus olhos com força. Ele largou a espada. Eu peguei e a desci sobre sua cabeça, dividindo seu crânio em dois. —As consequências foram horríveis, com sangue e cérebro por todo lugar.

Ele não teve tempo de pensar sobre as primeiras vidas que tomou quando matou os garotos com quem treinou. Só depois, quando tentou dormir, lembrou-se de seus olhos, bem abertos, o horror deles, o apagar da luz. Seu estômago balançou. Ele levou justiça a muitos homens desde então, mas nada o afetou da maneira como aqueles meninos.

— Eu não tive muito tempo. Nao pegou a menina pelo cabelo, puxando-a do sangue para seu colo. Ele ia cortar a garganta dela. Levantei a espada novamente e enfiei a lâmina em suas costas, abaixo, com toda a força que tinha me restado, o que não era muito. A espada estava afiada e entrou.

Ele respirou profundamente e apertou os dedos nas têmporas palpitantes. — Nunca vi nada tão horrível antes ou depois. Nao continuava gritando e gritando. O bebê estava absolutamente em silêncio. Nós dois caímos ali mesmo no chão. Eu me arrastei para Akiko. Havia sangue borbulhando em sua boca e ela não podia falar. Não me movi até ela morrer. A menina tinha se arrastado para o irmão e estava segurando-o como uma boneca de pano e balançando-o para frente e para trás.

Ele não podia olhar para seus irmãos. Tudo o que ele podia ver era o sangue no chão da casa Tanaka. Tantos mortos em torno dele. Ele não salvou Akiko. Tinha se sentido entorpecido. Ele não sabia que estava tremendo até que a espada se desprendesse de seus dedos nervosos. Ela bateu no chão e ficou revestida instantaneamente de uma fina camada vermelha.

— Não sei por quanto tempo eu fiquei sentado lá antes de perceber que o menino ainda estava vivo e precisava de atenção médica, assim como Nao. Liguei para Isamu Yamamoto e contei o que aconteceu e que precisávamos de ajuda rápida. Eles vieram, e eu não me lembro muito depois disso. Fui levado para um quarto na volta a casa de acolhimento com ordens para não falar com ninguém. Eu não queria. Eu queria voltar para casa, mas eles se recusaram a me permitir chamar você, Stefano.

— Eu aposto que eles não deixaram você me ligar ou para Eloisa. —A voz de Stefano era pura raiva. Uma promessa de retaliação.

Ricco estremeceu. — Houve uma investigação e fui questionado repetidamente pelos membros do conselho.

— Os membros do conselho? Não investigadores? —Stefano esclareceu.

— Conselheiros, —reiterou ele. — Eu honestamente esperava que eles me matassem. Estava claro que eles não permitiriam que os forasteiros soubessem o que aconteceu. A desonra seria demais para as três famílias. Eles me chamaram e me disseram que se eu ousasse dizer à minha família ou a qualquer outro conselho a verdade do que aconteceu, as três famílias se uniriam para eliminar todos os membros da minha família em represália, porque se eu trouxesse esse tipo de desonra, não deveria viver. Eles disseram que diriam ao mundo dos cavaleiros que *eu* tinha matado seus filhos. Eles também disseram que iriam dizer que eu tinha assassinado esses meninos a sangue frio quando eles me pegaram violando Akiko. Que eu matei sua família.

— Aqueles malditos mentirosos. Qualquer um de nós teria ouvido as mentiras que dissessem. Se nos defendêssemos diante do órgão do governo internacional, eles não poderiam manter essas acusações. —Os olhos de Stefano ardiam de raiva.

— Eles teriam sido despojados de suas habilidades. Somente um membro da família governante internacional pode fazer isso, mas Yamamoto sabia que isso teria acontecido imediatamente se isso acontecesse. Ele alimentou a porcaria em um garoto de quatorze anos e, em seguida, forçou-o a permanecer lá pelas aparências.

Ricco assentiu. — Eles queriam que eu soubesse o quão poderosos eles eram. Foi um momento difícil, mas estava determinado a não trazer nada para você. Quando voltei, treinei ainda mais do que no Japão, todos os dias, para ter certeza de que nunca cometeria outro erro. Eu os protegi a noite sempre que possível no caso de eles resolverem vir por todos vocês.

— Você deveria ter me contado, Ricco, —disse Stefano. — Eu teria interrompido esse pesadelo para você.

Nada poderia parar o pesadelo. Ele teria essas mortes nas mãos até o dia em que morresse. As imagens estavam marcadas em seu cérebro. — Nós não queremos uma guerra com as famílias no Japão, —advertiu. — Minha família de acolhimento eram boas pessoas. Eles, pelo menos, me trataram direito. De lá, fui para casa de Mikio Ito por seis meses. O resto do meu tempo foi gasto com os Yamamoto.

Stefano entrou em outra rodada de maldições inventivas.

Ricco continuou falando. Ele queria dizer tudo e acabar com isso. — Nao estava na cadeira de rodas e muito, muito amargo. Sua mãe e seu pai estavam amargos. Era uma situação extremamente difícil, com espancamentos e ameaças constantes, mas tive que aprender o máximo que pude e todos espancamentos eram feitos nos salões de treinamento de Isamu Yamamoto, enquanto ele me

superava uma e outra vez, isso só serviu para me fazer treinar mais e crescer mais forte.

Stefano foi o único a começar a andar pelo chão. — Não faz sentido que eles enviassem alguém por você depois de tanto tempo. Os Saitos se aposentaram há alguns anos. Eu acredito que Daí e sua esposa Osamu vivem em sua casa em Tóquio. Deixou as sombras depois que seus filhos foram mortos. Mikio Ito deixou de cavalgar depois que seu filho também foi morto. Sua esposa ainda está viva, e acredito que eles se retiraram para uma pequena casa no país. Ela nunca foi uma cavaleira treinada. Era um casamento arranjado. E Isamu Yamamoto perdeu sua esposa em um suicídio. Ela caminhou na frente de um trem. Disseram que ele começou a beber muito. Alguns meses atrás, ele cometeu *Seppuku*[4].

— Ouvi falar sobre isso, —disse Ricco, um pouco envergonhado de ter desejado que eles estivessem todos mortos e a ameaça à sua família acabada.

— Nao Yamamoto dirigi uma empresa aqui nos Estados Unidos nos últimos dez anos ou mais, —declarou Vittorio. — Eles estão perdendo dinheiro. De acordo com sua publicidade, eles foram atacados por um espião industrial. Nao gasta dinheiro como água e acho que ele jogou a companhia aqui no chão.

— As linhas de sombra dessas famílias desapareceram, —continuou Stefano. — Havia rumores de que Saito e sua esposa tinham outros dois filhos, mas não eram adequados para montar as sombras, de modo que nunca falaram sobre isso publicamente.

Ricco franziu a testa. Ele já estava juntando partes do enigma, embora ainda não fizesse sentido. — Ela disse que era claustrofóbica, que, quando era criança,

[4] **Seppuku** (切腹, lit. "cortar o ventre"?), vulgarmente conhecido no ocidente por haraquiri ou haraquíri (腹切 ou 腹切り?), refere-se ao ritual suicida japonês reservado à classe guerreira, principalmente samurai, em que ocorre o suicídio por estripação.

esteve trancada em um armário. Mariko. Ela pode ter sido aquela pequena menina.

— Nada foi dito sobre nenhuma linha de Tanaka restante, —Stefano disse.

— Eu estudo a história de todas as famílias de cavaleiros, —disse Vittorio. — Havia rumores que havia outros filhos, bebês, mas que também morreram no acidente.

Stefano balançou a cabeça. — Os Tanaka só tinham Akiko. Eles tiveram uma famosa linha e foi considerado em todo o mundo que ninguém foi deixado.

— Isso não é verdade, —disse Ricco. — Havia uma pequena irmã e um irmão. Eu estava lá. Eles iam aos torneios para animar Akiko. Eles vinham com seu pai. E a menina estava treinando. Você deveria ter visto ela derrubar Nao com um golpe duplo. Estou lhe dizendo que ela era uma Tanaka. Assim como o bebê.

— Não teria sentido que essa criança desejasse assassiná-lo quando você salvou ela e seu irmão, —disse Taviano.

— Como ela disse que era seu sobrenome? —Perguntou Vittorio.

— Majo, e os caracteres *kanji* significam *"demônio feminino."* O nome lhe foi dado. Ela disse, e eu ouvi a verdade em sua voz, que sua mãe era americana. Foi-lhe dito que sua mãe era uma prostituta nas ruas. Mais tarde, ela abandonou seus filhos e desapareceu. Mariko acredita que isso seja verdade.

— Tanaka casou-se com uma mulher americana. Ela o deixou, e suas sombras foram rasgadas. Ela não se lembrava de seus filhos, casamento ou nada sobre sombras, e ele ficou perdido para todos nós como cavaleiro, —disse Stefano. — Mas não havia nenhuma menção a qualquer criança além de Akiko que eu possa lembrar, no entanto, se Vittorio ouviu mais, então provavelmente é assim. A linhagem era notável. Admirada e respeitada apesar do que a família pensava sobre

o casamento dele. Certamente, um filho e uma filha teriam sido bem-vindos por toda a família.

Ricco balançou a cabeça. — Akiko foi desprezada por todas as famílias, todos os cavaleiros e sua própria avó porque ela era mestiça. A avó, em particular, tratava-a horrivelmente, e todas as famílias a acompanharam. Embora Akiko fosse de uma raça mista, ela parecia mais com seu pai. Se Mariko é uma Tanaka, ela obviamente parece mais sua mãe americana. Ainda assim, quando perguntei sobre o que aconteceu com as duas crianças restantes, Yamamoto me disse que uma família os levou.

— Ainda não faz sentido que a menina venha atrás de você. É muito difícil esquecer o menino que salvou sua vida, —comentou Giovanni.

— Ela tinha três anos, Gee, —apontou Francesca. — O que os cavaleiros das sombras fazem? —Ela perguntou suavemente. — Eles levam a justiça. Está enraizada neles. Não pode ser pessoal, certo? Você convoca outros cavaleiros para cobrir qualquer coisa pessoal. Se Mariko é uma cavaleira, então alguém a chamou. Alguém investigou, e alguém a chamou. O fato de que ela não realizou sua missão no prescrito significa que ela não está convencida de que você é culpado e está conduzindo sua própria investigação. Qual outra razão existe para ela esperar para tentar matá-lo? Ela não precisa se mostrar. Ela poderia ter se deslizado nas sombras, como você faz e tudo acabaria. Você não teria visto isso acontecer.

Exceto que Ricco estava sempre vigilante. Ele tinha certeza disso. Teve certeza de que havia alarmes invisíveis que seriam acionados por qualquer pessoa que se movesse ao redor, noite ou dia, deslizassem de uma sombra ou não. Durante muitos anos, ele esteve convencido que alguém, um cavaleiro, entrou na sua casa em várias ocasiões. Ele inventou uma tela para encaixar sob a porta da

família para evitar que os cavaleiros deslizassem em seus quartos sem serem vistos. A sensação estranha de que um intruso o visitava tinha cessado quando começou a usar as telas.

— Francesca está certa, —disse Emmanuelle. — Por que tomar uma posição, a menos que se preocupe em saber mais?

— Digamos que isso seja verdade, —disse Taviano. — Quem a enviou? Alguém teve que se preocupar com seu povo no Japão, Ricco foi investigado e ela foi enviada. Qualquer um que a enviou deve acreditar que ele é culpado de matar a família Tanaka como Yamamoto ameaçou. Talvez as descobertas tenham sido entregues ao novo conselho quando Yamamoto morreu?

— Isso tem que chegar a família governante internacional, —Stefano decidiu. — Ou nos encontraremos em uma guerra.

— Se você for para eles, podemos nos encontrar em uma guerra de qualquer maneira. No momento o novo conselho no Japão está sob investigação da família governante, eles se sentirão desonrados. Eles vão acreditar em Saito e Ito. Ambos mentirão. Eles vão ter que mentir. A cultura é muito diferente da nossa, —afirmou Ricco. — Eu sei que estou pedindo muito, porque cada um de vocês está em risco, mas eu sei que essa mulher é minha. Eu sei que nasci para ela. Eu preciso de uma chance. Eu estou pedindo a todos vocês que me deem essa chance.

Stefano suspirou e olhou ao redor da sala para seus irmãos e esposa. — Ricco, mais do que nos arriscar, porque duvido que alguém seja tão estúpido para vir atrás da nossa família, você está pedindo a todos nós para permitirmos que esta mulher, uma assassina treinada, permaneça na sua casa com você.

Ricco assentiu com a cabeça. — Eu sei o que eu estou pedindo. Preciso dessa chance.

— Estou disposto a correr o risco, —disse Taviano. — Ricco já tem passado o suficiente e eu vou ficar com ele.

Stefano olhou para Vittorio. — Você?

— Eu vou ficar com Ricco, mas eu quero uma proteção adicional para ele.

— A última coisa que preciso é que meus irmãos ou irmãs estejam nas sombras enquanto eu estou tentando seduzir uma mulher, —disse Ricco, um fraco humor chegando a superfície. Essa era a sua família, na pior das circunstâncias, ao lado dele e fazendo-o querer rir.

— Estou dentro, —disse Giovanni. — Eu poderia aproveitar algumas dicas, Ricco. Você sempre foi bom com as mulheres.

— Como se você precisasse de alguma ajuda, —Emmanuelle disse e jogou um guardanapo em seu irmão, atingindo-o numa precisão mortal. — Eu não gosto, mas vou ajudar. Eu vou fazer amizade com ela, Ricco, e se ela piscar errado em sua direção, eu vou quebrar o pescoço dela.

Ele ficou um pouco surpreso com a intensidade da atitude de sua irmã. Ela estava falando sério. Mesmo sorrindo para ele, ela quis dizer isso. Ele inclinou a cabeça.

— Se eu tiver voto, eu também ajudarei, —disse Francesca. — Eu posso ser sua amiga e contar o porquê adoro você.

— É claro que você tem um voto, —disse Ricco. — Você é da família. —Ele olhou para Stefano. Todos fizeram, aguardando o veredicto.

— Eu vou entrar em contato com nossos primos em Nova York e Los Angeles. Se uma guerra está começando eles também precisam estar cientes. Entre em contato com a família governante internacional e peça-lhes para manter a investigação discreta, mas não por muito tempo, Ricco. E se alguém está atrás de

você, precisamos saber quem é. E estamos iniciando a nossa própria investigação também. Eu não me importo em cujos dedos eu piso no Japão.

— Obrigado. —Ele deveria ter sabido que sua família o apoiaria.

— Você tinha quatorze anos, uma criança, Ricco. Eles eram adultos. As fodidas crianças eram deles e teriam sido honrados se tivessem enfrentado isso com coragem. Em vez disso, eles o atormentaram e o ameaçaram. Deus sabe o que eles fizeram com essa garota e o que eles disseram a ela. Nós vamos descobrir o que aconteceu com os outros dois filhos de Daiki Tanaka. Tem que haver uma trilha, os mais velhos que sabiam sobre eles. Deus os ajude se eles entregaram aquelas crianças inocentes para os Saito e os deixaram à sua disposição. Essas três famílias teriam mantido o segredo das mortes de seus filhos. Eles disseram a todos que morreram em um acidente de carro com os Tanaka. Há uma trilha, e vamos descobri-la.

Ricco assentiu com a cabeça. — Eu gostaria de saber o que aconteceu. Estou bastante certo Mariko é uma Tanaka. Ela tem que ser a aquela criança de três anos.

— Mais uma coisa. Você será vigiado em todos os momentos. Eu não quero que você tente escapar de nós. Obviamente, não podemos estar contigo 24-7, então você protege suas costas o tempo todo.

— Considere isso feito.

— Você não foi culpado de nada, Ricco, —acrescentou Stefano. — Nem uma dessas merdas. Eles torceram o que aconteceu em sua mente. Você fez a coisa honrada, lutando por aquela família. Encontrando o seu caminho através de Tóquio quando você tinha chegado algumas semanas antes, teria sido difícil para qualquer um de nós, e muito mais para um adolescente. Estou orgulhoso de você. Você honrou nossa família com o que você fez para salvar aquelas crianças e

depois voltando para casa e cuidando de todos nós. Você carregou esse fardo sozinho por muitos anos. Você deveria ter confiado em mim, mas a decisão foi tomada por um menino que temia três famílias poderosas que ameaçaram matar a sua própria. Eu entendo, e posso olhar você nos olhos e dizer que me orgulho de você.

Isso significava mais para ele do que qualquer outra coisa. Ele olhou em volta, para sua família, os homens e as mulheres que estavam com ele. Ele queria Mariko lá com eles. Sua mulher. Ele só tinha que encontrar uma maneira de seduzi-la sem ser morto.

4

Mariko dormiu um sono agitado, esperando que Ricco se movesse a qualquer momento. Cada rangido, cada balançar de ramos no exterior fazia com que ela pulasse com sua adaga na mão. Ela se deitava de volta, deslizando a arma reconfortante debaixo do travesseiro dela, a palma da mão no cabo, os olhos bem abertos, esperando que ele se aproveitasse de uma mulher tola o suficiente para se colocar em tal posição por dinheiro.

Era uma grande quantidade de dinheiro. Ela contemplou isso quando os primeiros raios de sol entraram no quarto dela. Era um quarto bonito, muito

espaçoso e decorado com todo luxo. A lareira era de pedra antiga, os pisos brilhantes de madeira dura, um banco de janelas para o lado leste, permitindo que o sol entrasse se as cortinas estivessem abertas. Painéis de rendas finas cobriam as janelas e as cortinas mais escuras e grossas eram abertas ou fechadas através de um controle remoto em sua cama.

Ela poderia se perder nessa cama. Era grande o suficiente para várias delas. O colchão era confortável, mas não conseguiu relaxar. Ela tinha comprado tempo e um lugar para se esconder, mas agora ela tinha que descobrir o que fazer. Ela voltou para o dinheiro. Ela havia lido cuidadosamente o contrato, procurando por cláusulas escondidas que pudessem pôr uma mulher desavisada em perigo, mas não encontrou nenhuma. Ele não pediu que ela tirasse suas roupas—e ela estava esperando esse pedido. A maioria das fotografias do livro que ela trouxera era de sua mãe, uma modelo nua nas várias poses.

Então, por que tanto dinheiro? Ele não mencionou sexo e não havia menção dele no contrato. Havia fechaduras na porta dela. Ela tinha ido explorar, ele disse a ela para se familiarizar com o layout de sua casa, apenas para ficar fora de seu quarto principal. Ela não tinha planejado obedecer a essa ordem, especialmente quando ele a deixava sozinha quando ele saía.

Ela era uma cavaleira da sombra—e uma boa. Ela tinha um pouco de orgulho, mas sabia que se destacava por seu trabalho e poucos eram mais rápidos do que ela se movendo nas sombras. Ela podia fazer justiça rápida e indolor e o fez muitas vezes. Ela não podia penetrar nas sombras deslizando por baixo da porta do quarto de Ricco Ferraro. Ela usou luz para lançar sombras, mas cada vez que entrou nelas, sentindo seu corpo afunilar, ela atingiu algum tipo de barreira e não pôde entrar em seu quarto.

Pegou a fechadura e quebrou da forma antiga. Ela precisava saber o que ele estava escondendo. Nada, parecia. Ela esperava encontrar uma masmorra com todos os tipos de brinquedos de *bondage*[5]. Ele gostava de arte japonesa e tinha incríveis imagens de várias formas de arte de corda em todas as paredes. O bondage estava maravilhosamente retratado e fotografado com bom gosto. Ela não encontrou um único bastão, chicote ou açoite.

Havia um quarto onde a iluminação era perfeita com uma parede inteira de cordas, de cores variadas, feitas de *cânhamo*[6], seda ou algodão. Ela se pegou tocando-as quase reverentemente, passando o dedo pela corda como se fosse o braço dele. Uma parte dele. Parecia uma extensão dele quando ele passou a seda em torno de seu pulso. Ela sentiu seu coração se acelerar, virou-se e deixou aquele lado da casa para ir para seu quarto.

Todos os salões amplos com inúmeras imagens da arte japonesa. Lindas impressões. Ela olhou mais de perto e ofegou. Não eram impressões. Eram reais. Uma sala extremamente grande possuía uma coleção de antigas armas japonesas. Cada uma tinha seu espaço na parede, e as armas, tão antigas quanto eram, estavam bem cuidadas e exibidas atrás do vidro. Havia centenas delas. Livros

---

[5] **Bongage** (**BDSM** – Bondage, Dominância e Sadomasoquismo) significa escravidão.



[6] **Cânhamo** (Cannabis ruderalis) ou cânhamo industrial é o nome que recebem as variedades da planta Cannabis ruderalis e o nome da fibra que se obtém destas, que tem, entre outros, usos têxteis. Além de tecidos, o cânhamo é utilizado na fabricação de papel, cordas, alimentos (principalmente forragem animal) e para a fabricação de óleos, resinas e combustíveis. Em muitos países, os limites máximos de concentração do psicoativo tetraidrocanabinol (THC) no cânhamo são fixados por lei, o que estimula o cultivo de linhagens da planta com baixo nível de THC ou mesmo a remoção dessa substância das plantas.

antigos, todos em japonês, também eram exibidos, cuidadosamente preservados, e ela sabia que eram as primeiras edições.

A casa tinha dois andares, linda e bastante grande. Lá fora, ele tinha jardins maravilhosos, todos protegidos do mundo exterior por paredes altas e grossas. Havia uma cachoeira que caia em uma piscina fresca e sombreada, onde as árvores derramavam folhas rendadas e as samambaias cresciam ao longo de uma corrente estreita. *Kois*[7] nadavam preguiçosamente, protegidos por *nenúfares*[8] na grande lagoa. Tudo dentro e fora da casa de Ricco Ferraro falava de paz e serenidade quando ele era qualquer coisa menos isso. Ele era um quebra-cabeça e ela tinha que decifrá-lo rápido.

Ele era extremamente rico e muito bonito. Ele exalava sexo. Ele era a pessoa mais sensual que ela já tinha conhecido em sua vida. Ele não precisava oferecer tanto dinheiro para encontrar uma parceira que se entregasse a ele. A maioria das mulheres estaria mais do que disposta. Então, por que anunciar procurando um modelo de corda e pagar uma quantidade exorbitante se ele não estava planejando usar a mulher para sexo?

Ela se vestiu com cuidado, precisando sentir como se estivesse com alguma armadura. Ricco a deixava nua com apenas o som de sua voz, e ela precisava sentir em pé de igualdade. Ela queria uma solução simples, que Ricco Ferraro fosse um

---



[7] **Koi** – Carpas Koi



[8] **Nenúfares** – é uma flor aquática também conhecida como Lírio de água fazem parte da família das Nymphaeaceae. Os Nenúfares são belos, por isso usam-se com fins decorativos, tanto em lagos como no interior do lar.

monstro—um homem ligado às mulheres, talvez—mas isso não fazia sentido. Fez uma careta e pegou sua escova, alisando as ondas loiras pelo ombro. Se ela fosse honesta, sua culpa não teria sido uma solução, tampouco. Ela esperava que fosse, mas ela sabia mais.

Uma batida em sua porta a fez saltar. Ela não era mulher de se assustar, se alguém se aproximasse dela, mas ela não tinha ouvido um único passo.

— Nós saímos em dez minutos.

Ela respirou fundo. Sua voz era muito atraente. — Eu vou estar pronta. — Isso era parte do contrato. Eles deveriam passar a maior parte do tempo juntos para se conhecerem. Isso servia-lhe bem, embora ... Ela torceu o cabelo em um coque solto que enrolou na parte de trás da cabeça e dava-lhe mais altura também. Ela prendeu a massa com longos paus de cabelo que poderiam ser usados para se defender se necessário.

Ela vestia a moda ocidental, calças jeans finas e escuras e uma camiseta fina cor de creme. Usava botas elegantes. Eram feitas de couro macio e lhe davam várias vantagens. Ela deslizou uma faca dentro da bainha especialmente feita. Elas também tinham salto, o que lhe dava um pouco mais de altura.

Ele estava esperando do lado de fora do quarto dela, apoiado na parede, parecendo incrível em seu terno. Seu olhar saltou imediatamente para o rosto dela e ela sentiu o impacto como se fosse físico. Ele não precisava tocá-la para que ela sentisse seus dedos sobre ela.

Ele se endireitou, seus olhos se movendo sobre ela. — Você não dormiu bem. O que você precisa para ficar mais confortável?

Sua voz correu sobre ela como calor. Instantaneamente ela ficou ciente dele, o conjunto completo, seus ombros, a altura, os músculos movendo-se sob o cinza suave da camisa. Tudo. Assim seu corpo ganhou vida.

— Eu estava bastante confortável, obrigado. —Ela respirou fundo e forçou seu corpo a relaxar. — É um novo lugar, e estou um pouco nervosa com esse projeto quando não sei o que esperar.

Ser sincero sempre era a melhor política. Ela descobriu que queria dar honestidade. Dar alguma coisa. Qualquer coisa. Ela veio até ele em pleno pânico, um estado tão incomum para ela que ela quase não se reconheceu. Agora ela tinha um lugar para parar e pensar sobre as coisas. Para forçar o pânico a sair de sua mente e começar a buscar soluções.

Ele estendeu a mão para ela. Seu coração acelerou. Deus, ele era lindo e intimidante quando nada ou ninguém a intimidava. Ele não agarrou seus dedos ou insistiu, ele simplesmente estendeu a mão e esperou, deixando a decisão para ela. Ela não estava acostumada com o contato humano. Ela não tinha isso exatamente. Não era como se ela tivesse uma mãe que a rodeasse e a abraçasse. Não podia lembrar-se de um momento em que alguém a segurasse.

Ela colocou a mão na dele, e ele sorriu. Era como se, para ela, o sol tivesse saído. O sorriso dele a fez respirar fundo e inexplicavelmente feliz porque, sentia que ele raramente sorria e parecia um presente. Seus dedos se fecharam em torno dele e ele puxou-a para perto dele, quase sob seu ombro. Ela teve a sensação de se sentir segura.

— Vamos de carro para um pequeno café que eu conheço para o café da manhã, e você pode fazer as perguntas que quiser. É importante construir a confiança entre nós e a única maneira disso é nos conhecermos.



Ela assentiu. — Eu li um pouco sobre o Shibari, mas nenhuma das duas poses parecem semelhantes, e eu não estava certa do que esperar.

— Não se trata de posar, Mariko, —ele disse.

Ele abriu a porta para ela. Quando ela passou, a mão dele foi para a parte inferior de suas costas. Parecia íntimo, a palma dele queimando através do tecido fino de sua camiseta. Ele cheirava a masculinidade. Esse mesmo cheiro estranho ao ar livre, um aroma de pós-chuva que ela amava.

— Quando eu pedir que você seja minha modelo, em qualquer humor que eu esteja, da maneira que você estiver, como seu cabelo caindo no seu pescoço, esse tipo de coisa determina como eu vou amarrar você, qual a cor, o material da corda. O que você precisa.

Ela olhou para ele por baixo de seus cílios. Sua expressão era verossímil. — Eu não entendo. O que eu precise? Por que seria sobre o que eu preciso?

Um carro escuro os esperava. Um homem, muito parecido com Emilio, do dia anterior, abriu a porta para eles. Ricco sorriu para ele. — Enzo, essa é Mariko. Mariko, meu primo Enzo. Emilio e Enzo são meus guardiões no momento. Eu tive um acidente de carro e minha família tem medo de que eu desmaie e estoure minha cabeça na calçada, certo, Enzo?

Ela gostou da fácil camaradagem em sua voz quando ele falou com seu primo. Ela não via isso facilmente. Não havia risadas em sua casa. Apenas o dever. Ela também havia lido sobre o *"acidente de carro".* Ele entrou em um muro de concreto a bem mais de trezentos quilômetros por hora. O vídeo estava na internet, ela o viu uma e outra vez, observando o carro voar longe e as chamas saltarem quando o metal voou em todas as direções. Ela não tinha ideia de como ele conseguiu

sobreviver a uma coisa dessas. Mesmo o cirurgião, quando tinha sido entrevistado, tinha chamado a sobrevivência de Ricco de um milagre.

— Certo, Ricco. Nós devemos seguir você com um travesseiro e colocá-lo debaixo de sua cabeça antes dela bater no chão. —O homem riu e fechou a porta.

Foi só então que ela viu Emilio sair do carro, perto das portas, para se apressar e deslizar para o banco do passageiro da frente. Emilio virou-se e sorriu para ela. Não foi tão sincero como ela esperaria, e isso agitou uma pequena bandeira vermelha.

— Mariko, —ele cumprimentou.

— Emilio, —ela respondeu, usando uma voz tímida e recatada. Ela permitiu que seus longos cílios varressem as maçãs altas do rosto, um gesto que costumava deixar os homens automaticamente a vontade. Não parecia funcionar com Emilio. Ela viu seu olhar virar para o espelho retrovisor, observando-os claramente.

Talvez ela estivesse errada e sua preocupação não fosse sobre ela. — Como devo chamar você? —Perguntou a Ricco. No Japão, ela teria se dirigido a ele formalmente. Ela não queria ter que chamá-lo de mestre ou senhor, mas ela faria se fosse necessário.

— Eu prefiro não ser formal, mas se ajudar você a sentir-se mais à vontade comigo mantendo tudo estritamente comercial, Sr. Ferraro está bem. Caso contrário, Ricco.

Ela pensou sobre isso. Será que um homem determinado a estabelecer o domínio sobre ela iria querer que ela fosse informal com ele? Provavelmente não. — Ricco, então. —O sotaque dela fez com que seu nome soasse muito mais íntimo do que pretendia. — Eu sei que você esteve em um acidente terrível. Você está

bem agora? —Seus olhos se encontraram com os de Emilio no espelho. — Devo procurar por sinais de sofrimento físico?

Ela odiava a ansiedade que corria por seu sistema, fazendo com que sua respiração ficasse presa nos pulmões. Por ele. Ela reconheceu que estava preocupada com a saúde dele, e isso era simplesmente ridículo considerando o que ela estava lá para fazer. Ela olhou para ele, contemplando.

Ela estava lá tentando manter a perspectiva, tentando ser justo, quando o custo para ela seria tão alto. Tão querido. Ela já sabia a resposta. Ela estava procurando por sujeira. Muito poucas pessoas não tinham algo que queiram esconder. Ricco Ferraro estava escondendo mais do que e quem ele era daqueles que o rodeavam, mas isso não fazia dele um criminoso. Ela precisava que ele fosse um criminoso.

— Faz semanas e passei pela fisioterapia. Ainda tenho que ir alguns dias por semana, mas estou muito melhor. As dores de cabeça vão e vem. Eu não tenho a visão embaçada há alguns dias, e não fico tonto há um par de semanas. —Havia honestidade em sua voz, mas algo a advertiu que ele não gostaria de falar sobre sua recuperação na frente de seus primos.

Ela esperou até que o carro tivesse puxado suavemente para uma calçada e Emilio tivesse aberto a porta para eles. Ela deslizou e esperou na calçada, olhando ao redor. Este era o famoso território Ferraro. Começava na borda da *little Italy*[9] e



[9] **Little Italy** ou em português ***"Pequena Itália"*** é um bairro de Manhattan, Nova Iorque. É assim chamado por ter sido ocupado por um grande número de ítalo-americanos durante o início do século XX. Em seu auge, durante a década de 1910, o bairro abrigou cerca de 10.000 ítalo-americanos (cerca de 90% da população da área), configurando o segundo maior eclave da cidade (atrás apenas do Harlem Italiano). Depois da Segunda Guerra Mundial, a maioria dos antigos habitantes foi aos poucos se mudando para o Brooklyn e para Staten Island. Hoje, menos de 10% de sua população possui ascendência italiana, e boa parte de sua área original foi absorvida pelo distrito financeiro e pelo bairro chinês (Chinatown). Suas características culturais permanecem em bares e restaurantes em um curto enclave ainda restante do bairro.

continuava por vários quarteirões. Ela já o havia estudado antes de vir, e passou algum tempo andando nas sombras de um lado para outro, familiarizando-se com o layout.

A mão de Ricco nas costas dela a assustou. Ele não fez um som quando se mexeu e isso definitivamente era um problema para ela. Porque ela não sentiu que ele estava perto, ela não sabia, não quando cada célula de seu corpo parecia especificamente ajustada a ele. Ele gesticulou para a pequena porta de vidro com letras douradas pintadas à mão, simplesmente Biagi's. Muitas das lojas tinham apenas um nome na porta, como se isso fosse suficiente.

O aroma era uma mistura de café, salsicha e pão fresco, fazendo com que o estômago dela reagisse. Ela não comia desde que tinha chegado aos Estados Unidos. A entrada era estreita, e parecia que haveria uma longa espera. Ricco não tentou furar a fila, mas no momento em que entrou, toda conversa cessou. Enzo e Emilio se espremiam atrás deles, bloqueando a porta, e ela se sentiu claustrofóbica. Detestava lugares pequenos e agora eles estavam entalados como sardinhas em uma lata.

Uma a uma, as cabeças viraram, até parecer que cada pessoa estava olhando para ela. Ricco pareceu sentir sua consternação e se moveu, colocando seu corpo entre o dela e o resto da sala.

— Sr. Ferraro, —disse a anfitriã brilhantemente. — Sua mesa está pronta. Emilio, nós também estamos prontos para vocês.

— Obrigado, Imeldia. —Ricco enviou a mulher um sorriso e passou pela multidão, murmurando para várias pessoas.

Mariko observou que Emilio e Enzo mantiveram o ritmo bem atrás dele, como se eles temessem que alguém tentasse machucá-lo, ou que ele pudesse cair.

Ela deixou seu olhar varrer o restaurante enquanto seguiam a anfitriã da pequena sala de saudação para outra sala que se abriu em um grande espaço. O chão era de azulejos com largos quadrados vermelhos e as mesas eram muito simples. Quase todas as mesas estavam ocupadas. Assim como aconteceu na entrada, cada pessoa olhou para cima e a conversa cessou.

— Isso sempre acontece? —Ela perguntou quando Ricco puxou a cadeira. Ela ficou feliz em ver que a mesa era isolada do resto, um passo acima em uma pequena alcova.

A anfitriã entregou-lhe um cardápio, hesitou, e quando Ricco continuou a olhar apenas para Mariko, afastou-se. Mariko percebeu que, embora Ricco tivesse acenado para muitos dos clientes, conhecendo-os claramente, a atenção estava centrada nela. Ele a fez sentir como se fosse a única mulher que via, talvez a única pessoa.

— O que sempre acontece? —Ele sentou-se em frente a ela. — Tudo é bom aqui. Os pais de Imeldia são chefes fenomenais.

Ela pegou o menu porque precisava fazer algo com as mãos. Ela não era do tipo nervosa, mas não podia relaxar. Ela também estava consciente dele e de tudo sobre ele. Ela encontrou-se procurando sombras na sala. Imediatamente percebeu que esta mesa era reservada para os Ferraro e estava onde os outros não podiam ouvir o que se dizia. As sombras borraram suas imagens para que tivessem uma aparência de privacidade.

— Todos olhando para você.

Ele olhou em volta. — Eu acho que não presto mais atenção. Estamos em território Ferraro, e a maioria das pessoas aqui, eu considero nossa. Se isso

incomoda você, nós podemos ir para outro lugar. Eu queria que você me conhecesse, e essas pessoas são parte de quem eu sou.

Ela olhou em volta. A maioria dos que estavam no restaurante voltavam a comer, mas Ricco Ferraro era claramente uma celebridade. Ela não ficaria surpresa se ele tivesse que assinar autógrafos antes de partir. Enzo e Emilio estavam em uma mesa perto e ela percebeu que eles poderiam, e provavelmente, evitariam que alguém o incomodasse enquanto ele comia.

— Isso não me incomoda. Só não estou acostumada com isso. E eles não estão apenas olhando para você, eles também estão olhando para mim.

— Isso é porque eu não trago mulheres para casa.

A admissão foi dita em um tom tão baixo que ela quase não a pegou, mas ela ouviu o anel da verdade. Seu olhar saltou para o dele. — Nunca?

— Nunca. Esta *é* parte da minha casa. Nosso território. Minha família possui um pouco dos imóveis daqui. Conheço muitos dos empresários desde que eu era uma criança.

Ela não podia imaginá-lo como uma criança. Ele era muito intenso. Mesmo agora, em um cenário ao acaso, ele atraía todos os olhos. Ele exalava completa confiança, dominando toda a sala sem fazer nada além de estar sentado. Ela sabia que não podia tirar os olhos dele.

— Você não me pediu para eu tirar a roupa, —disse Mariko, sua voz muito baixa. Ele não tinha, e ela não entendia o por que.

Ele não fingiu não entender. — Você não me conhece. Você teria ficado desconfortável.

Ele usava essa palavra com frequência. *Desconfortável.* Como se o seu conforto significasse mais do que qualquer outra coisa. — Você não é o que eu esperava, — admitiu ela.

— O que você esperava?

— Eu não sei exatamente. Não você. Alguém muito mais ... —Ela quase disse *dominante*—mas ele era. Ele tinha uma autoridade rígida nele, e quando ele queria algo de alguém, ela estava certa de que ele conseguia. *Dominante* era uma muito boa maneira de descrevê-lo, mas, ao mesmo tempo, ele parecia incrivelmente gentil e pensativo.

Ele esperou. Quando ela não falou, ele olhou para a garçonete, que lhe levara café e suco de laranja. Mariko soube imediatamente que ele frequentava o Biagi muitas vezes para o café da manhã. A garçonete olhou para ele, com a boca aberta.

— Café? Chá? Suco de laranja? —ele perguntou a Mariko. Ricco, não a garçonete. A garçonete estava muito ocupada, tentando chamar sua atenção, mexendo no cabelo. Enquanto, ele parecia notar apenas Mariko.

— Chá e suco de laranja seria ótimo, obrigado, —disse ela. Se ele conseguia os olhares ridículos, que a garçonete continuava dando para ele, então ela também poderia. Era muito mais difícil ignorar o fato de que muitos dos outros clientes prestaram mais atenção a Ricco do que aos que estavam sentados com eles. Ela não tinha ideia de por que a garçonete a irritava com seu flagrante flerte, como se ela não estivesse lá, mas pela primeira vez em sua vida, ela sabia que não queria que outra mulher alcançasse seu interesse.

— Você tiraria suas roupas se eu pedisse? —Ricco perguntou quando estavam sozinhos de novo.

Sua voz era macia e rouca com uma magia sensual que enviava calor pela corrente sanguínea dela. Ela sentiu como se a voz tivesse penetrado por cada polegada de seu corpo até que ele fosse gravado dentro dela como uma marca. Ele não teria pedido, ela estava certa disso. Se ele quisesse que ela tirasse a roupa, ele teria dado uma ordem. O comando seria de uma maneira que lhe permitiria tomar a decisão, mas ela saberia que, se não fizesse o que ele exigia, ele ficaria muito decepcionado com ela. Não sabia como ele podia fazer isso com apenas a voz, mas ela se achava desejando agradá-lo quando não gostava de agradar ninguém.

— Eu não sei honestamente, —ela admitiu, porque ele esperaria sempre uma resposta. Ela estava começando a perceber que ele sempre era paciente. Ela notou que ele não colocava nada em seu café, apenas o bebia preto. — Você vai pedir que eu seja amarrada sem roupas?

— Eu gostaria disso, mas se nunca chegarmos lá, nós não vamos. É simples assim. Não está no contrato que você tem que tirar a roupa.

— Você pediu a qualquer uma das outras modelos que se candidataram para tirar suas roupas?

Ele balançou a cabeça. — Não foi necessário. O corpo feminino é bonito para mim. Há beleza em qualquer tipo de corpo e isso me inspira. Às vezes eu posso ser temperamental e nervoso e minha arte reflete isso. Os desenhos de corda sempre ficam lindos com a pele nua, mas, novamente, não é necessário. Posso pedir-lhe, mas Mariko é sempre sua escolha. Sua decisão. Quando eu lhe disse que Shibari é uma troca de poder, isso é exatamente o que é. Você também tem que tirar algo disso. Ontem, quando eu amarrei seus pulsos, você gostou. Você não esperava, mas você gostou.

Ele notou. Ela não achou que ele fosse perder algo e todo seu foco estava nela. Claro que ele notou sua respiração aumentada, a ascensão e a queda de seus seios, seu coração selvagem cantando. — Não foi do jeito que eu pensei que seria, —ela confessou.

A garçonete estava de volta com o chá e um copo cheio de suco de laranja fresco. Ela estava tão ocupada olhando para Ricco que quase deixou cair o chá no colo de Mariko. Ricco o pegou antes de atingi-la. Suas mãos estavam diretamente embaixo quando a xícara caiu em sua palma.

Ele olhou para a garçonete quando segurou a xícara de chá vazia. — Possivelmente você me enviaria Imeldia imediatamente.

A menina balançou a cabeça. — Desculpe-me senhor Ferraro, sinto muito.

— Você deve as desculpas a Sra. Majo, não a mim, —ele disse suavemente, mas sua voz era um chicote e a garçonete estremeceu seu rubor aumentando.

Ela olhou para Mariko. — Sinto muito.

Mariko inclinou a cabeça. — Não foi feito nenhum mal. Estou bem. —Ela sorriu para Ricco, que se acomodou na cadeira e gentilmente colocou a xícara de chá na mesa. — Obrigado. —Ele tinha reflexos rápidos. Ele estava no meio da mesa, mas levantou e pegou a xícara antes dela, e ela era rápida. Ela sempre foi rápida. Isso era algo que ela precisaria lembrar.

A garçonete apressou-se, de cabeça baixa, com lágrimas nos olhos.

— Ela é jovem, —disse Ricco. — Ainda no ensino médio. Este é o seu primeiro emprego e está um pouco atrapalhada. Algumas pessoas realmente gostam das corridas e os pilotos podem ser considerados celebridades.

Ele estava sendo modesto. A família Ferraro possuía um prestigiado banco internacional, os hotéis Ferraro e vários cassinos. Como família, eles eram

considerados da categoria bilionária. Ela tinha feito sua lição de casa. Não descobriu nada sobre Ricco que confirmasse que ele era um criminoso. Ele jogava duro—muito duro. Ele festejava muito. Ele gostava de mulheres—muitas mulheres. Ele não tinha medo. Era dominante. Tinha controle, quando o mundo o jogava no absoluto caos. Mesmo sem todos os problemas dela, ela nunca poderia manter-se com um homem como Ricco, ou esperar satisfazê-lo.

Ela gostou que reconhecesse que a garçonete era muito jovem e não estava irritado por ela agir como uma boba. Ela esperou em silêncio enquanto Imeldia se apressava para a mesa deles.

— Você precisa conversar com nossa garçonete, ver se ela pode lidar com a nossa mesa, Melda, —ele disse sua voz indicando que ele era amigo da proprietária. — Eu acho que ela está passando um momento difícil.

— Ela disse que quase deixou cair a xícara de chá no colo de sua amiga, — Imeldia reconheceu. — Rita é uma amiga da minha irmã mais nova, Alessa, e insiste em trabalhar. Seus pais foram mortos há alguns anos atrás, e ela e seu irmão mais novo, Maso, moram com a gente desde então. Rita quer pagar sua estadia e cuidar de Maso, embora meus pais insistam que os dois não custariam mais do que minha irmã e eu. Eu acho que ambos querem ser parte do negócio da família mais do que qualquer outra coisa e não ser um fardo para meus pais—o que eles não são.

O coração de Mariko se apertou. Por um momento, ela não conseguiu respirar ou pensar. O caos reinou em sua mente. A garçonete era uma jovem tentando ganhar a vida assim como a do irmão. Ela olhou para Rita com um novo respeito. Ela era essa jovem e sabia o quão difícil era ser quem sempre aceitava a

caridade. No caso de Rita, parecia que as pessoas com as quais ela estava se preocupavam com ela. Ela resolveu descobrir.

— Não houve prejuízo. Tranquilize-a e veja se ela sente que pode continuar. Talvez lhe diga que um pouco menos de arrumar os cabelos e mais de prestar atenção à minha mulher possa ser melhor. —A voz de Ricco era gentil.

Os olhos de Imeldia se abriram em choque e ela olhou para Mariko, sua boca formando um perfeito *O*. Ricco não pareceu perceber do que chamou Mariko, ou, como possessivo, ele soou. Ele certamente estava dando a Imeldia a ideia errada, e a noticia que Ricco Ferraro reclamava uma mulher se espalharia como um incêndio, se ele não fosse mais cuidadoso. Ela sabia que, ler essas revistas não era seu estilo, ele era o tipo de uma noite, além da exceção das gêmeas Lacey, as atrizes que elevaram seu nome, e recebiam muita publicidade sempre que estavam com Ricco.

— Ela é uma pequena sonhadora, Ricco.

— Mesmo assim, conseguiu se lembrar de tudo sem escrever. Eu a vi atender algumas das outras mesas. Ela vai ser um trunfo aqui.

— Eu também acho. —Imeldia virou-se com um pequeno sorriso, andando pelas mesas, parando a cada poucos minutos para conversar com alguém.

— Isso foi legal de sua parte, —reconheceu Mariko. — Muitas pessoas em sua posição teriam sido realmente feias para a garçonete, talvez até tivessem pedido sua demissão.

Algo atravessou seu rosto, decepção talvez, ela não conseguiu fazer a conexão, e então suas características ficaram totalmente inexpressivas. — É isso que pensa de mim? Que eu usaria meu status como um Ferraro para prejudicar uma adolescente?

Seu rosto podia não mostrar nada, mas sua voz mostrou o suficiente daquela decepção que ela tinha visto escorregar em suas características segundos antes. Um chicote que a fez estremecer. O olhar segurou o dela, forçando-a a enfrentá-lo. Ela achou que investigar um Ferraro só de ler os tabloides, era difícil. Ninguém sabia nada de pessoal sobre a família. Tudo era especulação ou claramente feito para as manchetes. Talvez o rumor sobre as gêmeas Lacey também não fosse real.

— Desculpe-me se te ofendi. Eu simplesmente pensei que foi gentil o que você fez, e que os outros em sua posição poderiam não fazer. —Ela escolheu cada palavra com cuidado. Ela percebeu que não gostava de perturbá-lo e a não queria que ele achasse que ela pensava mal dele. Isso não caberia na imagem de um trabalho tão íntimo com ele, pelo menos, foi o que ela disse a si mesma por ser tão cautelosa.

Ele se sentou, seu olhar no rosto. Atraente. Intenso. Ela nunca tinha sido submetida a um escrutínio tão aberto. — Porque você não está com um homem? Você é bonita. Você é inteligente. Você tem uma voz incrível. Eu poderia te ouvir falar para sempre.

Ele lançou um pequeno sorriso para ela que iluminou seus olhos escuros por apenas um momento. As linhas gravadas profundamente em seu rosto suavizaram e aquele fantasma de sorriso fez seu estômago dar cambalhotas e uma vibração profunda começou.

— Não que você fale muito.

— Você é muito intimidante. —Ela resolveu ficar tão perto da verdade quanto possível. — Eu não esperava isso.

Sua sobrancelha disparou. — Sou intimidante?

— Você sabe que você é. —Ela estava certa disso.

Ele explodiu em riso, e mesmo ele era baixo e sensual. O homem não podia fazer qualquer coisa sem soar ou parecer sexy. Ele tinha uma maneira de se concentrar completamente sobre ela que a fez sentir como se estivessem sozinhos e ela fosse a única mulher em seu mundo. O tom baixo que ele usava criava intimidade entre eles. Ela não esperava gostar dele. Mais, ela não tinha, nem mesmo por um momento, considerado que poderia ficar atraída por ele—e ela estava. No momento em que suas sombras se ligaram, a atração havia sido intensa e continuou crescendo em cada momento gasto em sua companhia.

Rita estava de volta, desta vez, determinada. A cor havia tomado seu pescoço e bochechas, mas sorriu para Mariko. — Você já teve tempo de olhar o menu?

— Eu vou querer a omelete vegetariana, —disse Mariko. — Parece delicioso. Sem torradas ou batatas fritas.

— E você, Sr. Ferraro? —Rita perguntou seu queixo levantado.

— O mesmo para mim, e por favor inclua as batatas e as torradas. —Ele sorriu para a menina e ela quase deixou cair o talão no qual ela não estava escrevendo. — Como vai o seu irmão?

— Ele está bem. Ele tem muito boas notas. Ele vem para cá um par de dias por semana. —Rita quase tropeçou nas palavras, mas segurou.

Ricco assentiu com a cabeça. — Isso é bom. Os meninos podem ficar um pouco selvagens, mas, tenho certeza que você sabe. Se você ou seu irmão precisarem de qualquer coisa, me avise. —Ele entregou a ela um cartão. — Em caso de problemas. Mantenha isso com você.

Ela umedeceu os lábios e assentiu várias vezes, embolando o pequeno cartão que possuía um único número escrito. — Obrigado. Eu realmente agradeço isso. —Ela se apressou com um sorriso enorme no rosto.

— Você acabou de fazer uma conquista para a vida inteira, —apontou Mariko.

— Ela não está sozinha no mundo. Os Biagi são pessoas realmente boas, e eles amam Rita e seu irmão.

— Você sabia sobre ela antes de a anfitriã ter dito uma palavra, não é? —Ela perguntou com curiosidade.

Ele assentiu. — Minha família possui alguns dos edifícios nesta área e nós os alugamos para os negócios. Nós gostamos de saber quem os futuros inquilinos são antes de fazer negócios com eles. Os Biagi estão aqui a quase tanto tempo quanto minha família. Seus pais possuíam o café antes deles. Bernado e Leah Biagi assumiram o café a mais de dez anos atrás. Eles eram melhores amigos dos pais de Rita. Ela tinha onze anos quando seus pais foram mortos em um assalto mal-sucedido em sua casa. Foi muito duro para ela.

Mariko estudou o rosto dele. Ele não tinha soado diferente do que tinha um momento antes, ainda havia algo sobre a maneira como ele lhe deu as informações que a fizeram acreditar que o roubo malsucedido havia sido levado pessoalmente.

— Eles pegaram os ladrões?

— Assassinos, —ele corrigiu. — Eles eram assassinos. E sim, eles o pegaram e foram sentenciados, mas eles escaparam antes de chegarem à prisão. Eles tinham irmãos e pai tão brutais quanto eles.

— Eram? Eu entendi que eles foram pegos.

Ele balançou sua cabeça. — Eles foram encontrados mortos em um antigo armazém abandonado junto com dois irmãos e seu pai. A polícia especulou que uma gangue rival os tinha matado, os pescoços estavam quebrados.

Ela poderia adivinhar como. Os Ferraro tinham claramente considerado os pais de Rita e Maso sob sua proteção. Os cavaleiros de sombra passavam pelas sombras sem detecção, dispensando justiça quando a lei não podia. Ela não duvidou por um momento que um cavaleiro ou cavaleiros haviam feito a justiça para as crianças.

Ela olhou para o rosto impassível. Sem expressão. Resistente. Ninguém poderia nunca duvidar que Ricco Ferraro pudesse lidar com seus inimigos com rapidez e morte certa uma vez que ele fosse à caça. Um pequeno arrepio correu por coluna vertebral.

— Ei.

Seu olhar saltou para o dele. De repente sentiu o impacto daqueles pretos olhos de veludo. Ela não podia desviar o olhar dele.

— Eu não deveria ter falado de algo tão desagradável. Estamos chegando a nos conhecer, e agora você parece com um pouco de medo. Essa é a última coisa que eu quero.

Receosa? Ela parecia com medo? Isso era impossível. Ela era muito boa em manter toda a emoção escondida, não era? Ela estava tão abalada que não conseguia evitar que ele visse dentro dela?

— Conte-me sobre você, —ele incentivou.

Ela tinha que ficar tão perto da verdade quanto possível. Todo cavaleiro de sombra podia ouvir mentiras e, na maioria dos casos, obrigar a falar a verdade. — Eu acho que o que ouvi sobre Rita foi sobre mim por um momento. Você já sabe sobre minha mãe. Meu irmão é dezoito meses mais novo que eu. Nós fomos levados por uma família, mas nunca pude entender o porquê.

Osamu disse que seu marido percebeu as sombras que saíam de seu corpo, quando ela tinha três anos e estava na rua. Tinha sido por isso que a família a tinha acolhido. Eles sabiam que ela poderia ser treinada como cavaleira.

— A família desprezou o que minha mãe era e o fato de eu parecer americana. Meu irmão parece japonês. Ele estava muito ... Quebrado. Seus ossos foram destruídos quando ele era muito pequeno. Às vezes, eles eram bons com ele, outras vezes, não tanto.

Por um momento, ela ouviu o som da voz de Osamu Saito, dizendo às duas crianças que carga eles eram. Mariko tinha esfregado sua casa de cima para baixo diariamente, cozinhado e servido a mulher, mas era espancada por ser desleixada. Lembrava-a diariamente que sua mãe era uma prostituta e ela provavelmente se tornaria uma também—que os espancamentos eram para seu próprio bem. De vez em quando, ela treinava como cavaleira. Quanto mais ela se destacava, pior Osamu a tratava.

Ela achou que tinha a atenção completa de Ricco, mas no momento em que ela falou sobre o modo como havia sido tratada, seus olhos estavam sobre ela e não havia nada na sala. Nem quando Rita colocou sua comida em frente deles. Ela ficou quente sob o olhar dele. Ela sentiu sob os holofotes. Ele estava tão focado que era como se ela tivesse um laser sobre ela. Não havia como dizer o que se passava por trás da máscara dura, mas ela não gostava de se sentir como se estivesse sempre um passo atrás. Ela precisava estar no controle o tempo todo, mas se sentia fora de equilíbrio com Ricco.

Ela aprendera a ter disciplina em uma escola dura, e isso era muito importante. A vida de seu irmão era muito importante para permitir que algo parecido com a atração física ficasse no caminho. Mas, o problema era que a

atração por Ricco era muito mais do que física e nunca sentira isso antes, então não sabia exatamente como lidar com isso.

— Conte-me sobre seu irmão.

Ela não esperava isso. Ricco mantinha-a fora de equilíbrio, mas ela não sabia como ele fazia isso. — Ryuu. —Ela mal podia dizer seu nome sem sufocar. Ela não podia olhar para ele, nem nos olhos que viam diretamente em sua alma. — Seu nome é Ryuu, e significa *'espírito de dragão'.* Ele é incrível. Realmente incrível. Um gênio. —O orgulho estava em sua voz. Amor. Ela não podia evitar.

Ela amava seu irmão com ferocidade. Protetoramente. — Quando ele era um bebê, os seus ombros foram esmagados e nem todos eles se curaram corretamente. Ele tem dificuldades às vezes, mas nunca se queixou. Ele é tão inteligente. —Ela ouviu o orgulho em sua voz, mas ela não podia evitar. Ela estava orgulhosa dele.

— Onde ele está agora?

Seu estômago revirou e ela pressionou a mão por baixo da mesa. — Eu não sei. Eu não ouço falar dele há algum tempo.

5

Ricco manteve pequenas conversas ao longo do café da manhã, e quando se levantaram para sair, ele voltou a colocar a mão nas costas de Mariko. Ela se deslocou de forma clara, uma indicação de que estava desconfortável com a familiaridade, mas ela tinha que se acostumar com o toque dele. Não havia dúvida em sua opinião de que Mariko Majo era, de fato, Mariko Tanaka da lendária família Tanaka.

Ele sabia que seus primos Renato e Romano Greco já estavam conduzindo uma investigação sobre Mariko, mas essa informação era vital. Ele tirou o telefone do bolso e enviou uma mensagem à Romano com uma mão. Ele manteve a outra com firmeza em Mariko. Ela poderia se afastar se quisesse, mas ela tomaria essa decisão por conta própria.

Qualquer pessoa poderia vir até a família Ferraro e ter uma audiência com os recepcionistas. Sua mãe, Eloisa e o pai, Phillip, haviam agido como recepcionistas desde a morte de seus avós. Eles eram ex-cavaleiros e podiam ouvir e puxar a verdade. De vez em quando, alguém atravessava o que não deveria, mas era raro. Fosse qual fosse o problema que precisava ser ouvido, primeiro o visitante meramente falava sobre sua vida, coisas inconfundíveis que permitiam que os recepcionistas entendessem sua voz, respiração e batimentos cardíacos. Uma vez que estava feito, os recepcionistas solicitavam ao visitante que contasse o motivo

do contato. Eles iriam ouvir e depois se levantar, descartando o visitante sem comentar. Dessa forma, se eles estavam sob investigação por parte da lei, nada poderia ser gravado ou dito que pudesse confirmar que qualquer coisa ilegal estava acontecendo.

Os recepcionistas passariam suas descobertas para os investigadores se eles sentissem que o visitante tinha um pedido legítimo contra alguém. Havia duas equipes de investidores. Uma estudaria o crime e a pessoa ou pessoas acusadas, enquanto a segunda equipe de investigadores examinaria aqueles que faziam o pedido e examinavam tudo sobre eles. Eles não queriam erros cometidos em seu negócio, então havia checagens e contrapesos a cada passo para a proteção da família, bem como daqueles que faziam pedidos.

Se Mariko era uma Tanaka, e seu irmão estava com problemas, então Ricco estava correndo mais perigo do que ele achava. Alguém poderia chantagear um cavaleiro de sombras? Os cavaleiros da sombra eram humanos e podiam fazer todos os tipos de erros, então sim, eles poderiam ser chantageados. Eles nasceram sob leis duras, assim como todos os outros. Ele acrescentou isso ao texto que passou a seus irmãos. *Encontrem seu irmão imediatamente. Passem a todos.*

Ricco olhou para Mariko enquanto ele a guiava do café de Biagi para andar pela calçada para que ele pudesse mostrar-lhe o bairro. Ele amava a sua comunidade e as pessoas nele. Ele queria que ela sentisse o mesmo senso de camaradagem que ele sempre sentia. Se Mariko fosse uma Tanaka, talvez ela não estivesse melhor com sua própria família. Ele conheceu seu pai, uma concha de homem, mas, ele não era mais capaz de montar sombras e realizar seu trabalho.

Ricco teve uma pequena amostra de como era ser deixado de lado. Ele encontrou-se inquieto e temperamental, nervoso mesmo. Não que ele não fosse assim a maior parte do tempo, mas ele estava ainda mais por não poder fazer o que nascera para fazer. Ele não podia imaginar o que seria ser um cavaleiro incapaz de andar permanentemente.

Tanaka se casou com a mulher que eventualmente o havia destruído. Quando ela foi embora, fez com que o pai de Mariko fosse incapaz de cavalgar as sombras e fazer justiça para seu povo. O preço que sua mãe pagou foi esquecer que ela havia se casado e teve filhos. Ela não se lembrava de nada sobre a família Tanaka ou o que eles faziam. Era um preço pesado por cometer um erro ao escolher o parceiro da vida—ou ser forçado a tomar um com o único propósito de ter filhos como seus próprios pais tinham feito.

— Ricco. —Lúcia Fausti acenou para ele da porta de sua loja, *Tesouros de Lúcia.*

Ricco imediatamente pegou o ritmo. Lúcia era a pessoa perfeita para Mariko encontrar. Não havia ninguém que ele conhecesse mais doce do que Lúcia, além de, possivelmente, sua cunhada, Francesca. Lúcia saiu para a calçada, de mãos dadas com Nicoletta, a adolescente que chegou quando os Ferraro lhe pediram. Lúcia e Amo nem hesitaram. Eles perderam sua filha para o câncer quando a criança tinha três anos. Seu filho foi assassinado quando voltou para casa, depois de ter servido em duas guerras e inúmeros pontos quentes ao redor do mundo, saindo de um teatro em um encontro. Em vez de serem amargo, o casal estava mais perto de ser verdadeiramente maravilhosos seres humanos.

— Lúcia, Nicoletta. Esta é Mariko. —Ele deliberadamente colocou o braço em volta dos ombros de Mariko, querendo que todos os vissem para saber que ela estava sob sua proteção.

— Ricco, muito bom te ver, —Lúcia cumprimentou.

Ele beijou as duas faces dela. Ela sempre estava quente e macia. Uma boa mulher. Ele sorriu para Nicoletta. — E você, *tesouro,* como está? —Ele Inclinou-se para roçar ambas as bochechas com os lábios. Levemente. Certificando-se de não tocá-la em qualquer outro lugar.

Nicoletta respirou fundo, mas não recuou até que ele se endireitou, e quando ele o fez, ela caminhou até a borda da calçada. — Eu estou bem.

Duas palavras, mas pelo menos ela falou. Até aquele momento, Ricco nunca tinha ouvido a adolescente dizer uma única palavra. Ela ainda não olhava em seus olhos, mas sua cabeça estava alta em vez de caída. Seu cabelo era lustroso e grosso, uma linda cor brilhante, tão preto que era quase azul, onde batiam os raios do sol. Ele queria que o mundo soubesse que essa garota também estava sob a proteção dos Ferraros. Eles iriam protegê-la ferozmente de qualquer problema.

— É adorável conhecê-la, minha querida, —disse Lúcia, alcançando as duas mãos de Mariko. Seus olhos estavam vivos com verdadeira felicidade. Ela sorriu de Ricco para Mariko. — Nicoletta *é* um tesouro para meu marido, Amo e eu. Ela simplesmente pegou um trabalho na loja de flores ajudando a Signora Vitale. Seu neto, Bruno precisa de ajuda. A loja está prosperando, mas ele não pode fazer os arranjos e as entregas, e eles perderam seu ajudante.

Ricco suspirou e olhou para a garota, que parecia um pouco desafiadora. Os Ferraros a queriam na escola. A adolescente era extremamente inteligente e

precisava saber disso. Ela não tinha ido a uma escola desde que seus pais haviam morrido e ela foi dada aos seus tios.

Deliberadamente, Ricco virou um pouco as costas para Lúcia, sabendo que se ele desse pistas visuais, seus instintos maternos dariam a resposta para Nicoletta, e isso não era o melhor para a menina. A adolescente precisava de disciplina e treinamento. Ela precisava se recuperar o suficiente para encarar o mundo. O suficiente para ela ter confiança em si mesma para fazer o que fosse necessário para proteger a ela e aqueles que ela amava.

— Nicoletta, eu acredito que você deu sua palavra à minha família que iria para escola. Onde em seu plano, ajudando Lúcia aqui e trabalhando na loja de flores, tem tempo para trabalhar com tutores para alcançar seu grau de educação?

Mariko, provavelmente sentindo o desconforto da menina, se afastou ligeiramente da mão em suas costas, daquela conexão física entre eles. Ele pegou sua mão, envolvendo seus dedos menores e segurando-a ainda, embora ele mantivesse sua atenção na garota mais nova.

— Nicoletta? —Ele insistiu quando ela permaneceu em silêncio, olhando para Lucia para que respondesse por ela. Ele manteve a voz baixa, mas a nota de autoridade não podia ser negada.

— Eu quero trabalhar, —disse Nicoletta, parecendo mais assustada do que nervosa. — Eu não quero ser um fardo para Lúcia e Amo.

— Você nunca poderia ser assim, —disse Lúcia imediatamente. — Nós adoramos ter você. Queremos que você pense em nossa casa como sua para sempre.

Ricco ouviu o anel da verdade em sua voz e, por um momento, perguntou-se se eles haviam cometido um erro terrível. Amo e Lúcia já tinham sofrido tantas

perdas. Se eles começassem a amar Nicoletta e ela não retornasse seus sentimentos e fosse embora imediatamente, ele não sabia como o casal seria capaz de lidar com outra perda.

— Eu sei Lúcia, respondeu Nicoletta imediatamente. — Eu já penso em você e Amo como minha casa, você é tão gentil comigo.

Ouvindo sua voz, não havia dúvida de que ela quisesse dizer todas as palavras, E no fundo, Ricco suspirou aliviado. Lúcia e Amo eram mágicos. O resumo de um casal amoroso que atravessa a vida juntos. Eles eram o casal perfeito para uma adolescente perdida como Nicoletta.

— Eu ainda preciso de uma resposta, *tesouro.* Que você deseja não ser um peso para sua família é admirável, mas não me diz como você planeja manter sua educação. —Ele foi firme. Insistente. Nicoletta precisava de cuidados e manipulação suave, mas também tinha que ter educação. Ela precisava do diploma do ensino médio e tinha que recuperar o atraso. Ela sempre se sentiria inferior aos outros se não o fizesse, e ela tinha bastante trauma para lutar.

Nicoletta tocou uma fenda na calçada, olhando para ela como se pudesse lhe dar respostas. — Estou fazendo quatro horas com um tutor de manhã antes do trabalho, —disse ela em voz baixa. — Depois do trabalho, outras duas horas. Amo disse que também me ajudaria.

— Os tutores foram examinados antes de serem contratados?

— Sua família está fazendo isso agora, —ela murmurou.

Ouviu o ressentimento em sua voz. Ele não podia culpá-la. Ela não podia andar sem tropeçar em um membro de sua família. Guardavam-na com cuidado, sabendo que ela realmente era tesouro.

— É para manter você a salvo, —ele disse gentilmente. Quando ela não respondeu, ele usou o tom de comando. — Nicoletta. Olhe para mim.

Ela ergueu o olhar para ele relutantemente.

— É para sua segurança. Sua, de Amo e Lúcia. Você entende isso, não é?

Ela assentiu cor varrendo sua tez impecável. Ela tinha a pele dos Italianos. Uma garota linda, que ele sabia, daria problemas a sua família.

— O que foi então?

Ela abriu a boca duas vezes, olhou para Mariko e Lúcia, que estavam conversando em voz baixa, tentando claramente não parecer que estivessem espiando.

— Nicoletta, você deve poder conversar conosco. Somos nós que mantemos todos vocês seguros. Precisamos saber o que está acontecendo.

Ela encolheu os ombros. — Você acha que os demônios ainda estão procurando por mim?

Ele se recusou a mentir para ela. — Eu sei que eles estão. Estamos observando-os. Eles não sabem como você desapareceu ou como seus tios morreram. Infelizmente, você chamou a atenção de Benito Valdez, seu presidente, e ele determinou que descobrissem o que aconteceu com você. Eles foram a todos os clubes dizendo que ficarão devendo um favor a quem der informações que levem a você.

Ela engoliu em seco. — Ele é o pior deles.

— Eu sei. Você está segura aqui. Nenhum membro de gangue ou clube entra em nossa jurisdição. Eles estão em Nova York. Você está aqui em Chicago. Eles não têm ideia.

— Eu não quero que tenham uma chance com Amo ou Lúcia. Eles são ... Maravilhosos. —Ela piscou rapidamente e desviou o olhar dele.

— Nós nunca daríamos chance com eles. Os consideramos família.

Ela umedeceu os lábios. — Não sei como seus irmãos me salvaram. Eu não me lembro de muito.

Ela nunca falou sobre a noite em que seus tios morreram, nem com ninguém, nem com seu conselheiro. Eles sabiam, porque Emmanuelle tinha sido designada para permanecer nas sombras apenas para garantir que Nicoletta não cometesse o erro de revelar a ninguém como ela havia sido resgatada. A menina era jovem, desconhecida e traumatizada. Eles haviam assumido um enorme risco em resgatar e entregá-la a membros não familiares, mas ela precisava de cuidados e amor constantes. Lúcia e Amo eram duas pessoas em que a família Ferraro podia confiar para fazer direito pela menina.

Nicoletta podia ter nascido capaz de montar sombras, mas, se ela não fosse treinada, seu corpo seria despedaçado pelo campo de energia quando entrasse. Cavaleiros eram treinados desde que eram crianças. Alguns aprendiam mais tarde na vida, mas nunca eram rápidos nisso. O pai de Ricco não aceitava trabalhos a menos que Eloisa fosse com ele, ele usou as sombras principalmente para visitar suas amantes. Ainda assim, Nicoletta poderia produzir crianças capazes de montar as sombras, e muito poucas podiam fazer isso. Nicoletta era verdadeiramente o *tesouro* que Ricco a chamava.

Não houve som. Nada para avisá-lo. O instinto fez com que ele procurasse por um caminhão que se dirigia diretamente para eles. Alguém gritou quando ele empurrou Mariko para Lúcia e pegou Nicoletta pela cintura. Ele deu vários passos para tentar tirá-los do caminho do caminhão, mas o caminhão se moveu com eles,

o motor rugindo, chegando tão rápido que ele estava certo de que não conseguiriam. Ainda correndo, empurrou Nicoletta para longe dele, incerto se o alvo era ela ou ele, mas ele tinha que deixá-la segura.

Algo bateu no para-brisa com uma precisão mortal, atingindo o lado do motorista, o alto da cabeça. Ricco estava tão perto que pode ver o padrão de aranha no vidro. Sem Nicoletta para impedi-lo, ele saltou para não ser atropelado e manter o foco do motorista nele. Era impossível dizer se o homem estava tentando matar a adolescente ou a ele, mas não era um acidente aleatório.

O motorista girou o voltante, com a intenção de mandá-lo voando. O caminhão quase acertou Nicoletta. Emilio arrastou-a longe dos pneus quando o caminhão deu uma guinada de volta para a rua. Ricco ficou furioso quando o caminhão se lançou violentamente de lado para outro, saltou o meio-fio novamente, bateu em duas árvores plantadas na calçada e saltou para a rua novamente.

Ele estava prestes a pular quando viu uma arma através das rachaduras no para-brisa. O motorista parecia estar tentando empurrá-la para fora da janela lateral, mas, Ricco não podia dizer se ele estava apontando para Nicoletta ou para ele. Ele bateu seu punho repetidamente no para-brisa, a fim de manter a sensação do condutor centrada nele e longe da adolescente.

Carros haviam parado ao ver o caminhão tão fora de controle, mas um foi, diretamente em seu caminho, o atingindo, fazendo-o girar. O impacto sacudiu o corpo de Ricco. A pancada foi como se alguém o tivesse atingido na cabeça com uma marreta.

— Arma, arma, —gritou Enzo quando correu pela calçada, tentando dar um tiro no condutor. — Todo mundo para baixo. Abaixem-se.

Instintivamente, Ricco atravessou o capô e caiu duro na rua. Emilio estava sobre ele em alguns segundos, cobrindo seu corpo com o dele, ele e Enzo retornando os tiros. O sangue se espalhou pelas janelas e assento quando o motorista foi atingido. O caminhão passou a deslizar lentamente. Emilio saltou Ricco e correu para o caminhão, assim que Enzo abriu a porta para conduzi-lo ao meio-fio.

Ricco estava mais lento do que desejava. Ele bateu forte, e seu corpo ainda não estava curado. Sua cabeça doía muito, cada movimento enviando o que parecia cacos de vidro que atravessavam o crânio. Precisou muita disciplina, travar os dentes e simplesmente sentar-se na rua sem desmaiar. O suor alagava sua testa e escorria por seu peito.

Levou alguns minutos para se orientar e entender o que tinha acontecido. Ele conseguiu empurrar Mariko para Lúcia e ambas haviam voado, mas estavam seguras. Ele só podia enviar uma breve oração para que Lúcia não tivesse machucado um quadril ou pior quando bateu no chão. Ele sabia que havia conseguido afastar Nicoletta, mas o motorista disparou vários tiros antes que um de seus irmãos o tivesse parado. Ele não tinha ideia de se alguém tinha sido atingido.

Uma mão fresca varreu seu cabelo para trás. Mariko se agachou ao lado dele, seu corpo entre o dele e a calçada onde a metade da aldeia estava observando. Se alguma coisa lhe disse que ela era uma cavaleira de sombras, essa necessidade instintiva de proteger um colega cavaleiro diria. Seu olhar se moveu sobre o rosto dela, examinando-a por lesões.

— Lúcia?

— Ela está bem. Eu rolei embaixo dela e ela nem bateu na calçada. Nicoletta também está bem. Ele disparou vários tiros na multidão, mas não acertou ninguém, graças a Enzo gritando para que todos se abaixassem. Você pode se levantar? —Enquanto ela lhe forneceu toda a informação pertinente, sua mão secou as gotas de suor.

Ela rolou para evitar que Lúcia batesse no chão. Reflexos rápidos, muito rápidos. Ele a empurrou para deixá-la segura, deliberadamente fazendo a escolha para enviar ambas ao chão para tirá-las do caminho do perigo. Mesmo com um empurrão assim, batendo em Lúcia e caindo, ela teve a presença de espírito para rolar antes de baterem na calçada. Definitivamente, uma cavaleira de sombra. Se ele ainda estava pensando que estava errado sobre ela, o jeito com que ela o estava protegendo dos olhos interessados e seus reflexos surpreendentes disseram tudo.

Ele tinha que se levantar. Não havia escolha. — Eles vieram por Nicoletta? Ou por mim? —ele perguntou. — Você poderia dizer?

— Sinto muito, não. Mas foi deliberado.

Ele deu-lhe um pequeno sorriso. Sua cabeça doía apenas de fazer um pequeno movimento para olhar completamente para ela. Porra, ela era linda. Ele podia olhar para ela para sempre. Ele planejava fazer exatamente isso, e sentar-se em sua bunda no meio da rua não estava ajudando sua causa. Ele respirou fundo, preparou-se e forçou seu corpo a posição de pé. Ondas de náuseas passaram por ele instantaneamente, mas ele ficou em seus pés.

Mariko passou o braço em volta da cintura. — Onde devemos ir? —Ela estava perguntando-lhe para tirá-lo dos olhos do público.

O som das sirenes era alto. A polícia gostaria de questioná-lo. Ele não podia simplesmente sair, não importava o quanto ele quisesse. Ricco endireitou seu

corpo, ignorando os protestos dolorosos. — A delicatessen. Masci's. Eles têm cadeiras e eu preciso me sentar. Francesca estará lá.

Mariko piscou para ele. *Francesca estará lá.* Ela estava ajudando-o, mas ele achava que Francesca poderia fazer um trabalho melhor. Ela era *capaz* de cuidar de seus ferimentos sem que outra mulher interferisse. Ela forçou a mente a se afastar do ciúme. Essa horrível pequena chama de ressentimento não poderia ser chamado de qualquer outra coisa.

Ricco Ferraro não merecia a morte. Qualquer crime que supostamente ele tenha cometido já que estava na lista de alguém, teve que ter circunstâncias extenuantes. Mariko estava entregando justiça aos criminosos desde que ela tinha quatorze anos de idade. Ela conhecia os criminosos e conhecia muito bem.

No momento em que Ricco percebeu que havia um caminhão vindo para eles, ele a empurrou para Lúcia, tirando-a do caminho. Ele teve que se virar pegar Nicoletta, e correr com ela para deixá-la segura. Ele poderia ter salvado a ele mesmo e deixado os outros com o destino deles, mas ele arriscou sua vida para que todas elas ficassem seguras—especialmente a adolescente. Ele colocou-se em perigo.

O motorista estava determinado a matá-los. Ou a um deles. Mariko honestamente, não sabia qual deles. Parecia que a vítima tinha sido Ricco, mas apenas porque tinha ordens para matá-lo. Mesmo após ele ter jogado a menina longe, o caminhão continuou seu curso para esmagá-la. Mariko conseguiu lançar uma pedra no para-brisa para obscurecer a visão do motorista e esperou que o parassem. Ele havia apontado uma arma para fora da janela lateral do lado do motorista, mas era impossível dizer se ele estava atirando em qualquer pessoa em especial.

Ricco movia-se com seu jeito fluido de caminhar, embora pudesse dizer que ele estava realmente machucado. Tinha certeza de que ninguém mais poderia. Emilio e Enzo se posicionaram ao lado deles. Ela manteve o braço firmemente em volta de sua cintura, ajudando a apoiá-lo sem parecer que estivesse.

Ele foi direto para Lúcia e a adolescente, que estavam abraçadas na lateral do edifício. Ele pegou a mão de Lúcia e inclinou-se para beijá-la na bochecha. — Você está bem?

Nicoletta, com os braços em volta de Lúcia, assentiu. — Eu mandei uma mensagem para Amo. Ele está a caminho. Vou levar Lúcia para a delicatessen e pegar algo para beber. Eu já tranquei a loja.

Ela de repente parecia muito adulta, não a adolescente jovem e incerta a que Mariko tinha sido apresentada. Ela se transformou de alguma forma, pela crise, mas parecia assustada e resignada. Parecia uma garota caçada—e assombrada—ainda de pé agora que qualquer que fosse o problema a encontrara.

— Nicoletta.

A voz de Ricco foi tão gentil que virou o coração de Mariko.

— Nós ainda não sabemos o que foi isso. Nós vamos esperar e ver antes de saltar para as conclusões. Nós também estamos indo para a delicatessen, então vamos andar com vocês. Emilio e Enzo estão conosco, e minha família estará aqui a qualquer momento.

Assim como a polícia. As sirenes estavam mais altas do que nunca, e claramente isso também deixava Nicoletta nervosa. Ainda assim, as mãos da menina em Lúcia estavam firmes e ela assentiu, virando a mulher mais velha em direção à delicatessen. Ricco e Mariko caminharam atrás delas e, quando o fizeram, Mariko pode ver pela primeira vez as sombras da adolescente. Ela jogava

tubos, tubos que procuravam conexões com outras sombras. Sua respiração pegou sua garganta. A menina era mais um mistério do que nunca. Claramente, ela era uma cavaleira de sombras.

Ricco caminhou, fazendo todos os esforços para não se apoiar nela, mas manteve o braço dela firmemente em volta de sua cintura, encaixando-a debaixo do ombro quando ela nunca teria andado tão intimamente com um homem. Curiosamente, ela não se importou. Na verdade, ela gostou de pensar nele como dela para cuidar e temia chegar à delicatessen onde Francesca assumiria o controle. Ela se perguntou por que ele tinha que procurar um modelo de corda se ele tinha Francesca.

No íntimo, ela sabia que Ricco não gostaria que ela lhe perguntasse se ele estava bem. Ambos sabiam que ele não estava e ele não gostaria de reconhecer a verdade, ou que alguém mais soubesse. Ela estava ciente de que ele ainda estava se recuperando.

Olhando para ele, seus traços bonitos e robustos, não se podia dizer que um único passo era uma agonia, mas ela podia. Ela estava ligada a ele através das sombras e sentia sua dor. Ele estava estoico, como todos os cavaleiros de sombra haviam sido ensinados a ser, mas ela não gostou que ele estivesse tão exposto. Fora, em aberto. Todos os olhos pareciam estar sobre ele.

Ela sabia a impressão que estavam dando aos observadores. Ela parecia ser sua namorada atual, algo que não se adaptava bem a ela. Ela não gostava da ideia de ser uma entre tantas. Suas mulheres nunca duraram muito, não mais de uma noite, e a ideia de que os paparazzi conseguiriam tirar uma foto sua com ele era desagradável. Ainda assim, ela não podia soltá-lo nem se afastar.

— Obrigado.

Ele disse as palavras com tanta suavidade que ela quase não ouviu. Ela olhou para ele e encontrou os olhos fixos em seu rosto. Ele sabia o que estava sentindo. Enquanto estava crescendo, ninguém podia lê-la, nem mesmo seu amado irmão. Ela colocava uma máscara serena no lugar apesar de cada humilhação, cada batida. Ela esfregava os pisos e treinava mais do que todos os cavaleiros do sexo masculino, indiferente a dor e nunca permitindo que ninguém visse o quanto ela doía. Ela tinha mais prática do que qualquer outro cavaleiro que conhecesse em esconder o como ela se sentia, mas Ricco a lia.

— Você é bem-vindo. —O que mais havia para dizer?

Uma mulher bonita com pele impecável, italiana, com curvas generosas e uma boa quantidade de cabelos negros abriu a porta da delicatessen. Instintivamente, Mariko soube que era Francesca. Francesca colocou os braços em volta de Lúcia e puxou a mulher mais velha e a adolescente para dentro da loja, mas seus olhos estavam em Ricco, avaliando-lhe o dano. Mariko sabia que parecia ruim. Suas roupas estavam rasgadas e sangrentas de cair do capô do caminhão para a rua.

— Sem feridas de bala, *cara,* —Ricco assegurou-lhe. — Parece pior do que é.

Isso era mentira. Certamente ela não iria acreditar nele, mas Mariko podia ver o alívio em seus olhos enquanto ela se afastava para ajudar Nicoletta com Lúcia. Ricco não soltou Mariko. Inclusive, ele se agarrou a ela com mais força. Seu toque parecia possessivo, embora o que tinha mudado, ela não sabia.

— Sr. Ferraro. —Um homem mais baixo, claramente o dono da delicatessen, correu para eles. — Está tudo bem? O que eu posso fazer? O que você precisa?

— É Ricco, Pietro, —ele corrigiu e puxou uma cadeira para Mariko.

Ela tinha medo de soltá-lo, mas ele estava parado, com o rosto um pouco pálido. Havia gotas de suor em sua testa, mas sabia que qualquer um que visse diria que era do passeio selvagem no capô do caminhão.

Pietro ergueu a cabeça e observou ansiosamente enquanto Ricco sentava-se à mesa com Lúcia e Nicoletta.

— Agradeceríamos muito tanta privacidade quanto possível, Pietro, disse ele. — A polícia virá fazer perguntas em breve. Eu imagino que minha família também virá. Emilio e Enzo devem conversar com os policiais. Eu mandei um texto para o nosso advogado e ele logo estará aqui. Nós pagaremos a você pelas perdas nos negócios, é claro.

Pietro acenou sua mão para descartar tal coisa, mas Mariko sabia que a família Ferraro insistiria. Pietro também sabia disso. Ele correu para a porta e trancou-a, colocando o aviso de fechado e correu para trás do balcão. Francesca voltou dos fundos com uma esponja e uma toalha. Ricco pegou-os e apenas os segurou.

— Lúcia, devo chamar o médico para vê-la? —Ele perguntou.

— Não, não, estou apenas abalada. Eu pensei que perderia Nicoletta, e não posso perder outro filho. —Ela se agarrou a adolescente. — Amo e eu já pensamos nela como família. —Ela se inclinou para Nicoletta fortemente.

A menina envolveu seu braço em torno da mulher mais velha. — Você não vai me perder. Você viu Ricco? Ele se moveu como um raio. —A adolescente conseguiu dar uma risada sem graça, e Lúcia respondeu com um sorriso, dando-lhe um beijo.

— Mariko, você bateu no chão com força. Você precisa de um médico? — Lúcia perguntou.

— Obrigado. —acrescentou Nicoletta, olhando para Mariko pela primeira vez. — Lúcia me contou que você a salvou do caminhão, e de uma queda muito ruim.

— Na verdade, Ricco nos salvou do caminhão, —corrigiu Mariko. — Ele me empurrou para Lúcia com força suficiente para que nós duas fossemos desviadas do caminho. Ele fez isso antes de agarrá-la e correr.

Um homem emergiu do corredor atrás de Pietro. Ela sabia imediatamente que era um Ferraro. Ele se afastou de trás do balcão, começou a olhar para Ricco, olhando o sangue, as roupas rasgadas e as gotas de suor, depois seguiu para Nicoletta, Lúcia e finalmente para ela. Ele era tão intimidante quanto Ricco. Ele parecia mais novo, mas não menos letal.

— Ricco? —Uma palavra. Ele injetou mais nesse nome único do que qualquer um poderia imaginar.

— Estou bem, Giovanni. Esta é Mariko. Ela cuidou de Lúcia para mim.

Ela tirou o pano molhado da mão dele, muito irritada com a *querida* Francesca que não se preocupou em tentar limpar as feridas. Seria uma maravilha se ele não tivesse uma infecção. Ela olhou para ele quando ele tentou se afastar. Com o choque, ele permitiu que ela limpasse o sangue e o suor em seu rosto.

— Mariko, —Giovanni disse.

Ela estava começando a pensar que dizer apenas um nome era uma linguagem em si mesma, ela simplesmente não conhecia a família o suficiente para saber o que as inflexões significavam. Ela assentiu, notando que Giovanni se inclinou para beijar a bochecha de Francesca primeiro e, em seguida, Lúcia e Nicoletta. Nicoletta ficou rígida, mas não se afastou.

Giovanni pegou uma cadeira ao redor e empurrou-a, sentando em frente ao irmão. — Foi deliberado?

Nicoletta fez um pequeno som de angústia e, instantaneamente, Francesca e Lúcia a rodearam com um braço. Mariko desejava saber onde a garota se encaixava, o que aconteceu com ela, e por que alguém poderia estar atrás dela.

— Sim. —A voz de Ricco estava cortada. — Mas nós não sabemos para quem. Parecia que eles estavam tentando tanto para Nicoletta quanto para mim, mas também poderia ter sido para Mariko.

— Ou Lúcia, —disse Nicoletta, com a voz baixa.

Mariko estava ciente de outro irmão. Ele emergiu por trás deles, onde as sombras mais profundas estavam.

— Besteira, —disse o recém-chegado. — Ninguém jamais quis prejudicar Lúcia, eles iriam *amore?* Bem, não a menos que você roubasse o homem de outra mulher. Ou fugisse com um dos seus dez mil admiradores.

— Taviano, —Lúcia disse suavemente. — Você sabe se Amo me jogar fora, vou correr para a família Ferraro. Nenhum outro homem pode comparar.

Taviano se abaixou para dar um beijo em sua bochecha, tocou a parte superior da cabeça de Nicoletta e abraçou Francesca. — Em que problema você está agora, Ricco?

Mariko percebeu que Nicoletta evitou o olhar de Taviano, como fez com Ricco e Giovanni. Taviano sorriu para Mariko. — Eu sou Taviano, —ele anunciou. — Um dos muitos irmãos de Ricco.

— Mariko, —disse ela, concentrando-se em tirar o sangue da cabeça de Ricco. Ele bateu o lado dela bastante forte. O asfalto tinha triturado seu terno e uma parte de sua coxa. O sangue percorria o tecido. Ele inspirou quando ela colocou o pano

sobre a carne rasgada do braço. — Ricco, não acho que você precise de pontos, é principalmente superficial, embora haja um par de lugares em que são profundos.

— Está bem, —ele disse abruptamente e se afastou dela.

Ela soube imediatamente que ele estava envergonhado na frente de seus irmãos e das outras mulheres. Ele não queria que eles soubessem que ele estava machucado, embora como ele pudesse cair na rua assim e não se machucar, especialmente depois do acidente de carro, ela não podia ver.

— Não seja um idiota, Ricco, —disse Giovanni.

— Eu não estou sendo um idiota, —ele se opôs. Ele tirou o pano dela e jogou-o sobre a mesa. — Estou sendo corajoso. Você não pode dizer a diferença?

Ele disse isso de maneira direta e era tudo o que Mariko pode fazer foi evitar o riso.

— Amo está na porta, Pietro, —disse Francesca, já se apressando para permitir que o marido de Lúcia entrasse. — Vinci está com ele.

— Nosso advogado, —Ricco disse a Mariko. Ele pegou sua mão, curvando a mão dela e colocando-a no peito enquanto se inclinava para ela. — Desculpe por ser um idiota. Às vezes eu sou, mas vou tentar não ser.

Giovanni resmungou em escárnio. — As vezes? Não acredite em uma merda do que ele diz, Mariko. É o tempo *todo*.

Ela podia ouvir o carinho em suas vozes. Eles a incluíram em seu círculo, e isso a fez sentir-se envergonhada. Ela deveria ter puxado a mão da de Ricco, mas disse a si mesma que não queria constrangê-lo. Se ela fosse estritamente honesta consigo mesma, não tinha nada a ver com isso, mas ela ainda não podia continuar.

Quando Vinci e Amo entraram pela porta da frente, mais dois homens vieram pela parte de trás da loja. Mariko soube imediatamente que eles também eram

irmãos de Ricco e um deles era definitivamente Stefano Ferraro, chefe da família Ferraro. A família era lendária em todo o mundo, conhecida por outros cavaleiros, respeitada e admirada. Ele entrou seu olhar absorvendo tudo, o menor detalhe, mas principalmente centrado em seu irmão, observando cada detalhe, cada queimadura de asfalto, sua cor e respiração.

Ela teve a necessidade mais estranha, quase uma compulsão, para proteger Ricco do escrutínio do irmão. De todos eles. Ela sentiu que ele detestava parecer fraco em frente a qualquer um, mas especialmente a sua família. Ele não relaxou, até tornou-se muito mais tenso. Ela se aproximou dele, não entendendo porque precisava protegê-lo, mas determinada a fazê-lo da mesma forma.

De trás, uma mulher correu para a sala. Ela estava vestida com o mesmo terno listrado que seus irmãos, e não havia confusão, ela era Emmanuelle Ferraro. Ela era absolutamente linda com seus olhos azuis, seus cabelos escuros e grossos. — Ricco! —Ela correu até ele e jogou os braços ao seu redor, praticamente arrastando-o para fora da cadeira. Havia lágrimas genuínas nos olhos dela.

— Estou bem, Emmanuelle. Um caminhão pequeno não pode me machucar, —ele assegurou.

— Não, mas a queda e seu carro entrando em uma parede podem, —ela objetou. Ela o abraçou de novo.

Mariko queria dizer a ela que apenas tocá-lo tinha que machucá-lo, mas ficou em silêncio, perguntando-se qual tinha sido a última vez que ela abraçou o irmão. Ela já tinha mostrado o amor que sentia? Disse a ele? Ela deixou Osamu Saito acabar com toda alegria nela, cada pedaço de personalidade. Enquanto cresceu, ela passou através da vida em silêncio, na esperança de não ser notada, com medo de chamar a atenção para ela mesma.

Ela era grande. Desajeitada. Feia. Ela trouxe vergonha para sua família com seus olhos americanos e sua paixão indisciplinada, o que claramente significava que ela seguia os passos da prostituta que era sua mãe.

Ela estava cercada por Ferraros. Eles eram cavaleiros de sombra. Americanos. Sua reputação era impecável. Não eram considerados indisciplinados, eram quase reverenciados. Eles demonstravam carinho um pelo outro, preocupação. Estava claro que eles se amavam. Ela não podia imaginar que eles ficassem muito tempo sem expressar esse amor. Ela amava seu irmão—*amava-o* com tudo nela—mas não conseguia se lembrar de lhe dizer, não desde que eles eram muito pequenos e ela sussurrava, com medo de ser ouvida.

De repente, ela mal podia respirar. Ela sempre estava calma, mas agora, em face ao conhecimento de que ela poderia nunca encontrar seu irmão, nunca ser capaz de dizer-lhe que se importava, não podia respirar. Não conseguia encontrar uma maneira de puxar o ar. Ela não estava sendo justa com Ricco, pensando em matá-lo quando ela sabia que nunca o faria. Ele era um homem muito bom. Mas ela tinha vindo com a vaga ideia de que poderia, e agora ela estava usando-o para se esconder enquanto pensava no próximo passo. Isso também não era justo.

Ela tentou viver uma vida honrada, mas a noite passada ela praticamente tinha se tornado aquela pessoa que Osamu Saito tinha batido em sua cabeça noite e dia—aquela pessoa que ela sempre disse a si mesma que não era e nunca poderia ser. Sua garganta fechou e parecia impossível achar ar. Ao redor dela, a conversa continuava, os irmãos se asseguravam de que Ricco, Lúcia e Nicoletta estavam bem. Agradeceram também a Emilio e Enzo.

Ela se sentiu uma fraude. Uma fraude terrível. Se todos soubessem que ela tinha vindo matar Ricco Ferraro, e que estava disposta a prejudicar um cavaleiro

de sombra, nenhum deles quereria se sentar na mesma sala que ela. Ela tinha que ir. Ela sabia que a polícia estava chegando para questionar todos, ela ouviu o advogado assegurando-lhes que as câmeras na rua teriam pego a ação. Ainda assim, ela não podia ficar. Ela tinha que sair.

Ela fez um pequeno movimento, uma simples mexida de seus pés. Ricco recostou-se em sua cadeira e envolveu seu braço ao redor dela, aproximando-a dele. Ao mesmo tempo, sua cabeça girou até que sua boca estivesse perto de sua orelha.

— Fique comigo, Mariko. Eu quero que você fique.

6

Fique *comigo, Mariko. Eu quero que você fique.* Isso é tudo Ricco havia dito. Naquela voz. Aquela que sussurrava sobre sua pele e penetrava em seus poros para afogá-la nele. Em sua vontade. Ele deixou a ela, a escolha. Mas então, ela estava começando a entender, com Ricco Ferraro, ela tinha muito pouca vontade própria. Uma vez que ele lhe disse que queria que ela ficasse, ela estava perdida na maravilha disso. Ninguém nunca a tinha desejado. Ninguém. Às vezes, nem mesmo o irmão que ela amou com tudo nela. Osamu fez o seu melhor para enfiar

uma cunha entre eles enquanto eles cresceram até o ponto em que Mariko não estava segura que Ryuu a quisesse por perto.

Ela caminhou ao redor do belo quarto que Ricco lhe deu para usar. Ela nunca teve muito espaço. Ela pensou que se intimidaria, mas ela se achou gostando. Ela especialmente adorou as portas francesas que se abriam em um lindo jardim. A polícia tinha questionado todos eles pelo que pareceu horas. O ar de consolo vindo desta sala tinha sido calmante depois de tudo o que tinha acontecido.

Ela poderia dizer que Ricco estava exausto, mas ninguém mais parecia notar, exceto um—seu irmão mais velho. A polícia questionou todos até que o advogado dos Ferraro se opusesse. Eles apresentaram uma frente unida sempre, e mantiveram Lúcia, Amo e especialmente Nicoletta em seu centro, cercando-os com força. Vinci deixou claro à polícia que eles não deviam questionar ninguém sem que ele estivesse presente.

Ela achou estranho que os pais de Ricco não tivessem aparecido quando todos os outros tinham, mas em todas as conversas, ela nunca ouviu seus pais mencionarem qualquer um deles. Ela sabia que eles estavam vivos, ela havia pesquisado a família completamente—embora tivesse perdido a conexão de Francesca. Seu relacionamento com Stefano era novo.

Ela teria que contar a Ricco a verdade. Não havia outra opção. Isso Era o certo. Ela não queria ver a condenação em seus olhos, mas ela tinha que avisá-lo. Todos pensaram que havia uma possibilidade que o caminhão estivesse atrás de Nicoletta, mas ela sabia mais. Ela sabia que havia uma ordem em Ricco e ela não era a única assassina enviada. Ela perderia tudo. Ela o perderia. A família dele. Esse lugar. Seu esconderijo. Sobretudo, ela perderia um muito importante aliado.

Ela tinha que encontrar Ryuu antes que fosse tarde demais. Ela tinha recebido três semanas para Matar Ricco ou Ryuu era um homem morto. Ela não sabia quem estava com ele ou porque eles queriam Ricco Ferraro morto, mas sabia, mesmo que ela o matasse quem estivesse com seu irmão não tinha motivo para mantê-lo vivo. Agora ela poderia exigir uma prova de vida sempre que a chamavam, mas uma vez que o cavaleiro de sombra estivesse morto, eles matariam Ryuu. Ela tinha um lugar para ficar na casa de Ricco. Uma base para trabalhar. Se ela estivesse limpa, havia uma possibilidade de ele ajudá-la. Mas provavelmente, ele a jogasse fora.

Ela abriu as portas francesas e olhou para fora. Era uma noite gostosa, a brisa movendo as folhas e os ramos ao redor, lançando sombras pelo chão. Algo se moveu na extremidade do jardim e ela deu vários passos para obter uma melhor visão. Imediatamente sua sombra se conectou com as outras e correu para aquelas mais distantes.

Ela reconheceu Ricco antes de vê-lo. A conexão entre eles tinha crescido—tão forte que quando suas sombras se tocavam, enviavam uma onda de calor por ela. Ele levantou a cabeça e a viu imediatamente ... Ou ele soube o momento em que ela abriu a porta e entrou no pátio? Isso era o mais provável. Ela não sentiu nenhuma surpresa nele.

— O que você está fazendo, Ricco? Eu pensei que você tinha ido se deitar um pouco. —Pelo menos, sua voz era agradável. Esse era um atributo a seu favor.

Ela nunca foi exatamente desejável no Japão. Ela se sobressaiu sobre as mulheres lá—e alguns dos homens—mas ela sempre teve uma voz melódica. Osamu Saito também desprezava isso sobre ela, dizendo que ela tentava usar sua voz para seduzir os homens. Tinha medo de falar, para não despertar raiva em

Osamu. Os espancamentos eram difíceis. Ela descobriu que tinha um temperamento, e queria tomar a vassoura das mãos de Osamu e dar a ela um gosto do próprio remédio. Ela não tinha, é claro, porque ela poderia ter sido banida de cavalgar as sombras e isso era tudo o que ela tinha, mas mais ainda, ela tinha feito um acordo com Osamu para evitar que ela batesse em Ryuu.

— Eu descansei por um tempo. Fico feliz que você esteja acordada. Estou com vontade de trabalhar. —A voz de Ricco saiu das sombras, baixa e intensa. Sexy.

Seu coração empurrou forte em seu peito. Os dedos do medo deslizaram pela espinha. Ela pediu para ser sua modelo, ao seu alcance a qualquer hora, dia ou noite nos próximos meses. Ela tinha feito isso. Dado a sua palavra. Assinou um contrato. Sua palavra sempre tinha sido ouro. Ela nunca voltaria atrás se pudesse administrá-lo. O medo não era problema—ela poderia lidar com os nervos. Era a excitação que mais a assustava. A emoção desconhecida era muito forte. Muito carente. Além disso, tudo o que ela não estava preparada para lidar.

— O que você quer que eu faça?

— Prepare-se. Se hidrate, use o banheiro, vista um macacão das coisas penduradas em seu armário, sem roupa de baixo, por favor. Vou tirar algumas fotografias porque, mesmo que eu não as use para o livro, quero documentar sua jornada para você e esta primeira sessão é importante. Em outras sessões, teremos um maquiador aqui, mas esta é apenas para nós. Eu, para me livrar de um nervosismo que sempre significa que eu preciso trabalhar com a arte de corda ou eu vou fazer algo louco, e você, para perceber que eu nunca machucaria você, e você está sempre a salvo comigo.

— Algo louco? —Ela teve que perguntar.

— Eu posso ser um viciado em adrenalina. Carros velozes. Escalada. Saltar de aviões.

Mulheres rápidas—mas ela não iria até lá. Ela não podia. Ela tinha que ficar o mais próximo possível de seu plano. Esta poderia ser a primeira e a última sessão. Algumas coisas? Quando elas foram colocadas em seu armário? Ela trancava suas portas.

Sem dizer uma palavra, ela se virou e voltou para dentro. Ela precisava manter a respiração sob controle. Seu batimento cardíaco era selvagem, um tambor que não pararia. Não era medo de ser amarrada e vulnerável como deveria ter sido. Havia alguma apreensão, mas Ricco não era um homem de forçar uma mulher a fazer qualquer coisa. Ele não precisaria. Uma mulher iria querer fazer qualquer coisa que ele pedisse a ela.

Ela atravessou seu quarto até o armário, abrindo as portas duplas. Ela tinha trazido muito poucas roupas, mas agora havia várias peças embaladas, jeans, blusas, e três macacões, tudo em seu tamanho. Também havia lingerie que parecia adequada. Ela teve que fornecer suas características na ficha. Isso incluía sua altura, peso e tamanho de roupas.

Ela se virou e olhou para a cômoda. Era alta e lindamente ornamentada. Lentamente, ela se aproximou e puxou uma gaveta. Deveriam estar vazias, mas não estavam.

Mariko levantou a lingerie alinhada na gaveta. A cômoda era feita de cedro e cheirava deciciosamente. A calcinha era de renda fina, cobrindo a frente—mal—mas deixando as nádegas de fora. Respirou profundamente e pegou o sutiã combinando. Como mulher, ela deveria ter a coragem de usar tais coisas. Ela devia ter orgulho de seu corpo, não importava o tipo e caminhar com confiança, mas

sentia vergonha. Tinha tomado cada grama da disciplina que tinha se forçar a sempre caminhar com a cabeça erguida e os ombros em linha reta sempre—mas ela tinha feito isso.

Coragem e disciplina. Coragem estava em ter medo e fazer a tarefa de qualquer forma. Ela queria isso por si mesma. Ela disse a si mesma que estava fazendo isso para chegar perto de Ricco Ferraro, mas ela o havia pesquisado com muito cuidado e até ela pôde ver, mesmo antes de conhecê-lo, que era um bom homem. Selvagem. Um viciado em adrenalina, assim como ele admitiu. Não era uma boa aposta para marido—nunca—mas um bom homem.

Ela caminhou até o espelho e olhou para si mesma. Seu pai, de acordo com Osamu, tinha sido japonês, sua mãe americana. O irmão parecia japonês. Ela não se parecia nada com eles. Com qualquer um deles. Ela estava acostumada a ser ridicularizada, ignorada, espancada e zombada. Ela não entendia por que parecer diferente tinha garantido tudo isso.

Ela tocou sua pele pálida com os dedos trêmulos. Sua juba loira era um legado de sua mãe. Ela tinha grandes olhos castanhos, com longos cílios, e uma boca com cheios lábios vermelhos. Seu nariz era reto e ela tinha uma boa estrutura óssea—isso foi o que deixou sua mãe tão fotogênica.

Onde sua mãe tinha 1,75m, ela só conseguiu chegar a 1,65m. Era irritante estar no meio. Não baixa, não magra, não alta, não gorda e não modelo. Ela se sentia grande ao lado das pequenas mulheres que se moviam silenciosamente através da casa no Japão. Ela sempre parecia muito grande para tudo.

Ela sabia que ela iria morrer e esse conhecimento a fazia perguntar sobre sua vida, a família que ela nunca teve. Até o amor dela pelo irmão. À medida que cresciam Osamu, por sua vez, o amava e odiava. Ele tinha ficado confuso. Osamu

disse que o corpo torto de Ryuu era culpa de Mariko. Ele acusava Mariko por sua incapacidade de montar as sombras. Ryuu as vezes ficava ao lado da irmã, mas, ao crescer, mais e mais, ele tentou que Osamu o amasse, muitas vezes indo contra Mariko para provar a Osamu que era leal a ela.

Valia a pena morrer por ele? A resposta era sim. Ryuu era sua única família. E ela o amava com tudo nela. Não importava se esse amor não fosse retribuído a cada momento do dia, estava em seu coração—e no dele. Ele era a única família dela e a única pessoa que ela tinha no mundo. Ela não poderia viver com ela mesma se não tentasse salvá-lo. Por outro lado, ela não poderia assassinar um bom homem para negociar a vida de seu irmão.

E isso a levou a esse momento. Ela precisava saber que tinha feito pelo menos uma das coisas importantes para ela. Ela queria se sentir bonita. Só uma vez. Por um momento. Desde o momento em que Osamu lhe mostrou os livros com a mãe como uma modelo de corda, que retratava todos os tipos de arte de corda, da simples a escravidão e suspensão, ela estudou essa arte. Ela conhecia a história. Ela tinha ido às apresentações. Ela se viu atraída pelos vários mestres de corda e como eles tratavam suas modelos— como se sua parceira fosse a única pessoa em seu mundo. As provocações de Osamu tinham saído pela culatra. Apenas uma vez, mesmo que não fosse real, queria sentir como se um homem visse apenas a ela. Ninguém mais. Nesses momentos, ela seria o mundo dele. A tela de pintura dele. Ele veria beleza nela.

Ela começou a remover suas roupas na frente do espelho. Ela não tinha o corpo esbelto e bonito que as outras mulheres de sua casa tinham. Ela era toda curvas. Peitos firmes e fartos, quadris largos e curvas; Ela até tinha bunda. Quantas vezes, Osamu riu de sua bunda, dizendo que poderiam servir chá nela. Por um

momento, desafiante, ela considerou ir a Ricco em um sutiã e aquela calcinha indecente, mas não podia se obrigar a fazer isso. Era ruim o suficiente ir sem calças, mesmo coberta pela coisa de uma peça que ele queria que ela usasse. Havia três—vermelho, preto e branco.

Mariko se forçou a puxar o preto. Era apertada, quase translúcida, a renda esticada em todas as curvas e enfatizando a caixa torácica e a cintura mais estreita. Ela mal podia olhar para si mesma nele. Mostrava cada falha que ela tinha, e todo seu corpo. Ela quase o despiu e afundou no chão em um dilúvio de lágrimas, mas isso não era permitido em seu mundo. Ela respirou fundo e forçou-se a continuar.

Ela estava muito consciente do passar do tempo. Ricco disse que não tinham muito tempo. O que isso significava? Ele não ligou para ela ou tentou apressá-la a nada. Ela usou o banheiro e passou algum tempo em sua maquiagem. Ela tinha aprendido com outra cavaleira da sombra, uma jovem garota de dezesseis anos da Inglaterra. A garota a tinha ensinado em segredo, porque se Osamu a tivesse encontrado maquiada, teria sido um inferno para pagar.

Novamente, ela se encarou no espelho, com medo de se mover. Seu desejo era correr. Simplesmente desaparecer na noite. Nunca ver Ricco ou sua família novamente. Nunca pensar sobre este momento de terror total. Ela estava atraída por ele e não queria que ele a visse tão fraca ou feia. Ela não queria que ele soubesse que ela tinha vindo pensando em matá-lo. Ela tinha tantos segredos para ocultar.

Seria tão fácil sair, mas não podia deixar passar esse momento em sua vida. Enfrentar-se. Ela queria a verdade. Ela estava procurando a verdade de seu passado, A verdade sobre si mesma. Endireitando os ombros, cabeça para cima, ela se afastou do espelho. Ela era uma das melhores cavaleiras do Japão. Ela sabia que era e tinha confiança de que poderia matar um homem.

Ela poderia encontrar confiança para olhar para sua própria alma? Ser mulher e se *sentir* como uma mulher apenas uma vez? Ela escolheu esse caminho porque sua mãe tinha achado que a arte era bonita. Ao estudar a história e aprender sobre cada disciplina de cordas, ela havia encontrado beleza nelas. Ela queria ser uma parte disso antes de morrer. Ela se tornaria parte de ambos, a história e a cultura de seu pai e de sua mãe. Ela adorava essa ideia. Ela só tinha que encontrar a coragem para fazê-lo.

Ricco estava esperando no estúdio. As luzes estavam apagadas, o que a surpreendeu, E havia música tocando, algo suave e fácil. O quarto, como todos os quartos em sua casa, era espaçoso. Os espelhos iam do chão ao teto em uma parede. As câmeras estavam em estojos e havia um armário aberto cheio de adereços. O coração dela acelerou quando viu as roldanas no teto o que lhe dizia que talvez ele desejasse suspendê-la.

Ele estava de costas para ela, suas mãos se moviam sobre os rolos de corda na parede. Havia todos os tipos e em várias cores e ele parecia absorver as texturas de cada uma, enquanto sua mão se movia sobre os feixes. Ela ficou hipnotizada pelo jeito que ele as tocava, quase uma carícia que ela podia sentir em sua própria pele. Havia mais cordas lá do que no quarto dele.

Ela estremeceu e esfregou os braços, desejando poder esconder seus peitos e a forma como seus mamilos empurraram contra o tecido grudado a pele. Não estava frio, embora o estúdio estivesse fresco. Seu corpo tinha reagido à maneira como ele passava a palma das mãos sobre as cordas. Ela prendeu a respiração quando ele se virou, olhando seus olhos, precisando ver expressão, com medo que fosse de nojo e ela fosse humilhada mais uma vez. Ela se preparou. Ela estava acostumada a humilhação. Ela podia lidar com isso. *Mas não dele.*

Os olhos dela encontraram os dele quando o pensamento correu por sua mente. Por um momento, a máscara dele escorregou e ela viu seus olhos escurecerem de desejo. Cada linha de seu rosto estava gravada com uma sensualidade que mantinha a respiração dela presa no fundo de seus pulmões. Ninguém nunca tinha olhado para ela assim em sua vida. Em seguida, a máscara estava de volta ao lugar e ele estava vindo para ela. Como um grande e fluido gato da selva.

Ela observou-o vir para ela, os músculos ondulando sob sua força. O tecido esticando-se sobre o peito para que ela pudesse ver os músculos definidos enquanto ele se aproximava dela. Ele parecia totalmente confiante. Os arranhões nos braços e no rosto não prejudicavam a boa aparência. Em qualquer caso, ele parecia mais duro.

— Você está perfeita, Mariko, —ele cumprimentou. — Absolutamente linda.

Sem repreensão por estar atrasada. Por ter demorado seu tempo. Por quase fugir. Ficou envergonhada por ter considerado essa ideia, apenas abrir as portas francesas e desaparecer na noite. Ele a circundou, o calor do corpo se aproximando. Envolvendo-a. Seu perfume a volta dela.

— Você está nervosa.

Aquela voz. Ela adorava o quão baixo e íntimo seu tom poderia ser. Comandante. Ela era forte. Ela precisava de alguém mais forte. — Sim. —Ele tinha feito uma declaração, assim como ele havia dito que ela era linda, como se ela soubesse e ele estava reconhecendo isso. Como se fosse verdade. Ela ouviu o anel de honestidade em sua voz, mas ele tinha batido a cabeça várias vezes.

— Está certa em estar nervosa, Mariko. Você está entrando em uma jornada sensível e artística.

Ele se moveu atrás dela e tocou seu ombro. Ela pulou e imediatamente sentiu vergonha. — Eu sinto muito.

— Não se arrependa. Fale comigo. A comunicação é muito importante entre nós, em todos os momentos. —Ele inclinou a cabeça quando ergueu o cabelo da parte de trás do pescoço. — Por exemplo, acho seu pescoço incrivelmente sexy. Você parece vulnerável e sensual com o cabelo erguido. Assim, você parece selvagem e bonita. Assim como sensual, mas de uma maneira totalmente diferente.

Ela fechou os olhos enquanto a respiração dele tocava sua nuca. Tão quente. Tão, masculino. Ele fez com que ela ficasse ciente de cada célula em seu corpo, porque cada uma ficava em alerta quando ele estava perto. Ela era uma cavaleira e treinava todos os aspectos da guerra, de envolver um inimigo, derrotando-o. Ela conhecia anatomia, sabia cada ponto de pressão. Ela sabia o ângulo exato que alguém precisava usar para quebrar um pescoço.

Ela não tinha absolutamente nenhum conhecimento sobre o que ele estava fazendo com ela ou como ele podia despertá-la apenas com sua voz e um gesto tão pequeno quanto o de passar seus dedos no corpo dela. Ele tocou levemente seu ombro, levantou o cabelo, falou naquela voz baixa e convincente, e seu corpo ficou excitado. Sua respiração veio mole, ofegante, irregular. Ele não podia deixar de notar, ele era muito atento ao corpo humano—especialmente ao de uma mulher.

— Eu quero fazer um exercício de respiração com você, mas vou tocar seu corpo. Você precisa se acostumar com minhas mãos e eu preciso saber como você respira, eu nunca a restringirei quando estamos juntos. Toda vez que você estiver desconfortável, você precisa dizer. Eu tenho que confiar que você vai comunicar o que está sentindo o tempo todo. Se eu colocar uma corda incorretamente e isso te machucar, eu tenho que saber.

Ele ainda estava atrás dela, sua boca contra a nuca, os lábios fazendo pequenas carícias com cada palavra que dizia. A voz, tão baixa e de veludo macio, passava sobre a pele assim como os lábios, até ela não poder separar as duas sensações. Seus seios doíam com necessidade e ela estava umedecida entre as pernas.

— Mariko. —Sua voz era gentil. — Eu preciso saber que você está bem comigo tocando você intimamente.

O jeito como ele dizia *intimamente,* era íntimo. Ela queria gemer e a boca dela tinha ficado seca de repente. Ela não só queria que ele a tocasse, ela precisava que ele o fizesse. Ela engoliu em seco e assentiu com a cabeça. Levemente. Uma nua afirmação com a cabeça porque era tudo o que conseguia. Ele não se moveu. Ele não deixou cair o cabelo no lugar. Ele ficou atrás dela, seu corpo muito perto do dela, mas sem tocar mais do que com a mão e a respiração. Ele simplesmente esperou.

— Sim. Está tudo bem. —Ela precisava de seu toque mais do que precisava respirar. Como ela conseguiria dar o que ele precisava para continuar, ela não sabia. Pela primeira vez em sua vida, sentiu-se fraca. Necessitada. No entanto, ao mesmo tempo, ela se sentia atraente. Ela estava ciente de si mesma como mulher, muito feminina, quando sempre se sentia masculina. Ele tinha dado isso a ela, e ela seria sempre grata.

Seus dedos se enrolaram em torno do bíceps do braço direito. Seu toque era firme. Possessivo. Mantendo-a lá. — Eu vou colocar minha mão na sua parte superior de seu peito. Eu quero que você apenas respire normalmente. Sinta minha respiração entrando e saindo com a sua. Apenas deixe-se sentir essas sensações, Mariko.

Ele colocou a palma da mão suavemente sobre ela, logo acima da curva de seus seios. Ela nunca tinha tido consciência de seus seios em sua vida. Como eles podiam doer de necessidade. Queimar por ele. Pelo toque. *Seu* toque. Ela tomou consciência do corpo dele, de pé diretamente atrás dela, a mão dele em seu peito, as nádegas dela pressionadas contra ele. Ele era duro. Todo o músculo. O calor a envolveu. O corpo dela parecia inundado de sensação.

Seu pênis pressionado fortemente contra ela, na parte inferior de suas costas, uma espada, uma arma masculina, um instrumento de prazer, ela não sabia qual, mas queria descobrir. Ela sabia que ele a queria, estava muito excitado, mas, ele parecia ser muito sexual e estava certa de que não se podia separar a prática do sexo e da arte inteiramente. Era uma ligação sensual entre duas pessoas. Intimo além da crença. Muito, muito erótico. Todas as suas modelos se sentiram assim? Ele quis todas elas?

— Relaxe, *farfallina mia*[10], —respire para mim.

Pequena borboleta. Ela gostou disso. Ela forçou o ar pelos pulmões e depois soltou. Ela mesma percebeu que seu peito subia e descia. Parecia uma dança entre eles. Ela a seguia naturalmente. Facilmente. Ele manteve a mão em seu braço, forte e confiante para que ela se sentisse segura com ele.

— Essa é minha mulher. Vou colocar minha mão em seus seios, —advertiu.

Minha mulher. Ele chamou a cada modelo de corda? Ela disse a si mesma para não reagir, para continuar respirando, para não se enrolar em suas palavras. Sua palma deslizou de cima de seus seios, sobre a curva para cobrir seus mamilos com a palma da mão. Ele apenas pressionou e ficou lá, sentindo a elevação e a queda

[10] **Farfallina mia** – Minha pequena borboleta, em italiano

da respiração. Ele ficou em silêncio, deixando-a se acostumar a sensação de sua mão sobre ela. Ele ainda estava atrás dela, levando mais de seu peso do que deveria ter lhe dado, mas suas pernas tremiam.

O rosto de Ricco cutucou a pesada queda de cabelo dela para que seus lábios pudessem sussurrar contra sua nuca. — Você está indo bem. Continue respirando o mais normalmente possível. Sinta-me respirar com você.

Ela fez o que ele pediu, principalmente porque a chama de prazer que ela tirou o elogio dele a chocou. Ninguém a elogiava. Ela se destacava como cavaleira. Era excelente em todas as áreas de treinamento, e nenhum instrutor nunca a elogiou. Os cavaleiros seus companheiros a evitavam na maior parte do tempo. Eles nunca foram grosseiros. Nenhum dos instrutores ou cavaleiros foi rude, mas deixaram claro que estava sozinha. Pensou que sempre estaria sozinha, até este momento. Mesmo entre os cavaleiros, ela era a filha de uma prostituta, abandonada nas ruas. Sempre seria uma mistura de raças e não era suficientemente boa.

Ela respirou para ele. Para si mesma. Para ser alguém forte e corajoso. Para ser diferente, porque ela precisava ser diferente apenas uma vez antes de morrer. Ela precisava sentir a liberdade da excitação, e ele deu isso a ela. Ela não estava certa de como, mas ele fez, e essa conexão entre eles era extremamente exigente e convincente.

— Isso é exatamente o que eu preciso de você, Mariko, —ele disse suavemente, seus lábios lambendo a pele e enviando pequenos dardos de fogo por seu corpo. — Eu estou movendo minha mão para sua barriga.

Ele fez, deslizando o braço intimamente ao redor dela para segurá-la com apenas sua vontade. Sua mão não a pressionou forte nem tentou forçá-la a se

aproximar. Ele simplesmente ficou ali, respirando com ela. Ela sentiu seu corpo relaxar no dele. Em seguida, deslizou o braço ao redor dela, soltando o bíceps direito enquanto se aproximava da parede com as bobinas da corda, e ela se sentiu desolada.

— Eu estava de mau humor quando sai para o jardim, e você gerenciou para transformar isso em uma inspiração. —Ele ficou de pé na frente das cordas, mas olhou para ela. — Um *arnês de pentagrama*[11] para começar, eu acho. Você terá uma ideia das cordas e saberá se podemos continuar.

— Eu não entendo. Por que não continuaríamos? —O que ele estava procurando nela? O pânico aumentou. Ele já estava pensando em substituí-la. O que ela tinha feito de errado? Ela precisava estar aqui. Ela precisava de uma base. Ela precisava dele.

— Mariko, esta é uma troca. Você também tem que tirar algo disso.

Ele estava pagando muito a sua modelo de corda, era o que ela estava ganhando, mas ela manteve a boca fechada, porque agora, era muito, muito mais. Ela nunca se sentiu tão próxima de outro ser humano. Ele ainda não tinha a amarrado e ela queria a sensação da corda. Sua corda.

— Eu acho que verde para combinar com seus olhos hoje. —Ele puxou o pacote da parede e passou suas mãos como um velho amigo.



[11] **Arnês de pentagrama**

— Meus olhos são avelã. —Não verdes. Não marrons. Avelã. Osamu apontou muitas, muitas vezes que os olhos dela não eram especiais. Eles eram feios em sua combinação de verde, marrom e ouro.

Ele sorriu. — Agora, eles são muito verdes. Eles mudam de cor. A cor de avelãs verdadeiras, como o seu, na verdade são bastante raros e muito bonitos.

Ela piscou, surpreendida em poder ouvir a verdade em seu tom, hipnotizada pelo jeito que a corda se movia pela palma da mão dele. Sensual. Como se fosse parte dele. Ela observou-o respirar enquanto corria a corda por sua mão de novo e novamente. Ela podia vê-lo o dia todo e nunca ter o suficiente. Era chocante o muito que ela o queria.

Ricco tomou um momento para vê-la, respirá-la enquanto ele dobrava a corda em dois, descansando o ponto central na palma da mão. Ela estava inesperadamente linda. Um tesouro além de qualquer preço. Ela estava nervosa, mas animada, dando a ele a maior oferta que ele poderia pedir—sua confiança. Ela era uma cavaleira de sombras. Uma mulher que levava a justiça, sempre no controle. Ela estava dando esse controle a ele.

Mariko não percebia o incrível presente que ela estava dando a ele. Ele a assistiu. Seus reflexos eram extremamente rápidos. Ela não estava apenas em boa condição física, mas em excelente condição. Cavaleiros precisava de controle sempre. Se ela tivesse vindo para matá-lo, como ele suspeitava, permitir que ele a amarrasse era a última coisa que ela deveria fazer, mas ela estava lhe dando toda sua confiança. Fazendo-se vulnerável a ele. Somente para ele.

Ela era uma mulher que qualquer homem teria sorte em ter, mas ele sabia que ela lhe pertencia. Ele esperava que pudesse fazê-la sentir do mesmo jeito. Ele estaria pedindo muito, para que ela o aceitasse como ele era—com todos os lugares

escuros dentro dele. Sua coragem o humilhava. A imensa confiança que levava se permitir ser amarrado por ele, mesmo em nome da arte, era surpreendente para uma mulher como dela.

Era uma verdadeira troca de poder entre eles e ele amava isso. Até desejava isto. Ele precisava de uma mulher forte o suficiente para aceitar que ele sempre precisaria das cordas. Elas o ancoraram. Centravam-no. No momento em que ele as tocava, aquelas sombras saindo da escuridão dentro dele diminuíam.

Tinha cuidado para não assustá-la. Agora, com suas sombras conectadas, sentiu que ela escorria pelos dedos. Ela queria lutar ou fugir com toda a força e ele tinha que fazer cada momento com ela contar. Ele correria o risco de tocá-la para ter uma ideia de sua respiração. Ele precisava saber, a fim de minimizar o risco de problemas potenciais para ela quando ele colocasse as cordas em sua pele. Ele era muito cuidadoso em sua amarração, sempre se assegurando que sua modelo estivesse confortável e segura, e agora, depois de ter encontrado Mariko, isso era duplamente importante para ele.

Ele queria estar mais perto dela, num lugar onde ele pudesse ver seu corpo nu, onde ela também quisesse isso. Já podia ver padrões nela, tantos que ele queria tentar com ela, sua maior modelo, a única que ele teria a partir de agora. Ele queria passar cada momento com ela.

Ele fez um movimento em direção para ela. Algo que ele não pôde evitar. Este era o mundo dele, e ela era sua mulher, sua presa. Ele ia seduzi-la para que ela fosse isso para sempre. Ele faria isso com suas cordas. A sua arte. Com a força absoluta de sua vontade. Ele iria cortejá-la gentilmente fora desta sala e ensinar ela sobre seu próprio corpo e como esse desejo poderia ser satisfeito de muitas maneiras.

Ele tinha aprendido a matar e ele havia matado. Muitas vezes. Aos quatorze anos era muito jovem para sua mente artística aceitar a violência e ele teve a sorte de conhecer seu professor, um mestre de corda há mais de quarenta anos. A arte tinha salvado sua sanidade e sua vida. Ele precisava dela, como os outros precisavam de ar.

Movendo-se deliberadamente para a luz, de modo que sua sombra se ligasse à dela, ele observou seu corpo tremer com a consciência de que o calor e necessidade corriam sobre ele e para dentro dela. Ela estava se afogando em desejo. Dele? Dela? Seu desejo combinado? Ele observou a pele dela e sabia que ela se sentia do mesmo jeito que ele. Ela era muito sensível a ele. Aberta a ele. Com cada linha de corda, cada padrão que ele criasse, se envolveria ao redor dela, adornando seu corpo.

Mariko não podia tirar os olhos de Ricco enquanto ele se aproximava dela, a corda verde se movendo sutilmente, mas poderosamente, com seu corpo. Ela não queria entrar em pânico, mas nunca tinha ficado tão excitada ou consciente de um homem como ela estava por Ricco. As mãos dele a guiavam suave, mas firmemente, para a frente de um espelho de corpo inteiro. Ela não queria olhar para si mesma. Ele era tão lindo e ela era apenas ... Mariko.

Ele passou a corda em seu rosto, deslizando-a ao longo de sua bochecha como uma carícia, então ela soube que ele mais uma vez iria usar seda sobre ela. Por algum motivo, as cordas de seda pareciam íntimas, uma extensão dele. Quando ele a tocava com elas, mesmo que apenas para desliza-las sobre sua pele, sentia como sexo e pecado tudo embrulhado em seu cheiro e sua vontade.

Muito gentilmente ele puxou os dois braços dela para atrás, e passou os laços. O coração dela martelou no peito pela rapidez de seu movimento, a casualidade,

como ele tivesse feito isso um milhão de vezes e não houvesse esforço de sua parte. Só que ele a privou de duas de suas armas.

Ela lhe deu esse presente, sua submissão. Para a sua arte. Mas sabia que era muito mais. Talvez ele não estivesse ciente da enormidade do seu poder de ceder a ele—ela não o conhecia bem o suficiente para saber o que acontecia com outras modelos—mas estava certa de que tinha pouco tempo na Terra e queria se render a ele. Para um homem, que ela não só achava atraente, mas digno.

Mantendo a mão em volta de seus pulsos, ele afastou seus cabelos para longe do pescoço dela para que ele pudesse apertar os lábios contra a orelha dela. — Você está indo bem, Mariko.

Ele tinha que ter sentido seu tremor, mas sua mão alisou os cabelos e a sua voz não tinha mais nada que admiração, respeito e louvor.

— Você está com medo?

Ele esperou e ela sabia que esperaria para sempre por sua resposta. Ele não continuaria. Ela sabia que ele estava dando a ela a oportunidade de parar. Ela abriu os lábios e assentiu com a cabeça. — Um pouco, mas apenas do desconhecido. —Essa era a verdade, e não era. Tinha medo de como ele a fazia sentir. Não apenas vulnerável, mas necessitada. Estava úmida de desejo. Flutuando. Ela nunca sentiu isso antes. Uma grande euforia.

— Essa é minha mulher. —Ele sussurrou as palavras contra o pulsar batendo em seu pescoço. Seus lábios tocaram sua orelha e depois sua têmpora.

Ela ousou então levantar os olhos e olhar diretamente para o espelho na frente deles. Ele estava atrás dela, sua cabeça contra a dela, cabelos escuros caindo como o pecado em sua testa. Seu olhar se encontrou com o dela no espelho e ela sabia que sempre lembraria aquele momento. Sua máscara inexpressiva tinha

escorregado e ela o viu, seus ferozes demônios e suas turbulentas necessidades misturadas com uma paixão escura e feroz. Ele nunca seria como outros homens. Ele sempre seria dominador, assustador para seus inimigos e ainda gentil com aqueles que ele amava.

Ele levantou a mão e enrolou a corda dupla ao redor de seu tronco em seus músculos peitorais, enquanto olhava em seus olhos pelo espelho. Seus movimentos pareciam fáceis, casuais, no entanto, ela estava se afogando em seu foco, sem atenção. Ela estava acostumada a desaparecer, não importava quão grande fosse o culto, mas era impossível fazer isso com Ricco. Ela estava quente sob a força da concentração completa.

Ela sentiu-se tonta com a necessidade. Sua respiração havia mudado de novo, de baixa e firme para ofegante de desejo. Era impossível escondê-lo. Suas necessidades e desejos estavam completamente expostas para ele ver, nus no rosto, nus e visíveis em seu corpo. Devia ter a humilhado. Deveria ter sentido constrangimento com a perda de controle, mas, em vez disso, sentia uma liberdade curiosa.

Ele a laçou novamente e fez algo com as cordas, puxando-as até ficarem confortáveis sob seus seios. A respiração dela pegou na garganta enquanto ele envolvia seus seios e continuava a criar o arnês.

A boca dele se moveu contra a nuca dela. — Respire por mim, *Farfallina Mia*.

Ela tentou. Suas mãos estavam macias e seguras enquanto as cordas deslizavam sobre seu corpo, envolvendo-a nelas. A corda era claramente uma extensão dele. Ela o sentia em cada volta, em toda tensão. A corda parecia, como ela, estar completamente sob seu feitiço, saindo de suas mãos para se render à sua vontade, uma sensual serpente dançando em sua melodia.

Ela podia ver um padrão tomando forma. Uma estrela. Ele trabalhava rápido, eficientemente, suavemente, mas a concentração dele não era tanto na arte mais sobre o conjunto dela com a obra. Unindo-a com ambos, Ricco e a corda, vinculando os três juntos.

Sua mente desapareceu enquanto se entregava a seus cuidados. As cordas lambiam a carne dela, beijavam-na enquanto seus lábios se moviam ocasionalmente em sua nuca quando ele trabalhava. Ela viveu por esses momentos. A corda parecia uma extensão dele, dando-lhe pequenas lambidas doces, golpes suaves, um calor abrasador, mordia e depois voltava aos beijos. Um rastro de fogo rolava pelo corpo dela, espalhando-se como uma queimadura. Seu clitóris pulsava em sintonia com a batida de seu coração. Um estremecimento de prazer deslizou por sua espinha.

Ela estava embrulhada em um abraço de cordas agora, firmes em sua pele. Embrulhado nelas. Não havia separação entre eles, corda e mestre. Com cada respiração que ela dava, ela respirava o poder dele. Todo o movimento seguro de seus dedos nas cordas era uma revelação para ela. Ela nunca pensou que havia beleza em estar impotente. Ela tinha visto arte de cordas em um corpo humano, mas ela nunca *sentiu* essa beleza, até este momento. Ela não tinha, nem uma vez considerado que para ela, haveria algo sensível sobre ser cercada e abraçada pela corda, mas também havia isso.

O corpo dela reviveu, cantarolando, vibrando e até ronronando. Enquanto isso, a mente dela vagava, flutuava em um prazer sensual que ela não sabia que existia—ou que ela era capaz de sentir. Um calor brilhante e quente explodiu perto do peito e se espalhou como chamas por seu corpo, irradiando para fora das cordas quando elas apertaram mais os seios. A mordida era quente, tão sensual enquanto

o sexo pulsava e apertava. Próximo. Tão perto. Sua respiração mudou novamente. Rasgada. Ofegante. Seu rosto estava corado. Ela podia ver-se no espelho e parecia—sexy. Não havia outra palavra para isso.

— Bonita. —Ele respirou a palavra. — Você é tão bonita, Mariko. Eu gostaria de fotografá-la agora, se você estiver confortável.

Pela primeira vez, ela acreditou nele. Ela viu. Ela se viu através de seus olhos, da maneira que ele a viu da primeira vez quando entrou na sala de conferências. Ela viu o que a câmera veria. O que o mundo veria se ele compartilhasse esse momento, mas instintivamente, ela sabia que ele não o faria. Era muito íntimo e apenas entre eles. Apenas para eles.

Ela viu o verde contra o preto, um arnês que moldava seus seios e formava uma bela estrela. Como os arranjos de flores e pinturas no Japão, sua arte tinha equilíbrio e simetria perfeita. A tensão era uniforme. Não havia uma única torção na corda. Não havia pressão sobre o corpo dela e ela sabia instintivamente que não teria um único hematoma. Não haveria escoriações.

Ela acenou com a cabeça, apesar de não ter certeza de que queria que a câmera capturasse sua necessidade despreocupada, a luxúria que viu no espelho. O convite para ele. Isto era apenas para ele.

— Mariko, eu preciso do seu consentimento.

Era a voz que ela se acostumou a escutar. Esperar. Encontrar segurança e prazer. Era sempre veludo sobre aço. Suave. Baixa. Comandando. A voz dele enviava tremores por sua espinha e mantinha seus mamilos tão duros quanto as rochas. As mãos dele foram até os ombros dela, firmando-a, e ela percebeu que estava balançando. Os joelhos dela ficaram fracos, mas ela sabia que não iria cair porque ele estava ali.

— Você precisa de alguns minutos?

Ele estava segurando-a. Ela queria segurá-lo lá, mas foi com isso que ela tinha concordado. Ela tinha que manter seu lado da barganha. Ela não tinha ideia de que poderia se sentir tão protegida. Tão bonita. Tão amada. Ele a fez sentir todas essas coisas. Ela poderia dar-lhe a arte dele—e era lindo. Ela sabia que o que quer que ela tivesse que aprender para trabalhos futuros seria muito mais extenuante, mas agora que ela tinha um gosto disso, queria conhecer tudo.

— Estou bem agora. Só por um momento eu estive em outro lugar.

Ele sorriu. — Isso é bom. Era o que eu esperava. Você deveria sentir isso, Mariko. Se não, isso não funcionaria para nós.

Ela sentiu sua cautela quando ele lentamente tirou as mãos dela e permitiu que ela ficasse sozinha. Ela sorriu para deixá-lo saber que ela estava bem. — Se você quiser fotografar, vá em frente.

— Você está confortável o suficiente para ficar nos laços? Você está em excelente condição física, algo importante para os laços mais longos e mais árduos.

Ele já estava pegando sua câmera, ajustando a luz para que ela sentisse seu brilho. Mesmo isso a fez sentir sensual. Cada movimento do seu corpo nas cordas enviava essas pequenas lambidas sutis e mordidas sobre sua pele. Um inesperado prazer.

Pelos vinte minutos seguintes, ele se moveu ao redor dela, tirando fotos de todos os ângulos, da mesma maneira meticulosa e decisiva com que ele a amarrara. Ele examinou cada foto antes de pousar a câmera e estar de volta, de pé na frente dela, os dedos nas cordas. Ela sentia cada puxão e vibração viajando através seu corpo, mais uma vez, as cordas uma extensão dele. Sua pele, sob o fino, fio

apertado, ficou muito excitada quando ele alisou cada corda, que todas as terminações nervosas queimavam em uma chama chocante de puro desejo.

Ele tomou seu tempo. Suas mãos deslizando pelas cordas, os dedos acariciando a corda sobre seus mamilos, sob seus seios, entre eles. Um calor que deslizava dos seios para a vagina, de modo que seu sexo se apertava e ficava úmido. Ele murmurou para ela suavemente em italiano, enquanto as cordas deslizavam, deixando-a sentir-se mais exposta do que se estivesse nua, louvando-a, dizendo-lhe o quanto ele estava satisfeito com a sessão, como ela era bela. Corajosa.

Ela se viu exausta, como se tivesse feito uma longa corrida, e não entendeu por quê. Ela treinava todos os dias. Ela treinava muito. Ainda assim, queria apenas se jogar no chão, mas Ricco ergueu-a em seus braços, e a atravessou contra o peito como se ela fosse preciosa para ele. Ele a fez se sentir apreciada além de qualquer outra coisa.

Ele levou para a única cadeira no quarto, afundou-se com ela em seu colo e alcançou uma garrafa de água. — Beba isso, Mariko. Tudo. —Ele manteve seus braços ao redor dela, segurando-a quando ela pensou que poderia voar.

Esse era o problema. Ela foi tão alto, em uma experiência tão pouco familiar para ela, que agora que ela estava de volta ao chão, estava um pouco desorientada e exausta, sem certeza do que fazer.

— Foi apenas um arnês, —ela sussurrou contra sua garganta.

Ele massageou seus pulsos, primeiro um e depois o outro. — Foi sua primeira experiência. Tenho certeza de que foi inesperado. —Ele inspecionou seus pulsos, mãos e braços antes de começar uma massagem lenta em seus ombros e nuca dela. — Estou tão orgulhoso de você. Eu não poderia ter pedido mais de sua primeira

vez. —Ele acariciou o topo da cabeça com o queixo. Mechas de cabelo ficaram presas na sombra ao longo de sua mandíbula e até mesmo isso pareceu sensual para ela. — Diga-me como você está se sentindo.

— Assustada. Animada. Esgotada. —Ela hesitou. Parecia bobo não admitir o que ele já sabia. — Excitada. Muito. —Ela confessou em voz baixa.

— Eu mesmo estava surpreendentemente excitado também. Em regra, sou bastante controlado.

Ele devolveu e fez com que ela se sentisse melhor. Ela se deixou relaxar totalmente nele, desfrutando o sentimento que sua força lhe dava. Ela era sozinha, então por muito tempo, ela não esperava querer seu toque, precisar disso, mas ela foi rápida em perceber o que ela desejava.

— Você está disposta a dar o próximo passo comigo?

Ela virou a cabeça para olhar para ele. Aquele rosto bonito e marcado com cicatrizes. — Próximo passo?

— Você está confortável comigo o suficiente para usar roupas mais reveladoras, ou nenhuma, dependendo do que estou procurando? —Seu coração acelerou o ritmo um pouco errático. Ela começou a virar a cabeça, com medo de ver que era exatamente o que queria, mas tinha medo. Os cavaleiros das sombras não mostravam medo.

Ele pegou seu queixo antes que ela pudesse se esconder dele. Ela leu a satisfação lá. — Diga isso para mim.

Ela umedeceu os lábios e assentiu. — Sim. —Um compromisso. Por ele. Por eles. Talvez antes de morrer, ela deixasse um livro da bela arte japonesa para Ricco. Alguém saberia que ela tinha vivido, e talvez ele pensasse nela ocasionalmente.

7

Ricco estava do lado de fora da porta do quarto de Mariko. A raiva que ele não conseguiu continuar suprimindo tinha subido à superfície quando ele a tinha carregado de seu estúdio para o quarto dela. Ele a colocou cuidadosamente na cama e disse-lhe para beber muita água e dormir um pouco. Agradeceu e teve que sair abruptamente porque ela parecia tão linda e deliciosa, deitada na cama, que ele queria beijá-la sem sentido. Beijá-la até que ela se entregasse inteiramente a ele.

A cada passo para o quarto dela, ela protestou que era muito pesada para ele. No começo, ele tinha se sentido insultado. Ele podia não ser o mais alto de seus irmãos, mas estava em melhor forma. Ninguém treinava mais e trabalhava mais. Ele corria. Ele levantava peso. Ele fazia o trabalho pesado e de velocidade. Ele ganhava de seus irmãos e qualquer outro cavaleiro que pedisse para treinar com eles. Só porque ele tinha estado em um acidente não significava que ele era incapaz de levar uma mulher com menos de 55 quilos. Foi um golpe para o seu orgulho—no início.

Ele percebeu quando olhou para seu rosto, quando a obrigou a parar de se esconder contra seu peito, que seus protestos não eram sobre sua falta de força. Não eram sobre ele. Eram todos sobre ela. Ela acreditava que era muito pesada, quem tinha feito isso com ela? Quem a fez acreditar não era bonita? Ele conhecia

mulheres muito mais pesadas que, para ele, eram lindas. Não era sobre o peso de uma mulher, era sobre quem ela era o brilho de seus olhos, a pele e os cabelos. Ricco encontrava beleza na arte. As mulheres eram uma forma de arte. Todas as formas e tamanhos. Todos os tipos de corpo.

O que o enfureceu foi que Mariko, por qualquer padrão, seria considerada uma mulher linda. Ela tinha uma bela simetria. Ela tinha uma linda estrutura óssea. Seu cabelo era grosso e selvagem, sedoso e macio. Cabelo que um homem queria ver em seu travesseiro. Cabelo, que ele gostaria de apertar no punho quando ele a beijasse ou ela tivesse a boca enrolada em torno de seu pênis.

Ela tinha uma imagem completamente falsa de si mesma. Ele viu o olhar atordoado em seus olhos quando ela se olhava no espelho—como se pela primeira vez ela visse a beleza. Provavelmente foi sua primeira vez. Pelo menos ele tinha sido o único a dar isso a ela, mas ela deveria ter tido isso desde o momento em que ela era uma criança.

Ele colocou a palma da mão na porta, onde a cabeça dela teria estado. Ele ficou ali parado. Silencioso. Ele nunca acreditou que uma mulher pudesse aceitar o que estava dentro dele. Ele tinha trabalhado duro para se livrar de seus demônios, mas tinha sido impossível. No final, ele aceitou quem era porque não tinha escolha. Ele tinha demônios. Ele morava com eles. Ele pediria a Mariko que ficasse com eles também.

Havia duas maneiras de aliviar a raiva quando ela o dominava, quando o diabo o montava com força. Ele podia bater a merda de uma bolsa pesada até suas mãos sangrarem nas luvas, ou ele podia usar suas cordas. Ele precisava de uma mulher disposta a aceitar essas coisas nele. O bom, ele lembrou a si mesmo, era

que ele sabia o que estava pedindo, e isso facilitava que ele aceitasse uma mulher do jeito que ela era.

Ele podia aceitar, mas nunca se conectou com uma mulher em um nível real. Não até Mariko. Ele desejou que as coisas fossem diferentes. Ele desejou que ele fosse diferente. Ele desejou que ele não tivesse feito as muitas coisas estúpidas que fez publicamente. Ele não podia tomar essas coisas de volta ou varrê-las para debaixo do tapete.

— Tudo bem, querida, —ele sussurrou suavemente. — Dâ-me tempo antes de decidir me matar ou fugir. Eu posso sentir isso em você, a necessidade de fugir de mim, mas você está realmente tentando fugir de você mesmo. —Todos eles estavam. Ele. Mariko. Nicoletta. Ele sabia tudo sobre fugir dos demônios. Ele os tinha, e muitas vezes não queria enfrentá-los. Ele usava tudo o que podia para escapar eles. Nicoletta os tinha. Mariko os tinha. Talvez a maioria das pessoas os tivesse apenas não tão feios quanto os que ele carregava.

Ele suspirou e olhou para o relógio. Vittorio estava vigiando a casa de Fausti. Já estava na hora da substituí-lo. Todos eles estavam trabalhando em silencio esta noite para evitar que Nicoletta se afastasse, e também, havia uma chance dela ter sido o alvo, para mantê-la segura. Ele sabia que eles achavam que ele iria de carro para a casa dela—ele não devia entrar nas sombras até que estivesse completamente curado—mas ele estava atrasado. Um mau pressentimento estava crescendo em seu intestino e estava piorando.

Trabalhando rapidamente, ele se despiu e puxou seu terno listrado. O tecido era feito apenas para os cavaleiros e se misturava em todas as sombras facilmente. No momento em que ele estava vestido, virou-se e se dirigiu para a porta, movendo-se rapidamente, de repente preocupado com Nicoletta e Vittorio. Seu

intestino nunca tinha estado errado. Quando ele abriu a porta, esse sentimento ficou muito pior. Não iria esperar ele era mais rápido nas sombras do que qualquer outro piloto. Eles tentaram, cronometrando-o em uma das corridas mais longas, mas ninguém, nem mesmo Stefano, pode acreditar no tempo.

Ele escolheu sua sombra e entrou nela. A força em seu corpo era familiar, mas nunca sentiu nada como isso. Nem nos primeiros dias, quando ele era apenas uma criança e praticava. Agora era uma segunda natureza, mas seu corpo sentiu como se estivesse sendo derrubado. Ele nunca teria conseguido se não tivesse acreditado que o irmão dele estava com problemas. A dor era excruciante, pior do que quando ele despertou do acidente. Ele tinha analgésicos então, agora seu corpo estava em moléculas, sendo puxado através do tubo a uma velocidade imprudente.

Ele mal podia fazer o salto de sombra em sombra para chegar a casa de Amo e Lúcia. Estava no meio do território de Ferraro, apenas abaixo das empresas em um pequeno beco sem saída. Todas as casas eram cuidadas, os jardins repletos de flores e árvores. Ele ficou na boca do tubo, apertando os dentes e aguardando a forma como seu corpo se reuniria, terrível não havia uma única molécula que não estivesse em pura agonia.

Normalmente, um cavaleiro tomava o momento no final do tubo para deixar seu corpo parado, mas a dor era tão esmagadora que ele continuava se movendo, saindo da sombra. Ele soube instantaneamente, mesmo quando ainda estava vindo, que ele estava fodido. Ele sentiu o atacante antes de tê-lo vislumbrado. Virando-se quando emergiu, tentou bloquear o balanço do taco. O taco bateu na parte de trás do ombro direito, mas ele continuou girando apesar da dor irradiar através de seu corpo.

Seu chute pegou alto, no rosto de seu agressor, levando-o para o chão. Ricco estava nele instantaneamente, chegando para arrastá-lo antes perceber que havia vários homens em torno de seu irmão. Quando Nicoletta explodiu da casa, ele rejeitou a ideia de manter seu atacante vivo. Ele quebrou o pescoço do homem caído. Ele não podia se dar ao luxo de ter alguém vindo as suas costas.

Ouviu Vittorio grunhir e viu o brilho de uma faca. Nicoletta pulou no ar e pegou o portador da faca pelo braço, o puxou, e afastou-o de seu irmão. Ela caiu de bunda, imediatamente, um dos homens em torno de Vittorio se virou uma arma na mão.

— Mova-se, —Ricco ordenou a adolescente enquanto correu para o homem armado, mantendo o corpo entre a arma e Nicoletta. No último momento, antes que o homem disparasse, ele se jogou no chão, deslizando pelas sombras com velocidade impressionante. Ele não registrou a dor em seu corpo. Sua adrenalina havia subido e ele estava totalmente concentrado em descartar o homem armado.

Ele derrubou o homem com uma técnica de tesoura, rolando e derrubando-o duro sem aviso prévio. Ao mesmo tempo, ele permaneceu totalmente comprometido em pegar a arma. O homem não tinha apontado para Vittorio ou para ele. Ele tinha mirado em Nicoletta. Ele puxou a arma da mão do homem, continuando a rolar, ficando por cima. Virando, Ricco disparou no homem da faca quando o homem perseguia Nicoletta. O atacante pareceu cair em câmera lenta. Ricco não acreditava ter errado, ele disparou contra o coração e ele era um atirador, mas apertou novamente o gatilho, não querendo arriscar com a vida de Nicoletta.

Um flash de movimento lhe disse que ele tinha que se manter em movimento, mas já era muito tarde, um chute o acertou na lateral da cabeça, exatamente onde

ele tinha sido ferido alguns meses antes. Seu estômago rolou e bile encheu sua boca, sua vista escureceu, mas ele conseguiu disparar diretamente no intestino do homem quando seu agressor tentou mergulhar uma faca na parte de trás do crânio.

O homem cambaleou quando Nicoletta gritou um aviso. Lúcia e Amo correram para o grupo de homens que cercavam Vittorio, que estava no chão. Após o grunhido inicial de dor, seu irmão não fez um único som. Três dos atacantes se voltaram para Lúcia e Amo. Os três tinham facas e, estranhamente, cordas.

Ricco se afastou do homem com quem estava lutando, torcendo a cabeça dele para quebrar o pescoço. Ele tinha que se levantar. O chute na cabeça o deixou enjoado e tonto. Ele percebeu que não poderia fazê-lo rápido o suficiente para deslizar através das sombras atrás dele em direção a Vittorio. Ricco podia ver quatro homens trabalhando em seu irmão, chutando, pisando e esfaqueando.

Quando saiu do tubo aos pés de Vittorio, ele passou a perna para derrubar os quatro sobre Vittorio. Ele sentiu o sangue e, para o seu horror, seu irmão tinha uma corda intrincada ao redor de sua garganta e feridas múltiplas em seu corpo. A raiva, sempre presente desde aquele dia, entrou em um abate, entrou em erupção. A presença escura que sempre ameaçava engoli-lo, o fez.

Fisicamente, ele era um farrapo, mas sua vontade era feita de ferro. Ele cobriu o corpo de Vittorio enquanto pegava a faca de um homem com um casaco azul, que esfaqueava a perna de seu irmão, e empurrou a lâmina na garganta do homem. Ricco levou um duro chute no intestino, mas se moveu para perto, em vez de se afastar, pegando a bota do homem, rolando e quebrando a perna do homem. O crack foi alto e o homem gritou. O demônio que estava em Ricco esfaqueou-o duas vezes no coração, ambas as vezes torcendo a lâmina enquanto ele a tirava.

Nicoletta gritou novamente e jogou-se na frente de Lúcia e Amo, os braços esticados para proteger seus pais adotivos das balas que ela estava certa que viriam. Os olhos de Lúcia se arregalaram e ela se agarrou a Amo, quando Mariko emergiu das sombras, fluindo como a água, uma linda, mortal tempestade, passando os três homens apontando as armas em Nicoletta e a família. Enquanto ela passava por eles, ela pegou um no coração com um longo pau de cabelo. O segundo, ela cortou a garganta, sob os braços e na coxa. O último ela pegou pelo pescoço e puxou com força. Os três homens caíram em segundos.

Lúcia e Amo cobriram a boca. Nicoletta girou e pulou nas costas de um homem que levantava. Ele havia saído do alcance de Ricco e estava procurando a arma que ele havia deixado cair.

— Ligue para Stefano! —Gritou Nicoletta para Lúcia. — Chame-o agora, e uma ambulância. Depressa, Lúcia.

O atacante bateu de costas em uma das árvores na propriedade Fausti em um esforço para derrubar a adolescente. Ela afundou os dentes no pescoço dele e mordeu-o, enquanto puxava o cabelo com as duas mãos. Suas pernas estavam enroladas em torno de sua cintura, tornozelos presos na fivela do cinto.

Amo correu e bateu no homem com o punho duas vezes, quebrando o nariz e os dentes do atacante quando ele começou a bater na perna de Nicoletta. Lúcia virou-se e correu para a casa, apressando-se em pegar seu celular.

O homem cuspiu sangue em Amo e deu uma cabeçada nele. Amo caiu como uma pedra no chão e ficou quieto. Nicoletta gritou sua fúria novamente, e então Mariko chegou, deslizando com graciosidade, sua adaga cortando as artérias do homem antes de virar para ir ajudar Ricco. A maneira como se movia era como o vento, um momento gentil e calmo, a tempestade antes de um tornado.

Ricco conseguiu se levantar, dando mais um olhar para Vittorio. O irmão estava coberto de sangue, seu rosto cinza, os olhos arregalados de choque, mas tentou alertar Ricco do perigo atrás dele. Ele ficou absolutamente quieto, a corda apertando o pescoço com cada pequeno movimento. Ricco sabia que havia outro assaltante atrás dele, mas o homem à sua frente tinha uma arma, e isso era mais urgente. Ninguém ia atirar em Vittorio ou Nicoletta, não se ele pudesse evitá-lo. Agora ele tinha a complicação adicional de Lúcia e Amo.

Ele chegou ao homem armado, usando a sombra para deslizar e ficar ao lado do homem. Ele quebrou o pulso com a ponta da mão e depois agarrou a cabeça com as duas mãos e quebrou o pescoço. A todo momento, ele esperava uma bala bater nele, mas quando se virou, Mariko tinha levado o último ao chão com um excelente chute que quase arrancou a cabeça do agressor. Ele caiu como uma pedra e ela estava sobre ele, despachando-o da maneira que os cavaleiros dispensavam justiça.

Ricco caiu de joelhos ao lado de seu irmão. Ele reconheceu cada nó usado, e eles eram intrincados. *Hojojutsu*, a forma antiga de amarrar prisioneiros. Isto era uma forma de arte, linda, mas mortal. Ele pegou uma de suas facas e cortou as cordas quando Stefano explodiu de um tubo de sombra seguido por Emmanuelle, Taviano e Giovanni.

Mariko se agachou ao lado de Vittorio para examinar as numerosas feridas. — A maioria desses cortes em suas pernas são muito rasos, projetadas para doer tanto quanto possível sem matá-lo. Alguns dos cortes são muito profundos. Eles fizeram mais danos com a corda, os chutes e espancamentos. Ele precisa chegar ao hospital imediatamente.

Vittorio agitou-se como se pudesse protestar, mas Stefano caiu ao lado dele, passando as mãos sobre seu irmão, mesmo quando seu olhar formidável estava ligado a Mariko. — Você é uma cavaleira das sombras.

Ela assentiu. — Mas minha explicação pertence a Ricco. Ele também está ferido e precisa de atenção médica.

À distância, podiam ouvir sirenes.

Ricco olhou para ela. — Estou bem. Concentre-se em salvar meu irmão. Emme venha pra cá. Você é melhor nisso do que qualquer um de nós. Não posso me mover. Eu estou pressionando o orifício mais profundo. Faça com que ele respire adequadamente.

— Deixe-me ver, —Mariko disse gentilmente.

Aterrorizado de soltar seu irmão, Ricco balançou a cabeça. — Faça-o respirar direito. —Os pulmões de Vittorio não pareciam estar funcionando corretamente.

— Eles quebraram suas costelas, —disse Mariko pacientemente. — O pulmão entrou em colapso.

Ricco fechou os olhos e balançou a cabeça. Tinha chegado tarde outra vez. Pela segunda vez, e outra pessoa pagou o preço.

— Ricco, eu preciso de um relatório, —disse Stefano. — A polícia estará aqui a qualquer momento. Deixe os outros cuidar de Vittorio. Ele não vai morrer. Ele é duro para isso. E me deu sua palavra. Você não vai, Vittorio. —Stefano fixou seu irmão mais novo com o olhar exigente de um pai. — Você. *Não.* Vai. Morrer.

Os olhos de Vittorio se agarraram aos de Stefano. Ele assentiu ligeiramente, mas não tentou falar, cada respiração esfarrapada era uma luta. Stefano pegou o braço de Ricco, o puxou e se afastou de seu irmão caído. — Eu preciso saber o que aconteceu.

Ricco permitiu que Mariko deslizasse suas mãos para a ferida mais profunda aplicando pressão até que os médicos chegassem lá. Ele tentou se levantar, mas as pernas dele eram borracha pura. Não havia um lugar no corpo que não doesse, mas o mais importante, sua cabeça estava doendo e sua visão voltou a ficar turva.

Giovanni passou o braço ao redor dele e o ajudou a levantar. Os irmãos fecharam fileiras em torno de Vittorio e as mulheres.

Taviano ajudou Amo em sua luta para ficar de pé. Nicoletta apressou-se em ajudar. Taviano cortou-a com um passo suave, inclinando a cabeça para Lúcia. — Leve-o para dentro e faça com que ele deite-se. Vou enviar um dos paramédicos para ele. —Ele pegou o braço de Nicoletta. — Nós precisamos de você aqui fora.

Ela assentiu com a cabeça, mostrando uma máscara de preocupação quando ansiosamente viu Lúcia ajudar Amo a entrar na casa. Quando ela se virou, a gentileza de Taviano tinha sumido. Ele agarrou seu braço e puxou-a para o círculo de sua família, seus dedos pegando seu queixo para virar o rosto, examinando as contusões. — Você está mancando. —Foi uma acusação.

De repente, ela teve a atenção de todos os Ferraro. Qualquer um acharia isso desconfortável, mas especialmente uma adolescente. Eles conheciam seu passado. Eles sabiam que ela tinha sido estuprada repetidamente por seus tios e que o cabeça da gangue mais sangrenta em Nova York a reivindicara para ele próprio. Eles eram os únicos que sabiam, e Nicoletta tinha um momento difícil em sua presença.

— Um deles bateu em sua perna, —disse Ricco. — Se não fosse por Mariko, ela estaria morta, junto com Amo e Lúcia. Ela correu na frente de uma arma, os braços abertos para evitar que os Fausti fossem baleados. Ela também pulou nas costas de um deles para manter Vittorio e eu vivos. —Havia admiração em a voz dele.

Taviano tocou seu rosto em vários lugares. — O que diabos você estava pensando?

Ela empurrou a cabeça para longe. — Eu estava pensando que não queria que nenhum deles morresse.

— Taviano, vamos discutir tudo isso com ela mais tarde, —disse Stefano. — Eu quero um relatório, Ricco. Você parece um inferno. Você precisa se sentar?

Ele precisava. Ele estava olhando disfarçadamente em torno procurando um banco para se espalhar, mas agora, com a pergunta de seu irmão, sentiu que não podia. — Eu estava atrasado. —Ele também podia confessar agora. — Eu não queria que Vittorio tivesse que esperar por mim, então usei as sombras. —Ele não olhou para Stefano quando falou, mas ouviu seu irmão mais velho xingar em voz baixa. — Eu não vou mentir, dói como uma cadela, então eu estava um pouco desorientado quando sai do tubo. Eu não senti ninguém lá até que eu estivesse saindo. Bateram-me com um taco no meu ombro e começou.

— Eles estavam esperando por você? Na entrada do tubo? Na frente de uma sombra?

Stefano virou o olhar letal e penetrante para Nicoletta. — Você viu eles atacarem Vittorio?

Ela assentiu. — Eu estava subindo na janela e ele saiu das sombras. Não o tinha visto. De repente, todos aqueles homens o cercaram, chutando, golpeando, batendo com um taco. Comecei a sair, mas ele gritou para eu entrar. Eu obedeci até que Ricco chegou. Foram apenas alguns momentos, mas eu pensei que matariam Vittorio e seria minha culpa. —As lágrimas brotaram, mas ela virou a cabeça para longe deles, com vergonha de ser pega chorando.

Giovanni aproximou-se dela. Protetor. — Você fez um bom trabalho, criança. Ótimo.

A ambulância chegou, e as próximas duas horas foram um borrão. Vittorio foi levado para o hospital. Ricco mentiu e disse que Mariko e ele estavam juntos com Vittorio, observando a casa porque todos temiam que Nicoletta não tivesse se estabelecido ainda. Vinci foi mais uma vez lá e se recusou a permitir que Nicoletta fosse questionada mais do que o absolutamente necessário. Ela foi para o hospital com Amo e Lúcia. Stefano enviou dois guarda-costas com eles. Os médicos—e Stefano—insistiram em Ricco fizesse uma tomografia computadorizada por causa da pancada na cabeça. Ele relutantemente concordou, principalmente porque Stefano não se mexia. Felizmente, além de uma dor de cabeça enorme e a visão turva, ele não tinha quaisquer danos significativos que eles pudessem ver que não fosse a concussão que ele já sabia que tinha. Ricco insistiu que Mariko poderia vê-lo em casa.

Emilio e Enzo levaram Ricco e Mariko de volta para casa com ordens para não escutar o que Ricco dissesse. Ninguém nem mesmo a pequena e rebelde Emmanuelle desafiavam Stefano quando ele estava com esse humor. Ricco não se sentia desafiador. Se Stefano quisesse enviar um exército para defendê-lo, ele não discutiria. Ele não podia se defender sozinho, ou a qualquer outra pessoa. Sua cabeça doía como uma filha da puta e cada músculo em seu corpo estava gritando.

— Stefano disse se tinha guardas com Vittorio? —Mariko perguntou ansiosamente.

— Stefano irá proteger Vittorio. Taviano estará com ele, e Emmanuelle e Giovanni irão proteger Nicoletta, Lúcia e Amo, —Ricco assegurou enquanto fechava porta da frente de sua casa e se inclinava contra ela. — Eles não eram

cavaleiros nos atacando, mas eles sabiam ficar de fora das sombras. —Ele fez disso uma declaração.

Ninguém fora de sua família sabia sobre os cavaleiros que não outros cavaleiros e suas famílias. Havia muito poucos deles no mundo. Mariko ficou em pé diante dele, afastou-se, a cabeça inclinada, tão doce, vulnerável com a nuca convidando ao toque. Ele teria feito isso, o desejo era forte, mas doía demais para estender o braço.

— Eles estavam visando Nicoletta ou eu, Mariko? —Ele esperou pacientemente que ela respondesse, mesmo que o quarto estivesse girando e parecia que pregos estavam atravessando sua cabeça uma batida lenta de cada vez.

Passaram-se alguns minutos antes dela levantar a cabeça lentamente e olhar para ele sobre o ombro. — Você, Ricco. Tenho algo para te mostrar. —Ela puxou um papel dobrado em um pequeno quadrado do interior do bolso do terno listrado que ela usava, indicando a todos em seu mundo que ela era uma cavaleira.

Seus olhos em seu rosto, ele tirou o papel dela, desdobrou-o enquanto ainda olhava para ela e depois baixou o olhar para ler o conteúdo. A mensagem era digitada em uma fonte em negrito:

Mate Ricco Ferraro, um cavaleiro nos Estados Unidos ou seu irmão Ryuu morre. Você tem três semanas para completar esta tarefa.

— Você não me matou. —Ele também fez disso uma declaração. Havia um pequeno traço de humor em sua voz, porque, afinal, era bem evidente que ela não tinha. Ele estava parado ali. Ele sabia desde o início que ela era uma cavaleira e provavelmente estava lá para matá-lo, mas não pelas razões que ele pensou. Ainda assim, ele ficou um pouco magoado e mais preocupado que ela iria escorregar por entre seus dedos.

— Eu sou uma cavaleira das sombras. Não posso matar, a menos que seja em defesa da minha vida, a vida daqueles incapazes de se defender ou quando trago justiça para aqueles que escapam da lei. Matar você iria contra tudo o que eu tenho como sagrado. O código sobre o qual minha vida está construída. Você é um homem muito bom. Não posso trocar uma vida por outra.

Ele quase caiu de alívio, pela parte em que ela achava que ele era bom. O homem sentia-se ótimo, mas depois percebeu que estava cedendo porque quase desmoronou. O alarme se espalhou pelas faces delicadas dela. Ela deu um passo à frente e rodeou a cintura dele com o braço, encaixando-se debaixo do ombro. Ele não fingiu que estava tudo bem, porque, francamente, ele ia cair de cara se não deixasse ela o ajudar.

— Você deveria ter ficado no hospital, Ricco, —ela murmurou, colocando um pé cuidadosamente na frente do outro, levando-o para o quarto principal. — Eu posso ligar para Emilio e pedir-lhe para trazer o carro.

— Não vai acontecer, —disse ele. — É apenas uma fodida dor de cabeça. A tomografia disse que eu estava bem. Eu ainda tenho dores de cabeça e de vez em quando a visão turva. Um daqueles bastardos me chutou na cabeça. —Tanto para impressioná-la. Ela teve que ir resgatá-lo. — Agradeci-lhe por me salvar hoje à noite? Por salvar Nicoletta?

— Eu não preciso de obrigado. —Ela sentou-se na borda de sua cama e se curvou para desamarrar seus cadarços. — Quem *é* Nicoletta? Onde ela se encaixa? —Ela puxou o sapato. — Tire a jaqueta e a camisa.

— Não ache que você vai largar o contrato que você assinou comigo só porque você é uma cavaleira das sombras, —ele disse de forma decisiva, derramando seu tom mandão na voz. Ele tirou os ombros dele da jaqueta, jogou a

gravata em uma cadeira e começou a tirar a camisa. — Depois de encontrar o seu irmão, espero sua atenção total. —Ele jogou a camisa de lado e se recostou, tentando não estremecer quando o ombro e cabeça encontraram o colchão.

— Nós? Você está disposto a me ajudar a encontrar Ryuu?

— Você é minha, Mariko. No momento em que você disse que sim e assinou aquele contrato, você se tornou minha. Ninguém ameaça você ou sua família. — Ele fechou os olhos. — Nós o encontraremos. Minha família é especializada nesse tipo de coisa.

— Vire. Eu tenho que ver suas costas. Você já está preto e azul em torno de suas costelas. Você está certo de que elas não estão fraturadas?

Com um gemido, ele obedeceu, virando-se sobre a barriga, tornando-se completamente vulnerável a ela. Se ela quisesse matá-lo, era a oportunidade ideal. Naquele momento, ele não se importaria.

— Eu tomei alguns golpes, —admitiu ele. — Mas nada está quebrado. A minha cabeça é a pior. —Ele não sabia por que admitiu isso a ela. Ele nunca teria dito a Stefano ou a seus outros irmãos. Talvez Emme, mas ela provavelmente o teria delatado aos outros.

As mãos de Mariko estavam em seus ombros, mal encostando, um sussurro de movimento em suas costas, quase como se ela afastasse a dor. Não havia calor branco, nada para indicar que ela tivesse poderes de cura, algo se acalmava nele— se era a dor ou apenas a felicidade dela não usar a vantagem para matá-lo, ele não sabia.

— Você não disse nada sobre a minha vinda para matar você.

— Eu suspeitei que você fosse uma cavaleira e que você estivesse aqui para esse propósito. Eu informei minha família apenas para o caso de você ou outros

cavaleiros também estarem atrás deles. Mas eu lhe dei várias oportunidades e você não as pegou. —Ele virou a cabeça para vê-la por cima do ombro. — Você me deixou amarrar você. Você é uma cavaleira de sombras. O controle é tudo. Não consigo imaginar o quão difícil foi para você. —Não tentou esconder a admiração em sua voz. Para ele, esse momento tinha sido um presente humilhante. Ele apreciaria sua rendição por toda a vida.

— Eu não permitiria que nenhum outro fizesse tal coisa, mas por algum motivo que eu não compreendo, eu confio em você. Eu não espero viver, então eu queria, antes de minha morte, experimentar minha cultura. A sua arte. E foi lindo. —A admissão foi feita em tom baixo.

Ele rolou, suprimindo um gemido quando sua cabeça pareceu que fosse explodir. — Por que você acha que não vai viver a isso?

As mãos dela foram para o peito nu, os dedos seguindo o longo caminho da lâmina que deixou três cicatrizes distintas. — Ele tem que me matar. Quem tem meu irmão não teria escolha. Eu sou uma cavaleira. Ele sabe que sou, ou porque escolheria a mim? Minha casa está no Japão. Você está aqui. Ainda assim ele me escolheu. Ele sempre estaria olhando por cima do ombro se não me matar.

— E você não tem ideia de quem sequestrou seu irmão?

Ela balançou a cabeça. — Meu irmão é um gênio. —Havia orgulho na voz dela. — Uma empresa de software nos Estados Unidos ofereceu-lhe um emprego, pagou a viagem até aqui e até mesmo ajudou-o a encontrar um lugar para viver. Ele ficou muito animado. Eu levei-o para o aeroporto. Recebi esta mensagem no dia seguinte.

— Foi enviada para você? —Ele não podia se sentar. Sua cabeça estava doendo além da crença. Todo movimento enviava mais bile agitando em seu intestino.

Ele queria essa mulher mais do que jamais pensou ser possível. Não apenas com o seu corpo, e havia isso—uma demanda urgente e constante, não importavam as circunstâncias—mas com tudo nele. Ele adorava o jeito como ela se movia. Ele poderia vê-la o dia todo. Ele se pegou ouvindo sua voz suave e musical. Ele apenas a conhecia, mas ele pensava nela, dia e noite, mais do que sempre pensou sobre as muitas mulheres com quem tinha estado durante toda a vida.

Ricco percebeu que estava em perigo de cair duro por uma mulher capaz de matá-lo. Ele adorou especialmente isso sobre ela. Ela era macia por dentro e por fora, mas sabia que ela tinha uma espinha dorsal de aço puro. Ela se movia como o vento ou a água que fluía sobre pedras, uma suave brisa se movendo de forma tão silenciosa e suavemente, que a maioria das pessoas nem sequer a notava, não até que fosse muito tarde.

— Você é linda. —Ele fez a declaração porque era verdade.

Ela franziu a testa, e ele achou isso adorável. — Obrigado. Eu quero que você se lembre de que você está sofrendo de uma lesão na cabeça muito grave.

Ele não pôde evitar, ele riu. Doeu como o inferno, mas a diversão brotou do nada, chocando-o porque era genuína. Ele ria com sua família, mas nunca sentiu isso.

— Por que você esta rindo de mim?

— Porque você é adorável. Estou muito feliz por ter amarrado você para mim pelos próximos seis meses. Isso me dá tempo para convencê-la a ficar comigo.

Ela suspirou. — Ricco, você realmente precisa ir ao hospital. Posso dizer que você tem uma concussão.

— Como assim? —Era verdade. Ele não podia negar isso. Ele sabia que ele tinha uma concussão. O médico havia dito isso. Sua cabeça não parava de doer e se ele não movesse a cabeça, poderia se concentrar, caso contrário, sua visão era prejudicada.

— Sua maneira de pensar está realmente desarrumada no momento e não é sua maneira normal de pensar. Você não quer uma mulher em sua vida por mais do que uma noite ou duas. É um modo de vida para você, mudando de mulheres do jeito que outros homens mudam de camisas.

Ele estremeceu porque tudo o que ela disse era a verdade. Até agora. Até que ela entrasse em sua vida e virasse-a de cabeça para baixo. Até que ele soubesse que a mulher que vinha para matá-lo tinha que pertencer a ele. Ele nasceu para ela. Para amá-la. Cuidar dela. Para passar a vida protegendo-a de homens como aquele que pegou seu irmão.

— Stefano me disse que meu modo de vida idiota voltaria para me morder a bunda. —Ele sibilou as últimas palavras através dos dentes cerrados. Sua cabeça doía como um filho da puta. — Você perguntou sobre Nicoletta. —Alterar o assunto era o único caminho seguro.

— Você e Vittorio estavam dispostos a morrer para salvá-la. Por duas vezes você lutou por ela. Quem é ela?

— Ela é uma mulher capaz de produzir cavaleiros. Isso é raro, como você bem sabe.

Ela encolheu os ombros. — Nenhum dos cavaleiros com os quais eu cresci teria feito isso para mim.

— Isso não é verdade. Talvez eles não tenham demonstrado algum interesse, mas eu posso garantir, eles ficarão muito chateados por ter você aqui comigo. — Ele esperou ela protestar, mas quando ela permaneceu em silêncio, ele continuou desta vez meditando em voz alta. — Se fosse outro cavaleiro que tomasse seu irmão, eles teriam vindo por mim eles mesmos. Por que envolver você? Ou correr o risco de sequestrar seu irmão? Eu vi você lá fora está noite. Você é tão boa quanto um cavaleiro pode ser. Claro, vindo da linhagem Tanaka, você seria.

A cabeça dela se ergueu, seus olhos se movendo sobre o rosto dele, investigando a verdade. Procurando o som distinto de uma mentira. — Uma Tanaka? Por que você pensaria tal coisa? Essa linhagem é reverenciada no meu país. Todos conhecem a tragédia.

— Será? Conte-me.

— Daiki Tanaka casou-se com uma mulher de outro país e teve um filho, uma garota, Akiko. Ela estava a caminho de ser uma cavaleira tão grande quanto o pai quando ela morreu em um acidente de carro com seu pai e sua avó. Quatro outros cavaleiros também foram mortos. O acidente quase apagou todos os cavaleiros da sombra em Tókio. Todo mundo conhece a história.

Cada palavra que ela disse fazia aquele horrível buraco dentro dele crescer. Estava cheio da raiva indefesa de um garoto de catorze anos.

— Você não está correta, Mariko, —ele disse suavemente. Ele forçou-se a sentar e indicou que ela se sentasse perto. Ele ficou surpreso quando o obedeceu. Sua cabeça protestou contra o movimento, mas ele ignorou o fracasso. Isso era muito importante. Ela poderia muito bem deixá-lo quando escutasse o que ele tinha a dizer, mas ele não poderia esconder a verdade.

— Eu estava lá, Mariko, então eu sei a verdade do que aconteceu. Tudo isso. Eu estava treinando sob Daiki Tanaka, Isamu Yamamoto, Daí Saito e Mikio Ito, os quatro melhores cavaleiros, e que também constituíam o conselho em Tóquio. Naquela época, Nao Yamamoto, filho de Isamu, liderava uma pequena gangue. Nao era o líder e um valentão. Ele desprezava os cavaleiros vindos de outros países, mas mais, desprezava qualquer cavaleira e as considerava inferiores a ele e aos outros machos. —Ele ficou em silêncio, permitindo que a lembrança daquela terrível noite fosse varrida.

Mariko não disse uma palavra mas ficou quieta, sem pedir que se apressasse. Seu olhar não deixou o rosto dele.

— Akiko derrotou Nao em um torneio. Ele estava enfraquecido porque eu tinha batido o inferno santo fora dele mais cedo naquele dia. Ele e três dos seus mais próximos amigos—Eiji e Hachiro Saito, filhos de Daí Saito e Kenta Ito—haviam me pegado mais cedo porque eu tinha ido com dois outros para o conselho e os avisei do comportamento de Nao. Então, meus tempos bateram os deles nos testes. Chutei suas bundas. O pai de Nao estava furioso com ele, primeiro que eu tinha batido a merda fora dele, mas principalmente porque Akiko, uma mulher humilde, o superou no torneio na frente de todos. Os juízes não tiveram escolha a não ser chamar a vitória para ela.

Mariko não tirou os olhos do rosto dele. Ela quase não piscou, ela estava se mantendo tão imóvel.

Ricco apertou os dedos nos olhos e balançou a cabeça. — Eu tinha quatorze anos. Isso não é uma grande desculpa. Não é desculpa. Eu sabia que Nao iria atrás de Akiko. Eu o ouvi se orgulhar de usar as sombras para machucar seus inimigos.

Era proibido, é claro, mas dois dos cavaleiros tinham ido comigo ao conselho para contar-lhes nossas suspeitas antes e eles descartaram o que lhes dissemos.

Sua coxa deslizou ao longo dele enquanto ela puxava as pernas para cima e colocava o queixo no topo de seus joelhos, o rosto virado para ele, os olhos nunca deixando o rosto.

— Tive uma aula *hojojutsu* naquela noite ... —Ele recomeçou de novo. Pouco sabia que seria suas cordas que eventualmente o salvavam. Sua arte. Ele suspirou. Não era sobre ele. Mariko precisava saber o que ela tinha passado. Ela era parte de uma família lendária, uma família respeitada e que despertava o mais alto interesse em todos os alunos do mundo.

— Me perdi, —disse ele, contando-lhe sua maior vergonha. — Nos túneis. Quando voltei para o meu quarto, percebi que os quatro tinham desaparecido e eu sabia que iriam atacar Akiko. Eu fui atrás deles e eu me perdi.

O palpitar em sua cabeça perdia para o nó se torcendo em seu intestino. — Quando eu cheguei na casa Tanaka, os meninos já haviam feito o seu pior. Chiharu, a avó de Akiko, estava morta, seu corpo no chão, do lado de fora do seu quarto. Nao esperou por ela e a assassinou enquanto ela se apressava a ajudar seus netos.

8

O cheiro de sangue o atingiu forte. Cheirava a um matadouro. Ele sabia antes mesmo de emergir do tubo das sombras que era muito tarde. Ele quase caiu sobre o corpo da avó de Akiko. Chiharu. Ela tinha sido contida, uma mulher séria, mas também era a primeira e lendária cavaleira das sombras. Chiharu era a razão pela qual as outras garotas tiveram a chance de provar a si mesmas.

Ela estava caída no chão, parecendo pequena. O sangue a cobria como um cobertor vermelho, brilhante. Uma espada quase cortou seu corpo pela metade. Pior, depois do golpe inicial, ela claramente ainda estava viva quando outro golpe acertou a frente dela, estripando-a pelo chão deliberadamente.

Aos catorze anos, ele nunca tinha visto nada assim na vida dele. Ele era sensível, um artista, não um assassino. A bile se levantou, sufocando-o. Ele ouviu risos, e ao redor, a vários metros de Chiharu, suas duas criadas estavam sendo retalhadas por Eiji e Hachiro. A insanidade dos assassinatos fez Ricco parar por um momento, sem acreditar no que seus olhos estavam vendo. Ele treinava com esses meninos. Eles não eram amigos, e ele sabia que eles eram matadores, mas nunca considerou que poderiam ser assassinos.

Pela primeira vez, ele percebeu exatamente o que ele nasceu—o que era esperado dele—e era brutal e feio.

Ele ouviu Akiko gritar e então Nao dizendo que tinha matado a avó, mataria a ela, e depois seu irmão e irmã. Ele acabaria com a família Tanaka. Mas primeiro, ela seria desonrada. Nao a estuprou enquanto Kenta dançava em volta deles coberto pelo sangue do pai dela.

As lembranças estavam na cabeça de Ricco, escorregando pelas rachaduras nas paredes que ele ergueu para evitar que se aproximassem demais. Ele estava carregando o fardo dessa noite sozinho há tanto tempo, protegendo sua família da ameaça sobre suas cabeças até estar fisicamente, emocionalmente e mentalmente esgotado.

— A família Tanaka só teve uma filha. Akiko, —insistiu Mariko, a voz tremendo. — Não houve outros filhos.

Ricco percebeu que estava tremendo. Ele estendeu a mão e pegou a mão dela, segurando-a, pressionado contra o peito na altura do coração. — Havia três crianças, Mariko—duas meninas e um garoto. Akiko era dez anos mais velha que a irmã. Sua irmã. Você, Mariko. Você tinha três anos no momento dos assassinatos.

Ela balançou a cabeça, piscando as lágrimas. Ele não podia imaginar o que a vida dela tinha sido depois que sua família foi morta. Pela forma como ele foi tratado, ele sabia que não poderia ter sido bom.

— Duas servas estavam a direita de Chiharu, cortadas por Eiji e Hachiro Saito.

Mariko fez um som de angústia. Ele a puxou para perto, protegendo-a contra seu corpo.

— Osamu me odeia com cada respiração que dá. Se o que você diz é verdade, eu entendo muito agora, —ela sussurrou. Ela balançou a cabeça. — Não pode ser verdade. A família Tanaka é uma lenda. Eles são lembrados com amor e respeito.

— O que eu digo é verdade. Não tenho motivo para mentir para você. Pelo contrário. Eu não fico sob o melhor das luzes. Eu saí das sombras assim que Eiji cortou a segunda serva. Os dois irmãos vieram para mim. Não tive escolha senão defender a mim mesmo. Matei os dois.

— Você está dizendo que Eiji e Hachiro assassinaram a família Tanaka?

Ele a puxou para seus braços e segurou-a. Ela estava abalada. Quem não estaria? A história oficial da morte da família Tanaka era muito diferente. Ela cresceu acreditando exatamente no que os membros do conselho queriam que ela acreditasse. Esses membros eram pais dos meninos envolvidos nos assassinatos.

— Eles ajudaram. Nao era o líder e planejou tudo. Eiji e Hachiro mataram os criados e Kenta Ito matou Daiki Tanaka, seu pai.

— Como meros meninos puderam derrotar Daiki Tanaka? —Perguntou ela, mas ele podia ver que ela estava começando a acreditar em tudo o que ele disse.

— Daiki não podia mais andar na sombra, e parou de treinar. Ele tinha se casado com uma americana, uma modelo de corda, sua mãe. Quando ela o deixou, suas sombras se rasgaram e ele não podia mais andar. Ela não conseguia lembrar que tinha uma família. Esse é o preço que pagamos como cavaleiros. Não podemos entrar levemente em um casamento. Ele não esperava tal ataque em sua casa. Ele ouviu Akiko, sua amada filha, gritar e correu para salvá-la, assim como eles sabiam que faria. Kenta esperava por ele e cortou-o com uma espada. Nao já tinha matado Chiharu Tanaka e depois atacou Akiko.

Ricco tinha ouvido os gritos de Akiko, a dor e a agonia em sua voz, enquanto ele lutava contra Eiji e Hachiro. Ele conseguiu matar Eiji primeiro, deslizando por trás e quebrando o pescoço dele. Hachiro ficou tão chocado que a ponta de sua espada inclinou-se para o chão por um segundo. Ricco tinha batido forte, batendo a palma de sua mão em cima da mão de espada de Hachiro, dando com três dedos na garganta.

Hachiro cambaleou de costas, perdeu o pé e depois escorregou em todo o sangue no chão. Ele caiu duro, batendo a cabeça contra um ornamentado trabalho de madeira. Isso, com certeza, foi o que salvou sua vida. Quando ele seguiu o outro menino, os gritos de Akiko, mais urgentes do que nunca, machucaram seus ouvidos, o pé deslizou no sangue e deixou uma longa trilha enquanto ele quase se empalava na espada de Hachiro. A lâmina cortou-o, uma ferida profunda e desagradável que atravessava todo seu peito.

Hachiro ofegou e cortou uma segunda vez, desta vez arrastando a ponta pelo peito de Ricco uma segunda e terceira vez antes de Ricco poder pegar seu pulso, puxar a espada e acertá-lo com a maior parte de seu peso corporal possível. Os olhos de Hachiro se arregalaram e sua boca se abriu em um silencioso grito de protesto. De terror. Ricco não pôde desviar a atenção, e até hoje, ele acordava com aqueles olhos.

A espada quase cortou Hachiro em dois, a lâmina afiada cortou carne e osso muito mais fácil do que Ricco esperava. Ricco estava com sangue. Ele estava certo de que nunca o conseguiria tirar sua pele. Às vezes, à noite, quando ele acordava suado, entrava no banho e esfregava até que estivesse sangrando. Ele ainda sentia a substância grossa revestir sua pele.

Ele limpou a garganta e olhou para ela. Este era o momento em que a perderia. Quando ela o condenaria por estar atrasado. — Akiko colocou seu irmão e irmã em um armário em um esforço para salvá-los.

Ricco observou Mariko de perto quando contou o que a irmã tinha feito. Mariko lembrava-se vagamente de estar nesse armário. Com sua explicação, ela estava se lembrando de muito mais. Ele viu que os pesadelos que a assombravam estavam começando a fazer sentido. Ela provavelmente se lembrava de pedaços dessa noite, tudo se misturando e muito horríveis. Ele odiava ser quem tivesse que contar a ela o que realmente aconteceu com a família dela. Principalmente porque estava envergonhado de não ter chegado lá a tempo de salvá-los.

— Akiko era muito corajosa. Ela se virou para lutar contra Nao, mas ele estava carregando uma espada. Traiçoeiro. Ela o derrotou no torneio e ele não iria dar chance dela lutar contra ele. Ele estava selvagem, cortando-a, e provocando-a, disse-lhe que ia violá-la—estuprá-la—e depois matá-la e a seu irmãozinho. Ela gritou por ajuda, mas eu era o único lá para ouvir seus gritos, e eu estava lutando contra Eiji e Hachiro.

Isso levou quanto tempo? Segundos, minutos, ele não sabia só que ele tinha chegado tarde demais.

— O que aconteceu, Ricco? Não pare por aí.

Sua voz estava tão baixa que ele quase não a escutava. Ele não podia fazer a morte de sua família mais fácil. Não havia redenção para ele. Lá estava o momento de percepção de que ele poderia ter impedido o assassinato da família dela e então ele perderia a chance de ter a única mulher que ele poderia amar tanto que o aterrorizava.

Ele não conseguiu parar. Pegou-a pelo queixo e ergueu o rosto dela para o dele, dobrando sua cabeça latejante quase cegamente para capturar a boca com a dele. Ele precisava desse momento para se estabilizar. Para encontrar forças para lhe dar a verdade exata sem tentar fazer-se senão o que ele era: *Culpado de um engano que custou vidas—a vida da família dela.* Era difícil admitir, porque significava que ela estaria fora de sua vida, e ele saberia, enquanto vivesse que ele perdeu a única mulher que ele poderia amar por seus próprios erros.

Ele a beijou. Suavemente. Reverentemente. Sentindo a necessidade e o desejo de modo urgente, ele não sabia que essa necessidade existia. Ele lambeu seus lábios, saboreando a doçura dela. A promessa do paraíso. Ele saboreou o gosto dela, grato por ela não ter se afastado. Ele tomou o seu tempo, persuadindo os lábios, separando, provocando com a língua e dentes, com os lábios, até que ela se decidisse.

Quando seus lábios se separaram para ele, ele assumiu, a exaltação e a paixão aumentando como uma maré escura. Suas mãos seguravam o rosto dela, os dedos deslizando ao longo do pescoço, reivindicando o máximo que pudesse. Ele aprofundou o beijo, encontrando ternura quando nunca teve tal coisa e nunca soube que estava dentro dele em algum lugar, esperando por ela.

A batida em sua cabeça recuou. A raiva em seu intestino diminuiu. Paz passou por ele. Uma nova fome aumentou algo afiado e terrível em sua intensidade, tocando um poço de paixão tão profundo que ele quase foi destruído por isso. Ele tinha tido sua cota de mulheres e tinha tratado o sexo de forma muito casual. Agora, de repente, não havia nada casual no modo como ele sentia em relação a Mariko. Nada casual em seus beijos, ou na forma como ele a segurava.

Ele mostrou o que sentia, esperando que ela entendesse a verdade de seus sentimentos—que ele mesmo o tivesse feito, era um milagre. Era Mariko. Ele tinha estado sozinho por tanto tempo, lutando para manter todos à sua volta seguros, acreditando que ele não tinha possibilidade de algo mais do que apenas existir, e então ela estava lá. Agora. O que ele sabia que seria o centro de seu mundo.

Mas ele tinha que dizer a verdade sobre o passado dela. Ele não tinha escolha. Relutantemente ele levantou a cabeça, o polegar escovando uma carícia sobre os lábios. Seu olhar se agarrava ao dele, um pouco chocada, atordoada e definitivamente excitada. Ele odiava vê-la assim, e saber que ela poderia nunca olhar para ele da mesma maneira.

— Eu tenho que lhe contar o resto, Mariko. Eu não quero, mas você tem que saber. Sua família nunca a abandonaria. Eles se orgulhariam de você. Você é uma Tanaka, dos lendários cavaleiros de sombra Tanaka e tão boa como o melhor que já tiveram.

Ela balançou a cabeça, mas sabia que a negação era mais automática do que outra coisa. Ela estava confusa, mas não rejeitava completamente sua história.

— Você era aquela garotinha no armário. Nao tirou seu irmãozinho para fora primeiro, jogou-o no chão e começou a pisoteá-lo, uma e outra vez. Você veio voando enquanto eu me apressei. Você acertou-o com um golpe perfeito, bem na virilha. Quando você desceu, escorregou no sangue de Akiko quase aos pés de Nao. Você se lembra?

As lágrimas escorreram pelo rosto dela e ele usou o polegar para escová-las, se dobrando para beijar-lhe as têmporas e os olhos como se isso pudesse fazer tudo melhorar. Como se isso aliviasse a terrível tragédia de perder sua família assassinada.

— Você foi tão corajosa. Kenta estava lá e me atacou. Ele tinha uma espada. Eu deveria ter mantido a espada de Hachiro, mas não consegui pegar em todo o sangue, e eu queria nunca segurar uma espada novamente. —Era assim desde então. Ele treinava ano após ano, mas lhe virava o estômago. Ele tocou a longa cicatriz no rosto. — Ele me fez isso enquanto eu tentava me posicionar para manter Nao longe de você e ainda tomar a espada de Kenta.

Mariko assentiu várias vezes, seus dedos tremendo enquanto os pressionava contra seus lábios. — Meus pesadelos, —ela sussurrou suavemente. — Eu vi essas coisas em meu pesadelo.

— Porque você as viveu, —ele assegurou. — Não eram pesadelos, era a realidade, impressa em seu cérebro, você nunca pode se livrar das imagens, sons e cheiros. —Era assim com ele no momento em que fechava os olhos. Ele podia sentir o cheiro do sangue. Ouvir os gritos de Akiko. Os gritos do menininho e o som de seus ossos quebrando enquanto Nao pisava nele uma e outra vez.

Ricco não conseguiu chegar a Nao e aos pequenos porque estava lutando por sua vida, tentando superar Kenta, que empunhava sua espada com começos de especialização. Pelo canto do olho, viu Nao sorrir, dar outro chute na menina e depois se voltar para o menino.

— Nao se gabou de que Kenta me mataria, mas não antes de eu testemunhar o que Nao planejou fazer com você e seu irmão.

Ela assentiu seu corpo inteiro estremecendo. — Ele disse que eles o culpariam, um diabo de outro país. Eu me lembro disso. Lembro-me dele dizendo isso. —Ela olhou para ele com os olhos feridos. — É verdade então. Eu não pude evitar que ele machucasse Ryuu. Ele continuou pisoteando-o uma e outra vez até

que quebrou tantos ossos que Ryuu cresceu torto. —Ela colocou uma mão delgada na garganta, como se precisasse se defender de tudo o que ela sabia.

— Você tentou Mariko. Aos três anos, com apenas um ano de treinamento, você tentou. Eu podia ouvir os ossos quebrando, e então você avançou em Nao uma segunda vez. Kenta virou a cabeça para rir. Ele estava coberto de sangue, seu corpo virou-se para você e Nao. Sua mão escorregou do alcance da espada. Aproveitei e avancei, afastando a espada. Ele já havia me cortado no rosto e havia tanto sangue que tive dificuldade em enxergar.

A dor tinha sido uma agonia, mas ele a deixou de lado, ouvindo os gritos da criança no chão, tão quebrado, e vendo um adolescente enlouquecido atacando o menino tão viciosamente. — Foi você, Mariko, que salvou o dia. Se você não encontrasse forças e coragem para ir atrás de Nao uma segunda vez, eu não teria conseguido matar Kenta.

— Eu pulei nas costas dele, —Mariko sussurrou. — Chutando e batendo nele, puxando os cabelos. Acho que até o mordi.

Ricco assentiu. — Eu bati a borda da minha mão na garganta de Kenta com toda força e adrenalina que tinha. —Todo o medo. Toda a raiva. Todo o saber que ele era um cavaleiro da sombra e era o que ele nascera para fazer. Ele podia ter chegado tarde, mas Nao não teria suas duas últimas vítimas.

— Eu tinha uma caneta que peguei do chão e eu a enfiei nos olhos de Kenta. Um ruído estridente surgiu de sua garganta, como se o som estivesse sendo espremido. —Ele balançou a cabeça. — Foi um som horrível. Eu peguei sua espada e acertei a cabeça de Kenta e depois me virei para Nao. Ele tinha você no colo.

Mariko tocou sua garganta. — Ele tinha uma faca.

Ricco tinha que continuar, dizer tudo, para que ela soubesse que os detalhes de seus sonhos eram reais. — Em um movimento, ainda girando, cortei carne e osso com a espada de Kenta. Não estava tentando impossibilitá-lo por toda a vida. Somente tentando evitar que ele matasse você e seu irmão.

Nao gritou um som agudo, que se misturou aos gritos de Ryuu até que Ricco não podia separá-los. Ele ainda se lembrava desses sons desesperados toda noite. Às vezes, eles eram tão altos que ele se sentava em sua cama, tapando seus ouvidos, tentando pará-los. Atrás dele, Kenta caiu em um movimento lento, seus olhos rolando para trás, então apenas o branco apareceu. Na frente dele, Nao entrou em colapso, caindo no sangue de Akiko, seus braços batendo nas pernas inúteis. Essas imagens também estavam trancadas em seu cérebro, o artista nele via o sangue como fitas vermelhas, como rios carmesins, como uma piscina de vinho escuro embaixo dos corpos.

— Corri para Ryuu, —ela sussurrou. — Seu corpo estava tão esmagado e retorcido que eu apenas o segurei e o baixei. Lembro-me do sangue pegando em minhas roupas e cabelos.

Ele assentiu. As lágrimas escorreram pelo rosto, assim como tinham quando ela era aquela pequena garota de cabelos claros. — Ryuu e Nao ainda estavam vivos. —Em choque ele ligou para os membros do conselho ir para a cena horrível. Então o seu pesadelo realmente começou. Ele supôs que o dela também tinha, e ela era muito mais jovem. Ele tinha a família dele, ela não tinha ninguém.

— Osamu Saito nos levou. Ryuu e eu. Ela me odiava com cada respiração e piorou a cada ano.

Ricco sentiu-se doente de tristeza e raiva pelo que os membros do conselho haviam feito com ele. Forçando-o a permanecer em Tóquio, suportando as

ameaças de dizerem aos outros que ele havia assassinado uma família inteira se ele não cooperasse. Com medo que levassem a cabo suas ameaças de matar sua família se ele contasse a alguém o que havia acontecido. Ele sentia-se muito sozinho mesmo no meio da família que o amava.

Agora, a fúria rugia dentro dele como nuvens sombrias ameaçadoras, alimentada pelo que Mariko tinha passado. Os homens sabiam como Osamu a tratava, mas não fizeram nada, para proteger suas reputações. Ele se moveu novamente, mais perto dela, querendo abraçá-la, oferecer-lhe conforto. Ela se afastou e ele congelou tudo dentro dele gelando.

— Eu preciso ficar sozinha, —disse ela. — Isso é muito para aceitar.

Sua linguagem corporal gritava que não queria ser tocada. Queria ficar sozinha. O que ele poderia dizer disso? Ela estava pedindo espaço. Ele sabia tudo sobre isso. Ele também sabia que ela se separava dele. Ela o estava rejeitando com tanta certeza quanto ele esperava que ela fizesse. Ele assentiu e a viu sair do quarto. Ela se afastou dele sem olhar para trás. Nem uma vez. Ele não tentou pará-la. O que havia para dizer? Ele tinha dito a ela a verdade. Ela sabia que era uma Tanaka e que sua família havia sido brutalmente assassinada e seu irmão pisoteado até que seu corpo estivesse deformado. Ela sabia que ele estava atrasado. Que ele tinha se perdido.

De jeito nenhum, ele se perdia agora. Ele mantinha um mapa em sua cabeça o tempo todo e ele montava as sombras incansavelmente a cada novo lugar que visitava até que ele estivesse familiarizado com cada quadra. Toda área rural. Isso não compensava o atraso, nunca compensaria se atrasar devido a não estudar muito, mas certificava-o de que não aconteceria novamente. A menos que ... Ele suspirou e recostou-se na cama, sua cabeça latejando novamente em protesto

contra o movimento. A menos que ele estivesse atrasado porque ele foi apanhado em outra coisa—*outra* pessoa—como Mariko.

Ele tinha que ajudá-la. Não importava como ela se sentia sobre ele, ele tinha que ajudar a encontrar o irmão dela. Eles precisavam de um lugar para começar. Os investigadores já estavam no assunto, e assim que Vittorio saísse do hospital, ele pediria a seus irmãos e a Emme para ajudarem. Ele ligou para Stefano para verificar a condição de seu irmão. Stefano estava sentado lá, guardando Vittorio e certificando-se de que ele não escapava.

— Fique em casa esta noite, Ricco e descanse, —disse Stefano quando se ofereceu para dar uma atenção ao irmão.

— Eu estava atrasado, —ele confessou. — Eu estava ocupado com Mariko e não substitui Vittorio.

— Você tinha três minutos de atraso, Ricco. Você usou as sombras para chegar até ele e isso ganhou tempo. Todo mundo se atrasa três minutos.

— Eu nunca estou atrasado. Ele estava contando comigo.

— Ele me disse que notou o tempo porque Nicoletta tinha vindo duas vezes até a janela e recuou. Ele estava certo de que ela estava vacilando entre ficar e fugir.

Se Vittorio estava falando, ele estava muito melhor do que a última vez que Ricco o tinha visto quando o carregaram em uma ambulância.

— Não faz sentido que estivessem fora da casa de Nicoletta. Se são nossos inimigos, por que ela era o alvo? —Ricco havia se questionado dúzias de vezes.

— Essa é a questão de milhões de dólares, não é? —Perguntou Stefano. — Eles não eram membros dos Demônios, nem tinham acentos de Nova York. Eu

estendi a mão para os nossos primos, e, embora a gangue esteja procurando Nicoletta e a resposta para quem matou seus tios, não houve nenhuma agitação como se Valdez soubesse onde ela estava.

Ninguém, exceto Benito Valdez, chefe dos Demônios de Nova York, estaria procurando por Nicoletta. Então, por que os assaltantes estavam fora de sua casa?

— Penso que neste momento, todos devemos ter muito cuidado e vigilância, —Stefano acrescentou. — Até que possamos saber quem é nosso inimigo, não podemos correr o risco.

Ele hesitou por um momento e Ricco sabia o que estava por vir.

— Você está certo de que Mariko não está envolvida?

— Eu ouço a verdade do mesmo jeito que você, —ele assegurou. — A conexão entre nós é muito forte e quando nossas sombras se conectam, é inacreditável. Não tem jeito dela poder esconder algo assim de mim. —Ele ficou em silêncio por um breve momento. — Ela é uma boa lutadora, Stefano. Rápida. Eficiente. Ela não hesita. Ela não tem que se entregar. Ela não tinha como saber que eu estava com ela, mas ela me seguiu e então pulou direto. Eu não sei o que teria acontecido sem ela.

— Você teria matado todos, Ricco, porque você não teria tido uma escolha, —assegurou Stefano. — Essa mulher. Você está certo dela?

— Estou certo de que ela é a única para mim. Não sei se ela ficará comigo.

— Por sua reputação?

Ele suspirou. Stefano não puxou mais. — Eu queria que fosse isso. Eu estava atrasado naquele dia, Stefano. Eu não tinha estudado e me perdi tentando

chegar à casa dos Tanaka. Eu tinha que dizer a ela. Ela teve que reviver o pesadelo de sua família morrendo, sabendo que não cheguei a tempo.

Stefano entrou em erupção em uma longa ladainha de palavras não muito sutis. Ricco ficou em silêncio enquanto Stefano assegurava de sua maneira habitual que ele não era culpado. Ele tinha catorze anos, e o conselho teria que se desculpar com a família Ferraro e Ricco especialmente antes que isso acabasse. Ele já havia feito perguntas sobre todos os homens e famílias que ocupavam cargos no conselho. Os primos de Nova Iorque estavam investigando, já que eles estavam espalhados, mas Stefano não queria que Ricco dissesse que a culpa era dele novamente.

— Os pequenos bastardos eram assassinos, e suas famílias os transformaram em heróis trágicos, fingindo que eles morreram em um acidente de carro. Grande quantidade de merda. Seus pais eram malditos covardes em não dizer a verdade e obrigar você a ficar quieto. Nos ameaçando?

Stefano estava um rolo e claramente com raiva. A cabeça de Ricco doeu ainda mais. — Eu preciso descansar por um tempo se você não precisar de mim no hospital, —ele interrompeu a ladainha. A retribuição aconteceria agora que Stefano sabia o que tinha acontecido com seu irmão mais novo. Ricco não invejava o atual conselheiro de Tóquio, nem o internacional.

Stefano cortou instantaneamente o resto de sua avaliação das três famílias envolvidas e disse-lhe para dormir um pouco. Ricco encerrou a chamada e fechou seus olhos. Já era manhã e a luz atravessava as longas janelas, revelando o jardim no pátio. Ele adorava os jardins do Japão por sua beleza e paz. Agora, a luz apenas aumentava a dor latejante na cabeça dele.

— Cortinas. —Ele falou a palavra e as cortinas grossas e escuras que cobriam a janela começaram a descer de onde estavam enroladas perto do teto acima do vidro. Ele tinha sangue na roupa e precisava de um banho, mas ele não conseguia encontrar energia para se levantar.

Ele simplesmente se deitou na cama, se afastando, tentando não pensar em Mariko e no fato de que a perdeu antes de tê-la tido. Pelo menos ele conseguiu salvar sua vida e sabia que ela estava no mundo. Não com ele, mas viva e era uma boa cavaleira. Ela simplesmente não seria sua, mas isso era um detalhe. Ela estava viva. Ela merecia ser feliz, e ele poderia dar-lhe isso. Ele poderia encontrar seu irmão para ela e ter certeza de que ambos ficariam seguros.

Ele vagou, mas não adormeceu. Os acontecimentos de seu passado estavam muito perto. Tentou fechar essas portas, mas quando se deitou na cama, elas persistentemente abriam rangendo. Ele pensou sobre os membros do conselho tantas vezes nos últimos anos. Provavelmente eram bons homens ao mesmo tempo, mas o pesar e a vergonha os desgastaram.

Eles queriam que ele falhasse. Cada vez que ele fazia as provas, *todos* os instrutores estavam presentes. Ricco estava tão determinado a ser rápido e forte que trabalhou de manhã para noite, fazendo todas as tarefas necessárias, mas dobrando seu tempo de prática. Ele derrotou todos os adversários nas provas e seus tempos nos tubos de sombra eram significativamente mais rápidos do que os outros, mas não importava.

Os membros do conselho o repreendiam, batiam, usavam bastões e continuamente sacudiam-no de sua cama, jogando-o no chão, chutando, furando e dizendo-lhe que deveria estar ciente de sua presença. Nenhum dos outros

estagiários relatava ser acordado do sono de tal forma, mas não importava. Ele se treinou para dormir, para estar preparado para qualquer ataque, noite ou dia.

Eles tiraram o telefone dele, o vigiavam o tempo todo. Quando sua família ligava, eles estavam ali para ouvir em cada palavra. As ameaças contra sua família eram contínuas. Se ele falasse, eles iriam matar a todos, limpar a família Ferraro, e ninguém saberia quem fez isso.

Ele precisava deles. Sua família. Stefano. Ele tinha a alma de um poeta e o sofrimento dos pais estava rasgando-o em pedaços. Eles o haviam interrogado por vários dias. Fazendo as mesmas perguntas repetidamente. Querendo que as respostas fossem diferentes. Eles conversaram com a pequena Mariko, e ela deu as mesmas respostas uma e outra vez. Apesar de suas instruções para responder de forma diferente.

Um poço de raiva começou a se formar dentro dele e a crescer mais e mais, até o consumir. Quando soube que não podia ficar quieto e estava prestes a entrar em um perigoso surto de raiva jogado diretamente em suas mãos, foi para a sala de treinamento e passou horas batendo no saco de pancada até suas mãos estarem sangrando. Os golpes estremeciam seus braços, seu corpo, a dor esmagadora nos nódulos das mãos, o firmaram. O aterraram.

Foi quando o mestre Kin Akahoshi decidiu intervir. Ele era o Instrutor de artes marciais, bem como o instrutor hojojutsu. Ele viu o tratamento a Ricco, assim como todos os instrutores, mas nenhum queria ir contra o poderoso Conselho, especialmente após o *"acidente de carro"* que matou suas crianças. Todos sabiam que estavam sofrendo, mas ninguém sabia por que eles tinham escolhido Ricco para o tratamento que lhe deram.

Mestre Akahoshi entrou no salão de treinamento para encontrar Ricco batendo no saco, os nós dos dedos, embrulhados como deveriam estar, mas sangrando através dos envoltórios. Ele permaneceu ali por um longo momento, apenas observando-o, e então se aproximou e pediu-lhe o saco. Ricco se deslocou preparado para lutar por seu direito de usar o equipamento fora de hora, mas Akahoshi levantou a mão e simplesmente disse: — Venha comigo.

Por algum motivo, que ele nunca realmente entendeu, ele seguiu o instrutor até sua casa onde estava localizado seu salão de treinamento privado. Ricco sabia que era o melhor da aula em *hojojutsu.* Ele estava fascinado com a arte e os nós. A amarração. A maneira como eles pareciam para o adversário. Ele começou a aprender mais e mais nós intrincados e como colocá-los perfeitamente contra a pele. Imediatamente ele tinha se destacado na aula de anatomia, porque ele precisava aprender a colocar as cordas sem ferir—ou causar o maior desconforto possível.

Eles nunca falaram sobre os três membros do conselho ou por que eles eram tão duros com ele, mas ir para a casa de Akahoshi e ser aceito lá, enviou a mensagem aos três homens que alguém, pelo menos, os responsabilizaria. Os assaltos não foram interrompidos, mas diminuíram. Enquanto isso, Ricco continuou aprendendo a arte do Shibari.

Cada vez que pegava um maço de cordas, sentia-se completamente aterrado. Quando amarrava, ficava tão absorto em sua arte, que a ira e o medo drenavam, deixando-o relaxado e em paz. Era a única vez que ele se sentia assim.

Em seguida, Akahoshi se mudou para os Estados Unidos, especificamente para Chicago, seguindo três membros da família. Ele contatou Ricco para ver se ele queria continuar com suas instruções e, claro, Ricco tinha aceitado. Agora, a



corda era uma parte dele e ele superou seu mestre em treinamento. Ainda assim, ele voltou a comparar nós, para falar com o homem que ele acreditava ter salvado sua vida. O Conselho poderia tê-lo levado ao suicídio se não tivesse sido por Akahoshi.

Ele tinha sido condicionado a acreditar que os assassinatos eram culpa dele por ter se atrasado, por ter se perdido. Que a vida de sua família dependia de seu silêncio e de suas habilidades. Continuou a treinar diariamente e, à noite, assombrava as casas de seus irmãos e irmã para protegê-los. Ele desenvolveu uma malha fina para prender no fundo da porta, bloqueando todas as sombras, para que ninguém surpreendesse sua família ao dormir. Era fácil e rápida de remover com um único toque, possibilitando que eles escapassem se necessário, através das portas.

Ele se sentou. Quando ele estava assim, inquieto e incapaz de dormir, ele visitava Akahoshi. Seu antigo mestre sempre tinha modelos de cordas disponíveis para trabalhar e ele poderia se perder dessa maneira. Ele não queria trazer problemas para a porta de Akahoshi, suspeitando que porque ele ficou do lado de Ricco e o protegeu todos aqueles anos atrás, os membros do conselho haviam dificultado que o instrutor permanecesse em Tóquio.

Ele poderia insistir para que Mariko se juntasse a ele no estúdio. Ele não estava 100% quando se tratava de sair, e sua cabeça ainda estava lhe dando problemas, mas, apesar de pagá-la, ele nunca pediria que ela se juntasse a ele. Não quando ele estava tão nervoso e temperamental. Sua irmã Emmanuelle sempre chamou esse lado dele de *"escuro, assustador e muito perigoso".* Ninguém queria estar ao seu redor quando estava assim. Se fosse para Akahoshi, ele costumava ser brutal em seus laços, encontrando-se nos nós de castigo mais tradicionais.

Ele nunca teria chance de machucar acidentalmente uma das modelos de corda, muito menos Mariko. Ela precisava de cuidados. Não que ela fosse frágil, longe disso, mas ela obviamente nunca tinha conhecido a bondade. Ela ainda não estava se abrindo com ele e ele praticamente empurrou toda a sua história pela garganta.

Ele gemeu quando se sentou, passando ambas as mãos pelos cabelos. O quarto girou por um momento e depois se endireitou, deixando-o saber que ele estava uma bagunça. Claro, ele teria que estar no pior momento quando conhecesse Mariko. Orgulhava-se de suas habilidades, e já tinha tido que salvar o dia.

Ele se despiu, jogando suas roupas na proximidade do cesto. Ele tinha maus hábitos por viver sozinho tanto tempo. Emmanuelle dizia que ele era relaxado a cada chance que tinha, embora ele soubesse que não era. Ele nunca pegava suas roupas sujas até chegar a hora de lavá-las, algo que ele teria que superar se pudesse convencer Mariko a perdoá-lo e dar uma chance a ele.

Ele viu um vislumbre de seu corpo no espelho antes de entrar no chuveiro duplo. Seu peito estava marcado e ele tocou uma das longas estrias que a ponta da espada tinha deixado em sua carne. Sua vergonha estava esculpida em seu peito para todos verem. A primeira pergunta feita, por qualquer mulher com quem ele estivesse, era como ele conseguiu essas cicatrizes distintas. Ele inventava histórias escandalosas, fazendo piada quando um poço de raiva sempre se abria dentro dele ao escutar essa pergunta.

Ele estava desarmado e os quatro meninos tinham espadas extremamente afiadas. As cicatrizes deveriam ter sido emblemas de coragem, mas representavam o fracasso dele. Ele pisou sob a água quente e deixou-a aliviar a dor em seus

músculos tensionados. O que ele não daria por uma boa massagem. Ele nunca podia relaxar o suficiente para aproveitar uma. Ele estava sempre muito ocupado olhando por cima do ombro. Mesmo no banho ele se sentia vulnerável e sempre ficava de frente para a porta. Era uma maneira insana de viver, mas ele estava fazendo isso há tantos anos, que não estava certo de poder viver de outra maneira.

Ele enxaguou o sabão e o xampu de seu cabelo. Estava ficando muito longo. Ele raramente se incomodava de cortá-lo com um profissional. Ele apenas pedia a Emme para cortá-lo para ele. Ele crescia grosso e selvagem, e quando ela o aborrecia, ele entregava-lhe a tesoura. Ela sempre balançava a cabeça, mas fazia o que ele pedia e cortava-o para ele.

Ele puxou as calças largas, apertou o cordão, vestiu uma camiseta apertada e caminhou descalço pelo corredor até a sala de treino. No momento em que ele colocou o pé dentro da sala, permitiu-se reconhecer seu estado de espírito. Este nervosismo não era só pelas lembranças tão perto, embora uma boa parte fosse. Ele a perdeu—Mariko. E que tipo de destino havia ditado que a pequena garota que ele salvou seria enviada para matá-lo e ele iria cair como uma tonelada de tijolos por ela.

Ele puxou as finas luvas de treino de couro enquanto contemplava a ironia do seu destino. Ele não era um homem que sentia pena de si mesmo. Ele ficava com raiva, mas não se afundava na miséria. Ele vivia sua vida na via rápida para escapar da sempre presente raiva e medo de que sua família se tornasse um alvo. Ele havia considerado retornar a Tóquio e se livrar da ameaça, mas sabia que isso traria desgraça para sua família.

Stefano tinha maneiras de lidar com ameaças, e mais de uma vez, especialmente ultimamente, Ricco tinha pensado em lhe contar toda a bagunça. Ele não lamentava que Mariko tivesse lhe fornecido o catalisador para fazê-lo.

Ele entrou em um ritmo, batendo o saco de pancada, movendo-se ao redor enquanto batia. O som de seus punhos junto com a sacudida de dor nas articulações batendo no pesado saco. Depois de um tempo os pensamentos desapareceram de sua mente, permitindo que a loucura sumisse por um pouco tempo. Ele ignorou o protesto de seu corpo. Às vezes, a dor em seu corpo valia a pena pois sua mente acalmava.

9

Mariko chorou em seu chuveiro e o tempo todo em que esteve mergulhada na banheira. A água estava gelada quando conseguiu conter a torrente de emoção. Ela gritou pela pequena garota de três anos que disseram ter entrado em um carro, ligando-o e passado sobre seu irmão bebê. Ela chorou pelo irmão que ficou perdido, junto com ela, acreditando e não acreditando. Ela gritou por sua família perdida. Ela gritou para saber que ela não era uma órfã abandonada que ninguém queria, mas uma Tanaka, dos lendários cavaleiros. Na maior parte do tempo chorou pelo garoto de 14 anos que havia matado três meninos e

paralisado permanentemente outro para salvá-la, e tinha sofrido a vida inteira por suas ações corajosas.

Ela entendeu a loucura de Osamu um pouco melhor. Seus filhos haviam sido assassinos. Eles eram responsáveis por várias mortes e contribuíram para a perda dos cavaleiros Tanaka. Ninguém quer o estigma e a vergonha disso pendurado sobre ele. Osamu e seu marido, Daí, eram pessoas orgulhosas. Pensar que Ricco a qualquer momento poderia mudar suas vidas comeria a ambos.

Osamu ficou indecisa entre amar e odiar Ryuu. Ela iria, tratá-lo como o filho que ela havia perdido e depois como uma lembrança dessa perda. Ela manteve-o fora de equilíbrio e sempre buscando o amor dela. Mariko a puniu por estar viva quando seus filhos não estavam. Ela teria ódio de Ricco como nenhum outro. Ele matou seus filhos, independentemente das circunstâncias.

Ao longo dos anos, Daí e Osamu se separaram, à medida que sua loucura havia progredido. Daí recuou, deixando-a por longos períodos, indo para sua cidade, mas ele sempre voltou. Osamu poderia ter estimulado a tentativa do assassinato de Ricco? A resposta era sim. Certamente. Ela teria pensado em justiça ao usar Mariko para matá-lo. Isso explicaria o porquê o bilhete foi entregue em seu quarto em vez de pelo correio. Mas ela envolveria Ryuu? Arriscaria a vida dele deixando seus cúmplices sequestrá-lo?

Mariko estremeceu quando envolveu uma toalha ao redor dela. Ryuu não tentaria contra sua irmã. Ela estava certa disso. Ele poderia ter se inclinado a seguir o exemplo de Osamu de ridicularizá-la e ser afetado, mas ele nunca concordaria em forçá-la a matar outra pessoa. Ryuu podia tentar fazê-lo sozinho para Osamu, mas não usaria Mariko.

Ela deixou seus cabelos soltos, tirando os paus para que ele caísse até sua bunda. Ela deveria tentar dormir, mas não estava cansada. Ela podia ouvir o eco de um ritmo acelerado, os golpes batendo repetidamente como a batida de um tambor. Ela sabia o que ouvia. Sabia que Ricco deveria estar batendo no saco de pancada na sala de treinamento. Ela estremeceu, pensando na quantidade de tempo que ela estava escutando o ruído—certamente o tempo todo que ela esteve na banheira. Talvez mais. Era um ritmo punitivo, e ele não havia parado um momento.

Ela foi até as gavetas de cedro onde a lingerie havia sido colocada. Um sutiã de renda vermelha e uma calça correspondente estavam por cima. Ela passou sua mão sobre eles. Ela vestia roupas íntimas simples. Nada que a fizesse pensar que ela era uma mulher—especialmente uma sexy. Ricco a fazia se sentir linda e sensual toda vez que a olhava. Ele tinha uma maneira de se concentrar nela que a fazia sentir como se fosse a única mulher que ele via. Ela sabia que isso não era verdade, porque ela lia os tabloides, mas ainda assim, pela primeira vez em sua vida, sentia-se bonita. Mais, ela sentia como se Ricco Ferraro visse apenas a ela.

Ela colocou o sutiã e a calcinha, deslizando-os sobre sua pele pálida que sempre odiou. Agora parecia quente e macia. Sensual. Porque ela pensava nele. Ela não sabia que a vida poderia ser diferente. Em casa, havia sempre um trabalho novo que nunca acabava. Ela amava o treinamento, mas não conseguia treinar sempre. Osamu sempre estava esperando para entregar sua lista de tarefas. Mesmo saindo das missões, ela não tinha uma boa noite de sono.

Ela olhou ao redor do quarto. Confortável. Bonito. Espaçoso. Ela nunca teve algo como esse quarto. Seu próprio banheiro. Gavetas e um armário com roupas. Ela puxou um quimono de seda do armário. Cerejeiras floridas cobriam o tecido

macio em rosa e marrom. Era lindo. Ela se envolveu na túnica longa e passou as mãos por ela. A seda parecia sensual contra a pele dela e, olhando no espelho, ficou chocada com a aparência dela.

Ela fez uma maquiagem iluminada por vaidade. Ela sabia o suficiente para fazer os olhos arder, mas nunca tinha usado um batom vermelho. Osamu teria ficado furiosa e lhe chamado de todos os nomes. Ela mal podia acreditar que era ousada para escolher o rubi vermelho. Ela quase o limpou, mas depois endireitou os ombros.

Ricco Ferraro era um bom homem. Um homem digno. Por cada conta, ele era considerado um dos melhores cavaleiros da sombra. Se ela tivesse uma pequena quantidade de tempo, queria que fosse gasto com ele. Ela queria sentir-se bonita, mulher. Ela havia ido a todos os lugares onde seu irmão poderia estar, mas não tinha pistas. Nenhuma informação. Nenhum lugar para começar. Ela só poderia esperar que, se Osamu estivesse na conspiração para matar Ricco, depois da morte de Mariko ela libertasse Ryuu. Enquanto isso, Mariko ia gastar tanto tempo como possível com Ricco. Ela continuaria tentando encontrar seu irmão, mas sabia que as chances se empilhavam contra ela.

Ela deu uma última olhada no espelho para a mulher que ela realmente não conhecia e resolutamente virou-se para o som daquele saco pesado sendo golpeado em um ritmo que não tinha uma pausa. Com o coração acelerado, ela continuou no mesmo ritmo, não rápido, não lento, mas gracioso, silencioso, movendo-se na seda do quimono, sentindo-o contra sua pele nua. Ela nunca tinha estado mais certa, ou mais nervosa, com uma decisão.

Ricco se movia contra o saco com a graça fluida de um lutador. Ela não podia evitar admirá-lo. Ele era um homem lindo, um espécime físico perfeito se ela fosse

clínica. Ela preferia ser clínica sobre a surpreendente emoção que ele invocava nela.

— Você não deveria estar aqui agora, —disse ele.

Ele não se virou nem olhou para ela. Ela estava atrás dele, suas sombras não tocavam, mas ainda assim ele estava ciente dela. Isso era bom, porque ela estava bem consciente dele.

— Você tem que parar. —Ele estava se machucando. Ela sabia o porquê. Ela usava o exercício físico para tentar parar a dor e o caos na cabeça quando Osamu a levava a querer machucar algo ou alguém—geralmente ela mesma. Assim como ele estava fazendo.

— Você não deveria estar aqui, —ele repetiu. — Me dê uma hora mais ou menos.

— Tem que haver uma maneira melhor. Ferir-se não é a resposta, Ricco. — Ela manteve a voz muito baixa, assim como a dele. Seu tom era sensual, o dele era comandante e vibrou através dela.

Ele parou de bater no saco e olhou por cima do ombro, os olhos escuros e enigmáticos. Ela estremeceu com a mistura de dor e raiva que viu lá.

— Eu tenho duas maneiras de me livrar disso: *Treinando no saco e no Shibari.* Isto parecia mais seguro.

Ela manteve o chão, embora tenha sido necessário mais coragem do que montar as Sombras já tinham exigido. — Estou aqui para ser sua modelo de corda.

Ele balançou sua cabeça. — Não é seguro quando eu estou assim. Eu poderia te machucar.

— Não, você não poderia. — Se havia uma coisa de que ela estava certa, era isso, Ricco Ferraro nunca a machucaria. Ela ficou chocada com a certeza que tinha

disso. Claramente, quando suas sombras se tocaram, revelaram muito mais dele, do que ela percebeu até aquele momento. Ela poderia passar uma vida conhecendo outro homem e ela não o conheceria tão bem quanto a Ricco. — Você nunca me prejudicaria. Eu gostaria muito de fazer mais da arte de corda com você, isso é, se você quiser, também.

O bater de seu coração soava alto no silêncio que se seguiu. Ela não tinha ideia se estava pisando uma linha invisível com ele. Ela não sabia o suficiente sobre relacionamentos de qualquer tipo, muito menos no estranho em que se encontrava agora. Ela só sabia que tinha que detê-lo e a única maneira de fazê-lo era se entregar a ele.

— Eu estava atrasado, Mariko. Você entende que se eu chegasse a tempo, eu poderia parar o massacre? Eu me perdi.

— Eu hesitei em sair do armário depois que Nao puxou Ryuu para fora. Eu estava tão aterrorizada, que hesitei.

Ele xingou em italiano. Uma das primeiras coisas que todos os cavaleiros tinham que aprender eram várias línguas, e ela estremeceu com os palavrões extremamente explícitos. Ele finalmente voltou para o inglês. — Você tinha três anos de idade.

— Você tinha apenas quatorze anos, —ela respondeu. — Você provavelmente teria sido assassinado se tivesse chegado lá antes, e então eu estaria morta e também Ryuu. Você me devolveu minha família. Osamu me convenceu de que fui deixada na rua. Não desejada. Uma criança do diabo trazendo má sorte para qualquer um que eu encontrasse. Ela me disse que minha mãe era uma prostituta e que eu tinha entrado em um carro, engatei e passei sobre Ryuu. Eu sei agora que não é a verdade. Não fui eu a machucá-lo.

Ele estourou em outra longa ladainha de palavrões muito irritados, enquanto sacudia as luvas de couro finas de suas mãos. — Vou fazer uma visita a Osamu Saito. O mundo dos cavaleiros saberá exatamente o que ela fez, bem como os crimes de seus filhos. Não posso acreditar que ela inventou uma história tão feia. Ela teve que fazer isso para separar você de seu irmão.

Ela nunca teve um campeão, alguém para defendê-la. Ela não sabia como sentir sem se quebrar. Ela estava oferecendo-lhe seu corpo como tela e isso significava sua corda, uma extensão dele, a envolveria. Ao invés de se sentir assustada, sentia-se segura em suas cordas. Agora ela sabia o porquê. As sombras que a ligavam a ele haviam permitido que ela o visse pelo que ele era—um homem a ser contado. Por qualquer motivo, ela havia caído sob sua proteção, e ele levava isso a sério—tão a sério quanto quando tinha quatorze anos. Talvez mais.

— O que você gostaria que eu usasse Ricco? —Ela murmurou suavemente, esperando aliviar a raiva nele.

Ele ficou quieto. — Você está certa? Eu não quero assustá-la. Ter você como modelo de corda é extremamente importante para mim. Minha irmã diz que eu sou muito assustador às vezes.

— Sua irmã está certa, —ela admitiu, — mas você não me assusta.

Ele ergueu uma sobrancelha.

Ela não pôde deixar de sorrir. — Você me *intimida,* o que não é o mesmo, e só porque estou fora do meu elemento.

Imediatamente ela viu a tensão escorrer de seu rosto. Ele ainda parecia—intimidante—mas ela sabia que ele sempre seria assim para ela. Só um pouco. Somente o suficiente para torná-lo interessante. Ainda assim, ele relaxou. Ela conseguiu domar os demônios que o dominavam, e isso a fez se sentir muito,

muito poderosa. Novamente, *ela* tinha seu foco completo. Não o passado. Não os problemas do presente. Apenas Mariko.

— Você não está fora do seu elemento, —ele corrigiu. — Eu gosto do que você está. Você está confortável com o que está vestindo?

Ela escolheu a renda vermelha porque a cor a fazia parecer sexy. O quimono de seda com as flores de cerejeira em todo ele, fez com que ela se sentisse em casa e extremamente linda. Ela assentiu.

Ele estendeu uma mão para ela. Ela não hesitou em colocar a dela na dele. Seus dedos se fecharam em torno dela. Apertados. Calorosos. Ele a levou da sala de treinamento para o estúdio. Ela estava com a respiração muito rápida, mas de excitação, não de medo.

— Você ficará desconfortável se eu remover o quimono?

Sua voz poderia ser mais suave? Ainda assim, mantinha aquela nota suave e baixa masculina que deixava seu sangue em chamas. Como ele fazia isso?

— Eu não poderia fazer isso com mais ninguém. —Ela tinha que dizer a ele isso. Ficar tão vulnerável era um presente para ele. Era preciso coragem. Mais, ela temia estar dando mais do que seu corpo como uma tela. De alguma forma, cada vez que ele a tocava, falava com ela, ou suas sombras se conectavam ligava-os mais forte do que as cordas com as quais ele amarrava.

— Mariko. Preciso saber se você ficará confortável sem o quimono. Eu posso atar você de qualquer maneira, mas minha preferência seria sem. A corda deixará marcas. Não contusões, apenas marcas, mas elas desaparecerão rapidamente.

— Estou bem com isso. —Quem iria vê-las? Ninguém. Ela não tinha ninguém. Ela não respondia a ninguém. Aqui, ela tinha uma liberdade que nunca tinha tido antes. Ela sentia-se segura para explorar quem era e quem queria ser

como mulher. Por pouco tempo, ela era a mulher de Ricco Ferraro. Ela iria viver cada segundo desse tempo até o máximo absoluto.

Ele traçou a nuca sob a queda de seu cabelo, apenas passou o dedo para baixo enquanto eles caminhavam juntos. Ela sentiu seu toque através de seu corpo, como se ele tivesse uma bobina elétrica que corria através das veias dela e formava um arco brilhante e quente em sua corrente sanguínea. Ele a fazia se sentir bonita, fosse ela ou não. Ele obviamente pensava que ela era. Ele acariciou-a com muita suavidade, e o poder de sua conexão a fez sentir como se ele não só visse através dela, mas conseguisse atravessar sua pele e tocar sua alma.

— Você não precisa fazer isso. Estou bem agora, —ele murmurou quando andavam pelo corredor.

— Eu estou fazendo isso para nós dois. Estou ansiosa para isso.

Ele deu a ela outro de seus sorrisos. Este acendeu seus olhos por um breve momento e virou seu coração para ele. Uma recompensa por sua bravura, talvez. Tanto fazia o motivo, seu corpo respondeu junto com o coração dela.

Ele a levou para o estúdio e andou toda a sala até o pequeno refrigerador no canto. Ele tirou uma garrafa de água gelada e voltou para ela. — O banheiro está ali. —Ele indicou uma porta com um dedo. — Isso vai levar mais tempo do que a última vez e eu quero você confortável. Você pode se preparar enquanto eu arrumo o quarto.

Ele se afastou dela e ela olhou para ele, presa em seu feitiço. Ela não entendia como ele podia ser tão intimidante e tão gentil ao mesmo tempo. Comandando, e ainda assim a voz suave. Movia-se com graça, como um grande gato da selva, todos os músculos ondulando sob o material fino de sua roupa. Ele estava com os pés descalços e não fez um som enquanto atravessava a sala para selecionar a

música. Ele não estava olhando para ela, mas ela sabia que ele era tão consciente dela como ela era dele, o que de alguma forma a centrou.

Ela tentou abrir a tampa da garrafa, encontrou-a afrouxada e fria. Eram pequenas coisas pensadas, decidiu. Ele tinha feito isso antes, soltando a tampa de modo que ela não precisava. Abrindo portas. Caminhando com ela pelo *lado de dentro*[12]. Fazendo-a se sentir especial e nunca olhando de soslaio para outras mulheres quando estava com ele.

Ela contemplou isso quando ela entrou no banheiro. Quando ela estava com ele no restaurante, várias mulheres estavam tentando fazer contato visual com ele. Ele se concentrou nela. Ele tinha sido doce com a garçonete, embora firme com ela. Havia muitas coisas boas sobre Ricco Ferraro. Ele poderia gostar de viver sua vida na pista rápida, mas quando ele estava com alguém, ele cuidava dela.

Ela apertou mais o quimono e voltou para o estúdio, encontrou um lugar para colocar a garrafa de água e vislumbrou-se em um dos longos espelhos. Seu rosto estava corado. Seu cabelo estava um pouco selvagem. Seus olhos estavam brilhantes, e a cor de seu batom enfatizava a curva de seus lábios—a curva que Osamu havia apontado um milhão de vezes, às vezes batendo nela e a chamando de *"prostituta como sua mãe".* Era a forma natural de sua boca—havia pouco a fazer sobre isso. Ela não considerou que o batom tornasse sua boca ainda mais perceptível. Ela estava pensando em termos do que Ricco gostaria para sua arte de corda.

[12] Antigamente quando um homem andava na rua acompanhado de uma mulher, a mulher ia sempre pelo lado de "dentro" ao lado do muro, pois assim ficava mais protegida de algum problema.

Ou ela tinha? A voz de Osamu gritou em sua cabeça, uma longa lista de insultos, de repente não conseguiu bloqueá-la. Ela passou os braços em torno de si mesma, tinha vergonha de chegar até ele vestida em um sutiã e calcinha de renda vermelha. Osamu estava certa sobre ela. Ela não estava pensando na arte de corda. Ela tinha estado pensando em Ricco Ferraro.

Um movimento chamou sua atenção quando ele se virou e olhou para ela, seus olhos encontrando os dela no espelho. Seus belos olhos passaram de relaxados para assustadores, as linhas aprofundando seus olhos que pareciam diamantes negros, duros e frios e muito, muito penetrantes enquanto ele caminhava para ela, rolos de cordas pretas e vermelhas em suas mãos.

— *Foda-se,* —ele cuspiu, o som escuro e feio.

Mariko sentiu sua fúria enquanto caminhava pela sala, o primeiro movimento agressivo que ele já tinha feito para ela. Sua raiva era tangível, preenchendo o quarto espaçoso, um aviso ameaçador de seu humor negro. Ela não podia deixar de pensar que as cordas eram uma extensão dele retratando, pela cor e textura das várias bobinas as tempestades que o atiçavam.

Ela ficou firme por dois motivos. Em primeiro lugar, ela era uma cavaleira da sombra—uma cavaleira de elite—e tinha confiança de que poderia se defender se ela precisasse. Automaticamente, sua mente já estava catalogando alvos sobre ele. Segundo, ela acreditava absolutamente que nunca a machucaria.

Ricco continuou chegando até estar de pé diretamente na frente dela, em seu espaço, tão perto que seus corpos estavam tocando. Ele deixou cair as bobinas de corda no chão e a pegou, a palma ondulando em volta da nuca dela. Possuindo-a. Quando ele fez isso, tocou seu pescoço, ela sabia que ele estava conectando-os. Dando-lhe o poder dele. Tomando o dela. Trocando. Ela sentiu-se fortalecida

quando ele fez isso. Centrada. Aterrada. Mais, isso fez com que ela sentisse como se ela pertencesse a ele e ele a ela—que existiam apenas os dois e ele via apenas a ela.

— Nesta sala, há duas pessoas, Mariko. Você. E eu. Ninguém mais. Sempre. Você entendeu? —Ele puxou a mão dela para seu peito, a palma da mão dela sobre seu coração, sua carne tocando as cicatrizes que diziam que ele a salvara. — Você e eu. Ela nunca será bem-vinda aqui. Eu juro para você, eu vou lidar com ela.

Assim, ele fez Osamu pequena e sem importância, porque ele sabia. Ele via a verdadeira Mariko, tudo sobre ela, até mesmo suas inseguranças, e ele ainda a queria. Ela podia ver isso em seus olhos, sentir isso em seu toque.

Ela balançou a cabeça, descartando a ideia dele ter que enfrentar Osamu. — Eu vou parar de deixá-la me machucar. —Ela não tinha certeza de que ele acreditaria nisso, porque ela não sabia se ela acreditava.

— Olhe para mim. Eu quero ver seus olhos. Eu quero que você veja os meus porque você tem que acreditar que estou lhe dizendo a verdade absoluta.

Ela não podia resistir. Quem poderia? Havia sempre essa nota gentil de comando. Aço envolto em veludo. Ela ergueu os cílios e seu coração se sacudiu duro. Seu sexo se apertou. Carente. Com fome. Chocante. Seus olhos estavam vivos com muita raiva de Osamu tê-la feito sentir menos do que ela era. Fome. Que a chocou. Combinando com a dela, talvez ainda mais. Algo mais. Algo que ela nunca tinha visto. Era difícil reconhecer exatamente o que estava lá, mas fez seu coração vibrar.

— Ela roubou sua herança. Aos três anos, e mesmo assim, você é magnífica. —Seus olhos brilhavam com o fogo da pura verdade. — Absolutamente magnífica.

—Ele acreditava nisso e queria que ela acreditasse também. — Você é ainda mais agora. Você me compreende?

Ela assentiu porque não podia falar. Ninguém jamais a fez sentir o como ele fazia. Ninguém jamais acreditou nela. Ou a felicitou. Ou lhe deu essa sensação de valor.

— Esta sala é sagrada. Ela não pode entrar aqui e fazer você pensar menos de você mesmo. Aqui não. Eu tenho que saber que você está comigo sobre isso.

Mariko assentiu de novo. Ela não queria nenhuma outra pessoa nesta sala. Ricco criou intimidade aqui—uma experiência sensual abrangendo os dois. Uma troca de energia com certeza, mas que beneficiava ambos. Era mútuo. Ela dava a si mesmo, confiante de que ele faria a experiência boa para ela. Ele aceitava seu presente de confiança e a fazia sentir como se fosse a única mulher no mundo para ele. Curiosamente, esse sentimento era levado para fora da sala também.

— Aqui, você olha no espelho e vê o que eu vejo. Vê a incrível e corajosa mulher, que vejo. Você se entrega a mim. Você fica parada em silêncio, esperando. Acreditando, que eu vou cuidar de você. Confiando em mim. Esse tipo de presente, mulher, está além de qualquer preço, mas especialmente quando dado por uma mulher nascida e criada no controle e na disciplina. Não pense por um momento que eu sempre tomarei isso como garantido. Eu não vou. Eu sei o quão vulnerável isso faz você se sentir. Entregar-se a mim, entregando-se a mim, você me deu mais do que qualquer outra pessoa poderia dar, e vou entesourar esse presente por todos os tempos.

Não havia nenhuma maneira para Mariko continuar a olhar nos olhos dele. Ele via sua alma, lugares secretos, desejos que ela tinha empurrado e enterrado profundamente. Necessidades que não queria reconhecer. Ela tinha esquecido

como sonhar. Até que conheceu Ricco Ferraro, ela existia para trazer justiça aos criminosos. Ele abriu um mundo completamente diferente para ela, e todos os seus segredos estavam lá para ele descobrir. Ele estava descobrindo-os um a um.

— Mariko. —Ele disse seu nome da maneira que ele fazia. Vertendo tudo em uma palavra. — Você está a salvo comigo. Tudo sobre você está seguro. O que e quem você realmente é. Fora dessas paredes, você é a cavaleira das sombras. Aqui dentro, você é toda mulher. Incrivelmente linda. Sua alma resplandece. Você pode vê-lo nas fotografias. Eu revelei as da nossa última sessão e elas são incríveis.

Ele pegou o queixo dela e levantou-o, forçando o olhar de volta para o dele. — Você está comigo sobre isso?

Ela estava com ele em tudo. Ela nem sequer percebeu que desejava contato humano. Bondade. Decência. Pensar que mesmo por um momento ela pensou em matá-lo, removendo um homem como ele do mundo.

— Eu vim aqui para matar você, —ela falou. Envergonhada. Horrorizada. Os olhos dela cheios de lágrimas. Remorso. Com tanta culpa que ela mal podia segurar a cabeça ereta.

— Não, você não, *bella*. Você veio aqui para me salvar—e você fez.

Ela piscou. Ela não sabia o que isso significava. Salvá-lo? Ele olhou para ela como se ela fosse especial para ele. Como se ela fosse a única mulher. Ela queria ser, mas ela sabia melhor. Ele era um bom homem, mas uma aposta fraca para uma mulher assumir. Ela não compartilhava. Ela podia não saber muitas coisas sobre si mesma, mas ela sabia isso. Ainda assim, ela poderia tê-lo por um tempo.

Ela continuaria tentando encontrar seu irmão. Não havia trilha para seguir, mas ela planejou retroceder. Ela tinha que ter perdido alguma coisa. Mais cedo ou

mais tarde, seu inimigo atacaria contra ela, mas, enquanto isso, ela viveria e desfrutaria de cada segundo que Ricco quisesse dispor.

Um sorriso lento passou por sua boca, suavizando as bordas, mas não bastante para iluminar seus olhos. Ele era lindo. As cicatrizes apenas o faziam mais bonito. Um belo guerreiro com a alma de um poeta. Ela sorriu e acenou com a cabeça que estava pronta.

A mudança foi instantânea, completa confiança em cada linha de seu corpo. Ele deu um passo atrás, mas, ao fazê-lo, um dedo deslizou pela nuca. Reivindicando. Sua conexão com ela. O pincel desse dedo os ligou, então sua confiança se tornou dela. Sua vulnerabilidade tornou-se dele. Ela cedeu poder a ele e, ao fazê-lo, ganhou seu poder. Ela entendia isso agora.

Ele pegou a mão dela e a colocou sobre seu peito enquanto ele se mexeu primeiro para um lado e depois para o outro, respirando normalmente enquanto fazia isso. — Estamos conectados, nossa respiração, a forma como nos movemos. Eu quero que você me sinta da maneira que eu faço com você. Esteja ciente de mim.

Ela já estava. Ela conhecia cada linha de seu corpo, cada ondulação dos músculos dele. A maneira como ele colocava os pés no chão, como seus ombros se moviam e o pescoço se virava. Ela nunca esteve tão consciente de outro ser humano. Sob a palma da mão, sua pele estava quente. Seu coração batia solidamente, em um ritmo constante, poderia contar com isso. Ela assentiu para mostrar-lhe que entendeu.

Ele pegou os feixes de corda, seus olhos se movendo sobre ela e depois para as cordas. Ele deixou cair as vermelhas, mantendo um pacote preto, seu olhar nunca a deixando. Ele a rodeou, com as mãos seguras quando ele sacudiu a corda,

deslizando-a através dos dedos, sentindo se as aparas não conseguiriam prejudicá-la.

Ela ficou muito quieta, sentindo-o perto, seu calor. Seu poder. Isso é confiança absoluta. Ele voltou a ficar na frente dela, uma mão se aproximando do nó em sua cintura, que prendia o quimono. Levou menos que um segundo para desfazer o nó e abrir o manto. Sua respiração ficou presa na garganta. Uma coisa era dizer que estava bem em seu sutiã e calcinha, outra, era quando ele a olhava sob as luzes.

Ele empurrou o quimono de seus ombros e a seda pareceu sensual ao deslizar sobre a pele dela. Antes que o quimono pudesse flutuar no chão, ele o pegou, amassou em sua mão, e jogou-o em direção à mesa onde sua câmera já estava pronta. Ela ouviu a falha na respiração dele e no seu interior, seu sexo se apertou e ficou úmido. Com apenas essa pequena ação, ele a fez se sentir bonita, fez com que ela percebesse que a forma de arte viva do Shibari também era uma expressão sensual da sexualidade. Dela. Dele. Deles juntos.

— Apenas para que você saiba o que está acontecendo aqui, antes de começar, é importante que você saiba que pretendo seduzi-la. Isso significa tocar em você. Se você se sentir desconfortável com a maneira como eu coloco minhas mãos em você, diga.

Sua cabeça levantou. Ele falou com naturalidade, como se estivesse falando sobre o tempo. Ele sempre encontrava uma maneira de tirá-la do equilíbrio. Agora, ela esperaria. Anteciparia. Perguntando a cada momento se ele a tocaria. Onde ele iria tocá-la. Como se sentiria ...

Sua respiração pegava nos pulmões. Sua garganta se fechou. Seus olhos estavam sobre ela, observando cada reação. Ele tinha que ver seus mamilos

endurecerem sob a renda vermelha. Ele queria saber como ela respondia a sua declaração. Ela inclinou a cabeça, querendo que ele soubesse que ela entendeu e não estava protestando, mas não podia falar.

Ricco parou por um momento, deslizando a corda pela mão dele, apenas bebendo-a. Absorvendo-a. Tudo sobre ela o atraía. Ela parecia sexy com o inferno de renda vermelha e nada mais. Automaticamente, ele dobrou a corda em dois, encontrando o ponto central sem olhar, mantendo-a em sua mão enquanto se aproximava e afastava, estudando sua forma feminina. Ele ficou satisfeito por ela ser incrível o suficiente para reconhecer que o queria tanto quanto ele a queria. Ele podia ler o desejo em seu corpo, em seus olhos, o subir e a descer dos seios em cada respiração ofegante que ela dava.

Tão bonito. O presente que ela lhe deu. Ele se concentrou totalmente nas suaves curvas femininas de seu corpo, permitindo que o mundo escapasse até que houvesse apenas os dois. Ao observar sua beleza, uma visão começou a se formar. Algo simples para continuar a introduzi-la no mundo de sua arte viva, mas mais do que o arnês simples que usara nela antes. Somando a isso, seria bom fazer com que ela se sentisse segura.

Ele se aproximou dela, inalando seu cheiro. Ela era sua mulher aceitasse-o ou não. Ele tinha um longo caminho a percorrer para convencê-la, mas aqui, ela era toda sua. Não havia dúvida. Ele tocou seus ombros nus, sentindo a seda fresca da sua pele. Ela estremeceu. Ele deslizou a mão pelo braço até o pulso, moveu seus dedos sobre os delas várias vezes, para relaxá-la, para aliviar a tensão dela, para saber a temperatura de sua pele, assim, quando ela estivesse amarrada, ele poderia contar com o toque para saber se sua corda estava cortando a circulação dela.

Na luz brilhante da sala, suas sombras estavam conectadas, e à medida que a apreensão dela diminuía, ele podia sentir outras emoções escorregar nele. Os sentimentos dela. O começo do verdadeiro afeto. Fome. Necessidade. Esses sentimentos profundos davam-lhe mais poder, seu poder, mas também o alimentava também. Ela estava vagando um pouco, deixando a antecipação levá-la para longe dele.

Ele pegou suas mãos e juntou-as. O movimento foi rápido, duro e inesperado. Seu olhar saltou para o dele. Essa ação certamente fez a atenção dela rapidamente se focar completamente nele. Ele já estava envolvendo seus pulsos, prestando pouca atenção à corda. Era uma extensão de seu corpo e se movia exatamente do modo que sua mente instruía.

Quando ele tomou o controle de seu corpo, o domínio erótico o consumiu. Tornou-se ele. Algo novo. Algo para sentir que era selvagem e maravilhoso. A paixão o estava consumindo e ele deixou que o levasse. Ele enrolou as cordas ao redor de seus braços, certificando-se de que as linhas eram perfeitas em ambos os lados. A corda viajou sob seus seios e depois acima, as linhas pretas enquadrando a beleza da renda vermelha assim como sabia que fariam. Ele foi muito cuidadoso com o engate nas axilas. Não querendo dar uma chance de beliscá-la, ele deslizou seu dedo entre a pele macia de cetim e a corda enquanto apertava a linha.

Ele não conseguiu resistir a usar esse momento para passar os nódulos dos dedos ao longo do lado de fora do peito, um golpe macio e amoroso. Quase lá. Sua respiração se encolheu. Ele não sorriu, mas por dentro, sentiu vontade. Ela não estava lutando por estar nas cordas, em vez disso, ela estava aproveitando a experiência.

Ricco colocou as cordas sobre seu ombro, prestando atenção agora à sua arte. A beleza da peça que ele criava para ela. Ele podia trabalhar com ambas as mãos ao mesmo tempo, não havia torção nas cordas e elas se debruçavam belamente contra sua pele. Ele colocou duas cordas perfeitamente simétricas no seu decote. O corpo dela foi feito para isso—a beleza do Shibari. O modo como a corda parecia contra sua pele o inspirou.

Ele teve cuidado de não torcer as cordas. A tensão era perfeita. Cada linha estava em simetria exata com o outro lado. Ele era preciso e cuidadoso com o conforto dela. Ele franziu o cenho para ela. Ela sabia que ele estava construindo um arnês de peito, e embora o observasse, ela estava permitindo que sua mente vagasse. Fantasia erótica ou não, ela tinha que aprender a ficar completamente focada nele sempre.

A corda, como uma cobra viva, deslizou pelas palmas das mãos e ele a deixou cair, ficando perto dela, quando o fez. Muito gentilmente, ele passou a almofada de seu dedo na curva do seio direito, descendo pelo vale entre eles e depois sobre o esquerdo. Muito suavemente. Ela se inclinou em sua mão, arqueando suas costas para dar-lhe um melhor acesso. Com o dedo circundando seu mamilo, concentrando sua atenção lá, ele pegou a corda solta com a outra mão. Um rápido empurrão para cima e depois para baixo.

Os olhos de Mariko se arregalaram, seu olhar prendendo-se sobre ele enquanto ela ofegava com o ardor do calor irradiando de seus seios para o resto do corpo. Chegando às pernas, e seus pés, ela arqueou suas costas ainda mais quando ele se inclinou para junto dela, acariciando seu pescoço.

— Oh. Meu. Deus. —O desejo transformou seus olhos castanhos para um âmbar profundo.

— Respire *farfallina mia*. Eu tenho você. Eu sempre terei você. —Sua voz estava baixa, tranquilizadora. Ela não estava acostumada a calor e necessidade correndo por suas veias como uma bola de fogo.

Sua cabeça caiu sobre seus ombros e ela respirou profundamente, como se estivesse puxando-o em seus pulmões. Ele pressionou seu corpo firmemente contra o dela, sentindo seu corpo mais macio derreter-se nele. Muito gentilmente ele colocou de pé, estabilizando-a, deixando-a sentir o poder dele.

— Eu nunca ... —Ela parou.

— Eu sei. —Ele sabia. Ele estava agradecido por ter lhe dado isso—algo erótico e íntimo em troca de tudo o que ela lhe deu.

Ricco roçou um beijo em sua têmpora, e então deu mais na linha entre a mandíbula e o pescoço dela. Voltando para frente dela, ele amarrou a corda nela e alcançou mais corda. O arnês ficou bem nela. Ele escolheu usar o padrão de diamante e queria continuar o espartilho que ele estava formando para ela.

Ele mediu o comprimento da corda em sua mente para obtê-lo perfeitamente. Suas mãos já estavam se movendo. Ele rapidamente envolveu-a abaixo da cintura, onde a renda doce de sua calcinha começava, tecendo a corda no espartilho de diamante. Usando um *nó de cabeça de cotovia*[13], ele envolveu mais corda, com cuidado para manter a tensão sem restringir de modo algum sua respiração. Usando um meio engate em seu umbigo, ele amarrou as cordas da cintura e puxou para apertar. Ele correu a corda dobrada entre as pernas dela, de frente para trás,



13 nó de cabeça de cotovia

tendo extremo cuidado em colocar as cordas contra o sexo dela. Ele não queria muito, nem usou nós que teriam acrescentado estimulação. Ele não as queria contra o clitóris, essa experiência seria muito para a segunda vez, embora ela fosse extremamente receptiva as cordas.

A calcinha mal estava lá, apenas uma tanga, então ele teve muito cuidado em fazer certo, sua pele não seria queimada ou espremida enquanto trabalhava. Ele queria fazer disso uma experiência prazerosa para ela. Ele queria todos os movimentos nas cordas para aumentar sua consciência sobre ele ao redor dela, cercando-a com ele, para fazer com que ela se sentisse como se o abraço da corda fosse verdadeiramente uma parte dela, fazendo-a segura. Usando outro meio engate, ele amarrou a corda em suas costas.

Ele deslizou a corda ao longo de seus lábios inferiores e depois trabalhou de volta para frente dela, criando uma série de diamantes em seu corpo. Ele usou uma corda vermelha nos diamantes para que o padrão percorresse o preto, chamando a atenção para a renda vermelha que mal cobria o montículo e os seios dela.

Mariko ofegou e se contorceu nas cordas, seus olhos encontrando-se em choque quando as cordas duplas se moveram amorosamente por seu sexo. Ele a colocou na posição novamente e ela cedeu com absoluta graça, o corpo seguindo a orientação de suas mãos como uma parceira de dança, quase como se soubesse onde ele iria colocá-la apenas pela ondulação de seus músculos e sua respiração constante. A conexão foi crescendo com cada diamante que ele colocava contra sua pele. Enquanto isso, seus dedos esbarravam nela, medindo a temperatura de seu corpo, sempre ciente do estado de saúde dela. Seu desejo foi aumentado, a necessidade dele crescendo.

Com cada pedaço da corda, ele estava envolvendo-se em torno dela. Reivindicando-a. As bobinas eram uma extensão dele, seu desejo e luxúria. O crescente amor dele por ela e sua necessidade de protegê-la. Ele lhe deu diamantes porque para ele, ela merecia diamantes. Ela era um tesouro que ele apreciava.

Ele a guiou com as mãos, sabendo que cada movimento de seu corpo fazia a corda deslizar sobre seu sexo pulsante. Ele não podia tocá-la como queria ainda. Ele não podia usar as mãos e a boca para dar prazer, mas sabia outras maneiras e as usou. Cruel. Perverso. Permitir que paixão e a arte fluíssem juntas. Falando com ela sem palavras. Esperando que ela entendesse onde seu coração estava indo. A alma dele. Ele estava se mostrando para ela com tanta certeza quanto ele colocava a corda contra sua pele.

Ele ficou na frente dela, olhando para o trabalho dele, o contraste do vermelho com o preto, a renda e a ênfase em seus seios e sexo. Ela parecia bonita, ainda mais do que quando ele começou. Sua pele estava corada, seus olhos brilhavam de desejo.

— Você está confortável? O bastante para eu fotografar você? —Ele ficou perto dela, absorvendo o calor dela. Seu cheiro.

Ela tocou os lábios com a língua, umedecendo-os. — Sim.

— Eu vou te beijar, porque se eu não fizer isso, não sei se vou sobreviver aos próximos minutos. —Não foi uma pergunta. Ele não pediu permissão desta vez. Ele disse a ela porque era justo.

Ele a puxou para ele, usando as cordas para trazê-la para junto de seu corpo, deliberadamente, permitindo que os diamantes se esfregassem deliciosamente sobre seu corpo enquanto as cordas duplas deslizando entre os seus grandes lábios enviavam dardos direto ao sexo. A boca dele se instalou sobre ela e,

instantaneamente, ele se perdeu. Transportado. Havia um tipo de paraíso na doçura de seu gosto. O calor do veludo de sua boca.

Ele se ouviu gemer. Ele estava tão fundo nela. Seu corpo doía em constante excitação, mas isso era para ela. Para mostrar a ela como ela era linda. Como era poderosa. Quanto ele a queria. Que ele estava se entregando a ela. Tudo dele. Ruim e bom. Beijou-a uma e outra vez, deliberadamente deslocando-a em seus braços para manter sua excitação alta. Ele esfregou o peito contra seus seios, estimulando-os também. Quando ele soube que não seria capaz de voltar se não parasse, levantou a cabeça e pressionou a testa contra a dela.

— Obrigado, Mariko. Obrigado por isso. —Ela veio até ele. Iniciou a sessão. Se entregado a ele para evitar que ele gastasse sua raiva no saco de pancada.

Ela ergueu seus longos cílios e olhou nos olhos dele. Ele viu que ela se rendeu e seu coração gaguejou em seu peito, ele tinha que deixá-la antes de perder totalmente o controle.

— Você deve saber que eu quero você com cada respiração que eu dou, —ele admitiu.

Ela sorriu e foi a coisa mais bonita que ele já havia visto. Resolutamente se virou para pegar a câmera. Passou os próximos quarenta minutos fotografando-a. Posicionando-a. Observando o desejo dela surgir por todos os ângulos. Todo movimento das cordas. O rubor de sua pele. A necessidade. Sua respiração. Ele capturou os momentos no filme sabendo que nunca outra alma viva a veria assim. Ela era para ele. Isso era privado. Intimo, apenas entre os dois. Ele também sabia que colocaria algumas dessas fotos em tela e as penduraria em seu estúdio particular.

Quando ele estava largando a câmera, julgando que ela estava perto de seu limite e ainda precisava permitir que ele a desamarrasse, seu telefone vibrou. Não a vibração normal, mas aquela que foi programada por Taviano—o seu irmão gênio que vinha com todos os tipos de aparelhos para eles. Ele olhou para o telefone. Emilio. Essa vibração particular significava uma coisa: *eles estavam sob ataque.*

Ele pegou as tesouras que sempre tinha a mão quando trabalhava e se apressou para ela. Envolvendo um braço ao redor dela, começou a cortar cuidadosamente suas cordas. — Eu sei que você está exausta, Mariko. Você deveria estar deitada no meu colo, meus braços em volta de você, segurando você enquanto você volta devagar, mas não podemos. O inimigo nos encontrou aqui e nós estaremos em uma luta há qualquer momento. Vou soltá-la e levá-la para a cadeira. Eu quero que você beba água e depois coloque minha camiseta.

Mariko assentiu, claramente lutando para sair dos efeitos das cordas. — Eu estou com você, Ricco.

Dio, ele a amava. Certo. Rápido. Ela estava em algum lugar profundo, insubstituível, flutuando em uma rede de prazeres sensuais, e assim como ela era sua mulher, era uma guerreira, preparada para lutar ao seu lado. Quem não amaria uma mulher como essa?

As cordas caíram no chão e ele a levantou em seus braços e levou-a para a cadeira. Por um momento, ele a encaixou no peito e roçou a cabeça com seus lábios. — Beba. Se hidrate. A camiseta. Não tenho dúvidas de que você pode lutar em sua lingerie, mas eu prefiro ser o único homem que já viu você assim.

Ela assentiu, piscando rapidamente, pegando a garrafa de água, preparando-se, sem fazer perguntas, confiando nele para obter a informação que eles precisavam para permanecerem vivos.

10

Teresa Ventura sorriu para si mesma enquanto colocava as longas luvas, o tempo todo observando-se no espelho. Seu plano estava se finalizando. Ela não pensou que demoraria tanto tempo, nem pensou que gostasse tanto, mas Phillip Ferraro estava quase na sua rede.

Para um homem mais velho, ele não era de todo ruim. Ele certamente tinha todos os contatos e levava-a aos melhores lugares. Seu apartamento uma cobertura, tinha uma visão fantástica da cidade e qualquer pessoa que vivesse lá era tratada como se fosse feita de dinheiro. As joias que ele comprou, valia uma fortuna. Agora, tudo o que tinha que fazer era convencê-lo a se livrar de sua esposa e se casar com ela. Ela teria toda a fortuna.

— Teresa. O que você está fazendo aí?

Ela gostou da impaciência em sua voz. Ele estava sempre tão ansioso para vê-la. — Eu tenho uma surpresa para você, querido, —ela respondeu e piscou para o espelho.

Ela parecia bem. Melhor do que bem. Suas meias sete oitavos eram simples. Suas ligas, sexy, em renda negra. Ela tinha uma ótima aparência. Ela aprendeu na escola os benefícios de se arrumar e ficar fantástica. Ligando o som, ela encontrou o ritmo e dançou para fora de seu quarto.

Ela era boa em dançar. Ela tinha conseguido um emprego em uma barra de strip-tease e fez uma tonelada de dinheiro dançando, mas não era tão lucrativo quanto esse empreendimento poderia ser. Ela começou a rebolar e descer, indo ao chão, voltando devagar, tirando lentamente a luva direita.

Phillip estava no meio da sala, exatamente onde estava quando ela entrou. Ele parecia atordoado. Bom. Era hora de fazer as coisas acontecerem. Eles atingiram um ponto em que ela precisava subir a aposta para que ele fizesse sua parte.

Phillip observou o striptease Teresa no centro da sala. Ele veio para dizer a ela que havia tudo acabado. Ele usaria Eloisa, é claro, sempre funcionava quando convencia uma amante de que sua esposa era psicopata e capaz de qualquer coisa. Ele estava apenas tentando proteger sua amada, deixando ela. Ele sempre deixava suas mulheres felizes, chorando, mas felizes com o dinheiro que ele dava a elas.

Ele poderia apreciar um bom striptease, e Teresa sempre foi excelente. Ele a viu pela primeira vez em um bar de strip. Ela tinha um bom corpo e uma boca que era uma tentação, mas ele estava entediado fora de sua mente. Ele estava ficando muito velho para isso, e Eloisa estava se preparando para despejá-lo. Ele leu os sinais facilmente. Ela passou de ferida a irritada, e a indiferente, e agora havia uma nova resolução nela.

Eloisa. Desde o início, ele a manipulou em acreditar que ele a amava. Ao longo dos anos, ele achou, para seu choque, que poderia ser verdade. O telefone de Phillip zumbiu irritantemente. Ele não se incomodou em responder. Provavelmente eram os guarda-costas. Ele escapou para vir aqui, mas ele voltaria logo. Eloisa estava fazendo barulho sobre ficar alerta, mas não era justo. Ele era um cavaleiro e ninguém podia encontrá-lo nas sombras.

— Phillip! —Teresa recuperou sua atenção. Ela beijava maravilhosamente. — Você não está assistindo e eu fiz tudo por você.

Tudo o que? Colocar suas roupas de trabalho? Ele estava cansado de mentiras. Suas mentiras. As mentiras de suas amantes. Teresa realmente pensava que era a única mulher que ele tinha? Ou que ele a colocaria acima de Eloisa? O telefone tocou novamente, e suspirando, ele enfiou a mão no bolso.

Algo *bateu* forte contra a janela. O som tão alto que abafou a música. Ele olhou para cima, e Teresa interrompeu sua dança no meio. Uma teia se espalhava no vidro grosso, vinda de uma única fonte no centro, como se algo grande o tivesse atingido. Talvez um pássaro. Enquanto ambos olhavam fixamente, um pouco em choque, dois homens desceram de rapel do telhado, chutaram a janela com suas botas pesadas, quebrando o vidro e enviando estilhaços como mísseis pela sala. Ambos tinham armas automáticas e moviam-se com facilidade, obviamente por uma longa prática.

O spray avermelhado e laranja brotou dos canos e Phillip foi para trás. Ele viu Teresa no chão, seu corpo parecia o de uma boneca quebrada, manchada de vermelho brilhante. Ele olhou para o peito dele. Não viu nada. Não tinha dor. Ele não tinha certeza do que aconteceu. Uma sombra caiu sobre ele e ele viu um homem com uma arma sobre ele. O homem levantou a arma e apontou-a

diretamente para seu rosto. Mil arrependimentos correram por sua mente, principalmente Eloisa.

Ele era um homem egoísta, um mulherengo, e as sombras representaram um caminho para que ele pudesse resolver seus assuntos. Ele nunca havia sido decente com Eloisa. Ele pensou no que ela passou, tentando se abrir para ele, tentando ter um casamento verdadeiro, mas ele só pensava na diversão que ele poderia ter. Mesmo depois que perderam seu filho, Ettore, e Eloisa precisou dele, ele se afastou dela. Ele lamentou isso. Ele lamentava tantas coisas.

Estou morto e nunca disse a ela que a amava. Ele tentou se levantar, mas não podia sentir suas pernas ou braços. Ele só pôde assistir quando o homem lentamente apertou o gatilho e então não havia nada.



A festa estava em pleno andamento no Windship Club, um dos clubes mais prestigiados em Chicago. O evento era um jantar para as celebridades locais, que fariam cheques gordos para a última instituição de caridade que Windship estava apoiando. Taviano e Giovanni Ferraro sabiam que realmente era sobre mulheres, drogas e bebidas. Vittorio estava deitado em uma cama de hospital, passando o inferno, e eles deveriam supostamente cheirar coca na barriga de uma mulher, beber champanhe e levar mulheres para a próxima sala para um boquete rápido, ou pior, rastejar sob a mesa e ir para ele bem ali no *salão de peles.*



Harvey Windship era um canalha doente com muito dinheiro. Taviano nunca tinha gostado do homem e Giovanni tinha uma terrível aversão a ele. Mais de uma vez ao longo da última hora, Taviano teve que conter seu irmão, quando Giovanni queria chutar o traseiro de Harvey—e Taviano era conhecido por seu mau humor. Ele não podia esperar para ver seus irmãos e apontar exatamente qual o Ferraro que teve que ser o pacificador.

Riso explodiu ao redor deles e Taviano teve a certeza de colocar um falso sorriso no rosto. Ele era bom nisso. Todos os Ferraro eram. Eles jogaram suas vidas para os paparazzi. Muito cedo eles aprendiam a arte de sorrir em festas que não gostavam cercados por pessoas que não eram seus amigos.

Harvey jogou o copo de cristal na lareira e riu alto quando quebrou o álcool restante fazendo as chamas aumentarem por um momento. — Gina venha aqui, —ele chamou.

Sua esposa riu embriagada e obedeceu, seus sapatos de salto alto clicando alto no chão de mármore. Ela balançou e depois caiu no colo do marido quando ele pegou seu pulso e puxou-a para ele. — Se divertindo, querida? —Ele perguntou, acariciando seu pescoço.

Harvey era um bêbado. Ele gostava de bebida, e quanto mais bebia mais amoroso ele ficava. Ele pensava em si mesmo como um jogador, embora Taviano soubesse que ele realmente amava sua esposa. Era sua única graça salvadora. Ele fazia festas luxuosas e levantava milhões de dólares para a caridade, então ele não era de todo ruim. Era só que suas festas eram ... Nojentas. Todos participavam claro. A nata de Chicago. Principalmente, Taviano estava certo, para ver o que Harvey faria a seguir.

Esta festa era a mais extravagante de todas. Sua esposa gostava de peles, e para afrontar aqueles que protegiam a vida selvagem, ele havia decorado todo o clube com grandes troféus, tapetes de pele verdadeiros e lanças. Virou um pouco o estômago de Taviano, e quando Harvey sugeriu a uma das meninas para *"pegar Giovanni"* no tapete de pele de leopardos na frente da lareira, ele quase deixou Gee bater no homem. Em vez disso, ambos riram, desempenhando seus papéis para a imprensa. Giovanni declinou e eles desviaram para dar-se uma pausa do homem. Agora eles estavam de volta ao salão, mais uma vez sentados nas *cadeiras de pele*[14].

— Tenho que ir, Harv, —disse Giovanni. — Vittorio está no hospital e estamos todos fazendo turnos com ele. —Essa era uma mentira e não era.

Stefano nunca saia do hospital e não o faria até Vittorio estar completamente fora de perigo, mas os outros vinham e iam. Eles se ocuparam de negócios enquanto Stefano e Vittorio estavam fora de serviço. Ainda assim, era uma boa desculpa e uma que Harvey aceitaria. O homem estava bastante bêbado para poder fazer uma cena, e essa era a última coisa que os irmãos Ferraro queriam.

Ambos ficaram de pé e Harvey tentou se levantar, também, afastando sua esposa do colo. Ela caiu no chão, pousando em sua bunda. Harvey riu, afundando em sua cadeira, seus olhos em sua esposa enquanto ela lutava para se sentar, suas pernas esparramadas na frente dela. Ela olhou para o marido, que apontou e riu mais.



14 cadeira de pele

— Vamos, Harvey, —disse Taviano resignado. — Você não quer ser expulso de seu quarto por uma semana, quer? —Ele se inclinou para estender seu braço para Gina.

Giovanni deu um passo à frente quando seus dois guarda-costas se viraram para a porta onde quatro homens tentaram entrar, mas foram impedidos pelos seguranças. Eles usavam ternos mal ajustados e sobretudos longos sobre o material barato.

Dois homens nas cadeiras mais próximas de Harvey riram. — Olhe para aqueles palhaços. Acham que podem invadir a festa.

Simultaneamente, os telefones de Giovanni e Taviano vibraram no padrão complicado que Taviano havia planejado para alertar cada um de seus irmãos quando um ataque a um familiar fosse iminente ou acontecesse. Taviano já estava se agachando. Ele mergulhou em direção às sombras debaixo da mesa de café, jogando Gina de volta ao chão com um braço implacável em torno de seu pescoço.

Tomas e Cosimo Abatangelo, primos diretos e guarda-costas da família Ferraro, empurraram Giovanni para as sombras quando se viraram, puxando as armas, e colocando seus corpos entre os cavaleiros e a ameaça.

Houve um tiroteio quando os quatro homens puxaram automáticas de dentro de seus casacos e pulverizaram a sala de balas. Gritos, uivos de agonia e os sons de vidro quebrando junto com o rugido torrencial das armas encheram o quarto. Tomas saltou para a espreguiçadeira grossa enquanto disparava contra o homem fora do grupo. Fogo correu por sua perna e peito quando buracos floresceram lá. Ele viu seu alvo cair quando ele bateu no chão.

Seu irmão, Cosimo, aterrissou a poucos metros dele, a arma ainda atirando. Os assaltantes separados vinham de todos os lados, claramente procurando os

Ferraro, que já haviam desaparecido. Tomas olhou para o teto, esperando pela bala que acabaria com sua vida. A arma de Cosimo ficou em silêncio, e Tomas podia ouvi-lo lutando por ar, com os pulmões trabalhando.

Quando não conseguiram encontrar seus alvos, os três homens restantes voltaram e se apressaram para o estacionamento. À distância havia o som de sirenes. Logicamente várias pessoas haviam chamado 911 de seus celulares para reportar o ataque e fizeram isso rapidamente. Os assaltantes correram em direção a seus furgões. O motorista trouxe o veículo para o lado deles, a porta deslizante se abriu. Um por um eles mergulharam para dentro, rolaram para abrir espaço para o próximo e sentaram-se.

— Mova essa coisa, Danny, —Brady, o líder reconhecido, gritou, fechando a porta.

Ele se virou para ver Sean, o mais novo deles, deitado no chão da van. Ele chutou-o com o pé. — Que diabos. Você está bem?

Terry virou a cabeça para observar seu irmão mais novo, Sean. Rastejou para ele. — Continue, Danny, —ele acrescentou seu comando ao de Brady. — Os policiais estarão aqui a qualquer momento. —Ele se inclinou para ouvir o batimento cardíaco e endireitou-se rapidamente. — Merda. Ele está morto. Eu nem o vi tomar um tiro. —Ele afastou-se de seu irmão até suas costas chegarem à parede.

Ainda assim, a van não se mexeu. Precisando de uma saída para a adrenalina e dor, Terry gritou para o motorista. — Mova essa fodida van agora, Danny, ou eu vou atirar em você. Brady, você dirige. —Ele ergueu sua arma sem entusiasmo como uma ameaça para o motorista.

Brady estava a poucos metros de distância, caido, parecendo diferente. Algo no jeito como ele estava sentado.

— Brady? —Terry baixou a arma. — Danny, algo está errado com Brady.

Danny virou a cabeça para olhar. — Ele está morto. Isso é o que está errado.

A voz não parecia certa. Olhou para o motorista, franzindo a testa, tentando descobrir o que estava errado com todos eles, Terry dirigiu-se para Brady em suas mãos e joelhos. Percebeu então. O motorista não era Danny. Era Taviano Ferraro. Chicoteando a cabeça, ele tentou pensar no que tinha feito com sua arma, mesmo quando sabia que era muito tarde. As mãos estavam em sua cabeça. Houve um terrível creck. A dor atravessou seu corpo. Excruciante. A dor aconteceu uma segunda vez e então ele se foi.

Taviano saltou da van assim como Giovanni. Eles voltaram para o clube, com uma mão enviando textos de alerta para sua família. Eles tinham ligado para 911 e pedido ambulâncias e policiais. Tomas e Cosimo eram deles. Eles tinham que saber se eles haviam sobrevivido e, em caso afirmativo, o quanto estavam feridos.



Eloisa Ferraro correu para fora, quase se esquecendo de trancar sua porta. Ela estava cansada de Phillip brincando com todas as suas jovens namoradas, fazendo dela a esposa psicopata para se esquivar quando se aborrecia com a relação. Ela pensava em se divorciar a algum tempo. Para um cavaleiro não era uma coisa tão fácil. Ao se divorciar de Phillip, ela nunca mais poderia montar

as sombras de novo. As sombras deles se uniram e, se fossem rasgadas, ela perderia a capacidade de montar, e Phillip não se lembraria de nada sobre a família Ferraro. Ele adotara o nome deles e nem se lembraria disso.

Vinci Sanchez, seu advogado, ajudaria a família Greco a plantar uma vida inteira para Phillip. Ele teria dinheiro e um passado, mas não se lembraria de nada sobre estar associado à família Ferraro. Não dela. Não de seus filhos. Esse era um preço alto para pagar por um divórcio, mas era hora.

Sua última amante tinha vinte e cinco anos. Confrontar as mulheres para ele estava se tornando cada vez mais difícil. Ela simplesmente não tinha energia nem vontade. Então, estava resolvida. Ela se divorciaria dele. Ela chamaria Vinci naquela tarde, assim que ela voltasse da visita a Melani Barone, uma mulher que conhecia há anos. Massimo e Melani eram donos do *Luna's*, o restaurante favorito da família Ferraro. A nota de Melani soou muito urgente, mas fora um pouco. Ao contrário do que ela era. Isso só serviu para alarmar Eloisa ainda mais.

Ela chamou Henry, um homem que cresceu em sua família e trabalhava para eles há mais tempo do que ela tinha de vida. Ele cuidava dos carros deles. Os carros, como regra, eram armazenados em uma garagem com controle climático. Henry os mantinha em boa forma e era extremamente leal aos Ferraro. Mas ele fazia tudo em seu próprio ritmo e era mandão como o inferno. Especialmente com ela. O carro não estava esperando por ela na entrada na garagem. Isso a irritou até o fim. Tudo parecia irritá-la nos dias de hoje.

Vittorio estava no hospital. Por quê? Ninguém sabia. Provavelmente pela adolescente por quem Stefano e Taviano haviam insistido em arriscar suas vidas, bem como a família. Nicoletta alguma coisa. Quem sabia o que seria uma garota como essa? Uma vadia sem dúvida, como aquela terrível Teresa Ventura. Agora,

Lúcia e Amo Fausti estavam correndo risco também, porque eram doces o suficiente para aceitar a garota. Por todas as contas, a adolescente já tinha estado com tantos homens e não tinha nem mesmo dezoito anos, sem dúvida, exatamente como Teresa Ventura.

Eloisa olhou para o relógio, bateu o pé e olhou baixo a entrada da garagem. O que estava segurando Henry? Ela detestava chegar tarde a qualquer lugar. Com Vittorio no hospital, Stefano estava de mau humor, dando-lhe olhares desagradáveis apenas porque ela não ia visitá-lo lá. Ela não podia, mas não estava prestes a tentar explicar o porquê. Para nenhum deles. Ela não mais lhes devia uma explicação, e ela não se importava se nunca ganhasse um prêmio de mãe do ano.

Ao longe, ela viu o carro vindo em sua direção. Henry estava dirigindo muito rápido. Insólito para ele. Não, impossível para um homem como ele. Ele mimava os carros. Ele nunca, nem em cem anos, dirigiria assim. Ela endureceu, deu uma olhada em seu entorno e esperou até que o carro estivesse quase na entrada da garagem. Ela deu um passo para as sombras, sentindo a atração familiar em seu corpo enquanto se desfazia para se tornar apenas moléculas. Ela foi de um tubo ao próximo, circulando por trás do carro, quando ele veio a uma parada abrupta em sua garagem.

Três homens saíram do carro ainda quase parando, deixando as portas abertas. Um quarto ficou sentado atrás do volante, arma na mão, rastreando o quintal. Os três homens carregavam semiautomáticas, e pulverizaram as sombras ao longo da casa e em todo o gramado. Ela montou a sombra atrás do assaltante mais próximo dela, deslizando para fora do tubo logo atrás dele, quebrando o pescoço e pegando a arma dele antes que ele—ou o corpo—atingisse o chão.

Ela estava nisso há muito tempo para deixar quatro idiotas derrubá-la. Ela tinha idade suficiente para ter netos, mas não perdeu suas habilidades. E o que eles tinham feito com Henry? Ele poderia irritá-la o inferno sagrado, mas ele era da família, e se eles tocaram um fio de cabelo de sua cabeça, mesmo depois de matá-los, ela voltaria e os cortaria em pedaços. Ela encontrou seu estômago balançando com a ideia de Henry ser morto por esses homens. Ele era ex-agente da CIA, e antes disso foi das Forças especiais. Ela o conhecia desde que ela era uma menina e ele era uma constante em sua vida, que ela podia contar.

Ela disparou contra o pescoço dos dois homens na frente dela, usando a arma que tirou do camarada caído. Mercenários. Não muito bons. Quem os enviou provavelmente a viu como a menor de suas ameaças. Uma mulher da sociedade. Mãe de um grupo de playboys. Velha. Tudo bem, ela não era tão velha. Ela não tinha vinte e cinco anos como Teresa Ventura, mas ela realmente se recusava a envelhecer. Ela atirou no motorista quando ele virou a cabeça em direção a ela, percebendo que seus amigos pararam de disparar.

Ela caminhou com cuidado para cada um dos homens caídos, verificando se eles estavam mortos. Seu carro estava uma bagunça. Sangue por todo o para-brisa e bancos. Gostava muito desse carro em particular. Um outro veículo aproximou-se com as luzes piscando e ela sabia que era Henry, apenas pelo jeito que ele dirigia. Ela ficou chocada com o alivio que sentiu por ele estar vivo. Seus joelhos se tornaram de borracha e ela quase caiu.

Ele saltou do carro, uma semiautomática em uma mão e uma espingarda na outra. — Você está bem, Eloisa? —Ele estava com ela em segundos, chutando um dos corpos fora do caminho para chegar até ela, passando suas mãos sobre ela para garantir que ela não estivesse ferida.

— Estou bem, —ela assegurou.

Havia um galo em sua testa e outro na parte de trás da cabeça ambos brilhando. Ela tocou um dos cortes. Era profundo e sangrava profundamente. Ele conseguiu ir por ela. Tão ferido quanto estava ele veio para ela.

— Você não está com seu telefone, Eloisa. —Foi uma acusação. — Ricco mandou um aviso de que a família estava sob ataque. Todos tentaram alcançá-la, mas você não respondeu o código de que recebeu a mensagem.

Ela deixou o telefone em sua mesa de cabeceira. Simplesmente. Ela conhecia bem Phillip para saber exatamente o que ele pretendia quando ele saiu. Ele iria tentar acabar com sua última amante e ela receberia o chamado para ajudá-lo. Ela não iria fazer isso. De novo não. Nem mais uma vez. Especialmente se a mulher tinha vinte e cinco anos contra os sessenta dela.

— Eu sei Henry.

— Maldição, Eloisa, você sabe melhor. E onde diabos estão seus guardas costas?

Ela os dispensou. Ela estava preocupada com seus filhos desde que Vittorio tinha sido levado para o hospital e queria que eles se concentrassem em seus filhos. Tomás Abatangelo deveria ficar e guardá-la enquanto seu irmão Cosimo ia com Giovanni e Taviano. Ela pensou em não sair de casa e decidiu que era melhor que os dois fossem com os filhos em vez disso. Eles estavam tão ocupados, todos os guardas costas estavam flutuando de cavaleiro para cavaleiro. Ela deu uma ordem e eles cumpriram, porque se não tivessem, ela teria sido uma verdadeira puta e eles sabiam disso. Ela era boa nisso.

Stefano teria mais força do que nunca contra ela agora. Ele havia decretado que *toda* a família teria guarda-costas, mas eles estavam espalhados. Ainda assim,

ele estava certo. Ele sempre estava certo. Ela estava orgulhosa dele, mas, ao mesmo tempo, ela se ressentia dele, especialmente pela maneira como ele era com seus irmãos. Seu calor. Francesca. Tudo. Ele tinha sido criado no mesmo ambiente frio que ela, ainda assim era tão diferente.

— Quem mais fez o check in? —Ela olhou para Henry com os olhos feridos.

— Não houve tempo para nenhum deles fazer. —Quando ela continuou olhando para ele, com os olhos molhados, ele suspirou. — A única coisa que você fez com certeza foi ensinar suas crianças como sobreviver. Como cuidar de si mesmos. Você tem que confiar nisso agora. Devemos fazer isso, Eloisa. Temos que telefonar e, antes da polícia chegar aqui, tentar obter todas as marcas de identificação. —Ele indicou um dos corpos e agachou-se ao lado de outro enquanto tirava o telefone. — Eu estou chamando a polícia agora. Temos que fazer isso rápido.

— Phillip foi ver aquela mulher. Ele não tinha guarda-costas. —Ela tentou falar, e as palavras entupiram sua garganta. A humilhação deixou seu rosto vermelho e ela não conseguiu olhar para Henry. Ela não queria se importar. Ela realmente não se importava, mas não queria que Phillip morresse.

— Eloisa. —A voz de Henry foi imponente. — Phillip escolheu seu caminho. Nós temos que fazer isso. Ele passará por isso ou não, mas precisamos saber quem está atacando nossa família.

Ela gostou disso. Gostou dele pensar na família Ferraro como sua. Seu familiar tom mandão firmou-a e ela afastou o pensamento de suas crianças ou Phillip estarem em perigo e desceu ao lado de um dos corpos.

Eles examinaram-no para identificar os mercenários. Suas roupas, suas carteiras. Cigarros. Eles tiraram fotos de rostos, sapatos, padrões das botas. Eles

foram meticulosos reunindo informações. A família tinha membros em todas as partes do mundo e o software de reconhecimento facial estava disponível para eles. Eles tomaram impressões digitais pelo mesmo motivo.

— Basta, —disse ela. — Eu tenho que começar a limpá-lo, Henry, ou os policiais vão se perguntar por que eu não fiz. —Na verdade, ela não aguentava vê-lo sangrando e trabalhando. Mas ele veio quando ela precisava dele. Ele sempre vinha.



Stefano Ferraro se esticou. Tinha sido uma longa noite. Vittorio perdeu muito sangue. Apenas sentar na cadeira ao lado de sua cama trouxe lembranças muito desagradáveis do acidente de Ricco. Ele estava na pista. Ele viu o carro de seu irmão bater na parede e se desmontar, o metal voando por toda parte, flamejando em todas as direções. Ele perdeu a respiração. Por um momento, o homem que nunca deveria ser nada além de forte perdeu a habilidade de se mexer ou pensar.

Ricco havia sobrevivido, embora ainda tivesse dores de cabeça e problemas de visão. Ele tentava escondê-los, mas Stefano o conhecia muito bem. Os médicos haviam assegurado a Stefano que Vittorio, pelo menos, ficaria tão bom quanto novo, muito rápido. Atrás da cadeira, Francesca colocou as mãos sobre os ombros dele e começou a massagear, aliviando a tensão dele. Ela não pediu para ele ir para casa descansar. Ela sabia que ele não o faria. Ele estava cuidando de seus irmãos

mais novos, já que ele era o mais velho e nunca poderia descansar até que soubesse que eles estavam fora de perigo e capazes de cuidar de si mesmos.

Ele estava impaciente nas últimas horas, e isso o incomodou. Principalmente ele uma vez mais estava virando em sua mente as coisas que Ricco lhe contara sobre o Japão. Isso estava ligado ao ataque de Vittorio? O objetivo era Nicoletta? Não era de Stefano se sentar ociosamente enquanto alguém atacava sua família. Ele já havia chamado os membros do Conselho Internacional, contando exatamente o que aconteceu com Ricco e a verdade das mortes da família Tanaka, bem como o que ele esperava do conselho. Ainda assim, o aborrecimento em seu intestino simplesmente não queria ir embora.

— Vou tomar café, —disse ele. — Vittorio? Francesca? —O café era repugnante do hospital e tanto Vittorio quanto Francesca olhou para ele como se estivesse louco. Francesca enfiou a cabeça em seu ombro para lhe dar o olhar de *"é você?"*.

Ele riu, deu um tapinha na mão dela e logo ficou de pé se esticando. — É melhor do que nada.

— Não, não é, —negou Francesca. — Eu acho que eles deliberadamente fazem assim mesmo assim ninguém quer ficar por aí.

Ele se inclinou para roçar um beijo sobre a testa dela. Apenas olhar para ela, o fazia feliz. Ela podia acalmá-lo quando ele estava furioso, e não tinha problema em deixá-lo saber quando sua prepotência inata estava fora de controle. Ela era tudo para ele. Tudo. Ele insistiu que ela o acompanhasse ao hospital após o ataque para evitar que ela fosse trabalhar. Estava chateado, mas aquela sensação de desconforto no intestino o levou a tomar precauções extras com sua preciosa e necessária outra metade.

Ele caminhou até a porta, parou e se virou, deliberadamente indo para o lado da cama inverso ao de sua esposa. Ela já estava cavando para tirar a comida para Vittorio que ela trouxera. Ela não queria que ele comesse a comida do hospital. Vittorio ergueu uma sobrancelha, mas não disse uma palavra quando Stefano se inclinou e tirou um revólver escondido de sua bota e deslizou debaixo das cobertas na mão de seu irmão.

Ele pegou seu irmão ao redor de seu pescoço e se inclinou. — Te amo, Torio. Você a guarda por mim. Você sabe o que é para mim.

— Para nós, —corrigiu Vittorio. — Também te amo, cara.

Nunca tiveram problemas para dizer como eles se sentiram um ao outro. Stefano tinha iniciado isso cedo, quando eram apenas meninos. Ele não ia deixá-los entrar nos tubos das sombras sem saber que eram amados.

— Tem algo errado? —Francesca perguntou os olhos no rosto de Stefano.

Ela era inteligente e rápida. Ela o conhecia. Todo seu humor. Ele deu um sorriso porque ela sempre o fazia sorrir, mesmo quando ela era teimosa como o inferno. — Não, baby, apenas tomando precauções. Você me conhece. A segurança não é suficientemente boa. Estou enviando Drago para o quarto enquanto eu saio. Vou levar Demetrio comigo. —Mesmo quando ele afirmou, ele percebeu que não o faria. Ele não devia mentir para ela. Quando ele disse isso, ele quis dizer isso, mas a estranha sensação em seu intestino estava piorando. Ele deixaria Demetrio na porta, apenas para estar seguro.

Francesca assentiu com a cabeça, mas havia suspeita em seus olhos. Ela aproximou-se do leito para interceptá-lo antes de chegar à porta, plantando seu corpo logo em frente dele. — Stefano, você sabe, que tanto quanto eu sou o seu

mundo, você é o meu. Não tome riscos. Nós vamos ficar bem aqui. Leve Demetrio com você.

Ela continuou olhando para o rosto dele. *Dio,* ele a amava.

— Por favor.

Ele colocou a palma da mão no lado do rosto dela, o polegar deslizando sobre a pele lisa, sentindo o amor comê-lo vivo. — Por você, Francesca, mas você faz o que Drago e Vittorio lhe disserem.

— Eu vou.

Ele ouviu seus batimentos cardíacos, tamborilando por ela. Precisando dela. Encontrando o ritmo dela. Ele olhou para o irmão, depois se virou bruscamente e saiu de a sala. Demetrio e Drago se aproximaram quando fechou a porta. Primos, eles haviam assumido o serviço de guarda-costas para a família, seguindo seu turno no serviço. Ambos eram rápidos, ele treinou com eles várias vezes para sentir suas habilidades. Eles eram mais jovens que Emilio e Enzo, os líderes reconhecidos de sua unidade de proteção.

— Eu tenho um mau pressentimento, —disse ele. — Drago, você permanece aqui. E se tiver problemas, entre no quarto e atire em qualquer coisa que atravesse a porta. Você me entendeu?

Drago assentiu. Stefano começou a dizer a Demetrio que viesse com ele, mas algo o fez hesitar. Ele havia dito a Francesca que levaria Demetrio, mas proteger Vittorio e Francesca era muito mais importante para ele.

— Tenho que ir com você, Stefano, —disse Demetrio, vendo sua hesitação. — O que quer que seu intestino esteja dizendo, o meu está dizendo o mesmo. Fique chateado. Não me importo. Estou apenas fazendo o meu trabalho.

Seu primo era um pé no saco e tinha sido treinado por Emilio. Ele era um mini Emilio, e apenas para irritá-lo, Stefano sentiu vontade de dizer isso. De certa forma, ele queria que ambos permanecessem no quarto porque ele os queria protegidos também. Eles eram muito jovens para morrer. Ele suspirou. — Sirva-se. Só estou indo buscar café.

— Tenho algum na minha garrafa térmica, —disse Drago. — Não beberia o veneno que eles servem aqui por nada.

— Obrigado. Eu preciso esticar minhas pernas. —E ter uma ideia do piso onde estavam. Ele não queria nenhuma surpresa de último minuto.

Ele entrou no corredor da sala de enfermagem onde os caixas eletrônicos e as máquinas de café ficavam contra uma parede longa. Demetrio seguiu atrás dele. Aquilo era outra coisa que o irritava ao inferno. Demetrio e Drago eram família, seus primos. Ele gostava deles. A última coisa que ele queria era que morressem de uma bala destinada a ele. O mínimo que o homem poderia fazer era andar com ele, mas se Stefano lhe dissesse alguma coisa, Demetrio encolheria os ombros e apenas faria o que Emilio ordenou que ele fizesse.

Desde quando as ordens de Emilio precediam as dele? Ele suspirou. Sempre. Emilio era muito bom em seu trabalho e ele assegurava os outros na sombra, ele era bom nos detalhes.

Ele estava a dez metros do elevador quando ele apitou, a seta se iluminando acima. As portas se abriram. Dois médicos com aventais e identificações saíram, falando um com o outro. Um virou a cabeça para olhar para Stefano. Seus olhos se encontraram. Stefano sentiu cada célula em seu corpo reagir. O reconhecimento estava lá—não de quem—mas de que. Este homem não era médico. Ele era um assassino—um muito experiente—e estava lá pelos Ferraro. Simultaneamente, o

telefone de Stefano vibrou o código de Ricco que os alertava para um ataque iminente.

O reconhecimento de que seu disfarce foi descoberto estava nos olhos do assassino, Stefano sabia o que ele estava fazendo lá. O atacante puxou o outro homem, um médico verdadeiro, à sua frente como um escudo, ao mesmo tempo em que tirou a arma e disparou tudo em um movimento suave.

Stefano demorou uma fração de segundo para empurrar Demetrio para longe dele. Simultaneamente, saltou pela sala para o abrigo de um carrinho de emergência. Não era muita cobertura, mas, ao fazê-lo, disparou várias balas, mirando o chão para dirigir o assassino de volta, esperançosamente para a linha de fogo de Demetrio.

— Para baixo para baixo. Abaixem-se, —ele gritou para as enfermeiras e médicos que estavam congelados em choque, alguns na linha de fogo.

O horror floresceu no rosto do médico. Seus olhos estavam olhando além de Stefano. Stefano rolou, levantando a Glock quando um segundo atirador surgiu da escada. Ele tinha que confiar em Demetrio para fazer seu trabalho. Ele virou para enfrentar a nova ameaça, disparando enquanto fazia, dirigindo-o de volta para a porta.

A arma de Demetrio atirou várias vezes e o primeiro atacante respondeu. Stefano escolheu uma sombra perto da escada, fez outro salto mortal, enviando sua arma pelo chão em direção a Demetrio à medida que a atração do tubo o puxava para dentro. Era uma sombra estreita e íngreme, que o arrasava para a pequena abertura embaixo da porta.

Ele entrou na escada tão rápido que ele quase capotou sobre o corrimão. Ele atingiu duro na barriga, dobrando-o pela metade. Sua cabeça caiu em direção ao

piso abaixo, o movimento chamando a atenção do homem armado. O atacante disparou várias rodadas rapidamente, mas a escada era iluminada por luzes brilhantes, permitindo que as próprias escadas lançassem sombras.

Stefano se lançou em direção a uma, saltando sobre o corrimão, apontado para a direita para ele. Ele bateu os pés e deslizou de joelhos antes de se jogar em sua bunda. O atirador pulverizou balas através das sombras, de cima para baixo. Stefano caiu de barriga, ainda se movendo rapidamente, as sensações eram horríveis, como se seu peito estivesse voando e as pernas e os braços não o alcançassem. Ele nunca se moveu tão rápido em um tubo.

Balas voaram ao seu redor, duas acertaram seu braço e ombro. Ele tinha que fazer algo rápido. A sombra se curvava para a parede atrás do homem armado. Seguiu-a até o final e saltou, atacando o homem, derrubando-o, chutando a arma de sua mão enquanto o fazia.

Ele chutou primeiro a cabeça desprotegida do homem e depois a garganta quando o corpo caiu, não dando a ele uma chance de se recuperar. Em uma tentativa desesperada de salvar a si mesmo, o assassino bateu uma faca no chão para impedir que seu corpo caísse mais pelas escadas.

Ele tentou empunhar a faca para atacar Stefano, mas Stefano estava nele, pegando-o, encaixando sua cabeça em um braço e aplicando uma pressão firme. O atacante firmou os calcanhares na escada, tentando firmar-se. Ele conseguiu liberar a faca, mas já estava começando a perder a consciência. No momento em que ele caiu, Stefano transferiu seu aperto e arrastou-o, quebrando-lhe o pescoço.

Deixando cair o corpo na escada, ele correu de volta para o andar, onde ele deixou Demetrio. Quando ele abriu a porta, viu o médico que o atacante usara como um escudo se inclinando sobre os corpos dos atiradores. Demetrio passou

por ele, correndo para o quarto de Vittorio assim como dois tiros foram disparados. Stefano decolou depois dele.

Por um momento, Demetrio bloqueou o caminho, verificando a sala antes de sair de lado. O corpo de uma mulher estava caído na porta do quarto, dois tiros na cabeça. Uma arma a centimetros de seus dedos. Stefano olhou para ela, seu coração acelerado quando passou sobre ela para olhar o quarto. Francesca estava sentada ao lado de Vittorio na cama. Vittorio tinha o braço em volta dela. Seus olhos encontraram Stefano sobre sua cabeça.

— Ela está bem, —ele assegurou. — Nós dois estamos bem.

— Quem a pegou? —Perguntou Stefano.

— Nós dois, —disse Drago. — Vittorio foi rápido. Muito rápido se me perguntar. Eu puxei o gatilho. Você está sangrando. Você está bem?

Francesca estava fora da cama em um instante, correndo para o lado dele. Stefano largou sua arma e puxou-a para baixo de seu ombro, contra seu coração. — Eu estou bem, baby. Três mortos e nenhum deles nosso. Ricco enviou um aviso. Alguém tem notícias dele?

— Ele não está atendendo. Nem Emilio ou Enzo, —disse Vittorio.

Francesca estava mexendo no braço dele. — Você precisa ver isso.

— Os policiais estão aqui, —anunciou Demetrio.

— Eu liguei para Vinci, —disse Stefano. — Esperem por ele antes de fazer declarações. A imprensa vai estar nisso. Eles acharão que alguém quer assumir nosso território. Eles nos retratam-nos como criminosos e quase conseguem. A família deve se preparar para a possibilidade de ser investigada.

Ele queria saber de seus irmãos e Emme, mas não podia sair sem falar com os policiais. Seus irmãos não estavam respondendo aos telefones. Ele iria ter que

pedir que eles arrumassem outro código para que a família soubesse que cada um estava vivo e bem.

11

Exatamente porque você estava rastejando pela janela? —Amo perguntou a Nicoletta. Sua filha adotiva não havia dito mais do que algumas palavras desde que Vittorio havia sido hospitalizado. No café da manhã e agora sentada na *Tesouros de Lúcia* com sua amada esposa e Emmanuelle Ferraro, ele deu um olhar mais severo à adolescente. — Você não estava pensando em fugir estava?

Lúcia acariciou seu braço. — Talvez devêssemos deixar, Amo. Ela teve uma noite terrível e ainda não foi para a cama. —Ela falou em seu tom mais doce e mais duro.

Emmanuelle podia ver por que os homens caíam aos pés de Lúcia. Ela também era genuína. A doçura, o cuidado que ela tinha por todos ao seu redor, motivo pelo qual a família Ferraro escolheu Lúcia e Amo Fausti como pais de Nicoletta. A adolescente precisava de amor incondicional. Ela precisava senti-lo, experimentá-lo e saber que ainda estava no mundo e era digna disso. Nicoletta já estava sob o feitiço de Lúcia. Como ela não poderia estar? Todo mundo estava.

Amo sacudiu a cabeça, um pequeno sorriso no rosto, lembrando-se claramente dos tempos que ela evitava castigar seus filhos. — Sempre a mesma, minha doce Lúcia. Nicoletta, responda a minha pergunta.

Nicoletta olhou para Emmanuelle e então abaixou a cabeça. — Eu estive preocupada desde que o caminhão quase me atingiu que algumas pessoas muito ruins poderiam ter me encontrado. Eles iriam machucá-los e eu não quero que isso aconteça.

— Obrigado. —reconheceu Amo. — Foi muita coragem sua me dizer a verdade. Lúcia e eu preferimos que você fique conosco, não importa o quê, se essas pessoas encontraram você ou não. Nós temos os Ferraro para cuidar de nós. Seu trabalho é aprender o máximo que puder e ser uma adolescente. Não vamos nos preocupar sobre se estamos em perigo.

Nicoletta olhou para Emmanuelle com desespero nos olhos. Não havia volta do que ela tinha passado. Sim, esse casal tinha experimentado um terrível sofrimento e uma tragédia emocionantes com a perda de ambos os filhos, um para o câncer, e outro assassinado. Nicoletta foi dada a três tios-adotivos que viviam em uma das gangues mais sangrentas de Nova York. Ela tinha sido inocente e feliz até que sua mãe e seu padrasto morreram em um acidente de carro. Tudo mudou abruptamente e sua vida foi um pesadelo até que uma assistente social apelou para a família Ferraro de Nova York.

Nicoletta assentiu com a cabeça, novamente, sem olhar para Amo nos olhos. Emmanuelle queria colocar seus braços ao redor da garota e abraçá-la, mas sabia que seria rejeitada. Nicoletta não permitia que ninguém ficasse perto dela. Em torno dos Ferraro, ela era especialmente silenciosa e recusava-se a vê-los a maior parte do tempo. Emmanuelle sabia que tinha tudo a ver com o passado da menina

e como ela foi resgatada. Eles sabiam. Todos os Ferraro sabiam o que tinha acontecido com ela. Não havia como se afastar disso, não quando ela era vigiada 24 horas por dia pelas únicas pessoas na cidade que conheciam seu passado. Cada vez que Nicoletta olhava para eles, sentia-se humilhada.

Estava inconsciente quando Stefano e Taviano a haviam trazido pelo tubo de sombra. Ela acordou em um jato privado viajando em direção a Chicago. Ela estava aterrorizada depois de vê-los matar seus tios. Lúcia e Amo tentavam ajudar com isso, mas Nicoletta evitava os Ferraro sempre que conseguia.

A guarda-costas de Emme Enrica Gallo, irmã de Emilio e Enzo, se mexeu, para avisar a Emmanuelle que alguém estava prestes a entrar na loja. Emmanuele moveu-se ligeiramente para se colocar nas sombras. Ela usava o mesmo traje que seus irmãos usavam o terno listado da família Ferraro. As sombras tornavam difícil alguém vê-la imediatamente.

Quando ela se moveu, notou o olhar de Nicoletta para ela, depois para a guarda-costas e depois para a porta. Ela era extremamente observadora. O mais leve movimento chamava a atenção dela. A adolescente deu os três passos necessários para colocar seu corpo na frente de Lúcia. Ao mesmo tempo, ela se esticou para o cinto de correntes dourado. Era pesado e poderia ser facilmente usado como uma arma.

Infelizmente a garota não tinha sido treinada para montar as sombras quando era criança. Ela não sabia o quão especial ela era ou os dons oferecidos a ela em seu nascimento. Ela tinha instintos incríveis. Emmanuelle teria que perguntar a Stefano sobre treiná-la. Pelo menos em autodefesa, mas ela daria uma boa cavaleira. Seria um risco treiná-la, mas já haviam arriscado muito a salvando.



A porta se abriu e a signora Agnese Moretti entrou na loja, agarrando a bolsa ao peito, olhando pelos óculos espessos que ela usava, olhou para Nicoletta e depois para Lúcia e Amo. Sua boca franziu e travou. Ela fechou a porta e marchou até Lúcia.

— Eu ouvi uma coisa muito ultrajante e vim até você para que você possa me dizer que esse boato não é verdade. Eu ouvi, —ela olhou para Nicoletta, — que você sua selvagem filha vai trabalhar na loja de flores de Theresa Vitale onde ela estará exposta a esse *hooligan*[15] Bruno. Isso não pode ser verdade. Certamente você nunca deu sua permissão para tal coisa.

Nicoletta ficou vermelha e seu queixo subiu. Em modo combate. Emmanuelle queria sorrir. A Sra. Moretti, em regra, repreendia praticamente todos, mas ela tinha um coração de ouro.

— Nós pensamos que seria bom para ela, *cara*, —Lúcia disse suavemente, seu tom, como sempre doce. Desta vez, havia um toque calmante. — Todas aquelas flores. Brilhantes e alegres. Trabalhando aqui em tempo parcial e lá em tempo parcial, ela irá conhecer os membros da comunidade muito mais rápido. Com você como sua tutora, ela irá aprender rápido. Ela é tão brilhante, você mesmo disse isso—que ela era brilhante.

— Bem, —assinou Moretti. — Eu não disse *brilhante.*

— Você disse Agnese. Você sabe que disse. Você disse a Amo e a mim que ela era um gênio e não teria problemas para recuperar o atraso, que você poderia

[15] ***hooligan*** – Um jovem encrenqueiro violento, normalmente um de uma gangue.

ter que lutar para ficar a frente dela. —Lúcia parecia muito séria e inocente. Tudo o que Emmanuelle pôde fazer foi não rir.

Os olhos de Nicoletta se arregalaram. Ela não chamou a atenção para Emmanuelle olhando para ela, mas claramente queria. As coisas que Signora Moretti havia dito sobre ela claramente a chocaram.

A Signora Moretti fez várias caretas para Lúcia numa tentativa desesperada de silenciá-la.

— Você está bem, *cara?* Aqui, sente-se. —Lúcia ofereceu uma das cadeiras mais fofas, dando tapinhas na parte de trás. — Você tem convulsões?

Qualquer outra pessoa seria criticada por fazer essa pergunta, mas Lúcia era muito doce e inocente para que alguém pensasse que ela os provocava deliberadamente.

Nicoletta virou o rosto para as duas mulheres mais velhas, lutando para não sorrir. Emmanuelle decidiu ter piedade de Lúcia e Agnese. Ela se mexeu ligeiramente, saindo da sombra. A signora Moretti girou seus olhos se abrindo em choque.

— Emmanuelle! Sério. Eu já disse a você e seus irmãos para pararem de fazer isso. Você poderia fazer uma senhora idosa ter um ataque cardíaco. — Dramaticamente ela pressionou sua mão sobre o coração.

— Você não é tão velha, —sublinhou Lúcia. — Amo e eu temos dez anos a mais que você.

Agnese se ergueu em toda sua estatura. — Eu ensinei na escola. Todos os garotos Ferraro. E Emme. Isso só aumentou dez anos em minha idade. —Ela fingiu tremer. — Qual o interesse da sua família nessa garota? —Ela exigiu de Emmanuelle.

Nicoletta endureceu.

Emmanuelle encolheu os ombros. — Stefano conhecia seu padrasto. Dos negócios, eu acho. —Ela mentiu suavemente. Era a história que todos contavam. — Você pode conversar com ele. —Ninguém, nem mesmo a Sra. Moretti, gostaria de questionar Stefano sobre seus negócios pessoais.

— Ela não teve escolaridade. —Agnese mudou de tática. — Totalmente negligenciada, eu devo dizer.

Emmanuelle mostrou seu sorriso mais doce. — Felizmente, como você apontou muitas vezes, Nicoletta é realmente um gênio e não terá problema aprender. Você não me disse Lúcia, que Nicoletta tinha feito um semestre em alguns meses?

Amo tossiu e se afastou. Agnese olhou. — Estou *certa* de que não disse isso *várias* vezes. Eu não acredito em fazer as crianças terem egos enormes. Nicoletta poderia facilmente tornar-se vaidosa de sua inteligência e isso seria ... —Ela parou, franzindo o cenho. Claramente, ela não queria fazer disso um elogio também. — Na verdade, —ela se recuperou rapidamente, virando o olhar afiado a Emmanuelle, — Quero saber sobre essa mulher, que Ricco apareceu na outra manhã. Ele *nunca* trouxe uma mulher para cá. Ele estava agindo do jeito que Stefano atuou com Francesca. Embora, depois de ver todas essas fotos dele com as gêmeas Lacey nas revistas não consigo imaginar uma mulher decente aceitando-o.

Emmanuelle respirou fundo para não perder a paciência com a mulher mais velha. A signora Moretti tinha um coração amável, mas às vezes era duro escapar da boca dela. Emme raramente permitia que alguém falasse mal de um membro da família e escapasse.

Enrica limpou a garganta e Emmanuelle girou para olhar a janela. Um dos dois homens que ela tinha vigiado se separou do companheiro e começou a atravessar a rua em direção à loja. Seu amigo olhou a rua tentando parecer discreto, e, em seguida, subiu no telhado da construção ao lado daquela que ele estava.

Emmanuelle seguiu seu olhar para cima e pegou o brilho de alguma coisa minúscula. Seu coração empurrou com força. Havia muitos civis. — Nicoletta, agora, leve Lúcia e a Signora Moretti para a parte de trás da loja. Enrica está indo com você. Não fique perto das janelas ou da porta até que ela lhe dê o ok. Estarei atrás de você com Amo.

— Eu não tenho intenção ...

— *Agnese.* —Emmanuelle não tinha tempo de puxar seu saco. O homem do qual ela não tirou os olhos estava quase na calçada na frente da loja.

— Não é preciso ficar irritada, Emme Ferraro, —ela estalou e tirou um pequeno revólver de sua bolsa. — Eu entendo completamente. Vamos nos mover. —Ela parecia um general reagrupando suas tropas.

Tudo que Emmanuelle podia fazer era não rolar os olhos. A última coisa que precisava era de Agnese atirando em alguém. — Vá, —ela disse a Enrica.

— Eu protejo *você,* —Enrica disse teimosamente.

Emmanuelle sibilou seu desagrado, mas não havia tempo para argumentar. Felizmente, Nicoletta entendeu a urgência e agarrou a mão de Lúcia. — Vá, —ela disse para a Sra. Moretti e correu com Lúcia e a outra mulher para o quarto dos fundos, Agnese segurando a arma com uma firmeza surpreendente.

Enrica se achatou contra a parede. Emmanuelle desapareceu nas sombras, deixando Amo ocupado arrumando a loja. Ele olhou para cima enquanto o

homem se aproximava. O homem estava usando um terno e não parecia confortável. Ele olhou cuidadosamente a loja, viu Enrica parcialmente escondida atrás de um rack com lenços que pendiam ali. Ela parecia muito interessada neles.

Amo sorriu para o recém-chegado quando se aproximou dele. — Posso te ajudar? Eu sou Amo Fausti, o dono. Você é? —Ele estendeu a mão.

O homem hesitou, olhando ao redor dele e depois pegando a mão estendida. — Coop, —ele disse bruscamente, claramente ainda procurando os outros.

— Procurando algo para sua esposa? —Amo persistiu.

Coop balançou a cabeça, franziu o cenho e depois encolheu os ombros. — Amiga. Tenho pouca experiência com lojas.

Emmanuelle mudou o suficiente para permitir que ele a visse. Coop ficou rígido. Ele estava preso entre Emmanuelle e Enrica. Amo se afastou de seu alcance, fingindo examinar as joias ao acaso.

— Essas peças são únicas, —disse Amo, um vendedor educado.

O Copp não se incomodou em fingir mais. Ele abruptamente balançou em seu calcanhar, amaldiçoando, e se apressou em sair da loja. Emmanuelle evitou a janela para evitar que o atirador tivesse uma chance, observou quando um carro com quatro homens dentro estacionava do outro lado da rua.

— Nós temos que ir agora, —disse ela. — Não se preocupe em trancar Amo. Enrica, verifique o beco, certifique-se de que está limpo. Se não, mantenha os outros dentro. Vou limpá-lo para nós. Amo apresse-se. Certo. Agora.

Enrica passou por Amo, desaparecendo na sala dos fundos. Emmanuelle foi para a parte de trás, mantendo o olho na porta da frente. Ao fazê-lo, o telefone tocou. O código de Ricco para ataque a família. Tinha que ser simultâneo. Ela

enviou uma pequena oração para que os membros da sua família sobrevivessem e com o código, ela entendeu que também estava sendo atacada.

— Nós temos pelo menos dois cobrindo o beco, —disse Enrica. — Grande poder de fogo. Um no telhado ao lado da escada de incêndio acima da loja de flores. Vou pegar a retaguarda e evitar que alguém venha da frente. Boa caça.

Emmanuelle assentiu e entregou a Nicoletta uma arma. — Amo? Você está armado?

— Eu estou agora, —ele disse e puxou uma espingarda por trás do galão de água. Lúcia ofegou, mas ele a ignorou. — Estes bandidos estão atrás de você ou de nossa garota?

— Não sei. Não importa agora, —disse Emmanuelle. — Eles não terão nenhuma de nós. —Ela fez todos eles se moverem para o mais longe possível quando abriu a porta. Mas isso era para evitar que eles vissem quando escolheu uma sombra, uma que se encostava a lateral do edifício e se esticava até o telhado. Ela teria que tirar o atirador primeiro. Dois homens com rifles. Quatro em um carro. Dois mais a pé e pelo menos dois fechando a entrada traseira. Quem quer que fosse o inimigo, eles eram sérios para trazer essa mão-de-obra.

A atração da sombra era forte, tanto que sentiu como se ela se separasse em seu interior saindo dela. Ela se concentrou em olhar tudo ao seu redor, não importando que se movesse rapidamente. Dois homens se encontravam perto das lixeiras na direção do fim do beco.

Entre os atacantes e os *Tesouros de Lúcia* estava o *Giordano*, o açougue. Uma van estava estacionada na vaga de descarga do beco. Ela reconheceu a insígnia Saldi e seu coração quase parou e depois acelerou. Poderiam os Saldi estar atacando os Ferraro? A briga remontava a séculos anteriores. Os Saldi eram uma

família de criminosos reconhecidos, indiciados várias vezes, mas, os Ferraro eram considerados uma família criminosa e não eram. Não poderia pensar nisso agora. Se o primeiro grupo na rua decidisse atacar a loja, eles deixariam os Fausti e a Signora Moretti em um aperto. Enrica só poderia ajudar.

Emmanuelle se ergueu a sombra até o telhado e viu o atirador. Ele tinha que vigiar a loja da extremidade do telhado próximo da escada de incêndio. Ele tinha o seu olho no escopo e continuava a verificar a janela. A sombra acabava perto dele. Ela tinha que ficar em aberto por um momento antes de poder caminhar até a próxima. Ela teria que cronometrar perfeitamente.

Ela esperou até que seu corpo se sentisse inteiro novamente na boca do tubo, planejando seus movimentos para que agisse com absoluta confiança e sem hesitação. O atirador era bom. Ele não tirou a atenção do escopo, olhando para o grupo sair da loja. Ela se preocupou com Enrica, que tinha que evitar que todos fossem impulsivos e tentassem sair imediatamente. Especialmente a signora Moretti. Quem sabia que a mulher carregava uma arma? Ela estava sempre deixando sua bolsa pelas lojas. Todo esse tempo, a professora da escola secundária estava carregando uma arma letal. Emmanuelle teria que falar com Stefano. Metade do tempo ela esquecia sua bolsa por toda a cidade.

Emmanuelle respirou fundo, soltou-se, pisou decisivamente para a sombra, deu os três passos para a próxima e estava nela, exatamente quando o atirador virou sua cabeça, detectando movimento. Ela ficou imóvel, escondida dentro da sombra, seu coração acelerado. Ela esperou que ele se instalasse e colocasse o olho no escopo de novo.

Ela saiu da sombra diretamente atrás dele, pegou sua cabeça, e usando o golpe que estava aperfeiçoando desde que era criança, ela puxou, quebrando o pescoço

dele. Ela o deixou lá, montando a sombra até a entrada do *Tesouros de Lúcia.* Usando um assobio baixo para sinalizar a Enrica, que ela estava de volta e tudo estava limpo para eles sairem, ela estudou a van que bloqueava parcialmente o beco a meio caminho de seu destino. Havia movimento lá como alguém descarregando grandes pedaços de carne bovina e carregando-os para o açougue.

Emmanuelle sabia que enfrentava pelo menos seis assaltantes. Eles estavam esperando na frente e na traseira do beco, encaixotando-os. A entrada da rua seria o mais perigoso porque não tinha como chegar ao atirador que tinham no telhado do outro lado da rua do *Tesouros de Lúcia.* Isso significava levar seu grupo para outro lado do beco, passando pela van dos Saldi. Se a família criminosa tivesse iniciado este ataque, significava que a van poderia abrigar mais atiradores.

Signora Moretti se aproximou dela. — Eu tenho um tiro muito bom, —ela sussurrou. — Posso agir como uma idiota, mas não sou. Ninguém vai machucar você ou qualquer outra pessoa enquanto eu estiver ao redor.

Emmanuelle a amava naquele momento. Ela amava sua casa e todas as pessoas do território Ferraro porque todos eles iriam apoiar a família e um ao outro. Eles podiam ter suas idiossincrasias, mas quando necessitavam, eles ficaram um com o outro. Ela respirou fundo e assentiu. — Obrigado, Signora Moretti acho que vamos descer o beco até a van dos Saldi's. Precisamos manter essa van entre a entrada e nós. Há mais atiradores na entrada. Eles estão descendo o beco em nossa direção.

Ela teria que chegar primeiro a van e limpá-la. Se os Saldi fossem parte do ataque, ela confirmaria com sua família e depois tentaria matar qualquer pessoa esperando para pegá-los. — Enrica, mantenha todos juntos, quietos, e se movendo em direção à van. Avançarei e verei se consigo descobrir onde está o inimigo.

Ela não esperou. Eles estavam ficando sem tempo. Emmanuelle recuou na sombra mais profunda que corria ao longo da lateral do edifício. De uma só vez estava lá, um forte ímã arrastando-a para o tubo, engolindo os braços, pernas e torso. O tubo era extremamente poderoso e ela estava se movendo rapidamente. Ela viu dois homens armados a caminho do outro lado do prédio, tentando se aproximar da van para ver a entrada traseira da *Tesouros de Lúcia.*

Ela tinha que sair do tubo para evitar passar a van e isso significava se expor aos dois homens armados por um momento. Ela respirou fundo e mergulhou na sombra sob a van. Ouviu-se um tiroteio. Balas atingiram tudo ao redor, batendo no pavimento, estilhaçando tijolos e pedras. Ela sentiu a mordida e a picada ao longo da perna e do braço esquerdo. Ela rolou desesperada para se afastar das balas.

Botas pesadas atingiram o asfalto. Valentino Saldi explodiu da porta de trás do açougue, sua arma rugindo enquanto ele o fazia, fornecendo cobertura de fogo para Emmanuelle. Ele se abaixou, puxou-a para seus pés, e então empurrou-a atrás dele. Ela gritou quando uma bala bateu em seu ombro esquerdo, jogando-a longe de Val e contra a parede. Ela quase desmaiou com a dor agonizante. Seu braço estava inútil. Não havia como levantá-lo ou lutar com ele. Não acertaram o pescoço. Ela xingou, tentando não derramar as lágrimas que nadavam em seus olhos. Ela nunca tinha sentido nada como essa dor.

Val manteve seu corpo entre o dela e os homens armados. Muito para pensar se ele estava envolvido. Ele voltou a disparar, jogando os dois homens no chão. Ela ouviu passos quando outros homens armados se dirigiam para o beco, apressando-se para se juntar ao tiroteio.

— Entre no *Giordano,* —Val ordenou.

Ela sacudiu a cabeça, lutando contra a náusea. — Me dê uma arma. —Ela respirou através da dor. A bala a atravessou, mas isso causou muitos danos ao longo do caminho. Ela não tinha certeza da quantidade de ajuda que ela iria ser, mas ela poderia atirar com as duas mãos.

— Droga, Emme, —Val criticou. — Quem são esses idiotas de merda?

Ele disparou mais três rodadas e alguém gritou. Um corpo caiu. Ele acertou dois tiros, um ferido e um provavelmente morto. Letal. Isso era o que ela precisava agora.

Enrica e os outros se apressavam pelo beco, forçando Val a voltar ao combate para cobri-los. No momento em que Enrica estava perto o suficiente, bateu uma compressa contra a ferida de Emmanuelle. O fogo correu pelo braço de Emme e pelo ventre, fazendo-a rolar. Ela não estava prestes a ficar doente na frente de Val Saldi.

Ela pegou a arma que Enrica lhe entregou e indicou para os outros que entrassem no açougue. Ela estava certa de que os que estavam dentro já haviam chamado a polícia. Amo empurrou Lúcia e Nicoletta à frente dele e voltou para o confronto. A signora Moretti ficou também. O açougueiro, Berardo Giordano, saiu com uma arma também. Emmanuelle sentiu-se um pouco histérica. Sua pequena vila virou o *Oeste Selvagem*.

Val olhou por cima do ombro, gemendo quando viu os outros. Ele não fez perguntas e não deu ordens a Emmanuelle de novo, mas ficou perto dela, tão perto que ela sentia o calor de seu corpo, e sua raiva. Ele recarregou, rolou de um lado e deu dois tiros rápidos. No momento em que ele o fez, Enrica abriu fogo também. Emmanuelle tomou seu tempo, esperando que os dois tiros de Val atingissem suas marcas, um no pé e outro na garganta quando o homem pulava a céu aberto.

O tiro de Enrica derrubou um dos três homens correndo em sua direção. O tiroteio continuou e o revólver menor de Signora Moretti cuspiu. Tudo era um túnel para Emmanuelle. Sombras conectadas em todos os lugares, os corredores e o esconderijo incapaz de impedir que sua sombra se conectasse aos tubos. Eles não faziam ideia de que ela tivesse um mapa exato de cada local.

Ela olhou para Enrica. Enrica assentiu. Emmanuelle saiu da segurança da van e apertou o gatilho como se tivesse todo o tempo no mundo. Um. Dois. Três. Quatro. Cinco. Corpos caíram. Ela jogou-se de volta, sentindo-se fraca. Val a pegou ao redor da cintura e a arrastou para trás, abrindo o fogo, por toda parte.

O empurrão em seu corpo enviou outra onda negra através dela. A visão nublou. Bile subiu. Ela ia cair. Desesperada, pegou o braço de Val. — Mantenha os outros em segurança. —Ela sufocou o pedido. Seus joelhos ficaram fracos e ela se viu caindo.

Ele a pegou, segurando seu peso em seus braços. — Bernardo, Enrica, mantenham-nos ocupados. Signora Moretti vou precisar de você e da menina para parar isso. Chame uma ambulância. Diga à polícia para se apressar, estamos sob fogo pesado.

— Atirador no telhado na rua principal em frente ao *Tesouros de Lúcia*, — Emmanuelle avisou. Ela não podia sentir seu corpo. Era uma dor enorme, mas não tinha o conhecimento real de onde estavam os dedos das mãos e dos pés.

— Feche a merda da boca, Emme, —Val criticou. — Eu poderia te estrangular agora. Que raio foi aquilo? Você está tentando cometer suicídio?

Ela sorriria se pudesse. O mesmo velho e rude Val, mesmo quando ela tinha levado um tiro. Cada passo que ele dava sacudia seu corpo e enviava mais dor por ela. Ela teve que apertar os dentes para evitar o vômito sobre ele. Ela viu Nicoletta

e Lúcia enquanto Val passava por elas, seus rostos brancos, os olhos arregalados em choque quando viram o sangue escorrendo pelo braço e ombro, mergulhando em seu terno e cobrindo a camisa de Val

— Aqui, Val, —disse Claretta Giordano. Ela apontou para um sofá instalado na sala de estar. Ela ergueu a voz. — Angelina Laconi! Preciso de você agora. Os pais de Angelina eram donos do restaurante e ela era enfermeira. Seu irmão mais novo, Pace, era um veterano do ensino médio. Pace e Angelina se apressaram da frente do açougue quando mais tiros foram disparados lá fora.

— Você tem que ir lá, Val, —Emmanuelle sussurrou. — E não se esqueça do que está no telhado do outro lado da rua.

Val colocou Emmanuelle cuidadosamente no sofá. — Eu entendi. Seus irmãos devem aparecer logo. Eles vão pegar o que está no telhado.

— Eu acho que eles também estão sendo atacados, —disse ela. — Não podemos contar com eles chegando.

Ele franziu a testa. — *Todos* eles? Alguém está vindo atrás de sua família?

Ela não tirou os olhos dele e assentiu. Esperando. Com esperança. Ela viu a ira feroz cobri-lo imediatamente. Ele pegou seu telefone enquanto empurrava o cabelo que se espalhava na testa dela, para trás, seus dedos surpreendentemente gentis. — Eu tenho isso, —ele repetiu. — Por uma vez em sua vida, deixe alguém ajudar você.

Ela não tinha muita escolha, mas manteve a arma à mão. Chocantemente, ela não a deixou cair. Ele se afastou dela, enviando mensagens de texto rapidamente quando corria para fora. Ela sabia que ele estava verificando com seu pai, certificando-se de que Giuseppi não tinha ordenado um ataque a todos eles. Pela primeira vez, ela desejou que o primo de Val, Dario, o homem que sempre

agia como seu guarda-costas, estivesse lá. Ele manteria Val seguro e lutaria ao seu lado apenas por fazê-lo, e ele era feroz com qualquer arma.

— Eu posso ajudar, —disse Nicoletta, passando por Lúcia para chegar ao lado de Emmanuelle.

Angelina estava rasgando o terno de Emmanuelle. Claretta entregou as tesouras. O som das sirenes já era ouvido a distância. Ela ouviu o correr os pés, mais empresários próximos se apressando para ajudar. Todos estavam vindo. Todos. Deixando suas lojas para garantir que seus vizinhos estavam seguros.

Então Giovanni estava lá, curvando-se sobre ela. — Você está bem, querida?

Ela nunca ficou tão feliz em ver seu irmão. — Atirador no telhado em frente, na rua, —ela sussurrou. Era tão bom vê-lo vivo. Ela tinha estado tão assustada.

— Eu irei pega-lo. Taviano está fora com os outros.

Angelina quase o afastou. Não houve tempo para dizer-lhe que Val tinha ajudado que não poderiam ser os Saldi. Não havia como Giuseppi Saldi permitir que seu filho fosse a algum lugar sem um guarda-costas, se ele estivesse indo a guerra com a família Ferraro. Val podia não saber disso, mas ela sim.

Ela pegou a mão de Giovanni quando ele se afastou para permitir que Angelina trabalhasse na ferida. — Alguém mais fez check-in?

Giovanni balançou a cabeça. Ele não iria dizer a ela que Taviano e ele saíram imediatamente de uma cena, montando as sombras o mais rápido possível para chegar até ela. Ela era sua única irmã. Estava enraizado neles proteger as mulheres. Ela poderia produzir pilotos. Nicoletta poderia produzir cavaleiros. Mais do que qualquer outra, eles tinham que mantê-las seguras. Essa era a razão que eles iriam usar se perguntados. A verdade era que Emmanuelle era sua amada irmã e eles a protegeriam há todo o custo. Ela era tão boa quanto eles em cuidar de si mesma,

mas isso não os impedia. Emmanuelle ficaria furiosa se soubesse que eles vieram por essa razão.

Ele deixou sua irmã relutantemente se dirigindo para o tiroteio que acontecia no beco. Ele tinha que chegar ao franco atirador no telhado. Se Emme disse que ele estava lá, então ele estava. Ele escreveu novamente a Stefano, e depois a Ricco com a informação que Emmanuelle tinha sido baleada e o ataque ainda estava acontecendo. Ele não gostou de deixar Nicoletta e Emmanuelle sem um atirador experiente na sala. Taviano e Enrica estavam lá fora. Val também estava. Teria sido duro pedir ajuda de um Saldi, mas ele teria feito isso.

Ele puxou Nicoletta de lado, ignorando seu estremecimento e seu recuo instintivo, tentando se afastar dele. — Você já viu uma arma? —Ele sussurrou.

Ela assentiu. — Amo me mostrou algumas vezes.

Os Ferraro deveriam ter sido os únicos a mostrar. Eles teriam que se dirigir ao seu treinamento depois que descobrissem quem diabos estava atrás deles. Ele empurrou sua arma favorita nas mãos dela. — Uma está no tambor. A trava é aqui. É assim que você solta. Deixe-a a menos que você pretenda usá-la. Você tem um pente completo. Não atire a menos que você saiba no que está atirando, mas proteja-se e a Emme e Lúcia. Você entendeu? Não perca tempo falando ou avisando. Apenas atire se for preciso. Entendeu?

Nicoletta assentiu solenemente e tirou a arma dele. Escorregou-a sob a jaqueta e foi para perto de Emmanuelle. Ela não percebeu, mas ela já era do bairro, identificada como um membro da família Ferraro. Ninguém iria questioná-la.

Giovanni esperava que todos estivessem olhando para Emmanuelle e a enfermeira. Ele deslizou para frente do açougue através de uma sombra escura jogada pela cabeça do ventilador girando. Abriu caminho silenciosamente através

da multidão que se reunira lá. A sombra o levou até a porta da frente. Ele logo estava dentro do tubo, observando pela janela, seu olhar examinando os telhados dos edifícios do outro lado da rua. Ele teve o cuidado de não se mover, mesmo que o movimento lhe desse o atirador.

Em frente ao Masci's, a delicatessen onde Francesca trabalhava, no telhado, ele viu o cano de um rifle de fora, apenas alguns centímetros. O atirador ainda estava ali, era disciplinado. Muito disciplinado. Ele manteve sua objetiva na porta da frente do açougue. Não do Masci, mas do Giordani. O atirador estava em comunicação com os outros. Ele sabia que o tiroteio estava acontecendo no beco. Ele provavelmente também sabia que Nicoletta estava lá dentro com Lúcia. Se ele estivesse esperando por elas, ele só precisaria ser paciente, aguardar que tudo tivesse acabado, todos pensariam que estavam seguros e eles os mataria quando saíssem do açougue.

Giovanni estudou as sombras lá fora. Duas atravessaram, ambas eram feitas pela posição do sol nos prédios. Ele teria que mudar de sombra duas vezes antes de chegar ao telhado. Ele não conseguiria sair facilmente da rua sem que alguém o notasse saindo ou entrando. Ele esperava impaciente. Na boca do túnel, ele não podia contatar seus irmãos ou pais para ver se eles estavam vivos. Ele se preocupava principalmente com Ricco. Seu irmão tinha tocado o alarme, o que significava que não tinha sido tomado de surpresa, mas se isso fosse sobre ele, ele corria o maior risco.

Três homens correram pela calçada em direção ao açougue. Ele reconheceu o padre Petrov e seu filho, Tito, junto com o sobrinho de Tito, Orlando. Deixou de esperar, se concentrando. No momento em que Benito abriu a porta, ele entrou no tubo próximo. A atração foi forte e rápida. Ele passou os três homens de Petrov

e atravessou a rua. A mudança surgiu rapidamente, e se atirou de uma sombra para a outra com facilidade, na esperança de que o atirador estivesse tão absorto com o açougue que não tivesse visto o flash momentâneo do corpo de Giovanni se movendo entre as sombras.

A sombra rasgou seu corpo em pedaços—ou isso é o que sentia—até chegar do outro lado da rua e ao lado do edifício. Ele atravessou o telhado, ficando abaixado, estudando o próximo prédio. Tinha um telhado plano. Ele poderia saltar, ou poderia descer e subir do outro lado. Saltar seria mais rápido. Se ele pousasse na sombra, a única que ele conseguia detectar, jogada por uma grande torre industrial no telhado, o atirador não o veria, mesmo que virasse a cabeça. Isso era um grande *"se"*.

Giovanni teve a chance. Ele saltou do tubo e pousou dentro da outra sombra. Respirando, ficou imóvel, reunindo-se. O atirador olhou por cima do ombro, o olhar movendo-se pelo telhado sobre tudo. Nada tinha sido perturbado, nem mesmo a poeira e a sujeira do chão. Insatisfeito, o atirador se voltou, voltando a colocar o olho no escopo, o dedo no gatilho, apenas esperando o único tiro que queria.

Giovanni respirou fundo, soltou. Ele saiu da sombra diretamente em cima do atirador. Ele pegou a cabeça do homem em suas mãos, posicionando seu próprio corpo perfeitamente para a matança.





Os homens de Saldi estavam por toda parte. Giuseppi enviou um exército para proteger seu filho. Val, Enrica e Taviano já haviam eliminado aqueles que estavam no beco, embora a Signora Moretti insistisse que matou um deles. Possivelmente dois. Quando Taviano olhou para a espessura de seus óculos, ele teve a certeza que Val e ele tinham muita sorte dela não tê-los matado.

Taviano teve um mau, muito mau pressentimento em seu intestino. Ele tinha aprendido a nunca ignorar aquele aviso, e no momento em que foi confirmado que todos os atacantes estavam abatidos, virou-se e correu para o beco até a entrada do Giordano. Emmanuelle não parecia bem. Ele esperava que seu radar não estivesse apitando por causa dela. Ouviu passos correndo atrás dele, olhou por cima do ombro quando abriu a porta e reconheceu Val Saldi. Ótimo. A metade dos Saldi o seguia, incluindo o guarda-costas e o primo de Val, Dario.

Balançando a cabeça, Taviano inclinou-se sobre Emmanuelle. — Tenho metade do inimigo neste quarto, *bella.* Provavelmente, graças à fixação do príncipe em você. —Ele sussurrou para ela, mas ele estava realmente inspecionando cada centímetro dela. O ombro dela parecia ruim. Dolorido. Ela precisaria de um cirurgião ortopedista, mas a ferida não era fatal. Ele olhou em volta, seu desconforto cresceu. — Onde está o Giovanni?

— Atirador do outro lado da rua, —Emmanuelle sussurrou de volta, sua voz rouca. — No telhado.

Ela nem sequer ficou chateada por ele chamar Val de *'príncipe'*, ou dizer que seu inimigo, uma família em uma briga de longa data contra eles, tinha uma fixação nela. Ela estava com muita dor e isso era mais do que preocupante.

Ele olhou para frente da loja. Simplesmente não conseguia se livrar do sentimento. — Ricco já ligou? —Ele já estava se movendo. Não sabia por que, mas não podia ficar naquela sala com o cheiro do sangue de sua irmã e a visão de seu rosto lindo torcido de dor. Havia outros na frente da loja, seu povo, mas ele não podia ficar lá. Ele tinha que ir. Estar em algum lugar. O sentimento era tão urgente, ele quase pegou uma sombra na frente de todos. No último minuto, ele saiu correndo novamente pela porta dos fundos.

No momento em que ficou sozinho, pegou a primeira sombra que levava ao telhado. Quando foi sugado, procurou nos edifícios do outro lado da rua, para onde estava indo. Ele viu seu irmão ir atrás do atirador. E alguma outra coisa. Algo que ele estava perdendo. Então ele viu e seu coração parou. Ele saltou de uma sombra para outra, desesperado para chegar lá antes que fosse tarde—mas já sabia que era. Com o coração na garganta, ele ganhou o telhado onde seu irmão perseguia o atirador.

— Atirador, atirador! —Ele gritou. — Mova-se, agora! —Ele se precipitou pelo telhado, gritando com Giovanni enquanto fazia isso.

Giovanni já havia aplicado a pressão necessária, quebrando o pescoço do atirador. Quando se virou para o som da voz de seu irmão e então mergulhou. Lá não havia cobertura, apenas a sombra, e estava a vários metros de distância. Uma bala o rasgou através da coxa esquerda, jogando-o no chão, a apenas um metro do seu destino. Doía como uma filha da puta e o sangue jorrava como uma fonte.

Taviano estendeu a mão e puxou os braços de seu irmão, arrastando-o para a sombra, uma segunda bala rasgou a panturrilha de Giovanni. Taviano envolveu seus braços ao redor do irmão e deslizou pelo tubo, ganhando a rapidez necessária.

Um atirador acima deles, colocado a dois edifícios de distância, salpicou as sombras como se soubesse que eles as usavam para escapar.

Giovanni sugou o ar para não gritar. Ele tentou aplicar pressão na perna, mas o efeito magnético do tubo era muito forte para fazer qualquer coisa, exceto deixar que ele o levasse. O sangue voou ao seu redor, deixando uma trilha e a cor da camisa de Taviano vermelha. Ele não parou o seu irmão, Taviano levou-os para a porta da frente do açougue. Ele parou, colocou Giovanni no ombro, abriu a porta e correu para dentro.

Alguém gritou. Uma bala atingiu a porta de vidro e John Balboni, dono da loja de ferragens, caiu para trás. Ele veio para ajudar e sua arma ainda estava em sua mão.

— Abaixe! —Gritou Taviano, carregando Giovanni até o quarto. — Angelina, eu preciso de você agora. É mau.

Angelina deixou o lado de Emmanuelle e correu para ajudá-lo. Eles colocaram Giovanni no chão. Angelina calmamente aplicou pressão sobre a ferida enquanto Giovanni xingava uma e outra vez. Outra bala rasgou a loja e alguém gritou por ajuda. Parecia Claretta, esposa de Berardo Giordano. Ela gritou por alguém para ajudá-la a levar John para a sala de trás, porque ele estava sangrando muito.

— Estou indo atrás daquele maldito bastardo, —gritou Taviano. Não se importou se o atirador estava atirando nas sombras.

— Não. Não vá, —sussurrou Emmanuelle. — Não podemos perder ninguém mais.

Ele se inclinou para se beijá-la na testa. — Você sabe que tenho que ir, *bella.* —Quando ele se endireitou, Val Saldi estava lá, seu guarda-costas, Dario, logo atrás ele. Eles o seguiram.

— O que você precisa Taviano? —Perguntou Val.

Dario ficou em silêncio os olhos em seu inimigo, provavelmente pronto para cortar Taviano da virilha ao peito, se ele fizesse um movimento em Val. Taviano não estava prestes a virar um cavalo de Tróia. — Uma distração. Você pode mover seus veículos em torno do prédio? Eu não quero ninguém dando chance de ser atingido, mas eu o quero preocupado. Acuado. —O atirador provavelmente já estava fazendo isso.

Val não respondeu, mas olhou para o primo. Dario imediatamente falou em um rádio e instantaneamente houve uma enxurrada de atividade, carros acelerando e partindo. Taviano aproveitou a oportunidade para desaparecer. Ele correu entre os dois prédios, de volta à rua principal e pisou em uma sombra. Seu corpo voou em direção aos edifícios do outro lado da rua.

Os homens do Saldi cercaram o prédio a frente e a volta com seus carros, os homens pulando para ficarem cobertos pelos beirais para que o atirador não os pudesse ver. Taviano passou por eles e subiu ao lado do prédio. Quem enviou esses homens para atacar sua família tinha usado seu próprio atirador como isca. Os homens estavam atirando nas sombras como se alguém tivesse dito que eles precisavam tomar cuidado com qualquer coisa que pudesse sair das sombras. Um cavaleiro de sombras. O inimigo deles tinha que ser um cavaleiro de sombras.

O atirador tinha acabado de derrubar a arma e estava colocando-a em um estojo. Ele se virou para a escada que o levaria para o sótão da loja abaixo dele. Taviano estava nele em segundos e mal sentia. Seus irmãos o chamavam de cabeça

quente e diziam que ele tinha um temperamento vulcânico. Certo Agora, ele estava gelado.

Ele saiu da sombra na frente do atirador e pegou-o pela garganta com uma mão, e a outra na virilha, torcendo enquanto seus dedos cortavam todo o ar. — É melhor você acreditar em mim quando eu lhe disser que eu não estou jogando com você.

O atirador tossiu e lutou, ficando cinza, ele mal conseguia alcançar o chão do telhado com as solas de suas botas. Taviano foi implacável. — Quem diabos o mandou atrás da minha família? Eu vou aliviar sua garganta e você vai me responder, ou a dor vai piorar. —Ele olhou para os olhos do atirador, recusando-se a desviar o olhar ou a permitir que ele desviasse o olhar.

Ele deu um aperto mais firme na virilha, torcendo muito mais forte, enquanto aliviou o aperto na garganta do homem. O atirador tossiu e ofegou, tentou sacudir a cabeça. — Não sei.

Antes que ele conseguisse dizer a última palavra completamente, os dedos de Taviano penetraram na garganta e torceram sua virilha com tanta força que o homem conseguiu gritar em agonia apesar da mão fechando sua via aérea. Taviano nem piscou. — Eu posso manter isso por horas. Você quer aguentar, é com você. Vou puxar seu pau e empurrá-lo por sua garganta antes de acabar. Se você acha que eu não posso, você não recebeu os fatos completos sobre quem você enfrenta. Vamos tentar novamente. —Ele afrouxou na garganta do homem.

— Não sei! —Havia desespero nos olhos do atirador. Verdade na voz dele.

Taviano ouviu raspagem na escada de incêndio e viu Valentino Saldi quando sua cabeça surgiu acima do telhado. Val inclinou-se na escada e olhou Taviano. — E eles dizem que minha família é louca. Faça logo, Ferraro. Os policiais estão

fervilhando por todo este lugar. Eles pensam que há uma guerra acontecendo entre os Saldi e os Ferraro. Ou que estamos nos unindo contra outra família do crime.

Taviano girou o atirador, apertou a cabeça e puxou, estalando o pescoço. Deixou cair o corpo. — Haverá uma guerra, tudo bem, —disse ele, — e os policiais não têm ideia do que está por vir.

— Eles não vão deixar ninguém sair. Se você tem algum lugar para ir, melhor ir agora antes de ser visto aqui, —disse Val. — Giovanni e Emme estão sendo transportados para o hospital. Gee está em mau estado. Emmanuelle precisa de um cirurgião ortopedista imediatamente. Eu irei assim que puder e terei certeza que eles estão protegidos. Além disso, enviarei alguns dos meus homens.

— Stefano está lá. —Mesmo enquanto dizia, Taviano preocupava-se por seu irmão. O mundo tinha ficado louco.

— Eu estarei no hospital, —Val disse de forma decisiva.

12

Ricco pegou sua camiseta e levou para Mariko. As marcas das cordas estavam em seu corpo, padrões em forma de diamante marcando a pele pálida. Ele arrastou a camisa sobre a cabeça dela. Ele gostava de vê-las lá, como se ele

ainda a rodeasse, ela estivesse presa em seus braços e segura. Seus dedos escorregaram pelas as marcas quando puxou a camisa sobre seu corpo

— Estamos sendo atacado. Emilio está acompanhando pelas telas de segurança. Ele vai nos deixar saber onde está o inimigo, mas ele está dizendo que há um exército vindo sobre a cerca de todas as direções. Preciso que ele seja nosso olhar.

Ele a observou de perto. Ela tinha que estar exausta. Ela lhe enviou um leve sorriso. — Eu estou bem. Pare de me olhar como se estivesse prestes a quebrar. Eu não sou porcelana.

Não, ela não era. Ela era o verdadeiro negócio. Uma mulher. Sua mulher guerreira. Ela teria que ficar ao seu lado e lutar, mas ... — Eu preciso saber se você confia em mim, Mariko. Implicitamente. Com sua vida.

— Ricco, eu deixo você me amarrar. —Ela inclinou a cabeça para olhar para ele.

— Não é o mesmo. Eu vou fazer você sair enquanto eu estiver aqui dentro. A casa foi construída para proteger os terrenos, bem como o interior. —Enquanto ele falava se virou para a parede e colocou a palma da mão ao longo do padrão intrincado. Painéis deslizaram silenciosamente.

Sua respiração travou. Ela levantou-se cuidadosamente, segurando a parte de trás da cadeira. — Você tem um arsenal aí.

— Eu acredito em estar preparado. —Ele abriu uma gaveta e puxou dois pequenos fones de ouvido. — Use um destes. Pode atravessar o tubo, assim como nossas roupas. Você deve deixá-lo no ouvido. Emilio e Enzo serão nossos olhos e ouvidos da sala de controle. Estarei sentado lá. —Ele apontou para o lado acima do jardim japonês.

A casa era em forma de *U* com o jardim entre as duas salientes asas. Ao redor da casa havia um labirinto com estreitas passarelas, forçando qualquer pessoa que andasse pelos extensos jardins externos a fazê-lo em fila única. Em vários lugares, Ricco tinha incorporado nichos onde um cavaleiro podia deslizar facilmente através das sombras permanentes que ele tinha criado dentro do labirinto.

Este era o momento que ele esperara por todos os dias de sua vida. O antigo conselho, formado por Dai Saito, Mikio Ito e Isamu Yamamoto, estava fazendo seu movimento contra a família dele. Mariko e Nicoletta tinham sido apanhadas por acaso. Ele temia esse momento, tinha inúmeros pesadelos sobre isso, mas estava preparado. Ele apenas detestava não saber o que estava acontecendo com os outros.

Ele colocou o fone de ouvido. *– Emilio, Mariko vai para o lado norte. Eu estarei na torre norte. Verifique todos os membros da família.*

– Entendido, lado norte e a torre. Verifiquei todos, incluindo os seus pais. Ninguém respondeu de volta. Tentei seus guarda-costas e todos ficaram em silêncio. Temos que assumir que estão sob ataque.

Ricco poderia ter ficado um tanto louco, a raiva subindo rápida, a culpa o consumido, mas ele não tinha esse luxo. Ele tinha Mariko para proteger. Ele puxou o seu rifle favorito do arsenal e pegou caixas de munição. — Jardim do Norte, Mariko. Permaneça nas sombras até ouvir Emilio ou eu dizer-lhe em quem e onde bater.

Ela não hesitou, e isso o humilhou. Ela estava indo para fora, vestindo uma camiseta e calcinha de renda vermelha, sem armas, contra um exército de homens fortemente armados. Mercenários pelo olhar. Enzo estava fazendo o reconhecimento facial. Ricco a pegou pela nuca enquanto ela se afastava dele,

empurrou-a de volta para ele e a beijou. Ele mostrou o que sentia por ela. Paixão. Medo. Culpa. Raiva. Admiração. Respeito. Todas essas coisas. Sua necessidade de protegê-la. Ele era muito protetor. Ela o beijou de volta e ele provou doçura. Doação. Paixão. Aceitação.

Ele a deixou ir relutantemente. Seus olhos se encontraram. Ela assentiu e depois entrou em uma sombra, descendo as escadas e saindo para os jardins do norte, e para o perigo absoluto. Não hesitou. Ele sabia que estava mais do que meio apaixonado por ela. Ela era uma mulher guerreira, totalmente confiante quando caminhava diretamente para a sombra e desaparecia para enfrentar o inimigo. Ela tornava-se vulnerável a ele como uma mulher quando vinha tão bravamente para ele em seu estúdio, fornecendo-lhe o que precisava. Sem julgamento. Nenhum. Somente uma doação de si mesma. Ele estava caindo duro e rápido. Irrevocável. Sem volta.

Ele correu para a torre norte pelo banco de janela em três lados. Suas paredes eram reforçadas e as balas não iriam entrando. As janelas fechadas eram à prova de balas. Ele teve que abrir uma para proteger Mariko e causar um pouco estrago.

Do lado de fora, os jardins eram projetados para forçar qualquer pessoa na passarela a andar em fila única e virar esquina após esquina, como um labirinto. Todo o jardim era exatamente isso, um labirinto que conduzia através do caminho em direção à casa. Isso parecia divertido e bonito, mas era mortal para um inimigo. Com todas as sombras por todo o jardim durante todo o dia e a noite com as luzes acesas, a vantagem era toda do cavaleiro de sombras.

De seu ponto na janela, ele podia ver cada ponto onde o inimigo faria uma curva, e Mariko o estaria esperando dentro do tubo.

– Vindo para você em cinco segundos. Três em uma fila. Pegue-os ao seu prazer, —instruiu Emilio.

Ricco colocou o olho na mira e, instantaneamente, os três homens apareceram em detalhes. Eles tinham armas automáticas e cintos de munição pendurados em seus corpos. Ele não queria disparar a menos que precisasse. Os outros que se aproximavam da cerca saberiam nesse instante que ele sabia que eles estavam lá e provavelmente formariam uma blitz de ataque. Ele preferiria liquidar a maioria deles para evitar que sua casa fosse estragada.

O primeiro intruso virou a esquina e continuou lentamente, com cautela, ao longo do caminho estreito. Estava no jardim protegido por rosas e a folhagem era espinhosa, certificando-se de que o inimigo permanecia no caminho. Os cantos eram apertados deliberadamente. Um segundo homem atirador o seguia. O primeiro estava praticamente na segunda curva quando o terceiro apareceu. Mariko saiu das sombras, suave e eficiente. Ela o alcançou quase delicadamente, pegou o homem indo pela garganta, um clássico do matar e arrastar, abaixando suavemente o corpo e desaparecendo nas sombras enquanto o segundo homem virava a esquina.

Ela ficou atrás do segundo homem, matando-o e depois ao terceiro. Ela deixou-os onde eles caíram e foi mais uma vez para a boca do túnel.

– Dois no caminho, perto da treliça do lado de fora da casa, —Emilio disse. *– Mais quatro se movimentando lentamente. Eles não gostaram dos ramos espinhosos puxando-os.* —Havia uma leve risada na voz dele.

Rosas tinha sido uma boa ideia, mesmo que Ricco tivesse que se certificar de que elas não congelavam e estavam protegidas durante os duros meses de inverno. Ele assistiu da janela quando Mariko voltou para as sombras. Isto era estranho.

Ele não a conhecia há muito tempo, mas desde o momento em que as sombras deles tinham se ligado, sentia como se não pudesse ficar sem ela.

Ao longo dos anos, ele se aprimorou em ser o melhor guerreiro possível. Ele poderia estar ferido, mas não importava, quando ele precisava de seu corpo em alta velocidade, cada músculo estava pronto. Seus reflexos eram rápidos e sua coordenação, olhos/mãos, era extraordinária. Ele era um homem totalmente confiante em si mesmo e nas habilidades dele, todas, de matar um homem a agradar uma mulher, e agora, com essa mulher, a única mulher, estava hesitante e cuidadoso. Parecia furtiva para ele, sempre pronta para escapar.

Mariko emergiu, apenas por um momento, na boca de uma sombra atrás dos quatro homens. Esse lampejo momentâneo dela mostrou que a camiseta era longa o suficiente para parecer um vestido nela, o cabelo caia ao redor de seu rosto, pelos ombros como se tivessem passado horas fazendo amor, sua pele perfeita e a boca generosa, fizeram seu corpo reagir, mesmo no meio do perigo. Talvez o perigo contribuísse. Ele pensou em como era sexy ela parecer tão delicadamente linda quando ele sabia que era tão mortal.

Ela fluía como o vento, como a água movendo-se sobre pedras, quando surgiu atrás do último homem. O intruso não teve a chance de virar a esquina ou mesmo pisar no labirinto. Ele era um homem grande e ela parecia frágil em comparação a ele. Ricco observou através do escopo, com o coração na garganta enquanto ela pulava no ar e derrubava o inimigo com as pernas em volta da cabeça dele, as mãos dela já letais antes que o homem tivesse a chance de saber o que o atingiu. Ela se foi, rápida, de volta às sombras.

– *Maldição.* —A voz de Emilio era pura admiração. – *Essa mulher é quente.*

Ricco tinha que concordar. Ele não pode culpar seu primo por ter notado, mas ... *– E ela está fora dos limites. Ela é única. Eu vou me casar com ela.* —Ele manteve o olho no escopo, apenas esperando. Ela estaria chegando atrás do próximo homem na fila. Ela tinha que estar exausta, mas ele não podia ver uma sugestão disso quando ela estava trabalhando.

– Ela sabe disso?

– Ela o faz agora. Ela pode nos ouvir, —disse Ricco. Isso era o quanto ele estava louco por ela. Quão longe foi. Ele nem se lembrou de estar com um fone de ouvido. O que qualquer um deles dissesse, ela podia ouvir.

Emilio riu. *– Você pode esclarecer, Ricco. Vocês têm convidados batendo em sua porta da frente. É bastante hilário. Eles estão realmente batendo. Sete deles. Mais sete estão indo para o jardim japonês, e você tem sete no lado sul se aproximando da casa. Se apresse, mulher.*

Não houve resposta, ou talvez houvesse. Mariko apareceu atrás do terceiro homem quando o segundo virou a curva do labirinto. Ela o pegou pelo pescoço e puxou as mãos escorregando, e voltou ao tubo para se mover pelo labirinto atrás do segundo e depois do primeiro homem em linha. Ela derrubou os sete atacantes sem um único incidente. Ele não teve que disparar sua arma e avisar que sabiam que um ataque estava em andamento.

– Obrigado, Mariko, —disse Ricco, preparando-se para deixá-la ir. *– Eu quero que você vá para a sombra e fique segura. A três quadras, há uma garagem com um carro nela. O código é sete, seis, dois, quatro, cinco. Ele abre a porta. As chaves estão do lado de dentro da porta. Há dinheiro escondido no porta luvas. Quero que você saia daqui. Quando tiver tudo acabado, você pode voltar.*

Ela saiu das sombras, olhou diretamente para ele, balançou a cabeça, indicou que ela estava indo para o jardim do lado sul e voltou para as sombras.

Emilio riu. – *Rebelião. Os homens Ferraro parecem ter problemas para controlar suas mulheres.*

– *Cale a boca. Você é um Ferraro,* —Ricco foi obrigado a apontar.

– *Mas o sangue Greco de meu pai nos salvou.*

Ricco atravessou o largo corredor até o fim, colocou a palma na parede e o painel se abriu revelando o arsenal. Ele colocou o rifle, fechou-o e tomou uma sombra na parte superior da ala sul da casa. Ela estava à frente dele. Ele amaldiçoou enquanto puxava outro rifle de trás de um painel que parecia exatamente com o resto das paredes. Ele os tinha por toda a casa.

– *Desacelere Mariko. Eu preciso entrar em posição para cobri-la.*

Ela já estava em posição atrás do primeiro dos sete homens que se dirigiam para a parte de trás da casa. Eles estavam perto da casa, fazendo o caminho pelo labirinto, mas tendo problemas com as várias curvas. Sem rosas desse lado. Ele havia plantado dezenas de arbustos floridos para fazer o Labirinto espesso e impenetrável. Seus inimigos tinham que seguir o caminho se eles estivessem quisessem chegar à sua casa.

Ele assumiu a posição no banco das janelas. – *No lugar.* —Ela ainda não tinha dito uma palavra. Ele colocou o rosto no escopo. Ela parecia perfeitamente serena. Ela poderia estar bebendo chá no jardim, não perseguindo assassinos em torno da propriedade.

– *Emilio, continue tentando entrar em contato com os outros. Quero saber o que você souber e se eles estão seguros.* —Ricco estava preocupado com sua família, ele não poderia ajudá-los.

Em seu comando suave, Mariko olhou para ele pela janela. Ele viu a compaixão lá. Ela entendeia sobre perda de família. Ela perdeu quase todos, e agora seu irmão estava em perigo. Isso também estava com ele. Alguém havia sequestrado seu irmão para forçá-la a matar Ricco. A família dele. Família dela. O que ele poderia ter feito de maneira diferente naquela horrível noite, há muito tempo? O que ele deveria ter feito?

Mariko estava em movimento, deslizando nas sombras e emergindo bem com o último homem na fila. Ela pegou a cabeça em suas delicadas mãos e puxou. Ele caiu. O segundo homem, já tinha virado a esquina, de repente se virou. Emilio sibilou um aviso e ela se jogou no chão enquanto o atacante se agachava ao lado de seu companheiro e tomava seu pulso enquanto olhava cautelosamente para os arbustos. De repente, ela estava lá, atrás dele, puxando o pescoço e deixando cair o corpo sobre o de seu amigo.

O resto dos homens voltou-se ao comando gritado do terceiro homem. Ele colocou a cabeça na esquina e viu os dois corpos caídos ali. Ao longo do labirinto, de pé, ombro a ombro, cinco deles, onde havia espaço para três no máximo. Três enfrentaram o labirinto, os outros dois pulverizaram os arbustos e as sombras com balas.

Com o coração na garganta, Ricco atirou nos três de frente para ele, um de cada vez, apertando o gatilho em um movimento controlado enquanto nunca se sentiu tão fora de controle. – *Diga-me onde ela está Emilio,* —disse ele. – *Agora mesmo.*

Os três homens caíram enquanto os outros dois se voltaram para a casa, com o que parecia uma dança coreografada e lenta. Suas cabeças se ergueram,

procurando-o, pulverizando automaticamente o lado da casa em um esforço para chegar até ele.

– Na porta da frente, andando pela sombra. Mais sete Ricco. Mariko entre na casa, sai dos jardins, —advertiu Emilio.

Mariko deslizou pelas sombras enquanto o som dos tiros reverberava em seus ouvidos. Parecia que os intrusos haviam esquecido que poderia haver alguém nos jardins com eles, ao invés disso, concentrando todo o poder de fogo em Ricco. Balas rasgavam o lado da casa, mas ele construiu sua casa com um ataque em mente e nada a penetrou.

Ele disparou calmamente duas vezes mais, sem sequer estremecer ou hesitar enquanto eles ajustavam suas armas para a janela em que ele estava enquadrado tão perfeitamente. Mariko quis chamar, dizer-lhe que estava a descoberto, para sair de lá, mas permaneceu silenciosa, vendo os outros homens se precipitarem da frente da casa para o jardim. Ela era necessária ali, concordassem ou não Emilio e Ricco. Só que Ricco não parecia ter qualquer respeito pela autopreservação. Os dois em que ele atirou caíram enquanto ela estudava os sete homens correndo para ajudar seus companheiros caídos.

Ricco virou-se para esses alvos. Eles cuidaram dos sete do lado norte e agora os do sul, mas eles tinham mais. Estava cansada e cansada de erros. Se ela quisesse viver, e se usasse seu cérebro, ela pegaria uma sombra diretamente ao carro que ele havia escondido em uma garagem e deixou a disposição quando ele insistiu. Ela sabia que não faria isso.

Ela vivia por um código. Esse código exigia que ela se voltasse para seus colegas cavaleiros em nome da situação. Ela queria pensar que estava ali por essa razão, mas ela sabia mais. Ela estava ali por um homem. Ricco Ferraro. Ela sabia

que nunca o deixaria em uma situação em que ele estivesse sendo atacado ou pudesse ser prejudicado.

Ele havia declarado a Emilio que se casaria com ela, mas Ricco não era o tipo de se casar. Ele era um playboy e havia muitas mulheres dispostas a cair sob seu feitiço durante o tempo que ele quisesse. As únicas mulheres que ela conseguiu saber que sobreviveram mais de uma noite eram as gêmeas Lacey, estrelas de uma comédia popular. Ele tinha que estar brincando com Emilio. Ele a admirava e respeitava. Isso era genuíno, ela ouvia isso em sua voz. Assim como havia verdade quando ele disse que iria se casar com ela, no calor de momento.

Um movimento chamou sua atenção. Outro atacante. Este se arrastava em suas mãos e joelhos, às vezes em sua barriga, usando dedos e pés para se arrastar ao longo do solo sob as plantas e no labirinto. Entrando e saindo lentamente. De vez em quando ele olhava para a janela e depois ajustava seu caminho.

O rifle de Ricco latiu duas vezes e dois homens caíram. Ele era um maldito de um bom atirador. Ele desapareceu da janela e uma saraivada de tiros ressoou, os atacantes que vinham da frente estavam ansiosos para se juntar à batalha. Ela manteve seus olhos no homem rastreando Ricco. Ele se moveu rapidamente logo que Ricco disparou, e ela percebeu que ele quase estava em posição. Ele cronometrou a devolução do fogo para fazer o seu movimento. Ricco não fazia ideia de que estava sendo perseguido.

– Emilio, há um atirador perto da pequena fonte. Você pode vê-lo? —Mariko sussurrou.

Houve silêncio e depois o guarda-costas falou. *– Eu não posso. Enzo? Você pode vê-lo?*

Com o coração na garganta, ela olhou de volta para o atirador. Ele tinha sumido, desaparecendo na escuridão do labirinto. Xingando, ela saiu da sombra e pegou a próxima com a intenção de montá-la para mais perto dele. Balas pulverizaram ao redor dela, cortando as folhas e os ramos.

– O que diabos está acontecendo? —Perguntou Ricco. *– Eles estão atirando em Mariko?*

– Ela se expôs por um segundo, —disse Emilio.

Ricco amaldiçoou uma mistura de italiano e inglês se enrolando em seus ouvidos. *– Fique nas sombras,* —ele sibilou. *– Quero dizer isso, Mariko. E coloque sua bunda nesta casa agora.* —Ele ficou de pé e apertou o gatilho, pegando dois recém-chegados, e foi ao chão quando os três restantes voltaram a disparar, balas batendo na janela e na parede e chão atrás dele.

Mariko ignorou o jogo entre Ricco e Emilio. Ela tinha que encontrar o atirador se movendo e se instalar sobre ele. Ricco poderia tirar os atacantes descuidados. Usar a escassa cobertura das plantas ao longo do percurso. Eles eram preguiçosos e não queriam sair da trilha para o labirinto com seus ramos em picantes e espinhos. Mas o atirador ...

Ela escolheu outra sombra e pisou nela. O segundo da sua exposição foi sua destruição. Balas rasgavam as sombras e cuidadosamente plantas e folhagens enquanto ela se movia rapidamente em direção à boca do tubo. Ela se jogou de barriga, as mãos a sua frente, os dedos prontos para atuar como freios.

No momento em que ela foi exposta, entre as sombras, os atacantes a viram e abriram fogo, dando a Ricco a oportunidade de disparar em mais dois. Imediatamente os outros atiraram. Era uma repetição do que havia acontecido antes. Seis caíram, um para a esquerda. E o atirador.

Ela cavou os dedos dos pés nas sombras, deslizando com as mãos, tentando se agarrar ao chão, então não caiu no labirinto. O atirador não podia saber que ela estava caçando-o. Ricco não parou até derrubar o último homem. Os outros se aproximavam da casa de chá do jardim, mas Emilio estava observando cada movimento, e Emilio, Enzo e Ricco não pareciam temer que o inimigo entrasse na casa.

Suas mãos queimaram e rasparam pelo chão, mas ela conseguiu parar na boca do tubo. Ela respirou fundo e olhou em volta. O tempo era curto para ela. O atirador estava em posição, na frente dela, longe de todas as sombras que ela podia alcançar, mas mergulhado na folhagem onde, de cima, Ricco e seus guarda-costas provavelmente não o avistariam.

Coração acelerado, ela se levantou, avaliando a situação. Ele estava esperando que Ricco se mostrasse na janela. Ela sabia, antes de se mexer, antes de falar, que era muito tarde. O outro atirador tinha parado de disparar. Ricco já estava em posição, e o atirador o tinha.

– *Abaixe-se,* —advertiu ela, indiferente quando saiu da sombra, que o atirador restante já estava procurando um vislumbre dela nas sombras. Ela não podia deixar Ricco morrer. Ela simplesmente não podia. Os olhos dela estavam sobre ele. Ali. Emoldurado na janela. Ele parecia invencível. Um guerreiro antigo. Um samurai determinado a defender o seu lugar e seu castelo.

Ela estava quase no atirador quando ouviu o sussurro de movimento atrás dela. Simultaneamente, ela ouviu a voz de Ricco. – *Atrás de você.* —Seu coração parou. Ela queria desesperadamente que Ricco se salvasse. Ele sabia que o atirador o tinha em suas vistas, mas em vez de descer, ou se jogar para o lado, ele ficou parado, inflexível. Desatento. Determinado a salvá-la. Ele apertou o gatilho e ela

ouviu a bala atingir sua marca. O atirador também disparou e a bala dele jogou Ricco da janela para a sala onde ela não podia vê-lo.

Ela estava no atirador, o joelho nas costas, prendendo-o, ficando abaixada, e o atirador restante não conseguia um tiro limpo. Se ele pulverizasse a área, ele acertaria seu companheiro. O atirador tentou lutar, mas era muito tarde, ele tinha perdido seu próprio rifle enquanto pensava como poderia atirar nela. Ele tentou torcer o corpo, mas as mãos dela já estavam na cabeça dele. Ela puxou. O crack foi audível. Ela o deixou cair e entrou na sombra, sentindo a atração familiar.

O último grupo de atacantes tinha que ter ganhado a entrada para a casa agora. A sensação de urgência era ótima, mas não podia cometer um erro. Ricco podia estar vivo ainda. Ela tinha que ficar entorpecida, não pensar nele ou em seu sacrifício. Ficar lá, esperando o atirador para acertá-lo antes que ele pudesse fugir. E se ela tivesse tentado matá-lo, apenas pela chance de salvar seu irmão? Um homem como ele. Com sua integridade?

Mariko sentiu a queimadura de lágrimas, mas se recusou a dar vazão a emoção. Ela tinha trabalho a fazer e iria fazê-lo muito bem. Localizar o atirador restante era o primeiro passo.

– *Emilio.* —Ela forçou sua voz a ficar calma, embora estivesse tremendo. – *Ricco caiu. Você pode chegar a ele?*

Silêncio respondeu enquanto ela olhava longamente pelo jardim. O labirinto tinha feito seu trabalho, mantendo os atacantes em uma única fila ao longo do caminho. Todos eles o fizeram, exceto o atirador. Ela localizou-o nas pedras a poucos metros dela. Ele estava se torcendo para frente e para trás, tentando ver todas as sombras, mantendo o olho na janela. Ele parou de olhar a janela depois

de alguns minutos preciosos, certo que Ricco estava morto. Certamente, considerou que ele estava morto. Ela não podia, ou ela não conseguia continuar.

O pequeno fone falou. – *Ricco não morre tão fácil,* —a voz de Emilio soou em seu ouvido. – *Entre.*

– *Eu estou a caminho.* —Ela tinha mais uma tarefa e então ela estaria dentro. Alguma coisa se instalou na certeza calma de Emilio. Ela não tinha ideia de como Ricco poderia ter sobrevivido a esse tiro, mas se o guarda-costas achava que ele estava vivo, ela também pensaria assim. Abraçando o conhecimento de que ele poderia se curar, ela perseguiu o último atirador, montando as sombras menores para circular em torno dele.

Sua presa continuamente se virava em círculos, dificultando um movimento. Um tiro soou e o atacante caiu como pedra no chão, sangrando por sua cabeça. Ele quase caiu aos seus pés. Ela olhou para a janela, seu coração batendo selvagemente. Ricco estava lá, emoldurado como antes, parecendo assustador e bonito no modo guerreiro.

– *Entre nessa casa agora,* —ele ordenou.

Ela nem sequer se importou com o fato de ele ter xingado com ela. Ele estava vivo. *Vivo.* Ela conversaria suavemente com ele mais tarde sobre sua linguagem, mas não agora. Agora ela queria pular de felicidade, algo completamente fora do caráter dela. Em vez disso, ela obedeceu a ordem. Calmamente. Como se Ricco estar vivo fosse sempre uma certeza. – *A caminho.*

– *Eles se dividiram em duas facções, Ricco,* —Emilio sussurrou em seus ouvidos. – *Enzo está monitorando os jardins, mas acho que apenas os que estão na casa estão vivos. Eles estão carregando explosivos em suas mochilas. Dois pararam para colocá-los nas paredes da sala grande.*

– Posso vir atrás deles e varrer os explosivos, —Mariko ofereceu. *– Eu tenho treinamento extensivo.*

A voz de Ricco era um silvo no ouvido. *– Esta casa é letal. Eu quero você comigo. Então eu sei que você está a salvo.*

Ela sorriu para a impaciência—e preocupação—em sua voz. Foi uma nova experiência para ela. Ela gostou—gostou que ela importasse para alguém—especialmente gostava que ela importasse para Ricco Ferraro.

Ela montou as sombras do lado da casa direto para a destroçada janela, admirando como Ricco havia projetado sua casa para maximizar sombras de cima para baixo, assim como tinha feito nos jardins incríveis. Ele estendeu a mão, enfiou-a sob seus braços e a arrastou para dentro, contra seu corpo. Ele a manteve perto por vários momentos.

— Você me assustou, Mariko, —ele sussurrou, puxando-a para trás o suficiente para olhar nos olhos dela.

Seu coração se apertou em seu peito. Era como ele a olhava—como se ela fosse a única mulher em seu mundo. — Você *me* assustou. —Ela sabia como ele tinha sobrevivido. Ele estava vestindo um colete, mas ainda assim, o atirador poderia ter ido por um tiro em sua cabeça. Ele deu uma grande chance ao salvá-la.

— Eu sou muito mau para morrer assim, —disse ele. Sua mão deslizou até o cotovelo. — Nós temos convidados. Queremos fazê-los sentir-se bem-vindos. — Ele deslizou seus dedos pelo braço até encontrar os dedos dela com os dele. Era uma intimidade que ela não esperava e seu coração virou. Ele empurrou o rifle para o armário na parede e acenou com a mão livre para as prateleiras. — Escolha o que você estiver mais confortável.

Havia inúmeras facas e armas menores. Havia um cinto com vários coldres e presilhas. Ela o enrolou na cintura e colocou as facas nas presilhas e as armas que ela havia escolhido nos coldres. Ela escolheu munição extra para as armas e empurrou-as para as presilhas.

– *Emilio, continue tentando Stefano e os outros,* —disse Ricco ao escolher suas armas.

– *Estou nisso, Ricco,* —assegurou Emilio. – *Inimigos se aproximam da zona-alvo,* —ele adicionou. – *Três deles.*

Ricco puxou uma tela e ativou-a. Imediatamente viu três homens com mochilas se movendo cautelosamente ao longo do corredor, que levava a cozinha. Era o mais estreito dos corredores da espaçosa casa de Ricco, Permitindo que os atacantes andassem aos pares e não em fila única, embora esses homens estivessem se movendo em uma única fila.

Outras câmeras mostraram um vídeo com um grupo de homens se espalhando pelo piso térreo. Sem aviso prévio, um painel na frente da porta da cozinha, se fechou. Simultaneamente, atrás dos atacantes outro fez o mesmo. Armas deslizaram a frente e atrás deles, prendendo os três homens no corredor. Não havia para onde ir e quando o da frente gritou um aviso, virando-se um pouco para tentar fugir, as armas espalharam balas. Em momentos os três homens estavam caídos mortos no chão do corredor e as armas deslizaram para trás dos painéis.

— Ricco. —Ela não sabia o que mais dizer. Ele planejou isso. Ele sabia que mais cedo ou mais tarde alguém estaria vindo atrás dele.

— Nós somos bons, —ele assegurou. Ele indicou a biblioteca. — Estamos indo para lá.

Havia uma longa varanda envolvendo a parte circular da sala, com portas de vidro que levavam para a varanda onde se podia sentar e ler quando desejasse. A biblioteca ocupava as duas salas, as paredes forradas de livros. Escadas corriam pelos trilhos, permitindo que alguém se movesse ao longo das longas prateleiras em qualquer nível e escolhesse seu livro. Ela amava essa biblioteca.

Eles escolheram uma sombra ao lado da janela, uma que subia ao telhado. Ele manteve a mão na dela, como se esse contato entre eles fosse muito importante para ele. Do telhado, eles pegaram outra sombra que os levou até a varanda, no piso inferior da biblioteca. Ricco se inclinou sobre ela e roçou a boca sobre a dela. Ele indicou que ela se movesse para o lado esquerdo, onde havia uma pequena, área mais escura na varanda como uma pequena alcova. Havia uma no lado direito também. Ele abriu as portas de vidro convidativamente. Ela percebeu que isso também tinha sido construído com a defesa em mente. Ela tinha sido ensinada, do mesmo jeito que ele, de que toda ofensiva era uma boa defesa, e toda defesa era uma boa ofensiva. Ele planejava. Ocorreu para ela, que não importava o quê, Ricco Ferraro protegeria sua família, e ele era bom nisso.

Eles estão quase em você, —advertiu Emilio. *– Você tem quatro chegando, fortemente armados com automáticas. Eles têm mochilas, então eu imagino que também têm explosivos. Provavelmente tentarão explodir a sala para entrar na casa.*

— Espere até eu me mover e escolha seus alvos, —Ricco a advertiu.

Ela assentiu, respirando uniformemente. O alívio e a certeza de que ele estava vivo e sem ameaças eram esmagadores. Em tão pouco tempo, ela percebeu que já havia investido nele. Não importava se ele sentia o mesmo, e não era boba o suficiente para pensar que ele o fazia. Ele era um playboy. Ele gostava de mulheres. Muitas mulheres. Isso não significava que ela não pudesse tê-lo enquanto eles

concordassem. O tempo seria curto, e se ela vivesse depois de encontrar seu irmão, seria ela a pessoa com o coração partido, mas para ela, valeria a pena. Nunca esperava sentir algo por um homem do jeito que ela fazia por Ricco.

— Não saia daí até que você os tenha bloqueado e possa derrubá-los. Dois tiros, um após o outro.

Ela lhe enviou um pequeno sorriso. — Estou bem com isso, Ricco. Sou uma boa atiradora.

Ele assentiu. Ela gostava que ele estivesse um pouco ansioso por ela, mas ela era uma excelente atiradora. As portas da biblioteca se abriram e os quatro intrusos entraram, varrendo a sala para se certificar de que estava vazia. Eles correram para as paredes para encontrar os apoios da casa. Imediatamente, eles tiraram suas mochilas dos ombros e se ajoelharam para começar o trabalho.

Ricco e Mariko saíram das alcovas. Ela ouviu o barulho da arma quando apertou o gatilho duas vezes. Seus alvos caíram e ela mudou a atenção imediatamente para os dele. Ela deveria ter sabido que não faria falta. Ela se dirigiu para os cadáveres e suas mochilas.

— Deixe-os. Devemos limpar a casa primeiro. Nós não lhes demos o suficiente para fazer qualquer coisa, só colocar os maços no chão.

A ideia de deixar explosivos a vista a perturbou, mas ele estava certo. Não estavam sozinhos. Ricco já estava checando os quatro homens, certificando-se de que cada tiro era um tiro de morte. Ele puxou uma tela no canto da sala mais próximo da varanda. Ela podia ver os pequenos quadradinhos indicando câmeras.

Cinco atacantes estavam dentro da grande sala, montando seus explosivos nas grossas colunas. Um deles tossiu. A sala parecia um pouco esfumaçada. Os escudos metálicos nas janelas impediam a entrada da luz, e de repente todas as

luzes se apagaram, deixando a sala na escuridão. O homem tossiu de novo. Alguém acendeu uma luz e ela viu que a fumaça era grossa agora. Muito mais do que tinha estado alguns momentos antes.

Um dos homens caiu e ficou ofegante. O amigo dele foi até ele e tentou arrastá-lo para a porta. Tossiu, soltou o companheiro caído e tentou chegar até a porta. Ele não conseguiu encontrar a direção certa na escuridão obscura. Um terceiro e um quarto homem caíram. O último agarrou sua garganta e tentou cobrir sua boca ao mesmo tempo. Ele ofegou e caiu, primeiro de joelhos e depois para o chão.

– Taviano está aqui, —informou Emilio.

Por um momento, Ricco mergulhou em alívio ao saber que seu irmão estava vivo. Mariko se aproximou dele e ele trancou o braço em torno de sua cintura, Como se ela lhe desse forças. *– Diga-lhe para ir à sala de segurança. A casa é letal agora. Gás na sala grande. Armas ativadas. Diga-lhe que estou feliz dele estar vivo.*

– Ele está informando que Giovanni e Emme foram baleados. Emme tem uma ferida no ombro e Gee tem feridas múltiplas em sua perna. Ela está sendo preparada para cirurgia. Stefano fez o check-in com eles. Ele, Francesca e Vittorio estão bem. Cosimo e Tomas tiveram grandes problemas. Eles estavam vivos na última vez que Taviano ouviu notícias, foram levados ao hospital, ambos muito mal. Não conhecemos seu status nesse momento.

– Eloisa? Phillip?

– Ele não sabe.

Ricco indicou que avançariam para a sala de bilhar onde os últimos dois atacantes estavam ocupados montando seus explosivos. Ele segurou sua mão

enquanto eles passaram a sombra na sala. Quinze segundos depois, placas de aço sólido caíram sobre as janelas. Ambos os homens piscaram e olharam para o aço.

Ricco pegou um. Mariko o outro. Ela estava nele imediatamente, não lhe dando tempo para desencadear os explosivos que já haviam prendido e estavam prontos para explodir. No momento em que suas mãos pegaram sua cabeça, ele bateu para trás, tentando desalojá-la, seu peso superior a levando seis ou sete passos para trás. O cotovelo dele caiu em suas costelas em outra tentativa de soltá-la dele. Ela saltou sobre suas costas, as pernas circulando-o como um torno.

Suas mãos nunca deixaram a cabeça dele, nem mesmo para se proteger quando ele a esmagou de volta à parede. Ela soltou o fôlego e arrancou, puxando o pescoço dele terminando com sua tentativa desesperada de sobreviver.

Ricco estava lá instantaneamente, puxando a camiseta que cobria seu corpo. — Ele quebrou suas costelas? Você pode respirar?

Ela estava muito consciente de que usava apenas o sutiã vermelho e a calcinha de renda abaixo da camiseta. — Estou bem. Ele era forte. Está acabado?

Ele tocou as marcas das cordas em sua pele, baixou a camiseta e pegou suas mãos, virando-as para inspecionar as palmas e as almofadas dos dedos que ela esfolou a pele tentando se travar nos jardins.

– *Todos quietos. Temos as câmeras varrendo o terreno e a casa.* —Disse Emilio.

– *Ricco, você tomou um tiro. Quão ruim é?*

Ricco beijou o centro da palma da mão e depois a ponta dos dedos. – *Contusões apenas. Parece que alguém pegou meu peito com uma marreta. Ligue para Sal. Quero-os para fazer a limpeza aqui, e talvez ele e sua equipe possam encontrar pistas sobre quem está fazendo isso.*

Seu coração gaguejou um pouco com a sensação de seus lábios escovando tão gentilmente sobre a pele rasgada dela.

Ricco olhou para Mariko. — Tenho muita certeza de que sei, mas precisamos de provas.

Ela também sabia. Ela trouxe isso para a família Ferraro. — Desculpe, — disse ela. Muito devagar, ela tirou as mãos dele. O toque dele estava dificultando o pensamento. — Eu não tinha ideia, quando eu vim para cá, que isso aconteceria.

— O conselho me ameaçou anos atrás, —ele apontou. — Isso não tem nada a ver com você e tudo a ver comigo. Com o que aconteceu.

Ela ergueu o queixo. — Se você está correto e eu sou uma Tanaka, então essa é minha luta. Eles permitiram que seus filhos escapassem da morte da minha família. Eles me fizeram acreditar que machuquei meu irmão quando um de seus filhos fez isso. Estou com vocês para tudo.

13

Cavaleiros vieram de todo o mundo para participar do funeral de Phillip Ferraro. Cada família enviou um representante. Todos os membros do Conselho Internacional estavam lá. O conselho era formado por cavaleiros aposentados de todo o mundo. Eram sempre cinco e foi significativo que todos estivessem presentes no funeral de Phillip.

O que foi mais significativo era que a família Archambault tinha vindo com força total, com exceção da sua sempre secreta forma até que a família chegou em casa. Os cavaleiros daquela família traziam justiça a todos os cavaleiros e suas famílias se as leis fossem quebradas. Havia cinco irmãos e uma garota, assim como na Família Ferraro. Mariko ficou chocada ao ver o Conselho governante, bem como os cavaleiros de Archambault, tornando a sua presença conhecida á todas as famílias dos cavaleiros. Ela podia ver que isso deixava todo mundo desconfortável.

Emmanuelle sentou-se entre Vittorio e Taviano. Vittorio ainda estava pálido e andava com cuidado, mas insistiu em vir. Giovanni não podia estar lá. Emilio e Enzo guardavam ele no hospital. Stefano sentou-se ao lado de sua mãe, com Francesca ao lado. Ricco insistiu para que Mariko se sentasse com ele. Ele manteve seu braço ao redor dela, seu corpo protegendo o dela de olhos curiosos—

e ela estava bem ciente que sua presença estava chocando o mundo dos cavaleiros das sombras.

Um amigo da família, Henry, sentou-se do outro lado da Eloisa, e Lúcia e Amo sentaram-se com Nicoletta na seção da família. Valentino Saldi acompanhado de seu pai Giuseppi e seu primo Dario. Havia pelo menos outros cinco homens dos Saldi. Quase todos os que viviam ou trabalhavam no território Ferraro estava presente.

Havia dezessete famílias na comunidade dos cavaleiros de sombra após a perda das quatro famílias do Japão. O assassinato da família Tanaka tinha sido um golpe terrível, mas a perda das famílias Yamamoto, Ito e Saito tinha acabado com os pilotos de lá. O Japão enviou um representante de uma família restante. Seu nome era Kichiro Nakamura, e ele havia treinado com Mariko. Ele não tinha sido mau, mas também não tinha sido muito amigável. Ele passou muito tempo do funeral olhando de Mariko para Ricco.

Ela se aproximou de Ricco, sentindo sua dor. A família Ferraro estava abalada, não deixava dúvidas sobre isso. E estavam com raiva. Stefano Ferraro queria a cabeça de alguém. Ela podia sentir sua fúria ardendo bem abaixo da superfície, e essa fúria não era nada comparada a de Ricco.

Nunca tinha participado de uma reunião tão sombria. Mesmo com as pessoas do território participando, a família não colocou sua máscara de calma, no rosto. Eles pareciam irritados. Eles estavam com raiva. Quando eles se reunissem com os cavaleiros no Hotel Ferraro, sua raiva não deveria ser contida.

Foi um longo tempo para conter essa raiva, durante todo o funeral, então a recepção com todos fora das famílias de cavaleiros de sombra dando suas condolências. Ricco não deixou Mariko se afastar dele. Mesmo quando ela tinha

usado o banheiro, ele a acompanhou lá e a estava esperando quando ela saiu. Todo mundo estava hiper vigilante. Havia segurança em todos os lugares. Ninguém tentou ser sutil sobre isso. Eles estavam em campo aberto, e todos eles tinham armas.

Os primos Ferraro chegaram em massa, trazendo investigadores, guarda-costas e cavaleiros. Eles deixaram claro que estavam com seus primos e permaneceriam até a ameaça ter desaparecido. Eventualmente, os cavaleiros foram saindo e se dirigindo para o Hotel Ferraro, entrando na grande sala de conferências. Comidas e bebidas estavam servidas nas mesas, embora Mariko notasse que muitas pessoas não estavam comendo.

Stefano esperou que a sala ficasse quieta, segurando a mão de Francesca, o tempo inteiro, mantendo-a próxima. Quando os cinco membros responsáveis pelo conselho indicaram que estavam prontos para uma reunião, ele levou a mão dela para a boca. — Você vai nos desculpar, Francesca? Eu mandarei Demetrio e Drago escoltar você até a nossa casa. Eu quero que eles fiquem com você enquanto eu estiver longe.

— Você os mantém aqui, —ela protestou, inclinando-se sobre ele, com ansiedade no rosto.

— Nós temos nossos primos de Nova York. Os cavaleiros nesta sala são habilidosos.

Ela parecia querer protestar novamente, mas Stefano sacudiu a cabeça ligeiramente e ela parou, dando-lhe um assentimento preocupado. Mordendo o lábio, ela se virou para longe de seu marido.

Mariko não podia imaginar muitas pessoas, homem ou mulher, indo contra Stefano Ferraro quando ele tinha aquele olhar particular em seu rosto. Sombrio.

Gelado. Os olhos reluzentes com a fúria suprimida. Não era bom para qualquer membro do Conselho pensar que tinha motivos para se opor a ele.

— Cavalheiros, —disse Stefano calmamente. — Por favor, sentem-se. —Ele indicou as cadeiras em torno da mesa e depois esperou até que um cavaleiro de cada família tivesse tomado uma cadeira, bem como os cinco membros do Conselho Internacional. Os cavaleiros da família Archambault permaneceram em pé, junto com os cavaleiros da família Ferraro que vieram de Nova York e Los Angeles. Os cavaleiros Ferraro pareciam tão sombrios quanto seus primos.

— Na história da nossa existência, nunca houve um momento em que os cavaleiros se voltaram uns contra os outros. Há poucos de nós, —disse Marcellus Archambault. Ele era o chefe do Conselho Internacional. — Este ataque à família Ferraro foi ajudado por alguém de dentro do nosso círculo. Não há outra explicação possível quando aqueles que atacaram os membros da família sabiam que deviam disparar nas sombras.

Ao lado dele, Alfieri Ferraro, outro membro do conselho, assentiu. — Esta é minha família. Meus primos. *Nossa* família. Temos que descobrir quem fez isso e trazer justiça para eles.

— Stefano Ferraro contatou-nos e contou-nos uma história horrenda que remonta no tempo de seu irmão Ricco no Japão com nossos companheiros cavaleiros de lá, —Marcellus continuou. — Se isso for verdade, nós enviamos investigadores para o Japão, então nosso mundo está prestes a ser abalado. Nós fornecemos cópias detalhadas a todos os cavaleiros aqui. Leiam-nas e as deixem na mesa. Toda cópia deve ser devolvida e depois destruída. —Ele pegou seu copo de água para permitir que os cavaleiros tivessem tempo de ler o resumo na frente deles.

Kichiro Nakamura sacudiu a cabeça o tempo todo em que ele leu. Ele continuou olhando para Mariko e Ricco. Mariko aproximou-se de Ricco. Ela não gostou do olhar no rosto de Kichiro. Nem de ninguém. Desde o momento em que entrou na sala, ele tinha mantido sua atenção nela, e toda vez que olhava para Ricco e as mãos dos dois se juntaram, ele franzia a testa. Estava claro que ele não gostava deles juntos.

Ricco estava muito silencioso, seu rosto era uma máscara inexpressiva, mas podia senti-lo muito perto dela. Ele era um vulcão por dentro. Ele não gostou de se sentir sentenciado por nenhum desses homens, com eles considerando que ele poderia estar mentindo ou sabendo de seus negócios pessoais. Ele sentou-se em linha reta, ombros largos e impressionantes em seu terno risca de giz.

— Você acredita que três famílias conspiraram para esconder essa informação de nossas mãos? —Exigiu Kichiro, jogando o papel sobre a mesa. — Você quer que acreditemos que os filhos dessas três famílias assassinaram toda a família Tanaka?

— Tudo o que nossos pesquisadores descobriram até agora nos levou a essa conclusão, sim, —respondeu Marcellus. — Isamu Yamamoto cometeu suicídio depois que sua esposa morreu. Ele preparou uma carta que seu advogado enviou ao conselho depois de sua morte. Na carta ele admitiu que seu filho, Nao, assim como Kenta Ito e os dois filhos de Osamu, Eiji e Hachiro, assassinaram a família Tanaka. Isamu, Daí e Mikio conspiraram para cobri-los. Eles disseram a todos que seus garotos foram mortos em um acidente de carro, quando na verdade Ricco Ferraro os matou para tentar proteger os dois membros restantes da família, Mariko e Ryuu. Ryuu foi pisoteado repetidamente por Nao, quebrando todos os seus ossos. Mariko lutou para salvá-lo também. Ela tinha apenas três anos de

idade. Ricco lutou contra Nao, causando suas lesões existentes. Na luta, Ricco foi cortado várias vezes com uma espada. Ele tem as cicatrizes.

Os cavaleiros ao redor da mesa olharam para o relatório e depois olharam de Ricco para Marcellus como se de alguma forma pudessem fazer tudo desaparecer.

— Isso não pode ser a verdade, —disse Kichiro. — Essas casas são casas respeitadas. A família Saito acolheu Mariko e Ryuu e deu-lhes uma casa por anos.

Ricco agitou-se então. Pela primeira vez. Esse pequeno movimento chamou a atenção de todos. O coração de Mariko começou a bater. Ele parecia ... Invencível, como quando estava atirando contra os atacantes que vinham para ele. Calmo. Resoluto. Assustadoramente perigoso. Ela apertou os dedos dele.

— Mariko foi tratada como uma criada naquela casa. Ela foi espancada diariamente por Osamu Saito. Foi-lhe dito que ela causou essas lesões ao irmão. Sua herança foi tirada dela, o legado do nome Tanaka. Ela recebeu um novo sobrenome e lhe disseram que sua família não a queria, que a abandonaram nas ruas. A família Saito não a levou por bondade. —Havia uma advertência distinta em sua voz. Uma que dizia que se Kichiro persistisse, eles fariam mais do que trocar palavras. O fato de que, aos 14 anos, Ricco conseguiu matar três cavaleiros promissores e ferir o quarto tão severamente que qualquer um pensaria antes de desafiá-lo.

Eles não deveriam ter se preocupado com ele. Eles deveriam estar olhando para Stefano. — Você está chamando meu irmão de mentiroso? —Ele parecia relaxado, esparramado em sua cadeira, um tigre de olho em sua presa. Sua voz estava muito, muito suave. Tão baixa que tinham que se esforçar para ouvi-lo.

— Stefano. —advertiu Marcellus.

— Eu quero saber se ele está chamando meu irmão de mentiroso. É uma pergunta bastante simples. —Stefano não tirou os olhos de Kichiro. Nem os outros membros da família Ferraro, e isso incluía todos os primos da sala. A tensão se estendeu até Mariko querer gritar.

— Claro que eu não estou chamando-o de mentiroso, —esclareceu Kichiro. — A reputação de Ricco sempre foi impecável. É apenas o choque de descobrir que três das nossas famílias mais lendárias encobriram um evento tão brutal e ainda resta um Tanaka.

— Por que a família de Ricco não foi ao conselho? —Perguntou um cavaleiro da Rússia.

— Ricco não lhes disse. Ele foi ameaçado pelas três famílias. Ele foi informado que matariam toda a família se ele desse uma palavra para alguém.

Um suspiro coletivo surgiu de quase todos os cavaleiros.

Marcellus continuou. — Ele também foi informado de que eles diriam que investigaram e que ele cometeu os assassinatos da família Tanaka.

Os cavaleiros olharam um para o outro, franzindo a testa. — Isso não faz sentido. —O russo perseverou. — Todos nós saberíamos se ele fosse responsável, eles o levariam ao conselho imediatamente.

— Isamu Yamamoto também fazia parte do Conselho Internacional nesse tempo. —Foi Kirchiro que lembrou a todos, sua voz pensativa. — Ele servia em ambos os conselhos.

— A ideia de que alguém poderia acabar com a família Ferraro é ridícula, — um cavaleiro da Inglaterra acrescentou.

Stefano agitou novamente, mas Eloisa ergueu a mão gentilmente para o braço de seu filho. Ela levantou-se e enfrentou os membros do conselho. — Eu não sou

o chefe da minha família. Isso caí para Stefano. Mas eu tenho algo a dizer. Meu filho tinha quatorze anos. Eu o enviei para ser treinado, acreditando que ele estaria seguro nas mãos desses cavaleiros que pretendiam guiá-lo. Ele não foi. Ele foi ameaçado, e acreditou nessas ameaças como todas as crianças fazem. Isso mudou todo o curso de sua vida, quem e o que ele seria. A vida de Mariko foi alterada para sempre. A compensação deve ser feita para ambos. A justiça deve ser servida. No mundo dos cavaleiros, todos devem saber o que aconteceu. Isso eu exijo como é o meu direito.

Eloisa tinha jogado a luva. O conselho não podia ignorar sua exigência. Ela estava em seus direitos. Mais, Ricco e Mariko, especialmente, mereciam compensação.

— A investigação está em andamento. Não tivemos tempo suficiente ... — Marcellus começou.

— Você tem o testemunho do meu filho. Você tem uma carta escrita por Isamu Yamamoto antes de morrer. Ele esperou por sua esposa morrer e então ele se suicídou. —Seu tom sugeria que ela achava Isamu um covarde. Ele tinha sido incapaz de enfrentar o que seu filho tinha feito, e tirou sua vida.

— Isso é verdade, mas é claro, Mikio Ito e Daí Saito negaram tudo. Vamos chegar à verdade sobre este assunto.

— Você sabe a verdade ou você não teria dado o relatório aos cavaleiros, — Eloisa apontou. — Poupe-nos dessa besteira, Marcellus. Meu filho já passou o suficiente. Quando descobri isso, tudo o que eu pude fazer foi evitar buscar justiça por minha conta.

— Esse é o trabalho dos cavaleiros de Archambault, —disse Marcellus, sua voz gentil.

— Você acha que eu me importo? —Disse Eloisa. — Eu perdi meu marido. Eu não sou uma mulher jovem. A retribuição dada pelos Archambault não me impedirá, desde que eu traga esses criminosos à justiça.

Stefano colocou a mão no braço de sua mãe. Bastou colocá-lo lá. Ele não disse nada, mas ela olhou para ele e um pouco da raiva recuou de seu rosto para ser substituída, apenas por um momento, pela dor. Que rapidamente desapareceu quando ela lutou para colocar a máscara no lugar. Ela afundou de volta na cadeira, parecendo pequena e cansada.

— Eu entendo como você deve estar se sentindo, mas temos leis por um motivo, —Marcellus disse. — Essas leis são muito exigentes. Quando um cavaleiro prejudica outro de qualquer maneira, a justiça será servida, mas não antes de cada membro deste Conselho estar convencido de que temos a verdade absoluta do que aconteceu. Isso aconteceu há anos. Só está aparecendo agora.

— Você sabe que não é coincidência Mariko aparecer aqui e de repente todos os membros da família estarem sob ataque, do modo como Ricco foi ameaçado todos aqueles anos atrás, —Disse Stefano. — Não é a primeira tentativa por sua vida. O acidente no carro de corrida não foi um acidente. Houve numerosos incidentes antes de um ataque tão caro e coordenado.

Kichiro ficou de pé. Com muita atenção, apoiou as mãos na borda da mesa. — Uma grande injustiça foi feita para Mariko. Nenhum cavaleiro sabia que ela era da família Tanaka. Vou acompanhá-la para casa e reivindicá-la como minha noiva. Ela receberá todo o respeito como corresponde a um Tanaka. Minha família vai recebê-la. Com a perda das famílias Yamamoto, Saito e Ito, faz sentido que nos juntemos. Precisamos de Mariko no Japão. É o lar dela. Ela ficará bem cuidada.

Mariko endureceu. O conselho poderia muito bem ver isso como uma solução. Seu coração acelerou. Kichiro não a queria quando não tinha pedigree. Quando ela era uma órfã indesejada deixada na rua e eles achavam que sua mãe largou seu pai. Sua família estaria perdida se soubessem que ele já a considerava uma noiva.

— Isso é impossível, —disse Ricco. Ele trouxe a mão dela para o coração dele. — Já declarei minhas intenções de me casar com Mariko. Não é verdade, *farfallina mia?*

Mariko assentiu. Este foi o seu pior pesadelo—Ricco ser forçado a casar com ela. A declarar intenções, que ele nunca poderia manter. Ela ouviu a sinceridade em sua voz, todos podiam, mas, a longo prazo, ele nunca estaria satisfeito com uma mulher. Não podia vê-lo trapaceando, não era o estilo dele. Ele tinha muita integridade, mas nunca seria feliz. A alternativa não era boa. Ela não se sentia atraída por Kichiro, e sua mãe era amiga íntima de Osamu. Sua vida seria um pesadelo. Ela era muito reservada para ser capaz de se defender nesse ambiente.

Houve um silêncio chocado. Kichiro olhou para eles com descrença aberta. — Se Mariko não deu seu consentimento, eu apelaria para o conselho para parar isso. Precisamos de Mariko depois de perder tantas famílias. A família Ferraro é forte. Eu sou filho único. Não há mais nenhum cavaleiro de outra família no Japão. Sem uma esposa para me fornecer filhos, vamos perder todos os cavaleiros no Japão. Veneramos os cavaleiros Tanaka. Mariko teria uma boa vida e pode estar em serviço no nosso mundo, fornecendo crianças. Os Ferraro já tem Francesca para fornecer-lhes cavaleiros.

Mariko inalou bruscamente, sentindo-se um pouco fraca. Como tudo mudou? De repente? Em um momento eles estavam falando sobre os assassinatos, e agora ela tinha que escolher um marido e rapidamente.

Ricco sorriu, parecendo mais arrogante do que nunca. — Isso só mostra para Mariko que ela é procurada por mim por muito mais do que sua capacidade de me fornecer bebês.

Kichiro sacudiu a cabeça. — Você tem esse luxo, mas eu não.

Mariko começou a abaixar a cabeça. Kichiro quase dizia que ela não era muito mais para ele do que uma máquina para bebês, mas ele se sacrificaria. Os dedos de Ricco na nuca dela a detiveram. Um dedo deslizou debaixo do cabelo, assim como quando ele estava prestes a começar o Shibari com ela. Um dedo sozinho lhe deu confiança para enfrentar a sala cheia de cavaleiros. Enfrentar o conselho com a cabeça alta.

Toda a sala olhou para ela. Esperando. Ao lado dela, Ricco parecia arrogante e seguro como sempre, mas sentia sua tensão. Ela poderia humilhá-lo na frente de uma sala inteira de cavaleiros? Ela sempre poderia quebrar o noivado quando as coisas tivessem explodido, mas ela nunca o envergonharia. Não, quando ele deu a ela um vislumbre de como a vida poderia ser. Não quando ele tinha dado a ela a confiança para ser mulher.

— Desculpe Kichiro. Embora eu o conheça desde que éramos crianças, nós nunca tivemos um relacionamento como esse. Nunca pensei que você estivesse pensando nisso.

— Eu não podia antes.

— Antes? —Ricco levantou uma sobrancelha.

Kichiro assentiu. — Minha família não teria aceitado Mariko, mas saber que ela é uma Tanaka muda tudo.

— Eu não dou a mínima se minha família aceita ela ou não, ela é minha escolha. Ela *sempre* será minha escolha, —afirmou Ricco. — Eu não vou me casar com ela para que ela possa me dar bebês. Eu vou me casar com ela porque ela se tornou meu mundo.

Ela queria que fosse assim. Ela sabia que era importante para ele, porque ele a escolheu para fazer Shibari. Para ser seu modelo de corda. De repente, ela se foi disso para sua noiva. Ele acreditava no que estava dizendo, que ela era seu mundo, ela podia ouvi-lo em sua voz. Ela também queria acreditar nisso. Certo então, ela se permitiria ser dele, mas ela tinha que se lembrar de que os leopardos não mudavam suas manchas.

— Mariko, —disse Marcellus suavemente. — Ricco é sua escolha?

— Sim. —Ela afirmou com sinceridade. Ele era sua escolha, tanto que não iria prendê-lo com ela durante toda a vida, mas não sacrificaria a si mesma como noiva de Kichiro também.

— Então essa questão está encerrada, —decretou Marcellus.

— Alguém está prendendo Ryuu como refém em um local não revelado, — Ricco anunciou.

Mais uma vez, houve silêncio, como se ninguém pudesse acreditar que este assunto pudesse ficar pior, mas quanto mais era divulgado, pior parecia ser.

— Eu acredito que quem tomou Ryuu está atrás dos ataques a mim pessoalmente e a minha família. Eles têm dinheiro. Mercenários não são baratos. Para encontrar Ryuu antes que ele o mate, e ele vai, devemos encontrar quem está por trás de tudo isso.

— Você acredita que qualquer outra família está em perigo? —Um cavaleiro da Inglaterra perguntou.

Stefano encolheu os ombros. — Ninguém mais relatou um problema, e muito menos alguém dando um golpe concentrado em seus familiares. Nós puxamos a palha curta sobre isto.

— Diga-nos o que você precisa de nós, —disse o cavaleiro da Rússia. — Vamos ajudar de qualquer maneira que possamos. Se você precisar de mais guardas para sua família, você só tem que pedir.

Todos assentiram, incluindo Kichiro. Stefano olhava os cavaleiros ao redor da grande mesa de conferências. Eles vieram de todo o mundo por respeito ao marido caído de uma cavaleira.

— Agradeço o que todos estão oferecendo, e pode ser necessário recorrer a vocês em algum momento antes que isso acabe, mas por enquanto, meus primos estão lidando com isso. Sabemos que estamos sob ataque e estamos tomando as precauções necessárias.

Marcellus levantou-se, sinalizando para os outros. — Precisamos deixar essa família com seu sofrimento. Vocês serão informados sobre o resultado da nossa investigação.

Os cavaleiros ficaram de pé e cada um entregou suas condolências à família Ferraro antes de sair.

Kichiro hesitou na frente de Mariko. — Eu não quis fazer a minha proposta como pareceu. Eu sempre estive interessado em você, mas minha família se opôs quando eu disse que eu queria cortejar você. Fiquei eufórico quando Marcellus disse que você era uma Tanaka porque, embora sua mãe não fosse uma de nós,

sua família é lendária e seria um grande trunfo. Foi você que eu queria, a mulher, não a cavaleira.

Durante todo o tempo em que Kichiro falou, Ricco esteve duro e pronto para atacar. Não aceitava que Kichiro lhe pagasse um elogio. Ela colocou a mão suavemente sobre o joelho de Ricco debaixo da mesa, tentando mandar-lhe um sinal para ficar em silêncio. Ela inclinou a cabeça para Kichiro, indicando que entendeu. Ela lhe deu um sorriso sereno. — Eu entendo Kichiro.

Ele cuidadosamente evitou olhar para Ricco. — Você não está usando um anel e eu sei que é importante em sua família. Se você não está certa, considere minha oferta. É sincera.

Apesar da mão em sua coxa, Ricco levantou-se. Desde o ataque a sua família, ele estava procurando por uma saída física. — Você, idiota pretensioso. Afaste-se da minha mulher. Você insultou-a e depois me insultou. Você tem sorte de não te jogar para fora pela sua maldita orelha.

Kichiro empertigou-se, pela primeira vez, a sua máscara calma escorregando. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, Alfieri Ferraro entrou entre eles. — É um triste dia, senhores, e estamos todos chateados. Talvez seja uma boa ideia você sair agora, Kichiro. Obrigado por ter vindo. Nossa família certamente apreciou isto.

Foi uma clara dispensa de um dos membros do Conselho Internacional. Ricco mergulhou em sua cadeira, sem olhar para Kichiro. O cavaleiro japonês acenou com a cabeça para Alfieri e então sussurrou para Mariko: — *Eu espero que você seja feliz.* —Ele virou as costas e saiu.

Ricco apertou seu braço ao redor dela, atraindo-a para debaixo de seu ombro. — Esse homem não merece você. Talvez eu também não, mas pelo menos eu aprecio você. —Eloisa lançou um olhar. — Você é um Ferraro. —lembrou ela.

— Eu sou um Ferraro, um bom cavaleiro, Eloisa, —ele concordou. — Mas ela está dando um enorme salto de fé quando se trata de julgar que tipo de homem eu sou. —Ele roçou um beijo ao longo das juntas de Mariko. — Eu aprecio isso, *farfallina mia.* Eu juro você não vai se arrepender de me aceitar.

Mariko não tinha ideia do que fazer ou dizer. Era tudo uma farsa, para salvá-la de Kichiro. Agora ele tinha que representar na frente de sua família—sua mãe. Pior ainda, ele era muito, muito bom em mentir. Ela não podia ouvir a mentira, e ela era muito boa nisso como regra. Ou isso, ou ele acreditava em cada palavra que ele estava dizendo e sua oferta foi sincera—naquele momento. E momentos não duravam muito.

— Eu percebo que esta é uma situação terrível para você e sua família, Ricco. —Marcellus disse. — Mas infelizmente, o tempo é essencial. Nós gostaríamos de entrevistá-lo e, em seguida, Mariko.

— Seu pai foi brutalmente assassinado, —objetivou Eloisa.

Pela primeira vez, Mariko ouviu a fúria desenfreada na voz da mulher e percebeu de onde Ricco e seus irmãos tiraram seus ânimos com honestidade. Eloisa estava na extremidade de seu controle.

— Tudo bem, Eloisa. Devemos descobrir quem está por trás disso. Quanto mais cedo o Conselho perceber que estou dizendo a verdade, mais cedo eles vão olhar para os membros que conspiram contra nós. —Ricco ficou de pé e olhou para os membros do conselho. — Nós podemos usar o escritório pequeno diretamente desta sala. Mariko não tinha nem três anos. O que ela lembra é principalmente de pesadelos. Sua vida foi um inferno, e se você quer falar com ela, você vai fazer isso comigo na sala.

— Ricco ... —Marcellus começou.

— Isso não é negociável.

Para seu choque, Marcellus assentiu com a cabeça. — Isso não parece irracional, embora você tenha que saber que todos seremos gentis com ela.

— Você será gentil com ela, comigo presente, —declarou Ricco, não cedendo um milimetro.

Ela não podia acreditar que ele falasse com um membro do conselho assim e, mais, eles cedessem às suas demandas. Ela tinha confiança em si mesma como cavaleiro, sabia que era respeitada como uma, mas ela não teria tido a coragem de falar com um membro do conselho tão diretamente, e muito menos dar-lhes o que equivalia a um ultimato.

Ricco assentiu em direção ao irmão Stefano. — Eu apreciaria que você olhasse por ela enquanto eu faço isso.

— Eu vou estar nessa entrevista com você. Como chefe da família, isso é meu direito. —Stefano foi decisivo, se levantando, sua expressão sombria. — Taviano, Vittorio e Emme vão ficar em sua companhia.

Eloisa olhou para ele. — Ainda sou capaz de defender minha família.

Stefano inclinou-se para sua mãe. — É claro. Me perdoe.

Mariko não entendeu a dinâmica da família Ferraro. Claramente, os irmãos eram próximos. Todos pareciam quase reverenciar Stefano, mas Eloisa, sua mãe, eles trataram como uma estranha, e não era por ela ser uma mulher. Ela viu Ricco e Stefano se dirigirem para o pequeno escritório com os membros do conselho.

Por algum motivo, seu coração bateu muito rápido enquanto o observava ir. Ela percebeu que não queria que ele tivesse que reviver os horrores daquele dia ou os dois anos que se seguiram nas casas das famílias cujos filhos ele matou. Ele teria que dizer-lhes sobre como não dormiu por anos, que em vez disso, ele guardava

as casas de seus irmãos. Ele teria que contar-lhes sobre aquela terrível noite em que sua família havia sido massacrada por quatro meninos perturbados. Ela sabia que os entrevistadores o questionariam uma vez e outra e isso seria uma provação. Ela percebeu que queria estar com ele quando ele tivesse que passar por tudo de novo.

O baixo murmúrio de conversa girou ao redor dela e ela não teve ideia do passar do tempo enquanto tentava desencadear a enormidade do que as três famílias no Japão tinham conspirado para fazer. Ela cresceu lá. O Japão era lindo e ela amava o país e a cultura. As pessoas com quem ela cresceu eram muito tradicionais e se mantinham nos velhos caminhos, ao contrário dos outros que ela tinha encontrado. Esse era parte do problema? Os cavaleiros deviam considerar modernizar seus métodos de treinamento? Sua sociedade era muito pequena e entrincheirada. Ela acreditava que o que aconteceu em seu país poderia acontecer a qualquer um deles.

Ela podia entender por que suas famílias sentiram a necessidade de esconder a verdade do mundo. Ela não conseguia entender por que eles tinham tirado o legado de seu irmão, Ryuu. Ela também não conseguia entender como os cavaleiros das sombras podiam se mostrar tão severos com sua própria espécie.

— Mariko. —Taviano finalmente chamou sua atenção. — Emilio nos disse o quão eficaz você foi no labirinto. Agradecemos que você tenha ajudado Ricco quando todos sabemos que ele ainda não está cem por cento.

Ela não podia imaginar o quão eficaz seria Ricco quando ele estivesse com força física completa. Ele ainda tinha sequelas do acidente original no carro de corrida. Ela enviou um pequeno sorriso a Taviano. — Eu sou uma cavaleira. — Isso dizia tudo. Naturalmente, ela ajudaria Ricco.

— Você está mais perto de descobrir quem está com seu irmão?

Ela balançou a cabeça. — Antes de ir ao seu irmão, segui a trilha de Ryuu aqui para Chicago. Ele foi visto no aeroporto e ele se registrou em um dos hotéis. Ele nunca fez check-out. Fui para seu quarto e não havia nenhum sinal de luta.

— Onde você foi de lá? —Emmanuelle perguntou, movendo-se para três assentos mais perto.

Ela balançou a cabeça. — O seu novo trabalho. Fui à empresa, uma pequena empresa de software, mas próspera, e nunca ouviram falar dele. Eles não tinham enviado o convite ou a passagem para Chicago. Eu tentei rastrear a passagem, mas foi um beco sem saída.

— Você acreditou naqueles com quem falou na empresa? —Perguntou Vittorio.

Ela assentiu lentamente. — Eu não consegui detectar nenhuma mentira quando falei com eles.

Eloisa inclinou-se sobre a mesa, fixando Mariko com os frios olhos dos Ferraro. — Como, *exatamente,* você chegou a meu filho?

Sem hesitação, Mariko respondeu. — Eu fui contactada por aqueles que estão com meu irmão, que disseram que se eu matasse Ricco Ferraro, iriam libertar meu irmão.

Eloisa entrou em erupção em uma longa ladainha de maldições em uma mistura de italiano e inglês. — Que *porra* está errado com Stefano para que ele permiti-la em qualquer lugar perto Ricco? Claramente ele sabia, e não me contou. Bem, você pode simplesmente ir direto para o inferno. Não pense por um minuto que seu pequeno ato de sedução—e claramente você o seduziu—vai ganhar meu filho. Você pode ter chamado sua atenção por um momento, porque ele está



intrigado com a ideia de que você veio aqui para matá-lo, mas confie em mim, não vai durar.

Ela estava gritando para Mariko, de pé, o rosto torcido com uma mistura de raiva e tristeza. Sua família parecia atordoada. Mariko teria tido compaixão por ela, mas ela só podia ouvir a verdade tocando seus ouvidos. Um homem que viveu toda a sua vida sob ameaça de morte, ficaria fascinado por uma mulher que entrasse na vida dele para matá-lo. Que sua mãe confirmasse seus piores medos—que seu interesse não duraria—foi um duro golpe.

Ela se levantou e se afastou da mesa. Foi quando a reação dos Ferraro chamou sua atenção. A compaixão que faltava a sua mãe estava agora em seus rostos. Emmanuelle imediatamente foi para o lado da sua mãe, apesar da dor óbvia que ela tinha em seu braço e ombro rígido. Seus filhos a cercaram, como se pudessem protegê-la—e evitar que alguém visse sua angústia—quando a porta do escritório foi aberta e Stefano saiu, Ricco logo atrás dele.

O rosto de Stefano parecia um trovão quando ele emergiu—assim como de Ricco—mas no momento em que eles olharam sua mãe, ambas as expressões mudaram. Ambos foram direto para ela. — Vittorio e Taviano vão levá-la para casa. Eles podem ficar com você …

Eloisa balançou a cabeça, pressionando uma mão trêmula em sua boca como se ela pudesse ser capaz de segurar as duras palavras que derramou. — Perdoe-me, Ricco.

— Vá para casa com Taviano e Vittorio, —reiterou Ricco. — Tudo está bem.

— Henry ficará comigo, —disse ela, fazendo um esforço para levantar o queixo. — Vittorio precisa descansar e também Emmanuelle.

Ela olhou para Mariko e depois voltou para Ricco.

— Não. —Ricco disse uma palavra, mas era um comando.

Para o choque de Mariko, Eloisa assentiu e virou-se para a porta. Apesar do que ela havia dito, Vittorio e Taviano a flanqueavam enquanto saíam. Ricco imediatamente foi para Mariko e envolveu seu braço ao redor dela. — Você está bem? Eloisa pode ser viciosa. Ela está muito chateada agora e estourou. Você era um alvo conveniente.

Ela não podia evitar o pequeno passo que deu para longe dele. Foi leve. Sutil mesmo. Não sutil o suficiente.

— Mariko. —Seu nome. Como ele dizia. Aquela voz. O som deslizou sobre sua pele para encontrar o caminho dentro dela onde se enrolou em torno do coração. Ela estava certa de que nunca iria ficar livre de sua obsessão por ele. Ainda assim, as palavras de Eloisa fizeram com que seu senso de autopreservação fosse deflagrado. Chegou tarde, mas estava lá.

Ela forçou um sorriso. — Estou bem.

Seu polegar roçou seu queixo, enviando faíscas através da corrente sanguínea dela. — Qualquer um que acredite quando uma mulher usa a palavra *"bem"* é um idiota.

— Neste caso, eu estou.

Ele lhe mostrou um sorriso que nem se aproximava de seus olhos. — Venha aqui, *farfallina mia*. —Ela se moveu, fingindo se mover para ele. Ele não iria deixá-la fugir com isso. — Perto de mim.

— Entre, Mariko, —Marcellus disse da porta do escritório, salvando-a.

Ricco manteve-se solidamente à sua frente. Esperando. Ela suspirou e se moveu para ele. Ele a puxou, uma mão na nuca enquanto curvava a cabeça dele e roçava um beijo na boca dela. — Obrigado.

Quando ele fazia coisas assim, olhar para ela como se ela abalasse seu mundo, era impossível acreditar em algo além de que ela era o mundo dele. Ela o deixou prendê-la a seu lado, a mão dele em seu quadril, enquanto eles caminhavam juntos para o escritório. Isto parecia uma caminhada íntima sob o ombro dele. Ele era uma presença sólida. Protetor. Ela entendeu naquele momento que era como pertencer a ele.

Ela ficou nervosa, mas se recusou a permitir que qualquer emoção aparecesse em seu rosto. Se Ricco podia enfrentar um interrogatório, então ela também.

Marcellus sorriu para ela enquanto segurava as costas de uma cadeira para ela sentar-se. Ela olhou para as características duras de Ricco. Ele tinha voltado a ter uma máscara sem expressão, mas isso desaparecia quando olhava para ela. Suas características se suavizavam, seus olhos escuros ficavam doces, dando-lhe um sentimento de amor. Ela não fazia ideia do que fazer com a cortesia de Marcellus, tirando o cuidado protetor de Ricco. Ela nunca experimentado isso.

Ela afundou na cadeira e pegou o copo de água de Alfieri Ferraro. — Obrigado, —ela murmurou. — Eu realmente não posso contar muito. Eu tive pesadelos em toda a minha vida, mas não pensei que fossem reais.

— Já falou sobre seus pesadelos para Ricco? —Perguntou Shaun Holmes, da Inglaterra. Sua voz era extremamente gentil, como se ela fosse uma frágil flor.

Ele assentiu. — Sim. Não em grandes detalhes, mas ele me contou o que aconteceu.

— Seu sonho. —persistiu Shaun. — Isso muda?

— Somente para adicionar ou subtrair mais detalhes. Alguém me acorda e me enfia no armário. Colocaram meu irmão, Ryuu, comigo e me dizem para

segurá-lo. Ouço gritos e ameaças. Há sangue. Está correndo por baixo da fenda na porta.

Ela de repente estava lá, naquele pequeno armário apertado, tremendo. Aterrorizada. O cheiro de sangue estava pesado no ar, servindo de mordaça. — Ryuu choramingou e coloquei minha mão em sua boca. Ele afundou seus pequenos dentes em mim. —Involuntariamente, ela esfregou a almofada de seu dedo sobre as pequenas cicatrizes lá.

Ricco deslizou a mão pelo braço dela para pegar sua mão, seu dedo alisando as cicatrizes. De alguma forma, ela achou calmante.

— Um grande garoto arrasta Ryuu do armário e joga-o no chão. Ele chora. Estou com medo. Há tanto sangue em todos os lugares, mas o grande garoto está pisando em Ryuu e ele está gritando. Eu tenho que fazer algo, mas estou com tanto medo. Eu avanço no grande menino e o chuto o máximo que posso do jeito que meu pai me ensinou. Isso o deixa muito louco.

— Pare. —A voz de Ricco era muito suave. — Pare agora e volte para mim.

Ela piscou rapidamente e viu-se olhando para os olhos escuros de Ricco. Ela respirou profundamente, engolindo ao ar em um esforço para tentar recuperar. Ela esteve nesse armário tantas vezes. Era real e vívido, um lugar que parecia que ela não conseguiria escapar. O polegar de Ricco gentilmente escovou as lágrimas no rosto dela, ela não sabia que estavam lá.

— Terminamos com isso. Ela tem memórias. Você pode duvidar de tudo o que quiser, mas ela não precisa revivê-las para você.

— Perdoe-nos, Mariko. —A voz de Marcellus era gentil. — Nós não estamos colocando você no inferno, para nossa diversão. —Ele não olhou para Ricco quando disse isso, mas ele estava fazendo um ponto.

Não era importante para Ricco. Ele fez o dele. Marcellus suspirou. — Você está disposta a fazer um teste de DNA?

Ricco agitou-se novamente, e pela primeira vez houve raiva no quarto. — Ela não precisa fazer isso.

— Há uma grande quantidade de dinheiro envolvida. Uma propriedade inteira, Ricco. Como em todas as famílias de cavaleiros, se não houver sobreviventes, então a propriedade vai para liga. Haverá uma prova para todos os advogados, inclusive os dela.

— Não tenho nenhum problema com isso, —afirmou Mariko.

Marcellus assentiu com aprovação. Ricco pressionou a mão na coxa dela, seus dedos acariciando a pele dela, fazendo seu coração bater rápido.

— Como você foi contactada sobre seu irmão?

— Uma nota no chão do meu quarto quando voltei de uma missão. Dizia que tinham Ryuu e o matariam se eu não matasse Ricco Ferraro. Eles me deram três semanas para fazer o trabalho.

Os membros do conselho trocaram longos olhares. — Por que você não fez isso? —Perguntou Alfieri Ferraro.

— Um cavaleiro não mata outro cavaleiro, e certamente não o faria sem investigá-lo minuciosamente. Descobri que Ricco era um bom homem. Não consegui trocar sua vida pela do meu irmão. Em qualquer caso, não fazia sentido fazer isso. Tudo o que eles tinham que fazer era matar Ryuu depois que eu terminasse e depois a mim.

— Nossos investigadores ajudarão a procurar o seu irmão. Todas as famílias enviarão seus cavaleiros, —acrescentou Shaun. — Você acredita que os Saito ou os Ito estão envolvidos? E quanto a Nao Yamamoto?

— Eu sei que os pais de Nao o mandaram para fora do país imediatamente. Eles disseram que era para lhe dar os melhores cuidados médicos disponíveis. Ele dirige uma das suas empresas e que herdou tudo quando seu pai morreu.

— Nós olhamos de perto para ele, —disse Ricco. — Ele parece ser o candidato mais provável, mas ele vive aqui há anos e nunca fez um movimento contra nós. Ainda assim, é muita coincidência que Mariko, a criança que eu salvei, fosse enviada para me assassinar. A nota foi encontrada em seu quarto. Não foi enviada para ela. Alguém entrou na casa. Quem quer que venha por nós sabe que seus mercenários têm que atirar nas sombras. Não estamos negligenciando Nao Yamamoto, mas Stefano e eu vamos ao Japão para entrevistar Osamu Saito.

Essa era a primeira vez que ela ouviu falar nisso e levantou a cabeça para olhar para os olhos dele. Ele apertou sua mão mais forte contra a coxa. Ela leu o sinal de silêncio e não comentou, mas teria muito a dizer-lhe quando estivessem sozinhos. *Muito.*

A entrevista continuou por algum tempo até que finalmente Marcellus levantou, indicando que acabou e eles estavam livres para ir. — Nosso médico virá em breve para fazer os testes necessários para o DNA e então acabamos aqui.

Mariko assentiu. O conselho, como Ricco, parecia convencido de que ela realmente era uma Tanaka. Eles não tinham dito, mas era adepta da leitura de pessoas, e todos eles acreditavam que ela era da família lendária. Ela não sabia o que sentir sobre isso.

Ela ficou extremamente feliz que o resto dos Ferraro tinham ido quando eles saíram do escritório. Sentia-se drenada e incapaz de encarar alguém. Apenas o guarda-costas esperava para escoltá-los de volta para a casa.

14

Mariko estava quieta no caminho de volta para a casa de Ricco. Ele olhou por cima de sua cabeça inclinada enquanto sentava ao lado dele no banco de trás do carro. — Eu ia falar sobre a decisão de ir a Tóquio assim que chegássemos em casa. Stefano decidiu rapidamente. Ele quer conversar com Osamu. —Não havia culpa ou remorso em sua voz, apenas uma explicação silenciosa. — Nós dois sentimos que é bem provável que ela esteja envolvida.

Ela sentiu que havia uma alta probabilidade também, embora ela não quisesse acreditar. Ela olhou para as mãos dela—as cicatrizes das mordidas de Ryuu. Ela não pensou em seus minúsculos dentes em anos. Ela pensou que tivesse inventado o incidente do armário para explicar as cicatrizes.

— Por que ela me odeia tanto? —Saiu em um sussurro. Ela se virou para olhar pela janela para as luzes brilhantes da cidade enquanto dirigiam pelas ruas. O dia se passou enquanto eles enterravam o pai dele, tinham ido a recepção com os habitantes da cidade e depois a reunião separada com os cavaleiros. Ela nem sequer tinha consciência de que o sol havia se posto e a noite caído. Agora, de repente, ela sentiu que o sol tinha se posto sobre tudo, sua confiança recém-descoberta em si mesma, seu secreto desejo que Ricco Ferraro não a tivesse resgatado quando proclamou ao mundo que eles deveriam se casar, que, de alguma forma—ele poderia vir a se tornar um homem de uma só mulher.

— Ela criou dois meninos que cometeram um assassinato brutal. Você era uma lembrança diária. Por que você foi colocada em sua casa, eu não tenho ideia. Acho que, se eu tivesse que dar um palpite, é que foi uma penitência.

Ela assentiu, ainda olhando pela janela. O que havia para dizer? Osamu a tinha batido. Às vezes, odiava Ryuu. Na maioria das vezes, a mulher o tinha amado. Ela criou conflitos entre Ryuu e Mariko para que ele se focasse com ela contra a irmã, ele se sentia culpado e então ficava zangado com Osamu. Como Mariko, Ryuu sempre estava fora de equilíbrio. Osamu tinha sido muito boa em manter ambos os lados.

Ricco se moveu em seu assento, alcançando-a, atraindo-a contra a proteção de seu corpo. Ela não resistiu. Ele estava quente e parecia invencível. Ela o deixou segurá-la porque precisava se segurar. Ela se sentiu um pouco culpada por isso. Eles enterraram o pai dele hoje. O seu estava morto há anos, mas ele a acompanhava.

— Você não comeu muito, —ele disse suavemente, seus dedos deslizando pelos cabelos. — Você está com fome?

Ela deveria estar cuidando dele, não ao contrário. Ela sentiu-se profundamente envergonhada de só poder olhar pela janela, sentindo as mãos no cabelo e o corpo sólido contra o dela. Às vezes, ela se sentia completamente invisível, como se ela não só trabalhasse nas sombras, mas morasse lá—e ela queria isso. Como agora. Exceto que Ricco podia vê-la, independentemente de onde fosse invisível ou não. Ele sempre conseguia encontrá-la.

— Não. —Ela não estava com um pingo de fome. Ela estava triste. Muito, muito triste. Ela estava vivendo um mundo de sonhos com ele, e não ia durar. Ela

sabia a verdade em sua cabeça, mas seu coração se recusava a escutar. Ele estava lá, dentro dela, e ela sabia que nunca iria conseguir tirá-lo.

Viver com Osamu tinha sido o pesadelo de uma criança. Ela nunca tinha entendido por que a mulher tirou duas crianças que tanto desprezava da rua. Osamu disse que sua mãe era uma prostituta e que os abandonara. Mariko tinha sido espancada *"para o seu próprio bem"*, para arrancar o diabo dela. Não se arriscava a usar roupas ou maquiagem que pudessem ser consideradas atraentes para um homem. Ela nunca se sentiu atraente até que conheceu Ricco Ferraro.

— Mariko, —ele disse suavemente. — Diga-me o que você está sentindo.

Era a última coisa que queria fazer. Ela não sabia o que estava sentindo— embora a tristeza estivesse perto. Ele roubou seu coração com seus cuidados. No instante em que ele a apreciou. Ele a fez muito mais do que era, quando estava com ele. Ele lhe deu confiança em si mesma como mulher, como humana. Ele a fez se sentir bonita e inteligente. Ele ouvia tudo o que ela dizia. Ele *queria* que ela falasse.

— Mariko.

Seu nome escorregou por sua pele. Deslizou para dentro dela. Envolveu seu coração. Como poderia deixá-lo? Deixar um sonho? Uma fantasia? Se não o fizesse, não importando o que acontecesse com seu irmão, ela sabia que quanto mais ficasse com Ricco, mais se despedaçaria quando ela partisse. Ela teria que o deixar por seu próprio respeito. Ela não podia viver apaixonada por um homem que acabaria por desprezá-la. Ela viveu isso toda a vida e isso acabou com ela.

— Estou bem. Só pensando. A reunião deve ter sido difícil para você.

— De certa forma, estava me libertando. Assim como quando eu contei a minha família. Eu guardava os segredos e o medo de que todos fossem um alvo.

Eles eram, mas percebi que não era por minha culpa. Eu fiz o que tinha que ser feito. Salvei dois dos filhos. Eu faria isso novamente, mesmo sabendo o que aconteceria. Contar ao conselho fez me sentir vingado.

Ele trouxe a mão dela até a boca e raspou as almofadas de seus dedos com os dentes. Ela ficou úmida seu sexo apertando. Ele fazia isso com tanta facilidade, sem tentar, a boca quente contra sua pele mais fria—os dentes movendo-se sobre sua carne e deixando para trás uma trilha de faíscas.

O carro atravessou os portões que levavam a casa dele, depois de abrir caminho lentamente, através de uma multidão de fotógrafos. Os flashes espocavam continuamente, Emilio e Enzo olhando através de uma série de telas de segurança em seus telefones, antes de levá-los até a casa.

Os repórteres tiveram um dia de campo especulando que a família Ferraro tinha ido a guerra com outra família de criminosos, e que os Saldi se uniram com os Ferraro. Claro, a mídia havia pegado a história e corria com ela. Sensacionalismo vendido, verdadeiro ou não.

Durante todo o tempo, enquanto o carro se moveu através de fotógrafos ansiosos e repórteres, Ricco manteve o braço sobre a cabeça de Mariko, mantendo seu rosto pressionado no peito dele para que nenhuma das câmeras pudesse capturar sua imagem. Apesar da turbulência emocional, o gesto protetor a fez sentir-se amada. Aquilo era parte de seu encanto, parte da razão pela qual tantas mulheres—incluindo ela mesma—caíam por ele.

No momento em que estavam dentro da casa, ela se afastou dele. — Eu acho que vou tomar um banho quente, Ricco, —ela informou. Ela precisava de um descanso de sua presença constante. Ele era esmagador. Intenso. Decepção se mostrou em seu rosto, mas ele não tentou discutir com ela ou fazer com que

mudasse de opinião. Por ter deixado a decisão para ela, a coragem a levou a levantar o queixo. — Depois, eu gostaria muito de fazer um pouco mais de Shibari com você.

Estava determinada a seduzi-lo. Ele declarou que ia seduzi-la, mas seria o contrário. Quando ele colocava as cordas sobre ela, ela estava sempre se afogando, totalmente encharcada de desejo por ele. Não eram as cordas, era a luxúria escura que ela via em seus olhos, a paixão profunda que havia quando ele olhava para ela. Ela estava totalmente determinada em ter um tempo com ele antes de partir. Ela se sentiu muito corajosa dizendo-lhe que gostaria de ter uma sessão de cordas com ele.

Seus olhos se iluminaram. — Quando estiver pronta, Mariko vá para o estúdio. Vou configurar as luzes e encontrar uma música apropriada.

— Você tem preferência, do que você gostaria que eu usasse? —Ela a manteve voz baixa, olhando-o através dos longos cílios, esperando que ele cooperasse.

— Quão ousada você está se sentindo?

Antes de perder a coragem, ela respondeu: — Muito.

Foi a resposta certa. Seus olhos escureceram. Ele deu a ela aquele olhar que ela teria implorado. Ele estava totalmente focado nela, como se ela fosse a única mulher no mundo. Durante o tempo que ela estivesse com ele, ela iria ser aquela mulher.

— Há uma túnica de renda preta pendurada no armário. Use-a. Nada mais. Cabelo para cima. Batom vermelho. Olhos esfumaçados. Sexy.

Esse era Ricco, aquele com quem estava familiarizada. Sua voz era um comando aveludado que a fez tremer de necessidade e querer lhe dar todas as coisas que ele pedisse—e muito mais. Ela ouviu a promessa de paixão e paraíso.

Ela nunca conheceu o paraíso antes—nunca experimentou verdadeira alegria—mas antes dela o deixar, antes de se afastar de sua única chance de felicidade, ela estava determinada a descobrir esse sentimento indescritível com ele.

Ela viveu em um ambiente rígido e feio durante toda a vida. Ricco aceitou-a tal como ela era. Ele sabia por que ela estava lá—para matá-lo—e ainda assim ele não a julgou. Ele não se importava se seu sangue não era puro de um jeito ou de outro. Ela respirou profundamente e acenou com a cabeça, para que ele soubesse que ela entendeu o que ele queria antes de virar-se e caminhar do salão para a suíte.

Ela amava sua suíte. O quarto grande, com seus aposentos e salas de estar era tão linda que não podia evitar vagar cada vez que ela entrava. Ela sempre ia às portas de vidro que levavam aos jardins de lindas paisagens e fazia com que ela se sentisse em paz. Mesmo agora, quando deveria estar nervosa, ela se sentia bem. Absolutamente certa.

Ela preparou o banho e adicionou as maravilhosas contas de óleo perfumado, que Ricco tinha deixado lá, antes de entrar na água. Tantos pequenos agrados. Ela apreciou cada um deles, mas, além de tudo, agradeceu a confiança que ele tinha passado a ela para ser quem era. Para tomar suas próprias decisões. A cada passo, Ricco tinha recuado e encorajou-a a fazer escolhas. Ele deixou claro desde o momento em que ela entrou na sala de entrevista que ela estava no controle.

Estar em suas cordas tinha ensinado a ela sobre a troca de poder. Sobre beleza e o conceito de sensualidade. Arte. Ser uma mulher. Confiança. Acima de tudo mais, confiar. Ela entendeu por que sua mãe adorava ser um modelo de corda. Isso era liberador. Ela sentia como se crescesse quando estava com Ricco Ferraro e ele a envolvia em si mesmo—em suas cordas. Ela também estava ciente de que

nunca permitiria que nenhum outro ser humano a amarrasse. Era tudo sobre sua conexão com ele—e o que ele precisava.

Ela teve cuidado com sua maquiagem, usando uma base pura, quase não se via. Ela fez um olhar esfumaçado e sensual e adicionou batom vermelho a seus lábios carnudos. Ficou nua enquanto fixava seus cabelos em um redemoinho elaborado que desceria no momento em que ele puxasse os pinos longos e decorativos.

A túnica era de renda elástica. Preta. Delicada. Ela escorria por seu corpo, como se o material vivesse e respirasse uma peça sensual que deslizava até o chão. Havia três botões perolados em seus seios, mas no mais o imenso o manto era aberto, de modo que, a cada passo, abria, fechava e deslizava pela pele nua, fazendo-a se conscientizar de sua feminilidade e do poder que ela exercia como mulher.

Quando fez seu caminho para o estúdio, ela sabia que desta vez queria Ricco mais do que qualquer outra coisa em sua vida. Esta era sua reivindicação a ele. Sua escolha. Ela o queria com cada respiração que dava. A cada passo em direção a ele. Cada passo a aproximava do que queria.

Respirou profundamente quando chegou às portas do estúdio. Não haveria volta a partir desse momento, mas sabia que nunca se arrependeria. Ela estava certa de que Ricco Ferraro sempre seria o homem para ela—mesmo que ela soubesse que não seria a mulher para ele para sempre. Mas ela tentaria.

Ela abriu a porta e entrou surpresa com a música suave e a iluminação fraca. Ricco estava sem camisa, vestindo apenas um par de calças macias de cordão. Elas moldavam sua bunda e se penduraram amorosamente sobre as poderosas colunas

de suas coxas. Ele estava de costas para ela e estava olhando as bobinas de corda. Todas eram de texturas e cores diferentes.

Ele se virou para olhar quando ela apareceu atrás dele. Ela viu seus olhos, escurecer de fome sensual e necessidade. Ela adorava o poder que colocava essa expressão nos olhos dele. Ele tinha uma corda na mão, uma com vários nós que já estavam prontos. Ela ergueu uma sobrancelha e indicou a corda. Era reluzente, preto meia-noite. Feita de algodão.

Seu sorriso era perverso. — Você verá. Você está ... linda. Sexy. Além da minha imaginação. Obrigado, Mariko, por saber que eu precisava disso antes mesmo de mim. As cordas já estão me aterrando.

Ela não tinha certeza de como se sentia com visão da corda que passava pelas mãos dele—ou os nós... Ela sentiu a vibração da corda em suas sessões anteriores e a sensação tinha sido quase mais do que podia suportar. Ela não imaginaria o que seria senti-la com os nós ...

Ela olhou para a mesa onde ele colocou a câmera. Ele ia capturar sua necessidade. Ela sabia que nunca seria capaz de escondê-las, especialmente porque ele já estava se preparando para usar a corda para estimulá-la. Ela *desejava* que ele visse, queria que ele soubesse que ela estava excitada. Por ele.

Ela não conhecia outra forma de seduzi-lo. Cada vez que ele a tinha em suas cordas, ele ficava excitado. Ele não tentava esconder ... nem ela. A pele dela ficava um rosa suave, os olhos arregalados de emoção e necessidade. Se ela fosse honesta consigo mesma, Ricco parecia despertar toda vez que estava com ela, o que significava que ele era assim em torno das mulheres. Era Mariko quem ficava diferente nas cordas. Porque eram dele. Uma extensão dele. Ele a envolvia com ele mesmo. Com seu poder. Ele dava-lhe uma confiança que nunca tinha tido

antes. Ela sabia que era linda com ele quando ele criava sua arte com seu corpo como tela.

Ricco olhou enquanto Mariko se movia pelo estúdio. Ele amava o jeito que ela caminhava, fluindo o poder feminino, que ela não sabia que tinha. Seus quadris balançavam, chamando a atenção para sua bela forma. Ela se esticou, concentrando-se completamente no aquecimento de seus músculos, preparando seu corpo para o vigoroso trabalho de estar nas cordas. Isso lhe deu a possibilidade de vê-la despercebido. Tudo o que fazia, cada movimento que ela fazia só servia para aumentar sua fome.

Ela era simétrica, algo que ele achava fascinante. Ele trabalhava com padrões simétricos porque eram mais agradáveis aos olhos. Ela já estava excitada, seu corpo em um estado elevado, cada extremidade nervosa receptiva à corda— receptivo a ele.

A corda deslizou sedutoramente através de seus dedos, um movimento automático para ver se não havia torções. Ele poderia dizer a velocidade de queima de uma corda com esse movimento. Ele procurou por estilhaços, qualquer coisa que pudesse deixá-la desconfortável quando ele colocasse a corda contra sua pele nua. Para ele, sua segurança e conforto eram primordiais.

Ele encontrou o centro da corda com facilidade, seu olhar ainda em Mariko. Ela se mexia de maneira que ele não esperava. Não era apenas a forma como suas sombras se ligavam, era tudo sobre ela. Ele gostava de seu silêncio. Seus lampejos de temperamento. Ele via em seus olhos antes que seus cílios cobrissem a emoção bruta. Ele amava isso. Adorava que sob o exterior sereno e pacífico, havia uma riqueza de paixão e emoção. Isso aparecia no momento em que ele colocava as cordas ao redor dela.

Ao vê-la, uma visão começou a tomar forma, como sempre fazia. Ele podia ver as cordas colocadas contra a sua linda tela de curvas. O cabresto. O espartilho. As cores. Mais, ele pretendia seduzi-la. Reivindicá-la. Fazê-la acreditar que sua proposta de casamento era real e ele quis dizer cada palavra. Ele sabia mais segredos de cordas do que a maioria e todos eram para a mulher. Ele iria levá-la até a extremidade do êxtase, segurá-la lá e levá-la para a cama.

Ele tinha amarrado outras mulheres, até mulheres com as quais ele fazia sexo—as gêmeas Lacey mais de uma vez—mas sempre foi um ou outro: *sexo ou arte.* Ele nunca quis fazer os dois ao mesmo tempo—até agora. Ele até pensou, mas não queria manchar sua arte com algo que considerava casual. Sua arte não era casual. Quando considerou usar o Shibari por um tempo erótico com as gêmeas, ele já estava tão cansado que descartou a ideia.

Shibari tinha sido o único elemento que restou. Ele via sexo separadamente. Agora, não havia separação entre Mariko e o jeito que ele se sentia sobre ela. Do jeito que ele precisava dela. Ele tinha que encontrar maneiras de amarrá-la a ele antes que ela decidisse se afastar—e ela o faria. Qualquer mulher inteligente daria uma olhada em sua reputação e correria para as colinas.

Mariko era inteligente e sã. Ela iria sair do abraço das cordas e então ela iria querer deixá-lo. Ele queria que ela olhasse para ele e o *visse.* O homem. Não apenas o mestre de amarração. Isso era parte dele, mas não era todo ele. Ele tinha que encontrar uma maneira de fazê-la ver—e amar—todo ele.

— Mariko.

Deliberadamente, ele disse seu nome baixo, uma ordem, chamando sua atenção. Ela congelou e virou-se para ele. Ele estava perto, movendo-se rapidamente, usando o movimento fluido da pantera, fascinando-a

deliberadamente, forçando-a a concentrar-se inteiramente nele. Ela piscou quando ele a pegou pelos ombros puxou-a ligeira, mas muito firmemente em relação a ele, ela perdeu um pouco do equilíbrio e teve que se inclinar o corpo no dele. Seu olhar nunca deixou o dele. Ela estava se afogando lá. Engolida inteira por ele—da maneira que ele queria.

Sua pele estava quente ao seu toque—quente de seu banho. Ela cheirava maravilhosamente, uma combinação de cítricos e baunilha. Ele achou isso um pouco irônico, porque o que ele estava prestes a fazer com ela era considerado qualquer coisa, exceto baunilha. Ele inalou, levando-a aos pulmões. Ela já estava lá, enrolada em torno do coração dele. Ele olhou para ela, seu coração empurrando forte em seu peito quando ela olhou para ele.

Seu rosto era lindo para ele. Estrutura óssea clássica, olhos puxados exóticos, cílios pretos volumosos e aquela boca ... Aquela boca que invocava fantasias. Ele não conseguiu resistir a inclinar a cabeça para capturá-la. Seus lábios eram perfeitos. Suaves. Uma mão foi até a garganta, os dedos dele procurando seu pulso enquanto a beijava.

Ele não beijava mulheres enquanto ele as tinha amarradas. Ele não fazia amor com elas. Ou queria fazer amor com elas. Elas faziam parte de sua arte viva, algo que ele precisava para equilibrar a fúria com o artista nele. Até Mariko com a boca, o sorriso e a maneira como ela se movia atrás das presas quando ela matava. Poesia pura.

Seu sabor parecia com seu cheiro, flores de laranja e alguma especiaria exótica que se misturavam tão bem com a baunilha, que ele ficou instantaneamente viciado. Ele não conseguiu parar de beijá-la, seu braço serpenteando ao redor dela, puxando-a para perto possivelmente. Ele sentia-se possessivo. Como um homem

das cavernas. Ele agora entendia o desejo de pegar uma mulher e reivindicá-la como sua. Sua necessidade era primitiva. Selvagem.

Ela o beijou de volta, e essa foi sua destruição. Se não tivesse, ele teria encontrado a força para dar um passo para trás, para mudar sua obra de arte de sedutora para uma rápida imagem que a satisfaria, e ele a deixaria voltar para seu quarto sozinha. Mas ela o beijou de volta. Com o beijo dele, ela tomou seu coração e cada pedaço bom que ele tinha nele. Ele era melhor com ela. Ele sabia que era. Mais. Ele era simplesmente mais.

Ele tinha a corda na mão, sempre estava lá, uma extensão dele, e desta vez, quando ele agarrou seus pulsos, ele foi decisivo. No comando. Ele sentiu seu pulso saltar e seu coração acelerar. Boa. Ele queria todo o seu foco sobre ele. Ele ergueu a cabeça o suficiente para quebrar o beijo dele, para olhar dele quando ele puxou a túnica de seu corpo e permitiu que ela se acumulasse aos seus pés.

Ele amava o jeito que a renda preta caiu no chão ao redor de seus pés descalços. Ele a fotografaria desse jeito, mas ele sabia que não compartilharia essa imagem em particular com outra pessoa. Esta era a noite que ele iria fazer Mariko irrevogavelmente dele. Ele queria ler cada pensamento, sua linguagem corporal, as coisas que ela lhe falava sem falar.

Quando ele puxou os braços tão decididamente para trás de suas costas e a encadeou—escutou—e sentiu o ar deixando seus pulmões suavemente. Suas pestanas vibraram, mas não antes de ver o desejo em seus olhos. Seu presente para ele era precioso. Algo para apreciar. Ele sabia que uma mulher como Mariko nunca submeteria seu corpo dessa maneira a um homem em quem não confiasse implicitamente. Nunca.

Ele estava humilhado por sua generosidade. Seu corpo estava tão duro quanto uma pedra. Ele gostava deles e ele amava o sexo até alguns meses antes do acidente quando parecia que tudo era o mesmo. Ele estava passando pelos movimentos. Cansado. Ele odiava aquela palavra, mas sabia que o personificava.

— Você não vai conseguir um acordo, Mariko. —ele sussurrou em seu ouvido enquanto agarrava as cordas, declarando sua intenção mantê-la. Ela podia não reconhecer ainda, mas ele estava falando com a única coisa que sempre foi constante em sua vida. Sempre o aterrando. Suas cordas.

Os seus cílios reviraram novamente e então ela estava olhando nos olhos dele. Ele não sabia se estava se afogando ou se era ela, mas ele moveu a corda ao longo de suas costas, pela curva doce de seus ombros, apertando o chicote de pentagramas que ele amava em sua pele. Desta vez os seios estavam nus e ele poderia adorá-los quando ele rapidamente construía a estrutura de sua visão em torno deles, ao longo da parte de baixo, colocando as cordas com cuidado sobre a pele, para não haver desconforto.

Ele trabalhou rápido e decisivamente, mas manteve as mãos na pele nua, acariciando, deixando a corda sutilmente ajudá-lo a lamber e morder o calor. Ele prestou atenção na maneira como ela respirou fundo, os olhos arrepiados, a escuridão de desejo que se arrastava pelos olhos de bela avelã, deixando-a em tons de âmbar.

Ele se aproximou novamente, vendo a neblina nos olhos enquanto a beijava gentilmente. Carinhosamente. Sua boca vagou pela garganta, pela curva do peito. Ele acertou seu mamilo com a língua, provocando, observando sua reação. O levantar de seus seios enquanto ela inalava bruscamente. A maneira como ela se

movia para perto, não para longe. Satisfeito de que ela se entregava a ele, ele amamentava seu seio direito, trazendo todos os nervos para a vida.

Ricco tomou seu tempo, uma lenta dança de sedução, prestando atenção em seus seios, mesmo que suas mãos se movessem com uma nova corda, aquela com os nós. Um entre seus seios, engatando-se no arnês lá. Um pouco abaixo de suas costelas e um pressionado apertado em seu clitóris, quase como antes, mas desta vez, exatamente sobre ele, onde cada movimento enviaria uma raia de fogo pelo corpo. Ele passou a corda debaixo dela e apoiou-a entre suas bochechas doces para anexá-lo ao cabresto.

Quando ela estava à deriva na neblina do desejo, ele pegou a corda e puxou, enviando raios através de seus seios, além de esfregá-la sensivelmente sobre o sexo dela. Ele viu a ondulação em sua carne quando seu corpo se tornou vivo, gritando por libertação.

Mariko ofegou, seus olhos voaram, centrando-se nele imediatamente. Exatamente o que ele queria—e precisava. Seu foco completo. Ele sorriu maliciosamente para ela e ondulou a corda para que ela vibrasse sobre seu ponto doce, enviando infinitos prazeres por seu corpo. Ele poderia dar-lhe muito mais. *Muito.* Ele queria que ela o observasse e se sentisse excitada. Ele queria que ela visse as cordas e sentisse a mesma maneira. Toda vez que visse uma corda, queria que visse apenas a ele, quisesse apenas Ricco.

Ele nunca usou sua arte para a sedução—ou para o jogo erótico. Ele sabia que seus irmãos achavam que ele o fazia, mas, por algum motivo estranho, ele havia separado as duas partes em sua mente tão completamente que ter uma mulher nas cordas não a deixava apta para ele. As mulheres, não as cordas. Ele não tinha

interesse em outro tipo de arte. Ele aprendeu porque estudou tudo sobre a arte. Ele amava as impressões antigas do Japão e gostava de estudar os dois mestres.

A *arte* do *bondage* era linda para ele, mas ele nunca achou isso particularmente sedutor. Agora ele entendia o porquê. Para ele, havia Mariko. Somente Mariko. Ele queria dar-lhe tudo o que ele era. As cordas eram parte dele e ele tinha um vasto conhecimento sobre como mantê-la no limite do êxtase por um longo tempo. Ele queria isso para ela. Para eles.

Ele se manteve separado das mulheres que ele fodeu. Ele deu-lhes prazer, mas não deu a ele. As cordas eram parte dele. Uma grande parte. Não importa quão sensual outras mulheres achavam Shibari, algo nele sempre tinha se recusado a seguir e ter relações sexuais enquanto elas estavam nas cordas. Com Mariko, ele queria com ou sem sexo. De qualquer maneira ele pudesse tê-la. Ele queria o prazer final para ela sempre.

Ele começou a envolver o espartilho, assegurando-se de que cada vez que ele movia o corpo dela, dirigindo-a com as mãos, ele vibrava a corda. Ela o recompensou com seu suspiro de prazer. Ele sentiu seu corpo derretendo com cada volta da corda. Quando ele a amarrou, teve a sensação de envolvê-la nele próprio. Nos braços dele. No corpo dele. Em sua luxúria e amor.

Ele colocou cada volta com um comando firme, mas era seu amor que ele estava colocando no corpo tão exposto dela para qualquer um ver. Ele sabia que ela pensava estar exposta para ele—seus desejos secretos, suas necessidades, até mesmo sua fome por ele. Ele viu tudo isso. Estava lá na resposta do corpo. Os mamilos em pico, duros como rochas. A umidade entre suas pernas—ele queria desesperadamente um gosto disso.

Ela pensou que a exposição era dela, mas se ela estivesse assistindo, se ela olhasse com mais do que seus olhos, se ela deixasse as sombras dizerem a ela, era Ricco Ferraro que se deitava a seus pés. Ela pensou que tinha lhe dado controle sobre ela quando ela lhe deu o presente de seu corpo para tela. Na realidade, ela tinha todo o controle.

Ele sabia que com cada linha, ele estava expondo seu amor, sua luxúria, sua própria necessidade dela. Seu compromisso absoluto com ela. Ele nunca se sentiu tão cru antes ou tão vulnerável. Toda vez que ele trabalhou com cordas, ele agora sabia, tinha sido um treino para este momento, com ela. As cordas estavam embrulhando sua carne e ele sabia que cada volta estava afundando dentro dela, mais e mais fundo.

Ele sentiu sua mão tremer, quando ele sempre era confiante, sempre dominante. Ela fez isso com ele, com o espartilho em vermelho e preto, o azul profundo do triângulo decorativo que ele adicionou à frente e a espinha de galinha caindo por suas costas. Era mais do que decoração. Cada puxão da corda produzia vibrações provocando seu corpo com a corda enrolada em torno dela, de frente para trás, uma parte dele seduzindo-a com cada toque.

Ele recuou para ver sua criação e isso deixou seu coração martelando, seu pau duro e latejando de necessidade. Ele pegou as cordas entre seus seios e puxou-a para ele, de modo que seu corpo caiu contra o dele. Ele tomou seu peso facilmente.

— Na próxima vez, eu vou amarrar você de joelhos, as cordas em seu cabelo, segurando-a pelo pescoço. —Seus dentes provocavam sua nuca vulnerável. — Eu tenho a imagem de você assim. Eu sei exatamente como vou amarrá-la. —Ele tinha que se distrair, mas não havia distração, nem como pensar adiante. No momento em que ele pensou em amarrá-la de joelhos, a cabeça forçada pela corda

nos cabelos, ele não conseguiu parar a imagem dela sugando o pau dele extremamente forte em um doce esquecimento.

— Você gostaria disso, Mariko? Como você se sente atada? —Ele sussurrou a tentação contra seu pescoço, chupando suave, mas persistentemente até que soubesse que haveria um pequeno morango lá.

Sua respiração veio um pouco irregular. Seus olhos estavam vidrados e ela lutava para voltar da euforia flutuante para onde ele a enviou. Ele fodidamente amou isso.

— Eu vou adorar qualquer forma que você me amarrar, —disse ela. Sua voz era suave. Seu corpo torcendo-se nas cordas. Necessitada. Com fome.

— Eu quero fotografá-la. Para nós. Ninguém mais. Você está bem com isso? Você pode ficar onde eu coloque você?

Ela tocou seus lábios com a língua. Ele gemeu e rastreou a boca. — Eu amo seus lábios. Estou me sentindo um pouco desesperado por tê-los sob os meus—ou enrolados em volta do meu pau. —Ele disse deliberadamente, observando sua reação de perto. Ele queria seduzi-la, era verdade, e ele estava disposto a usar qualquer coisa à sua disposição, mas ele não queria que ela se sentisse tão vulnerável nas cordas que ela pensasse que ele poderia forçá-la a fazer qualquer coisa que ela não quisesse fazer.

Ela lambeu os lábios novamente, fazendo com que seu pênis se mexesse. — Eu pensei sobre essas mesmas coisas, —ela confessou. Sua voz era suave, mas confiante. — E sim, eu posso suportar enquanto você me fotografa, mas meu corpo está queimando.

Ele brilhou outro sorriso perverso. — Bom. Eu amo como você parece agora. Assim com fome, *farfallina mia*. Espero que essa fome seja por mim. —Ele esperava que fosse por Ricco, o homem, não só Ricco, o mestre de cordas.

Ela ergueu o queixo. — É. —Seus olhos encontraram os dele.

Seu coração empurrou com força em seu peito enquanto seu pau o fez em suas calças. Ele teve que se mexer antes de fazer algo estúpido como tomá-la como um louco lá no chão. Não era o que ele queria com ela.

Ele estava tão concentrado em criar certas imagens que, de alguma forma, a pessoa era apenas uma tela, não importava quão sexual fosse a pose. Com Mariko, ele só focava nela, cada nó era pessoal, sexual e erótico. Ele percebeu que poderia facilmente ficar preso. Ele gostava de como ela ficava nas cordas e era uma motivação completa para descobrir os segredos eróticos em seu corpo.

Ele a estabilizou roçou seu pescoço com outro beijo e, em seguida, verificou suas mãos para se certificar de que ainda estavam quentes. — Mexa os dedos para mim. Você está entorpecida em algum lugar? —Como cavaleiro, ela estava em excelente condição física, e sabia que ajudava.

— Não. Estou bem. Só ... —Ela estremeceu. — Necessitada.

Seu sorriso perverso piscou novamente. Ele gostava de sua necessidade. Ele deu outro puxão a corda, querendo mantê-la bem na borda. Ele juntou a túnica preta ao redor de seus pés descalços e ajustou a iluminação. A câmera a amava. Ele fez várias imagens com várias lentes, de todos os ângulos. Quanto mais a olhava através da lente, mais a queria.

Logo, ele pousou a câmera. Ele tinha que saber. Era muito importante para ele. Suas mãos foram automaticamente para as cordas. Elas teriam sempre o perfume dela sobre elas. Suas cordas. Ninguém mais poderia ver ou sentir. Em

seguida, ele a desenrolou, removendo as voltas, desengatando cada corda decorativa, deslizando-as pelas mãos para sentir seu calor e garantir que não houvesse aparas.

— Não relaxe, *farfallina mia*. Eu sei que você está cansada, mas eu não quero que as cordas puxem ou se movam por você enquanto eu estou desatando. Eu posso cortá-las se você estiver muito cansada.

Ela balançou a cabeça. — Não estou. —Havia uma pitada de desespero em sua voz.

Andando por trás dela, os dedos nos nós, removendo as voltas do corpo dela, ele colocou a boca contra a orelha dela. — Eu quero você com tudo o que tenho.

— Eu quero você da mesma maneira. —Não houve hesitação.

— Eu? Ou o outro? O mestre da corda?

— É o mesmo.

— Não, querida, não é. —No espartilho, ele puxou a corda atada, e ela gritou suavemente, sua pele esguichando um rosa leve. — Eu concordarei que é parte de mim, mas não quero nem preciso de cordas para fazer amor com minha mulher. Preciso saber se você precisa das cordas para querer estar comigo.

Seus longos e pesados cílios vibraram. Levantaram. Ele encontrou-se caindo naqueles belos olhos âmbar. Vazões de verde que o haviam intrigado quando a conheceu, na sala de conferências do Hotel Ferraro. Agora seus olhos estavam ambarinos, exóticos, os olhos de um gato.

— Eu vim aqui esta noite não para ser seu modelo de corda, —ela admitiu, olhando direto nos olhos dele. Sua voz o tocou com a verdade. Com certeza absoluta. — Eu queria seduzi-lo, e notei que quando você me amarra, você fica

excitado. Eu pensei que se eu viesse até você do jeito que pediu vestida com o manto e nada mais, eu teria uma chance.

Sua sobrancelha subiu. Suas mãos estavam se movendo mais rápido, deslizando por baixo da corda para garantir que ela não fosse queimada ou comprimida enquanto enrolava em suas mãos. — Eu fico excitado porque é você que eu estou amarrando. Eu não vejo outras mulheres quando eu as amarro. Os corpos delas são telas com as quais trabalho ou pratico. Eu não transo depois que as amarro.

Ele removeu a corda nodosa cuidadosamente. Era sua corda agora. Ele limpava todas as suas cordas com cuidado, mas esta sempre seria especial.

Seus olhos não deixaram os dele. Ela não piscou. Ela olhou para ele como se tivessem lhe crescido duas cabeças, ou ela não acreditasse nele.

— Mariko, não trago mulheres para esta casa. Nunca. Eu nunca tive uma mulher na minha cama. Eu não durmo com elas. Ou quero mantê-las durante toda a noite. Eu não as amarro aqui, acabei de criar este espaço após o acidente, na esperança de encontrá-la. Quando estou trabalhando, é tudo sobre a aparência da criação e a iluminação certa. As poses são sexuais, até mesmo descaradamente escravidão erótica, mas para mim, trabalhar com a corda, a arte que crio me centra. Minha mente se acalma e vejo apenas a criação em minha mente.

O arnês desapareceu e ela ficou muito quieta, as mãos ainda amarradas atrás das costas. Ela estava nua, seu corpo muito corado e excitado, cada terminal nervoso em chamas. Ela estava totalmente consciente dele, assim como ele estava dela. Suas mãos foram para o último nó para liberá-la. Ele hesitou. Ele amava a arte japonesa que descrevia nós bonitos e intrincados, homens e mulheres em servidão, posando em várias posições. Ele nunca considerou o que seria ter sua

mulher completamente vulnerável a ele—tão confiante que daria seu corpo completamente em sua guarda.

— Algum entorpecimento em seus braços ou mãos? —Ele fez a pergunta enquanto suas mãos se moviam pelos braços, verificando a temperatura do corpo.

Ela balançou a cabeça. — Nenhum.

Ele recuou e olhou para ela por trás. Ela era maravilhosa. Dele. Ele fez um círculo lento ao redor dela, vendo seu corpo com seu olhar aquecido. Devorando-a. Quando ele estava diretamente na frente dela, ele levantou o rosto dela com dois dedos, forçando-a a encontrar seus olhos.

— Diga-me não se você não quer isso, Mariko. Uma vez que eu tenha você, não há nenhuma volta.

Ele a observou respirar profundamente e deixá-lo sair, os seios levantando-se e caindo, atraindo a atenção, suas coxas se esfregando como se pudesse aliviar a dor entre elas.

— Você sempre parece tão serena, —ele observou, correndo as almofadas de seus dedos sobre os seios dela. — Mesmo com o seu corpo em chamas. Está em chamas, não esta?

Ela tocou os lábios com a língua e ele gemeu. Ela engoliu em seco e assentiu lentamente. — Eu preciso de você mais do que preciso respirar agora. Eu quero você nas cordas ou fora delas, Ricco. De qualquer jeito. Eu sempre vou querer você.

Ele respirou fundo. Luxúria e amor combinados em uma necessidade ardente como uma tempestade turbulenta o percorriam. Ele tinha que ficar centrado, ter a certeza de que estava tudo bem antes de fazer suas demandas. *Dentro ou fora das cordas.* Ele queria tudo com ela.

— Toque-me, Ricco.

Ele sorriu. Perverso. Pecaminoso. Ele se sentia ambos. Ele queria ser ambos. Ele queria ser sua obsessão. Seu vício. O amor de sua vida. Ele tomou seu tempo, beijando sua garganta, arrastando beijos para as curvas de seus seios. Fazendo-a esperar enquanto ele apenas soprava ar quente em seus mamilos. Ela balançou em direção a ele, sua respiração falhando.

— Você vai me desamarrar?

Ele ia. Ele queria sentir as mãos dela nele. — Estou começando a entender o apelo de uma mulher em servidão. Quando você sair da mão e ficar selvagem em mim, vou recorrer a isso.

Ela riu suavemente. — Você sabe que eu vou gostar. Isso me excita ver o que você vai fazer depois.

Ele obedeceu e ela gritou quando sua boca se fechou sobre o peito dela.

Ela se inclinou para ele. — Eu não sei sobre ficar selvagem.

Ele sim. Ela tinha mais paixão reprimida do que ele podia imaginar, e ele podia imaginar muito. Estava em seu olhar arrojado e direto e no ardente âmbar dos olhos dela. Ela definitivamente tentaria fazer suas próprias exigências, e pensar nisso fez com que ele quisesse parar de provocá-la e desatá-la para que ele pudesse sentir as mãos dela sobre ele.

— Você vai se divertir comigo. —Ele disse isso com absoluta convicção e uma pitada de excitação. — Mas, como você quer me tocar tanto, vou desatar você.

— Você está querendo.

Ele levantou a cabeça de onde estava acariciando seu peito para olhar para ela, permitindo-lhe ver o quão perverso ele poderia realmente ser. — Você

provavelmente está certa. Pensar em suas mãos no meu pau está em minha mente há tempos. Mas ... Já que você não está pronto para ser desatada ...

Ele caiu de joelhos, tomando seu tempo, suas mãos se movendo sobre as curvas do corpo dela, sua boca seguindo o mesmo caminho. Inserindo uma mão entre as coxas dela, ele pressionou. — Mais, *farfallina mia*. Espalhe-as e me dê espaço.

Ela fez um pequeno som que vibrou através de todo o seu corpo. Jogar era divertido, mas ele queria começar a coisa real—tornando-a dele. Ainda assim, ele olhou para ela com desespero em seu rosto. Fome. Necessidade. Também uma demanda. Sua mulher não era uma violeta encolhida, amarrada ou não, e ele adorava isso.

15

— Não tenho certeza de que eu possa me levantar, —disse Mariko. Ela era forte, em grande forma física, mas Ricco estava empurrando-a ao limite. Seu corpo nunca ficou assim, em chamas, a construção da tensão, aumentando, tão quente e profundamente, que ela pensou que ficaria louca de necessidade.

— Apenas por um momento. Preciso provar você, —disse Ricco.

Ela fechou os olhos para a verdade pecaminosa e crua em sua voz. Ela esperou seu coração batendo tão forte que tinha certeza de que ele podia ouvi-lo. Um momento. Uma respiração. Irregular. Ela quase não conseguia aspirar o ar.

— Mariko.

O nome dela. Veludo suave. Sussurrando sobre ela como dedos. Ela olhou para baixo no rosto dele virado para cima. Ele parecia um pecado. Uma tentação. A personificação da sensualidade. Por um momento, seus olhos se encontraram e ela estava se afogando, se *afogando* nele. Em suas necessidades. Apaixonada por ele. Ela não sabia que o amor poderia ser tão afiado, tão terrível. Tão perfeito ou brutal.

As mãos dele agarraram suas coxas, os dedos escavando sua carne, e então ele se inclinou sobre ela e colocou a boca sobre o seu centro. Ela ofegou. Foi tudo ela pôde fazer. Sua boca era quente e selvagem, sua língua era tão perversa quanto seu olhar tinha prometido. Acariciando. Tocando. Ela fechou os olhos. O toque iria *matá-la.* Não, era o bater repentino de seus dentes. Ela queria se afastar. Ela queria ficar ali. O prazer irradiava por ela como uma explosão de estrelas, ainda que a tensão crescesse até ela querer gritar.

Sua cabeça bateu de um lado para o outro. As mãos dele a mantiveram quieta, mas ela perdeu toda a capacidade de pensar. Ela só podia sentir. No fundo, essa tensão se arrastava mais apertada. Reunia-se. Ele tinha que parar. Ela não queria que ele parasse nunca. Presa em suas cordas, ela estava completamente à sua mercê, e ele não estava se sentindo muito compassivo. Sua boca a devorava e suas mãos eram letais, dedos, as vezes amassando suas nádegas e depois dançando por suas coxas internas para penetrar profundamente.

Ela sabia que estava cantando seu nome, mas não podia parar desesperada por se lançar. Seus quadris se sacudiram contra a boca dele, esmagando, tentando forçá-lo a levá-la onde ela precisava ir.

O dedo dele empurrou profundamente, através de dobras de seda. — Tão apertada, *amore*, eu tenho que te preparar. Pronta?

Ela já estava perdendo a cabeça. Ela estava totalmente pronta. — Por favor. —Ela conseguiu soltar essa palavra.

Ele não hesitou, mais uma vez sua boca estava lá, decisiva, invasiva, tão perfeita, enviando chamas por ela, então a tempestade de fogo explodiu, irradiando calor escaldante através de seu corpo. Sua mente pareceu voar, levando-a para um lugar que ela nunca esteve, de modo que por alguns instantes houve apenas prazer em torno dela. Ela flutuava ardente, em lugar que ela nunca tinha ido, mas queria ficar—com ele. Ricco.

Ela piscou, percebeu que suas mãos estavam esfregando-a gentilmente, Alisando as coxas, e ele estava novamente de pé, segurando-a, cercando-a com os braços. Ela se viu sorrindo para ele. — Isso foi ... Extraordinário.

— O começo, —ele corrigiu. — *Dio, amore,* você é deliciosa. Eu poderia comer você.

— Eu quero tocar em você, —ela admitiu. —Eu *preciso* tocar em você.

Ele se inclinou para beijá-la. Ela experimentou-se na língua dele e foi mais erótico do que pensava ser possível.

— Eu quero suas mãos em mim, —disse ele. Ele pegou um par de tesouras que tinha em uma mesa lateral. — Incline-se em mim.

Ela não tinha nenhuma escolha real. As pernas dela de repente eram de borracha. Ela estava se derretendo nele. Sua pele era quente e ele era forte e

protetor. Os braços dele passaram por ela uma vez mais, cortaram as cordas e começou a massageá-la. Braços e mãos. Mariko tentou ficar de pé, alarmada de que ele tomasse seu peso completamente.

— Basta encostar contra mim, *farfallina mia*. Eu tenho você.

Ela queria que ele a *tivesse* sempre. Ela se sentia mais segura com ele amarrada, do que já se sentiu com qualquer outro ser humano. Seus peitos nus pressionados no seu peito. Já sentia um milhão de faíscas pulando da pele dele para a dela. Agora ainda mais. Seus mamilos escovavam seus músculos pesados e ondas de fogo se espalhavam direto para o sexo dela.

Seu corpo inteiro estremeceu quando as mãos dele massagearam suavemente seus braços e mãos. Não havia marcas ou agulhadas, nada para dizer que ela tinha estado amarrada por um tempo. Ele foi muito cuidadoso quanto colocou as cordas. Ainda assim, ela gemeu quando ele puxou suavemente um braço e depois o outro atrás dele para embrulhá-la em volta dele.

— Eu vou te levar.

Imediatamente o alarme se espalhou por ela. Ela estava se sentindo linda e sexy até que ouviu a voz de Osamu em sua cabeça. *"Você é grande e feia. Você deveria cortar os seus pés grandes e seios para não bater nas coisas. Você é desajeitada e uma vergonha completa. Fique no seu quarto quando tivermos companhia."*

Um braço deslizou ao redor de suas costas, o outro os joelhos dela. Ele ergueu-a facilmente, sem esforço, abraçando-a quase com ternura contra o peito.
— Olhe, para mim Mariko.

Ela se agarrou nele, tanto pela força quanto para esconder um pouco seu corpo do olhar escuro e penetrante. Ele podia ver através das sombras. Por elas.

Além disso. Ele podia ver sua mente. Ela ergueu o olhar para ele e, instantaneamente, desejou vestir-se de novo. Estava lá em seus olhos. Tanto que ela estava se afogando.

— Fique comigo, Mariko. Não vá lá. Não mais uma vez. Ela não tem nenhum lugar. Não neste quarto e não nesta casa. Eu quero que você a jogue fora da sua cabeça e ouça e veja apenas a mim. Olhe para si mesma do jeito que eu vejo você. Você precisa que eu mostre as imagens da câmera? Quando você as ver, você verá apenas a beleza.

Ela permitiu que seu olhar se movesse pelo rosto dele. A ponta dos dedos foi para a cicatriz, traçando-o dos olhos, seguindo a curva até o canto de sua boca. Ele conseguiu essa cicatriz salvando sua vida. As que estavam no peito dele foram colocadas lá pela mesma razão. Ela deslizou as mãos ao redor do pescoço e trancou-as lá. Fosse qual fosse o motivo, Ricco Ferraro a queria, e ela iria tê-lo. Novamente, ela sabia que era sua escolha. Tê-lo por uma noite, ou algumas noites, e se afastar de coração partido era melhor do que nunca ter tido. *Ele* era sua escolha.

Usando as mãos, ela elevou a cabeça e levou a boca a dele. O homem sabia beijar. No momento em que seus lábios tocaram os dele, um leve toque, provocante, riscando os lábios com a língua, a mão dele deslizou pelas costas para tomar os cabelos nos dedos. Como ele poderia mantê-la tão perto, tão estável, sem um tremor, ela não sabia—ou se importava—porque ela tinha a boca na dele e era a ... Perfeição.

Ele assumiu o beijo, aprofundando-o. Ela seguiu sua liderança, provando seu calor, o sabor masculino, saboreando, querendo devorá-lo. Ele a beijou e ela se viu se afogando, cada nervo em fogo por ele, ciente dele, dos músculos ondulando

contra sua pele nua enquanto ela flutuava no ar como uma princesa em um conto de fadas.

Ele a levou pela casa diretamente para o quarto principal. Território dele, onde ele disse que nenhuma mulher já havia estado. Ela literalmente sentiu como se estivesse flutuando, a boca dele na dela, beijando-a sem sentido, enquanto ele atravessava os salões espaçosos diretamente para sua cama.

Ele afastou o edredom enquanto a segurava com um braço, ainda encaixada contra o seu peito. Essa habilidade foi suficiente para tirar o fôlego dela. Então ela estava nos frios lençóis de seda, esparramada na cama, com os olhos nele, porque não havia como olhar para longe dele. Mesmo que o fizesse, não teria importado. Ele era tudo o que podia ver. Tudo o que ela podia querer.

Ricco estava aos pés da cama, sua mão nas calças de cordão, mas seu olhar nela. — Você é tão bonita.

Ela sorriu para ele. Ela não podia evitar. Ele a *fazia* se sentir bonita. — Você sofreu um grande golpe na cabeça. Mais cedo ou mais tarde você voltará a seus sentidos. —Isso era verdade, mas, enquanto isso, ela iria aproveitar cada segundo com ele. — Você está vestindo muitas roupas.

Ele estava. Ele assim o fez. Ela tinha sonhado com esse corpo nu entrelaçado com o dela, e isso fazia muito tempo antes de conhecê-lo—quando estava fazendo pesquisas sobre ele. Tinha visto fotografias dele em uma banheira de hidromassagem com as gêmeas Lacey, mostrando seu tórax nu. Tinha ficado um pouco desapontada por ele não estar de pé. Para ela ele era fisicamente lindo. Ela ficou agradecida por perceber que tudo ela aprendeu sobre a pessoa correspondia ao seu corpo. Ele era um bom homem, um homem muito bom.

— Eu não quero assustá-la, —ele provocou os polegares na cintura de suas calças baixas apoiadas nos quadris, e ele estava delicioso, de pé, com aquele sorriso confiante que fazia limite com o arrogante.

Ela sorriu e balançou ligeiramente a cabeça. — Isso não é possível. —Esta noite era para ela. Ela esperava que fosse memorável o suficiente para que ele sempre apreciasse sua noite juntos. Ela sabia que sim. O movimento de virar a cabeça lembrou-lhe que ela tinha o cabelo no alto e ela usava longos paus para prendê-los. Ela foi para tirá-los.

— Não tire os paus do seu cabelo, deixe-me. —Ele empurrou o tecido para baixo de seus quadris, seu olhar segurando o dela.

Ela não podia deixar de olhar. Ela sabia que seus olhos se ampliaram e ela permaneceu encarando-o. — Você não vai se encaixar. —Havia desapontamento em sua voz.

Ele riu suavemente. — Vou encaixar *farfallina*. Você foi feita para mim.

Ela tentou não parecer cética, mas quando a risada chegou aos olhos dele, ela soube que não tinha conseguido. Ele se ajoelhou no pé da cama e ela teve o impulso inesperado de lançar-se da cama para a sombra mais próxima. Deus, ele era lindo, um predador, um homem nascido para andar nas sombras e dispensar justiça. Seus quadris eram estreitos, o peito definido com músculos pesados que ondulavam junto com os abdominais dos quais ela tinha um pouco de ciúme. Ela não podia deixar de baixar seu olhar, a respiração pegando em seus pulmões. — Você realmente é um homem bonito.

O sorriso dele puxou as cordas do coração dela. Ela não o notou sorrindo para as outras. Ela sentiu como se ele tivesse lhe dado um presente quando o deu a ela lento, sexy. Um sorriso que acendeu a escuridão de seus olhos. Ele pegou

seus tornozelos e a puxou pelas pernas. Mantendo seu olhar no dela. Foi o que permitiu que ela obedecesse a seu comando não escrito e abrir as pernas para ele.

Ela se sentiu um pouco irresponsável e muito sexy. Os lençóis de seda sob a pele nua deslizaram sob suas costas e bunda como uma carícia. Ele a arrastou, parecendo o predador que ele era. Seu pênis se arrastou por sua coxa pesado e cheio. Ela achou-o chocantemente sensual. Tudo respondia a ele.

— Obrigado. —Sua voz acariciou sua pele do jeito que os lençóis faziam. Ele pegou sua mão direita, o olhar correndo o antebraço e a mão enquanto massageava. — Você tem certeza que não está entorpecida? Você ficou nas cordas por algum tempo e você ainda não está acostumada.

O jeito com que ele cuidava dela, como se ela fosse extremamente importante para ele, fizeram as lágrimas queimarem atrás de seus olhos. Ela nunca teve esse cuidado. Não, pelo menos, que ela pudesse se lembrar. — Estou em boa condição física.

Seu sorriso era quase malicioso. — Eu estou contando com isso.

Por algum motivo isso a fez corar. Ele colocou o braço com cuidado sobre os lençóis ao lado dela e massageou o outro. Ele segurou-se sobre ela com uma mão, como se fosse uma façanha fácil. Ela adorava que ele fosse tão forte. Ela cresceu se sentindo grande e desajeitada em uma casa muito pequena com seus corredores estreitos, e Osamu batendo em suas costas com uma vassoura porque seu corpo tinha esbarrado na mesa ou nas cadeiras enquanto caminhava por uma sala.

Ela sabia que nunca se arrependeria dessa noite. Nem um minuto dela. Ricco Ferraro sempre seria sua escolha. *Sempre.*

Mariko estava olhando para ele com estrelas em seus olhos. Um homem podia ficar viciado nesse olhar, pagar qualquer preço, fazer qualquer coisa para

manter esse olhar ali por todos os tempos. Ricco colocou o braço suavemente sobre os lençóis e foi para sua cabeça para puxar os paus de seus cabelos exuberantes. Ele amava seu cabelo, todo seda, grosso e ondulado, enquadrando seu rosto, escovando seu pescoço vulnerável, se derramando em seu travesseiro da maneira que ele sabia que seria quando ele o libertasse. Seu cabelo parecia ter uma vida própria. Ele adorava que ela parecesse tão feminina, tão delicada, e no entanto, cada pau que tirou das ondas loiras sedosas era letal.

Ela era mágica para ele. Todos aqueles anos de desgosto, de raiva, de não dormir, cuidando de sua família e sentindo terror por eles, acabou com essa mulher. Ela valia a pena cada segundo desses anos. Todos os momentos que ele se sentiu sozinho e separado dos outros. Ela o salvou. Ele não precisava de um teste de DNA para saber que Mariko era uma Tanaka, e ainda assim não teria importado se ela não fosse.

Se ela fosse para sempre Mariko Majo, ele a desejaria. Ele sabia agora como foi importante o que fez há tantos anos atrás.

Ela era sexy para ele. Tudo sobre ela. Quão docemente feminina ela poderia parecer e como iria se transformar em um tigre, entrar em uma sombra, quebrar um pescoço e voltar tão serena como sempre. No momento em que ele a viu, seu corpo reagiu. As vezes, como agora, era uma queima lenta, mas outras vezes, como no estúdio quando ele a amarrava era um inferno brutal, mas ele sempre reagia a ela.

Ele a beijou porque beijá-la era tão necessário como respirar. Quando ele a beijou, os braços dela foram ao redor dele, as mãos estavam sobre ele, movendo-se sobre seu corpo, reivindicando-o quase sem o conhecimento dela. Os dedos dela

se moviam por sua pele e seu coração reagiu, martelando alto. Trovões rugiram em seus ouvidos e seu pau cresceu com fome.

Ele não conseguiu explicar a alegria porque nunca a sentiu até Mariko. Como podia a alegria se envolver na maneira selvagem e primitiva que ela o fez sentir? Ele queria entrar nela, ser cercado por ela, ir ao fundo. Ele queria que eles se fundissem tão duro que eles tiraram a cama do lugar e nem sequer perceberiam. Na mesma hora, ele queria gentil para ela. Carinhoso. Ele queria que ela sentisse o amor que o esmagava, a alegria que o varria. Ele queria que ela soubesse o que fez com que ele ... *mais.* Inteiro. Melhor. Muito mais e melhor de um homem. Cada clichê que ele tinha ouvido e pensou ser uma besteira total. Ele sentiu todas essas coisas por ela.

— Deus, eu adoro te beijar, —ele sussurrou contra sua garganta. — Eu poderia beijar você para sempre. —Ele queria vê-la se despir lentamente, ou vir até ele, assim como tinha feito no estúdio. Ele não podia conseguir o suficiente dela, vestida ou de outra forma. Ela era ... Espetacular.

A chuva começou, batendo lá fora, atingindo o telhado e os lados da casa quando o vento soprava e levava-a para as janelas. Lágrimas pensou ele. Lágrimas que nenhum deles tinha derramado quando deveriam ter. Ele beijou seu caminho para sua garganta, sentindo seu pulso dela em seus lábios. Lágrimas de tristeza. Lágrimas de pura alegria.

Ele nunca sentira uma pele como a dela, mais suave do que a seda. Ele notou que a primeira vez em que ela modelou para ele, ele encontrou todas as desculpas possíveis para tocar sua pele. Essa também foi a primeira vez para ele. Sempre antes, com outras modelos, todo o seu foco estava em sua arte. Com Mariko, ele estava totalmente concentrado nela. Assim como estava agora. Ele se perdia nela.

Ele estava certo sobre ela. Ela era uma pequena gata na cama. Não havia timidez, sem retenção. Suas mãos estavam por toda parte, passeando, acariciando, incitando-o a se mover mais rápido. Ele não, claro, porque ela precisava estar pronta para ele e ele queria que todas as experiências juntas fossem mais que boas para ela.

Mariko não conseguia o suficiente de tocar sua pele. *Adorava* o jeito como o sentia contra seu corpo nu. Todos os músculos duros cobertos por uma textura acetinada que ela não podia resistir. Sua boca estava no peito dela, puxando forte. Quente. Duro. A língua dele raspando contra seu mamilo, o raspar afiado de seus dentes enviando fogo, que a atravessou. Era tão lindo que queria viver naquele momento.

Ela raspou as unhas pelo peito, saboreando a sensação de seus músculos ondulando sob o quente cetim de sua pele. Seu olhar estava no rosto dele, observando-o estremecer, observando os olhos escuros, encharcados com um desejo tão escuro e intenso, que roubou a respiração. Ele respirou seu nome, um sussurro de som que invadiu sua alma.

Ela beijou sua garganta, sentindo o pulso dele embaixo de seus lábios. O coração dele. Cada batida. Para ela. Ela lembraria desse momento para o resto de sua vida. Cada batida em separado sob seus lábios, na língua, embaixo da palma dela. Ela inalou, atraindo-o para dentro dos pulmões. Profundamente. Segurando-o lá. Ele cheirava fresco, limpo, com aquele fraco aroma de ar livre que era tão evasivo.

Do lado de fora, a chuva caia no telhado e batia ritmada contra a janela, encharcando-a enquanto corria como uma cachoeira fora do vidro. O som era

lindo para ela, como uma sinfonia, os violinos chorando ao fundo, seu coração e uma batida que sabia que sempre se lembraria.

Ele não ficou quieto, suas mãos e boca estavam tão ocupadas quanto as dela. Ela também adorava isso, que precisava dela, a fome motriz, como se ele tivesse que conhecer cada centímetro de seu corpo. Sentia-se assim, quase desesperada por tocar cada centímetro de sua pele. As pontas de seus dedos seguiam o caminho de suas cicatrizes, os cortes longos que levavam para as fileiras de músculos ao longo do abdômen. Sua boca as seguiu, beijando aquelas cicatrizes, os sinais de sua coragem e integridade. As marcas que proclamavam que ele a salvara.

Ele fez um som, profundo na garganta, um gemido escuro e sexy que fez seu sexo apertar e seu corpo estremecer com necessidade desesperada. Ele lhe deu sua liberação com a boca no estúdio, mas a tensão estava de volta e desta vez era mil vezes pior. Todos os terminais nervosos estavam em chamas por ele. Ela não podia ter o suficiente de tocá-lo, de ter cada parte de seu corpo tocando em cada parte dela. Ela sentia-se quase frenética pelas sensações que ele lhe deu com as mãos dele ...

A cabeça dela subiu e ela olhou para o rosto dele, percebendo que não eram as sensações tanto quanto a necessidade de estar o mais próximo possível. Para lhe dar prazer. Ela queria que ele soubesse o jeito que ele a fazia sentir. Mais, ela queria adorar o corpo dele do jeito que ele sempre parecia adorar o dela. As mãos dele se moviam sobre ela, a boca arrastando beijos em seu ombro e por seu braço, enquanto suas palmas tocavam a maior parte de carne possível.

Foi o rosto de Ricco que chamou e manteve a atenção dela—que deixou sua respiração presa em seus pulmões e um milhão de borboletas batendo asas em seu estômago. Pela primeira vez, ela olhou além da sensualidade escura esculpida tão

profundamente nas linhas do rosto dele, além do desejo, da paixão, e viu outra coisa lá, ela percebeu que já tinha visto antes quando ele estava com ela. Havia uma vulnerabilidade que nunca estava lá com mais ninguém.

Ela a tinha visto na rua quando ele foi jogado do capô do caminhão e ficou ferido. Ela a viu quando estavam no estúdio e ele estava criando sua arte. Estava lá agora em suas feições duras e bonitas. Ele era lindo e naquele momento, era todo o dela. Ela desejou poder interpretar completamente esse olhar, porque ela sabia que era só dela, mas tudo o que podia fazer era memorizá-lo e segurá-lo perto de seu coração.

Ela ofegou, querendo se debruçar sobre ele, absorver todas as sensações, para que cada detalhe ficasse impresso em sua alma. Ela queria manter essa lembrança, ter essa parte dele, para sempre.

Seu coração apertou. Doeu demais. Ela descansou a testa contra a barriga dele quando a realidade a alcançou. Não um momento. Não uma lembrança. Ela desejava desesperadamente por toda a vida—além disso, se pudesse. Ela pensou na intimidade das cordas, em suas sombras conectadas intactas, mas isso, a maneira como ele tocava seu corpo, tão reverentemente, ao mesmo tempo com paixão tão escura—esta era a verdadeira intimidade. Não eram as cordas. Não eram as sombras. Nem mesmo o sexo. Lágrimas queimaram os olhos dela. Ela não o superaria.

De repente, ele levantou o corpo ligeiramente, apoiou-se de lado e olhou para ela, estudando sua expressão. Não havia como fugir daqueles olhos escuros e penetrantes. Ele via tudo. Via diretamente por ela.

— *Amore,* diga-me.

A palma dele se enrolou em sua garganta e depois se moveu por seu peito para cobrir o seio direito. Ela estava bem consciente do seu calor. Seu mamilo empurrou para o centro da palma da mão, enquanto seu coração batia nela. Ela não podia falar. Ela sabia que ele iria ter uma noite com ela e, como com todo o resto das mulheres dele, isso seria suficiente para ele. Nunca seria suficiente para ela.

— Mariko. —Sua voz era gentil. Terno mesmo. — Você tem que falar comigo. Você prometeu.

Ela tinha, mas nas cordas. Não deitada sob seu lindo corpo sem uma pista do que estava fazendo, mas querendo isso desesperadamente. Desejando-o desesperadamente. Ela tinha que pensar em algo rápido, se ela pudesse manter um pingo de dignidade.

— Eu nunca fiz isso, —ela falou. — Eu nunca beijei ninguém ou toquei qualquer outra pessoa. Não tenho ideia do que estou fazendo. —Essa era a estrita verdade. Ela estava aterrorizada de fazer algo errado e ele não gostar de estar com ela. Ela não queria que ele fugisse antes do tempo. Ela lia muito, mas ninguém poderia ensiná-la, não com as mães sendo amigas de Osamu. Ninguém queria incorrer em sua ira e sua vingança sem fim.

Ela prendeu a respiração. Ansiosa. Esperando.

Seu sorriso foi lento em chegar, mas quando isso aconteceu, foi a coisa mais bonita que ela já havia visto. Ele passou seu dedo da base de sua garganta para baixo até sua barriga. — Eu sei o que estou fazendo, *farfallina mia*. Não se preocupe nesse departamento. Eu juro que vou ser gentil com você.

Ricco nunca se sentiu possessivo com uma mulher em sua vida. Ele nunca quis pertencer a uma mulher ou ter uma delas. Ele não se lembrava de ser inocente

ou vulnerável. Ele tinha trabalhado muito para perder ambos após a experiência no Japão. Ele precisava ser duro e assustador. Ele passou por mulheres, não porque precisava de variedade, mas porque ele nunca achou uma que ele precisasse. Ele não tinha encontrado Mariko. Ela era tudo o que ele não era. Vulnerável. Delicada. Inocente. Ela tinha o coração de um guerreiro e poderia dispensar a justiça tão facilmente quanto ele, mas seu coração não tinha endurecido pelas experiências ásperas da vida dela.

Ele segurou o rosto dela em sua mão, aquele rosto amado. Ele queria acordar todas as manhãs olhando seu rosto, a gentileza daqueles olhos. A voz suave e doce. Seu corpo. Todo dele. Ele inclinou a cabeça para pegar a boca dela, os lábios trementes debaixo dele. Ele amava a forma e a sensação deles. Ele provocou o lábio inferior com os dentes, beliscando e aliviando a picada com a língua. Ele rastreou a costura, esperando que ela separasse seus lábios para que ele pudesse entrar.

Beijar Mariko era como transportar-se para um mundo erótico de calor e fogo. Uma vez que a beijou, ele sabia que nunca poderia se livrar da obsessão—e não queria. Ele se entregou antes de saber que estava em algum tipo de perigo. Ele a beijou até que sentiu seu corpo relaxar embaixo dele.

Ele respirou seu nome, sua própria magia pessoal e beijou seu caminho para garganta. Um joelho deslizou entre as pernas, cutucando-os. Ela era apertada, e ele murmurou suavemente contra sua pele nua. — Relaxe para mim, *amore.* Confie em mim para mantê-la segura.

— Eu sinto que estou voando novamente, —ela sussurrou sua voz chocada. — Como você pode fazer isso quando está apenas beijando minha pele?

— Você faz isso para mim. —Ele lhe deu a verdade quando ele nunca teria dito a outra alma.

— Eu faço?

As mãos dela estavam sobre seus ombros, as unhas encravadas em sua pele, flashs de calor disparando por sua espinha nas raias de fogo, que a ação produziu. *Dio,* ele amava suas mãos sobre ele. Ele adorava a evidência da gata selvagem, aquela que aparecia quando ela não estava pensando muito.

— Você faz, —ele assegurou, aproveitando a oportunidade para deslizar o outro joelho entre suas pernas, encravando-as para poder varrer sua mão da barriga dela para o montículo. Ele se levantou até estar ajoelhado.

Ela arquejou. Seu olhar saltou do rosto para a mão dele.

— O que parece?

Seus olhos voltaram para o rosto dele, seu olhar procurando o dele. Ele esperou pacientemente, sua mão movendo-se suavemente, os dedos encontrando ela úmida e preparada. Ele não tirou seu olhar do dela. Ele a observou respirar, seus seios se movendo com o ar em seus pulmões.

— Fogo. Uma trilha de fogo.

— O que isso faz você se sentir?

Ele empurrou seu dedo para dentro dela, esticando-a lentamente, forçando seu caminho através das dobras apertadas. Seu pênis latejava e empurrava muito necessitado. Pronto para sentir a bainha o rodear. Ele se sentia como se tivesse esperado toda a vida por essa pessoa, essa mulher.

Seu olhar caiu para seu pênis enquanto ele o circulava com a mão livre. Seus olhos incharam. Ela parecia um pouco assustada, mas seu creme liso cobriu o dedo, permitindo que ele se deslizasse um pouco mais fundo.

— Precisando. Desesperada.

Ele adorava que ela fosse honesta com ele. Adorava a forma como seus cabelos ficavam selvagens, espalhados sobre o travesseiro, a maneira como seus olhos exóticos tinham ficado ambarinos, e a pele parecia seda. Ele queria vê-la assim todas as noites. Acordar de manhã para ela.

Aproximou-se da mesa de cabeceira, agradecido por ter lembrado de colocar as camisinhas perto. Ele iria se certificar de protegê-la. Ele queria que ela soubesse que ele não iria se casar com ela pela comunidade dos cavaleiros. Para ter filhos. Ele queria que ela sempre soubesse que ela era a primeira em seu coração. Sua escolha. Não, mais do que isso. Ele rolou o preservativo, amando a maneira como ela assistiu, como se fosse um detalhe importante, que ela precisaria aprender. Duas vezes sua língua saiu para seus lábios, e quando ele pegou suas pernas e puxou-as ao redor dele, ela fez um pequeno som sexy que enviou uma vibração através de seu pênis. Mais uma vez, sua mão a testou.

— Você está pronta para mim, *amore.*

— Eu me *sinto* pronta, —ela admitiu. — *Muito,* pronta. Quero gritar com você para continuar com isso, mas também estou com medo.

Ele adorava que confiasse nele o suficiente para admitir ambos. Ela não era tímida ou recatada, e estava disposta a fazer suas próprias exigências, mesmo que ela estivesse um pouco receosa.

Ele pressionou a cabeça de seu pênis na entrada úmida. O calor disparou e ele segurou a respiração. Seu corpo tremia de necessidade. Isso nunca tinha acontecido com ele antes.

— *Ricco.* —A demanda estava em sua voz.

Ele lançou seu sorriso perverso, mas não deixou sua impaciência apressá-lo. Ele queria que fosse bom para ela, não importando custo para ele, ele iria dar isso a ela. Ele afundou em sua buceta quente, úmida e apertada. A cabeça sensível de seu pau sentiu o fogo. Agarrado com força. Espremido. Acariciado. Ele apertou os dentes e forçou seu corpo a ficar quieto quando seus quadris quiseram avançar forte para enterrar seu pênis profundamente. Em vez disso, ele fez círculos lentos com os dedos nos quadris dela, tentando aliviar sua tensão.

— Eu não consigo respirar.

Ela estava ofegante, sua respiração em pequenos suspiros esfarrapados. Sentia-se como ele estivesse um pouco ofegante também. O fogo poderia ser requintado, e a buceta apertada em torno dele era exatamente isso. Ele avançou e os olhos dela se abriram chocados. Ele teve que respirar profundamente enquanto os músculos dela se apertavam como um torno. Um doce e quente torno.

— Você é muito grande. Queima. —Suas mãos foram para as dele, embora ela não tenha empurrado para afastá-lo.

— Você é muito apertada, Mariko, —disse ele, usando sua voz de mestre de corda, a única que sempre a estabilizou. — Dê ao seu corpo um minuto para ajustar. Será bom. Confie em mim *amore,* você nasceu para mim.

Seu olhar se agarrou ao dele e ele esperou as mãos dela nele até a tensão sair dela e deixar seu rosto. Ela assentiu. — Muito melhor.

Ele queria mais para ela, não apenas *"muito melhor"*, mas ela era principiante e ele não era um homem pequeno. Paciência. Ele cantou repetidamente na mente dele. Ele escorregou mais uma polegada e então estava batendo em sua fina barreira, Enquanto observa o rosto dela.

Ela estava se contorcendo agora, tornando difícil para ele ir devagar. Todo em torno de seu corpo enviou ondulações através de seus músculos apertados, então eles dançaram e massageou e ordenhou seu pênis. Ele jogou a cabeça para trás, contas de suor pontilhadas Sua testa. Ele mereceu uma santidade por isso. *Dio,* ele nunca sentiu qualquer coisa assim.

— Ricco, eu preciso ...

Ela parou quando ele avançou, passou por sua barreira, atravessando as dobras apertadas, então elas se abriram para ele, apenas o suficiente para deixá-lo entrar. Ele queria uivar. Era tão bom, o fogo varrendo seu pênis, se espalhando por sua virilha até a coluna vertebral. Ele se enterrou profundamente e parou novamente, dando tempo ao corpo dela para ajustar.

— Você está bem? —Ela tinha que estar. Ele não tinha certeza de que iria sobreviver.

Ela acenou com a cabeça, um sorriso lento curvando sua boca. Ela estava bem. O que significava que ele também. Ele se inclinou sobre ela, seu pênis acariciando dentro dela. Ela ofegou e seus músculos se apertaram sobre ele, a fricção foi incrível enquanto ele lentamente se retirou. Colocando uma mão em cada lado da cabeça dela, ele começou a se mover nela. Lentamente no início, para se certificar de que ela poderia tomá-lo, e então, quando seu corpo respondeu com fogo mais úmido, ele estabeleceu um ritmo rápido e duro.

O fogo cercou seu eixo, um calor requintado quando ela se apertou como um punho de seda. Ele jogou a cabeça para trás, respirando profundamente, seu olhar preso sobre ela para absorver a perfeição da sensação e a beleza da paixão. A respiração dela estava ofegante. A pele estava corada, seus olhos atordoados, presos aos dele para reafirmação.

O corpo dela se contorceu nos lençóis e as unhas mandaram mais fogo pelas costas dele. *Dio,* ele adorou. Adorou cada segundo com ela. Ele mergulhou profundo e duro, enterrando seu corpo uma e outra vez nela, a fricção abrasadora criando chamas que queimavam seu corpo como uma furiosa tempestade de fogo.

Mariko não conseguiu se afastar do rosto e da paixão sombria marcada lá. Ele parecia totalmente sensual, completamente focado, um antigo guerreiro samurai reivindicando-a para si próprio. Ele vinha para ela cada vez mais rápido. Cada forte empurrão enviava flashs de prazer através de seu corpo como ondas, levando-a mais e mais alto até que o medo começou a entrar. Ela não podia deixar ir. Ela não sabia como.

Ela não tinha certeza se ela iria sobreviver a sua primeira vez. Seus seios roçavam o peito dele, tão sensíveis que ela sentia como se pontinhos de fogo escovassem sobre os mamilos. Relâmpagos pareciam rasgar seu corpo, através da corrente sanguínea com uma onda de calor quente e branco conectando seus seios a sua vagina.

O fogo rugiu através dela, ameaçando destruí-la. Ela não conseguiu respirar, e não havia como parar as sensações que a inundavam. Ela olhou para ele. Ricco. Ela sentiu-o nela então. Com ela. Conectado. Suas mãos estavam estáveis. O eixo dele inchou o atrito aumentando ainda mais. O olhar sombreado dele encontrou o seu assustado. Ela podia ver a ternura. E algo mais que tinha medo de nomear.

— Deixe ir, *farfallina mia.* Deixe-se voar comigo.

Ela estava acostumada com aquela voz de veludo escuro. Ela conhecia sua força e poder. Ela sabia que ele a pegaria. Respirando profundamente, ela soltou. As ondulações se reuniram com vigor até que as sensações fossem gigantes. Trovoes estouravam em suas orelhas. Seu sangue correu quente e selvagem através

de suas veias. Chamas beijaram sua pele. Seu corpo apertou o eixo dele, espremendo e ordenhando, levando-o com ela. Os braços dele se apertaram ao redor dela enquanto ela se sentia levada para as estrelas, girando e flutuando, subindo, voando alto com ele. Com Ricco. Um grito chocado escapou e ela ouviu o cântico ronco de Ricco quando ele se esvaziou para ela. Então ele desabou sobre ela e ela recebeu todo o seu peso.

Ela ficou muito quieta, com medo de se mexer, e perder a sensação de hospitalidade. Ela passou seus dedos pelos cabelos escuros e grossos dele, respirando superficialmente, determinando que ela realmente não precisava de ar para respirar, ela só precisava segurá-lo. Ele gemeu e empurrou um pouco.

— Isso foi lindo. Selvagem. —Ele roçou as pálpebras com beijos. — Você está bem?

Ela assentiu, não querendo falar, sem querer que o momento terminasse. Seu coração começou a voltar ao normal, o rugido em seus ouvidos diminuindo. Seu corpo ainda parecia flutuar, mas agora ela não mais se sentia conectada a ele. Ela honestamente não sabia se ela estava se retirando, ou se era Ricco, mas ela forçou um sorriso. Ele franziu a testa e retirou-se, seu pesado pau deslizando sobre o feixe de nervos sensível, desencadeando outro orgasmo.

Ela arquejou e rolou, virando-se de lado para que pudesse juntar os joelhos.

— Eu volto logo, Mariko. —Ele tirou o preservativo e foi para o banheiro.

Ela ficou ali, ainda um pouco aturdida, mas o pânico chegou. Coração batendo, ela se sentou, parecendo selvagem. Ele deixou claro que não ficava com as mulheres a noite toda, nem as tinha em sua cama. O que ela deveria fazer? Ela deveria ter pensado antes de ir para o quarto dele. Teria sido muito mais fácil *ir*

para o quarto dela e então ele teria que sair não ela. Ela não tinha roupas. Seu robe ficou no estúdio.

Só havia uma coisa a fazer. Uma sombra. Ela tinha que entrar em uma sombra e encontrar uma saída para o seu quarto antes que ele voltasse do banheiro. Sua primeira inclinação era pegar o lençol e se cobrir, mas o lençol não entraria no tubo com ela, como as roupas feitas especialmente para os cavaleiros. Ela jogou-o de lado e saltou para seus pés.

Ela o sentia em sua pele. Dentro dela. *Em toda parte.* Ele estava marcado profundamente em seu corpo, mas mais—e ela sabia que isso aconteceria—ele estava para sempre em seu coração. Ela envolveu os braços em torno de si mesma e entrou na sombra mais próxima que ia na direção da porta. Isso a levou logo abaixo, exceto que ela foi forçada para fora do tubo diretamente na porta. Não havia nada lá embaixo. Ela tinha se deparado com isso antes, quando chegou e quis explorar o quarto.

O que as pessoas faziam? Ela alcançou a maçaneta da porta, sentindo-se tola. Ele não a tinha trancado. Ele não mantinha as mulheres, ele as descartava imediatamente. Ela não estava prestes a ser a situação embaraçosa em sua casa, que ele não conseguia se livrar.

— Ei. Pare Mariko. Onde você está indo? —Ele a alcançou, colocando a mão acima da cabeça dela, impedindo a abertura da porta. — O que está errado, *farfallina mia?*

Ela ficou muito quieta, desejando que soubesse como desaparecer. Costumava funcionar quando ela era criança, mas Ricco a via não importava o que—e ele estava muito perto. Seu corpo pressionado contra o dela. Ela podia sentir cada centímetro dele, todo homem, todo músculo, contra suas costas e

bunda. Seu pênis, no momento em que ele entrou contato com ela, pele a pele, passou de semi duro para simplesmente duro.

Seu dedo deslizou pela nuca dela. Sua respiração estava quente, mexendo a grossa mecha de cabelo que caía pelos ombros dela. — *Amore.* Aonde você está indo?

— De volta ao meu quarto. —Ela disse para a porta. A porta grossa e pesada com algo que impedia as sombras de deslizar por baixo.

— Por quê? —A mão dele afastou seus cabelos para que ele pudesse espalhar beijos pela nuca dela, seguindo o caminho que seu dedo havia tomado. As mãos deslizaram e abaixaram os braços dela, aquecendo-a quando ela estremeceu. Ela estava tremendo, não porque estivesse com frio, mas porque não podia resistir ao seu toque e ela queria—*precisava*—ser forte.

— Eu sei que você não gosta de mulheres na sua cama, Ricco. Eu não vou fazer isso difícil. Você me salvou de ter que ter um casamento arranjado com Kichiro e eu aprecio isso. Eu realmente ... —Ela ficou quieta, de frente para a porta, sentindo-o respirar. Sentindo como se ainda usassem a mesma pele. As mãos dele nunca pararam de se mover, acariciando os braços dela, para cima e para baixo, a respiração na nuca dela, os lábios tão perto que sentiu que eles se pressionavam no pescoço dela.

Ele permaneceu em silêncio, dando tempo para ela jogar seus pensamentos dispersos, ao redor dela como uma capa. — Um bom cavaleiro das sombras nunca vai atrás de alguém até ele ou ela estar totalmente convencido, além de qualquer dúvida, de que a pessoa merece justiça. Eu tinha que pesquisá-lo. Completamente. Você não é um homem que fique satisfeito com uma mulher. Isso não faz de você

uma pessoa ruim, mas você não é material para marido. Não serei a mulher em sua cama com a qual que você despertará ressentido.

Ela estava muito orgulhosa de sua voz. Ela queria isso mesmo. Baixa. Sem julgamento. A maior parte da tristeza que sentia até os ossos, não estava lá. Nem mesmo uma sugestão dela.

Ricco gemeu e pressionou o rosto entre seus ombros, os braços rodeando-a por baixo de seus seios, segurando-a firme para que ela fosse mais prisioneira do que tinha sido nas cordas. Houve um momento de pânico e, em seguida, ela sentiu sua angústia. Sua respiração mudou sutilmente, mas ela viu isso. Seus batimentos cardíacos tinham acelerado.

— Eu realmente não estou tentando machucá-lo. Eu quero que você saiba que você está fora do gancho. Não espero casamento e fidelidade só porque fizemos sexo. Eu sabia o que estava fazendo e tomei a decisão eu mesmo. Eu queria estar com você. Eu queria que você *fosse* o escolhido, não o conselho. Não os cavaleiros. Você era a minha escolha e eu estou crescida, Ricco. Você não tem nenhuma responsabilidade comigo. Assim que pudermos, anunciaremos que o compromisso não funcionou.

Pronto. Ela o absolveu. Todo homem gostaria disso, certo? Ele iria deixá-la ir antes de notar seu tremor. Sua reação a ele. A tristeza corroendo-a com a perda de seu sonho tolo. Ela sabia melhor do que sonhar. Ou a esperança. Ou querer ou desejar algo. Especialmente algo tão grande e real como Ricco Ferraro. Um bom homem. O homem que conseguiu penetrar o coração dela. Ele estava lá para sempre. Mas ela não era uma estudante tola. Ela sabia a diferença entre o material para marido e um homem que seria miserável com uma mulher. Sua mãe tinha razão.

— Você terminou? —Ele perguntou suavemente.

Dedos de desejo dançavam pela espinha dela. Os lábios dele estavam contra sua pele, falando, então ela sentia cada palavra formada. A apreensão nele não se afrouxou em absoluto.

— Sim. —Ela mal conseguiu dizer a palavra.

— Então volte para a cama.

Ela não podia. Se ela voltasse lá com ele e ele a seduzisse novamente, ela ficaria tão perdida que concordaria com qualquer coisa, e ela sabia que se arrependeria por isso. O respeito próprio era a única coisa que lhe restava. Ela balançou a cabeça porque não podia falar. Ela não podia realmente dizer-lhe que não. Ela queria voltar à cama com ele, mas o orgulho não o permitiria. Orgulho e autopreservação.

Ricco a chocou largando-a, virando-a e a pegando sob as pernas para levantá-la. Ela não teve escolha senão se agarrar ao seu pescoço para segurar a si mesma na vertical. Ele a olhou com o rosto virado para cima.

— Você sabe o quão incrível você é?

Ela balançou a cabeça, mas olhou para a porta, com medo de se mover ou respirar.

— Eu tenho família. Eu sempre os tive. Não importa o que acontecer na minha vida, eles estão aqui para mim. Você só tem o seu irmão, ainda que de nós dois, eu sou muito mais quebrado. Isso sozinho fala de sua força incrível, Mariko. Bonita, forte e tão pronta para se sacrificar por mim. Não, você está certa, eu não era o tipo de casar. Nunca quis que uma mulher passasse a noite comigo porque eu sabia que ela não era a mulher certa. *Você* é essa mulher. Quando um homem

passa toda a sua existência, esperando encontrá-la, e ela aparece, acredite *amore,* ele a reconhece.

Ela tinha medo de se mover ou falar. Se ela o entendesse mal ou ousasse acreditar nele, ela poderia quebrar. Ela só podia olhar para ele, perguntando-se como ele podia dizer essas coisas para ela, com medo de acreditar nele.

— Estou disposto a lhe dar qualquer coisa neste mundo que você deseje Mariko. Eu tenho os meios para fazê-lo. Você não quer ser cavaleira, você não tem que ser. Se você não quiser filhos comigo, você não precisa tê-los. Eu não quero saber o que o conselho diz. Eu vou ficar na sua frente, ao seu lado ou cuidar de suas costas. Mas você não vai sair deste quarto até ter entendido. Eu tive tudo o que eu não quero. Acredite em mim quando eu lhe digo, eu sei o que eu quero e farei qualquer coisa para mantê-la.

16

Seu passado finalmente o alcançou. Ricco olhou para o rosto amado de Mariko. Ele detestava a ter machucado de qualquer maneira. Ela tinha sido ferida o suficiente pelas pessoas que a levaram para casa, as que deveriam mostrar seu amor. Ele roçou a testa dela com a boca e colocou-a de volta no meio da cama, seguindo-a para que ela não tivesse chance de fugir se ela estivesse inclinada.

— Eu acho, antes de entrar em explicações de por que estou tão fodido, e como eu preciso que você me salve, acho que você precisa estar ciente de que minha proposta de casamento foi muito sincera.

Ela balançou a cabeça. — Não, Ricco. Eu estava lá. Você estava me salvando de Kichiro, o que foi muito galante de você e eu realmente aprecio, mas eu certamente não vou segurá-lo. —Ela se encostou na cabeceira da cama, sentou-se, erguendo os joelhos puxando o lençol até o queixo.

Ele queria dizer a ela, que se ela pensava que estava segura—ela não estava. Ele tinha cordas no quarto e poderia facilmente amarrá-la ao poste da cama se fosse a única maneira de poder fazê-la ficar e ouvir. Ele quase riu alto de seus loucos pensamentos. Ele estava em modo de pleno pânico, outra novidade para ele como adulto. Ele preparava-se para cada situação, mas encontrou a mulher que poderia amar e a perderia por sua própria estupidez.

— Você está me dando muito crédito agora, Mariko, —disse ele, passando os dedos pelo cabelo em agitação. — Eu não sou o tipo de homem que quer salvar as mulheres.

— Você é *exatamente* esse tipo de homem.

— Eu disse a Emilio que eu me casaria com você, —ele apontou.

— No calor do momento. De brincadeira.

— Mulher. —Exasperado, ele olhou para ela.

— Você se importaria de se vestir? Um roupão? Qualquer coisa? Eu não consigo pensar.

Ela parecia um pouco desesperada e isso tirou a tensão. Ela não podia estar inclinada a deixá-lo se não podia olhar para ele nu com uma mente clara. Ele afundou na cama, de frente para ela.

— Isso ajuda?

Ela assentiu. — Obrigado, eu aprecio isso.

Ele quase sorriu para sua voz primitiva, mas se pegou a tempo. Ele alcançou a mão dela, juntou os dedos e os deixou cair na sua coxa. No alto. Perto da virilha.

— Você acha que já pedi a uma mulher antes?

Ela mordeu o lábio, os olhos arregalados. *Dio,* ele amava seus olhos. Ele poderia passar a eternidade olhando nos olhos dela. — A resposta é não. Eu não fiz. Nem mesmo no calor do momento. Não quando ganhei corridas ou sai do tubo, precisando de sexo mais do que precisava respirar. Só com você. Você acha que eu trouxe outra mulher para esta casa? A resposta é não. Só você. Eu não tive ninguém nesta cama. Só você. Eu não toquei outra mulher sexualmente quando ela estava nas cordas. Apenas você. Ao levá-la ao território Ferraro, eu declarei minhas intenções para todos verem e isso foi antes do calor do momento.

Ela apertou os lábios, o olhar nunca deixando o dele. Seus cílios vibraram, chamando sua atenção. Longos, escuros, curvados, volumosos e femininos ao redor de seus olhos. Ele trouxe a mão para a boca, beijou as juntas e levou-os de volta à coxa. Seu pênis empurrou pela proximidade. Ele queria apontar que mesmo seu pau a reconhecia, mas manteve isso para si mesmo.

— Tenho seus anéis de noivado e de casamento na minha mesa de cabeceira. Eu queria lhe pedir adequadamente.

Sua cabeça subiu. — Isso é impossível. Qualquer anel para um cavaleiro deve ser feito especialmente, assim como nossas roupas. Há apenas um joalheiro ... *Damian.* —A voz caiu quase em reverencia quando ela falou da loja. Damian Ferraro usava seu primeiro nome para seus projetos famosos.

— Um dos meus primos.

— Mesmo assim, leva uma eternidade obter qualquer coisa dele. Ele também faz joias regulares e seus projetos são exclusivos e procurados. Ele possivelmente não poderia desenhar um anel e confeccioná-lo nessa pequena quantidade de tempo.

Sua voz era um desafio, e isso o fazia sorrir. Mantendo as mãos em sua coxa, ele se inclinou e abriu a gaveta da mesa de cabeceira para tirar uma caixa. — Você não pode usar pedras no tubo. Somente essa liga. —Ele pegou a pequena caixa de joias e a abriu com o polegar.

Mariko recuou quando ele o empurrou para perto. Por um momento, ela continuou a olhar para o rosto dele, e então seu olhar caiu para o anel. O primo dele era um joalheiro de renome, seus projetos procurados por celebridades, multimilionários, reis e rainhas de outros países iram a ele para uma joia pessoal.

Seu primo, Damian, tinha um dom. Ele poderia projetar a joia perfeita, adequada a um indivíduo. Seus anéis de casamento eram tão procurados que você tinha que procurá-lo com anos de antecedência para obter uma peça individual. Cada um dos Ferraros tinha ido a ele quando completaram vinte e cinco anos, sabendo que eles iriam ter que se casar, achassem ou não o amor de suas vidas. Era uma tradição em sua família.

Na verdade, ele ficou chateado quando viu os anéis que Damian projetara para ele. Ele viu enquanto Mariko pegava lentamente a caixa e olhava para os aros. Ambos eram alianças. O anel de noivado era mais amplo do que o de casamento. A aliança larga tinha duas espadas japonesas esculpidas no metal. Elas eram muito detalhadas, os cabos ornamentados. Torcido dentro de ambas as espadas estava o brasão da família Ferraro. No interior estava esculpido *Semper la vostra spada e Scudo*. Sempre sua espada e escudo.

Ele pensou que seu primo estava louco e ele tinha trocado os anéis, nunca os mostrou a sua família. Agora ele entendeu por que todos pensavam que Damian era um gênio tão bom. Seu dom era saber exatamente o que seu cliente precisava muito tempo antes do cliente. Ricco sabia que ele sempre seria uma espada e um escudo para Mariko. Ele sempre seria seu guerreiro samurai. Sempre.

— Você entende? —Ele tinha que pedir desculpas a Damian quando ele enviasse o anel para ser ajustado. — Eu cometi erros, Mariko, muitos, demais. Não sou santo nem nunca serei. Eu gosto de sexo, muito. Não vou fingir que não, mas todo o meu foco está em você.

Deliberadamente, ele moveu as mãos para o seu pênis, envolvendo seus dedos no eixo denso e muito duro. Ela não tentou afastar sua mão, em vez disso agarrou-o com força. A mão em torno da dela a manteve lá. Era o paraíso e o inferno tudo em um. Sua palma queimava como uma marca. Ele a queria com cada respiração que ele dava, mas ele se forçou a ficar quieto. Foi Mariko quem começou o deslizamento lento. Ela moveu o polegar sobre a cabeça larga de seu pênis, espalhando as gotas que caíam para que o deslizamento fosse suave enquanto ela empurrava para cima e para baixo quase preguiçosamente. Era o suficiente para matar qualquer homem.

— E se você se cansar de mim, Ricco? Você sabe que é uma possibilidade. Uma mulher não vai satisfazê-lo pelo resto de sua vida, e eu não sou mulher de se enganar. Também não quero você miserável.

— Eu posso entender seus medos, Mariko. —*Dio,* como ele poderia pensar quando os dedos dela dançavam de um lado para o outro e logo o punho o apertou, e roubou sua respiração. — Mas, verdadeiramente, realmente ouça a resposta. Você ouve a verdade. Eu não posso mentir para você, nem teria razão para fazê-

lo. Eu quero apenas você. Eu me apaixonei por você desde o momento em que entrou na entrevista. Todos os momentos gastos em sua companhia aprofundaram o que senti até que eu tive a absoluta certeza de que eu te amo e você é a única mulher que eu quero na minha vida.

Sua mão parou de se mover, embora seu punho permanecesse apertado. Seus olhos encararam diretamente os dele. — Você nunca disse que você me amava.

— Eu o fiz. De mil maneiras. Com minhas cordas.

Seus olhos se arregalaram e sua mão apertou. Ele prendeu a respiração. Ele precisava dela movendo a mão. Cada célula em seu corpo estava sintonizada com aquela parte do corpo. Ele poderia contar seus batimentos cardíacos lá. Ele sabia que ela podia, também.

— Você nunca me disse em palavras.

— Fiquei nu para você, Mariko. —Ele disse calmamente. Ela não podia negar isso. Ele tinha.

— As gêmeas Lacey? Duas mulheres ao mesmo tempo?

Ele não disse nada porque era culpado como o inferno e não podia negar. Ele poderia tentar explicar a necessidade de correr o tempo todo, para se livrar da fúria nele. Como ele precisava da adrenalina em todos os momentos de sua existência para viver. Ele vivia e jogava duro. Ele tinha feito isso no centro das atenções. Não havia nada que ele pudesse fazer sobre isso agora.

— Eu não compartilho bem com os outros, —ela sussurrou.

— Eu também não posso mudar meu passado, Mariko, mas posso te prometer o meu futuro. Minha palavra é sincera.

Ela começou lentamente a bombear novamente, movendo o punho apertado para cima e para baixo, enviando ondas de calor por seu corpo para suas veias, espalhando-o como uma droga em todo o sistema.

— Você vai se casar comigo? —Seus dedos se juntaram no lençol. Dio, ele já estava tão duro como uma pedra.

— Provavelmente. —Ela não estava mais olhando para ele, mas para o pau dele.

Seu eixo empurrou duro para sua longa contemplação, derrubando mais gotas para ela esfregar. Ela aumentou o ritmo.

— Essa não é uma resposta. Foda, diga sim antes que eu perca minha mente.

— Não xingue. —Um fantasma de sorriso curvou a boca e ele achou sexy como o inferno.

— Eu não xinguei você. —Como no inferno ele iria convencê-la quando ele já não tinha um cérebro? Ele arrastou o lençol lentamente de seu corpo, usando seus dedos para empurrá-lo e depois chutando-o para que ele tivesse acesso a ela. Ele rodeou o quadril dela com os dedos e depois acariciou sua perna até coxa, aplicando pressão, um comando silencioso para separar as pernas.

Mariko sentou-se em linha reta, de costas para a cabeceira da cama, seus olhos no dele, mão ainda trabalhando nele. Muito lentamente, ela abriu as coxas e depois deixou cair os joelhos. Aberta, e observando-o com aquele sorriso sexy no rosto. Ela estava deliberadamente provocando-o. Brincando com fogo. Ele fechou os olhos brevemente, saboreando sua vitória. Ela já estava molhada e lisa, querendo-o da maneira que ele a queria. A evidência de sua possessão anterior estava lá para lembrá-lo de ter cuidado com ela. Ele amava a aparência dela, na cama, seus seios

se aproximando dele, o cabelo uma bagunça selvagem de ondas desgrenhadas, suas pernas abertas, seu brilho sexual. Tudo para ele.

— Diga sim, *farfallina mia*. —Apenas para ter certeza, ele empurrou um dedo dentro da entrada calorosa, acariciando, espalhando pequenos círculos em torno de seu clitóris.

— Você vai ser um homem louco? Carros de corrida? Jogos de cartas? Entrando em problemas?

Ele não pôde evitar sorrir. — Sim. Mas você estará lá comigo. —Ele poderia fazer coisas perversas e pecaminosas com os dedos—e ele fez. Ele não deixaria de seduzi-la até que dissesse que sim, embora ele já tivesse lido seu consentimento quando ela abriu suas coxas para ele.

— Eu suponho que alguém tem que fazê-lo, —disse ela. — Eu sou forte, acho que deveria ser eu. —Ela moveu seus quadris no ritmo dos dois dedos que ele estava enfiando nela. Seu punho manteve o mesmo ritmo, apertado em torno de seu pau latejante.

— Você poderia estar um pouco mais entusiasmada, —ele apontou, acrescentando seu polegar ao ritmo acariciador. Ele usou-o contra o clitóris, observando a cor da pele e os seios se agitarem com o esforço para obter ar.

— Oh. Desculpe. —Ela deu um olhar inocente de olhos arregalados. — Estou fazendo isso errado?

Ela agarrou-o mais forte, bombeando seu pênis em um ritmo acelerado. Ele perdeu a própria respiração e sabia que não iria durar. Era uma combinação do jeito como ela olhava, sabendo que era dele, e da mão dela que se movia continuamente, os dedos ocupados, o punho tão fodidamente apertado que ele estava perdendo todo controle.

Ele pegou seus tornozelos, puxou-a para ele e a virou em um movimento decisivo. Ela deu uma pequena risada, agitando os lençóis enquanto ele pegou seus quadris e empurrou-os de um lado para o outro, forçando-a a se ajoelhar. Empurrou a cabeça para o travesseiro. Ele quase gozou apenas olhando para sua bunda, no ar, esperando por ele. Mais uma vez, ele se ajoelhou atrás dela, espalhando suas coxas implacavelmente, sabendo que ela estava em excelente forma física e poderia abrir uma boa distância.

— *Amore.* —Ele gemeu o carinho. — Você pode alcançar um dos preservativos da gaveta? —Ele deveria ter se preparado.

— Eu estou no controle de natalidade. É leve para me regular, mas ainda é para o controle de natalidade. Se você estiver limpo ...

Dio. Seu coração apertou forte em seu peito. Ela era tão confiante. Ele sabia que estava limpo, mas ela se entregou a ele. Confiou seu corpo a ele.

— Você está certa, Mariko? —Mais do que tudo o que ele queria estar dentro dela sem nada entre eles.

— Tenho certeza.

A mão dele deslizou para cobrir o sexo dela. Ela estava quente. Úmida. Pronta para ele. Ele não esperou, e desta vez entrou com um forte impulso. Os músculos internos dela protestaram, tentaram impedi-lo de invadir, relutantemente cedendo quando ele entrou profundamente. Ao mesmo tempo, ele foi cercado de calor e fogo. — Você é tão fodidamente apertada, *amore.* —Ele apertou os dentes contra os flashes de fogo correndo por seu corpo, irradiando de sua virilha.

A respiração de Mariko sibilou quando Ricco empurrou-a para a cama. Ele era mais forte do que ela imaginava que um homem poderia ser suas mãos sempre

ternas quando ele a tocava. Ele gostava de tocá-la quase tanto quanto ela gostava dele fazendo isso. Quando ele empurrou os quadris e voltou, seu corpo se tornou líquido de necessidade. Sua pele estava quente e seus seios doíam os mamilos em chamas contra o frio dos lençóis.

As mãos dele acariciaram suas costas, desceram pela espinha e esfregaram a bunda. Tudo enquanto o pau dele entrava nela, cada golpe forte e dominante. Ela adorou o quanto ele tinha sido gentil da primeira vez, seu toque reverente, quase como se ele a adorasse com cada carícia. Isso era diferente, selvagem, quase se abandonando nela.

Ele alcançou lugares que não tinha antes, seu pênis deslizando fortemente sobre o pacote de nervos sensíveis, enviando estrias de fogo por seu corpo. A tensão em seu interior cada vez mais alta, mais apertada. Sua respiração saiu em alguns soluços. Os seios dela doíam mamilos escovando para frente e para trás nos lençóis com os fortes impulsos. Foi glorioso. Bonito. Perfeito.

Ele se inclinou sobre suas costas, reposicionando-se. Um pequeno gemido escapou de sua garganta. Assim. Bom. Ela nunca soube que poderia ser tão bom. Ele expulsou as vozes em sua cabeça, as que argumentavam razoavelmente que os leopardos não mudavam suas manchas. As vozes que lhe diziam que nunca seria mulher suficiente para um homem como Ricco.

Ricco mostrou-lhe, de muitas maneiras, que a *queria*—Mariko Majo—a Demônio fêmea. Como ele poderia tocá-la com tanta beleza? Mesmo com sua natureza, o seu toque era tudo sobre amor. Ela sentiu isso, e não havia nenhuma sombra que os conectasse. Ela sentiu seu amor em cada golpe de seu pênis. No instante em que ele colocava seu prazer antes do dele. Toda vez que ele mudava de posição, ele a levava mais alto. Quando ela ofegou porque a pressão dentro dela

crescia até que ela quase perdesse todo o controle, ele se inclinou para perto dela e sussurrou em seu ouvido.

— Deixe *farfallina mia.* Voe. Voe comigo.

Ele se abaixou e encontrou seu clitóris. Seu implacável pênis, atravessando suas dobras apertadas, essa sensação, forte e masculina, a conexão, fazendo com que compartilhassem a mesma pele, tudo se uniu com a certeza de que Ricco Ferraro havia lhe mostrado coisas que nunca teria mostrado a outra mulher. Ele havia contado coisas que nunca havia dito a outra mulher. Mostrou-se tão vulnerável quanto ela. Ele tinha lhe dado poder sobre ele. Ele havia dito que a amava, e ela não havia dito isso de volta.

Os sentimentos eram esmagadores, o amor e a luxúria turbulentos misturaram-se até que ela não pudesse separar os dois. Ela empurrou contra ele com um pequeno soluço de pura felicidade, seus músculos se fechando ao redor dele, apertando-se como um torno quando seu pau se juntou a ela, espalhando chamas por toda parte. Ela se dilatou, empurrando contra seus músculos sensíveis, mesmo quando a fricção ardente a precipitava sobre a borda.

Ela gritou. Em toda a sua vida, ela nunca gritou por nada. Não fazia isso. Certamente não com tal abandono, mas o som foi arrancado dela enquanto o fogo a consumia. Ela sentiu os salpicos quentes da libertação dele ao longo dela e então ele desabou sobre ela. Seus braços a abraçaram forte, seu corpo esmagando a dela.

Ainda de joelhos, de cabeça baixa, virou a cabeça para olhar para ele por cima dela. Os olhos dele estavam sobre ela. O desejo escuro estava marcado em suas faces duras e em toda linha sensual do rosto, mas, em seus olhos, ela podia ver amor. Nunca viu isso antes. Nunca. Ela não o reconheceu pelo que era, mas agora estava claro para ela. Ela sorriu para ele.

— Eu não posso me mover. —Ela não podia. Ela estava exausta, seu corpo parecendo como um macarrão cozido. — Se eles vierem por nós esta noite, você terá que lutar sozinho. Eu vou te acompanhar e te animar. —Seu sorriso foi lento, genuíno e bonito. Tão lindo, que prendeu a respiração em seus pulmões.

— Isso pode ser difícil, *amore.* Não posso me mover, e estamos juntos.

Ela riu. Ela não conseguiu evitar, e o som a assustou. Ele lhe deu muitos momentos bonitos. Tantas coisas que ela nunca esperou. Deitada em sua cama, cercada pelo corpo dele, os braços dele apertados em torno dela, a sensação de seus cabelos deslizando sobre a pele nua de suas costas, era tudo surreal. Perfeição.

— Você precisa encontrar seus anéis. Eles estavam em algum lugar na cama. —Ricco virou a cabeça para examinar os lençóis.

— Na minha mão, —ela disse e levantou o punho dos lençóis para mostrar-lhe a pequena caixa que tinha sido guardada com cuidado.

Ele pressionou beijinhos pela espinha dorsal dela, fazendo-a estremecer. Ele agarrou seus quadris de repente, quando estava se retirando. — Mariko. Eu não quero que isso termine. —Uma vez mais ele colocou a cabeça em suas costas, apenas segurando-a. — Eu acho que você poderia dormir assim.

O riso borbulhou e ela balançou a cabeça. Ele se afastou dela, o movimento desencadeando outra ondulação de prazer misturada com um pouco de ardência dos músculos em protesto. Ela ofegou e rolou quando ele afundou de volta aos calcanhares.

Ricco pegou seu tornozelo enquanto ela levantava os joelhos. — O que está errado?

— Nada.

— Aí está. Outra coisa, que as mulheres dizem que é uma besteira total. Se fosse *'Nada'* você não teria conseguido esse olhar em seu rosto.

Ela se viu sorrindo. Sentindo feliz. Chocada com a percepção de que apesar das circunstâncias com o porquê e de como se conheceram, ela ficava feliz quando estava com ele. Ela adorava que ele prestasse atenção. — Quando você se mexeu, eu tive outro mini orgasmo que foi realmente, muito bom e, ao mesmo tempo, percebi que eu estava um pouco dolorida. —Pronto. Ela lhe havia dito a verdade e conseguiu não se transformar em um vermelho beterraba. Ela ficou um pouco rosa, mas não vermelho lagosta.

Ele saiu da cama de um movimento suave, levantando-se. — Fique bem ai. Se você não fizer isso, vou encontrar mais usos para minhas cordas do que arte decorativa.

Ela o deixou chegar à porta do banheiro principal antes de responder. — Você já encontrou outros usos para elas e nós dois gostamos. —Isso foi atrevido dela, mas gostava de provocá-lo.

Ele parou na porta, olhando para ela. Seu pau se sacudiu e ele falou. — Mulher, você vai me matar. —Ele deu um sorriso perverso e então desapareceu no banheiro. — Você precisa mergulhar na banheira. Eu não quero você tão dolorida que não possamos continuar.

Um banho parecia bom, mas na verdade, ela estava muito cansada. Ela fechou os olhos e se deixou à deriva.

Ricco testou a água, certificando-se de que não estava muito quente, mas ele precisava de calor o suficiente para acalmar o corpo dela. Quando ele voltou para o quarto, ela estava profundamente adormecida, enrolada em seu lado da cama.

Seus anéis estavam na mesa de cabeceira, ainda na caixa de joias. Ele pegou o anel de noivado e o enfiou no dedo dela.

Ela se agitou seus cílios batendo, e então ela estava olhando para ele. Como sempre fazia quando seus olhos se encontraram, o estômago dele deu um estranho pulo. Ela era magia. Ele sabia que era o único responsável por sua felicidade, mas encontrar Mariko certamente percorreu um longo caminho para ajudar.

— Vamos, *cara*[16], tempo de banho.

— Você toma banho, —ela murmurou com sono. — Eu vou dormir.

Parecia sexy deitada nos lençóis de seda, os cabelos espalhado em todos os lugares, o corpo nu enrolado como um gatinho com sono. Ele se abaixou e pegou-a facilmente, encaixando-a contra o peito. Se ela estivesse mais acordada, ele teria atirado ela sobre o ombro e a levado como um tesouro pirata. Apenas para ouvi-la rir novamente. Ele amava o som de sua risada.

— Banho, depois dormir, —ele disse de forma decisiva.

— Oh não. —Ela agarrou seu ombro parecendo alarmada. — Estou cheia de você. De nós. E está vazando em todos os lugares.

— Eu gosto de você cheia de mim de nós. —Ele entrou na banheira e baixou o corpo até estar sentado, pernas esticadas, Mariko no colo.

Ela envolveu seus braços ao redor do pescoço dele e virou o rosto em seu ombro. — Isso é bom. Não me importo com isso. Mas eu vou dormir.

— Nós estamos bem, Mariko? Meu passado vai nos perseguir? —Ele sabia que a incerteza estava em sua voz. Ele certamente precisava dela muito mais do

[16] **Cara,** significa querida, em italiano

que o contrário, o que o colocava em desvantagem. Ele não se importava que ela soubesse. Ele queria que ela fosse feliz. — Há algo mais que precisamos conversar?

Ela inclinou a cabeça para trás para encontrar seu olhar. — Eu escolho acreditar em você, Ricco. Que você me ama e que você tem certeza de que eu sou a única para você. Eu escolho acreditar que você sempre se sentirá assim. O amor não parece funcionar para muitas pessoas, e estou assustada. Não vou fingir que não, mas não sei o que é bom ou ruim em um relacionamento. Estou indo na fé e você é a pessoa na qual eu escolho ter fé.

Sua sinceridade o humilhou. Cada momento em sua companhia só o fez amá-la mais. — Eu só posso lhe prometer que vou tentar todos os dias ser um cara de quem você possa se orgulhar.

Ela estendeu a mão e riscou os lábios dele com a ponta do dedo. — Eu amo estar com você, Ricco.

— Por quê? —Ele não podia imaginar por que uma mulher como Mariko o escolhesse, com seu passado e suas falhas.

— Além do fato de que você é muito, muito bom no que você faz, —ela passou a mão para englobar seu corpo, — você é o melhor homem que conheço.

— Você não pode ter conhecido muitos, —ele protestou.

— Não no sentido bíblico, —ela concordou, provocando-o. — Mas eu sou uma cavaleira. Eu tenho visto coisas.

Ele gostava da nota de provocação em sua voz. — Para quais países você viajou? Quando você estava treinando? —Ele tinha tido curiosidade sobre isso desde o início, assim como Stefano. Os pesquisadores não acharam nenhum cavaleiro que conseguisse dar qualquer informação de Mariko fora do Japão, o que era incomum.

— Não tive permissão para viajar para outros países. O conselho seguiu o conselho de Osamu. Ela acreditava que eu desonrava os cavaleiros de nosso país e eles entenderam que eu era ... difícil.

— Difícil? —Ele tentou, tentou manter a raiva sob controle.

Ela se contorceu. — Não gosto de falar da opinião de Osamu sobre mim.

— É apenas a opinião dela, —ressaltou ele. — O conselho deveria ter feito uma investigação se estivesse preocupado. Essa é a sua responsabilidade. —Todos os músculos internos queriam se apertar, mas ele se forçou a ficar relaxado.

— Dai era conselheiro, junto com Isamu. Isamu é o irmão de Osamu. Eles apoiaram sua opinião e o conselho deixou passar. Eles se recusaram a me enviar para treinar fora do país devido ao fato de eu poder trazer desonra e vergonha para os nossos cavaleiros.

Não havia amargura na voz dela, mas ele podia prová-la em sua própria boca. — Eu deveria ter seguido você, Mariko. Eu acreditei quando eles me disseram que uma família havia pegado vocês dois porque, claro, havia verdade em suas falas. Ainda assim, eu deveria ter perguntado qual era a família e insistido em vê-la.

Ela balançou a cabeça, os fios sedosos de seu cabelo fazendo cócegas na pele dele e fazendo ondas de fogo correr através dele. Ele sempre teve um forte desejo sexual, mas agora parecia duplamente forte. Mais, ele estava completamente consciente dela em todos os momentos. A maneira pela qual a água lambia seus seios. Como eles flutuavam as auréolas cor-de-rosa emoldurando seus mamilos, chamando sua atenção. O ninho de cachos no ápice de suas pernas, as curvas de seu corpo, tão feminino. Toda ela. Cada centímetro dela.

— Que bobo Ricco. Você sempre tenta assumir demais. Aos quatorze anos de idade qual garoto se perguntaria mais de que se estávamos seguros?

Especialmente quando ele estava sendo ameaçado. Você nos salvou. O que aconteceu depois disso não é sobre você. Nem foi tudo mau. Eu tinha um teto sobre minha cabeça e comida para comer. Eu fui autorizada a treinar como cavaleira e eu me surpreendo com isso—foi suficiente para que Osamu não pudesse me impedir ou interferir. Eu tive um espaço que era meu e eu podia ler sobre lugares distantes. E eu tinha Ryuu.

O irmão dela. Ele manteve suas preocupações para si mesmo. — Me beije.

Sua cabeça levantou. — O que?

— Beije-me. Preciso que você me beije. —Ele doía por seu gosto.

— Se eu te beijar, isso pode levar a outras coisas, e estou tão cansada que eu adormeceria e perderia tudo, —ela provocou.

Sua sobrancelha disparou. — Cair no sono, adormecer? Quando eu estou fazendo amor com você?

— Poderia acontecer.

— *Nunca* poderia acontecer. —Ele rosnou e mordeu o pescoço dela.

Rindo, ela pegou a cabeça dele entre as mãos e a levantou. Inclinando-se nele, ela escovou beijinhos sobre os olhos dele. — Ainda não te disse ... —Ela beijou o nariz e ao longo de seu maxilar áspero. — Obrigado pelo meu lindo anel. —Ela beijou os cantos de sua boca e depois passou os lábios sobre os dele.

Foi tentador. Sexy. Seu pênis hiperativo agitou-se para a vida. Apenas com seu toque. Os dentes dela beliscaram seus lábios inferiores e ela mudou de posição, ainda em seus braços, Sobrecarregando-o, pressionando os seios contra o peito dele enquanto seus dentes mordiam e puxavam o lábio dele e depois soltavam para que ela pudesse usar a língua sobre a pequena picada.

Gemendo, ele colocou a mão entre eles para agarrar seu pau, diretamente na base, com uma mão. Com a outra, ele guiou os quadris dela para que ele pudesse colocar cabeça larga nela. Com ambas as mãos, ele agarrou seus quadris e empurrou-a enquanto ele subia. Estava ... Em casa. Ele passou por aqueles apertados músculos, lisos com o sumo dos dois, quentes como inferno, um inferno que ele acolhia, mais, ele precisava.

Uma vez que ela estava completamente sentada sobre ele, sua bainha pulsando ao redor dele, tão apertada que ele podia contar seus batimentos cardíacos através de seu eixo, ele pegou um punhado de cabelo e puxou a cabeça dela para trás. — Você está me provocando.

— Eu estou, —ela admitiu.

Ele pegou sua boca. Duro. Dominante. Varrendo-a para outro nível de seu mundo. O sexo poderia ser muitas coisas e ele queria mostrar todos para ela. Terno, selvagem, áspero, não importava, contanto que ela confiasse nele, experimentasse o amor em sua língua e o sentisse em tudo o que seu corpo fazia com o dela.

Ele não deveria ter ficado surpreso com o quanto sua mulher combinava com ele, atiçava seu fogo. Não havia afastamento dela, ela o beijou, usando sua língua, seguindo sua liderança, enviando chamas pela espinha e calor através de suas veias. Por sua própria vontade, sem a sua insistência, ela começou a se mexer, montando-o como se fizesse isso há anos. Ela era graça e fluidez, ondulando seu corpo para que ele pudesse sentir cada ondulação, cada vibração.

Ela se jogou para trás e plantou ambas as mãos nas coxas dele para que seus peitos balançassem tentadoramente, dando-lhe um show ao montar nele. Lenta no início, e depois quando ele pensou que poderia ter que assumir o controle, ela

pegou o ritmo. Água lambia a pele dele, dando-lhe a sensação de línguas sobre ele. Ele colocou o peso macio de seus seios nas palmas das mãos, pincelando os polegares, observando sua pele enrubescer. Ele puxou seus mamilos, gentilmente, observando sua reação.

Os músculos internos o apertaram como um torno em um calor abrasador que o saturou. Ele puxou novamente, desta vez mais duro um pouco áspero. Seu corpo apertou-o e ela se moveu mais rápido, obviamente perto.

Ela jogou a cabeça para trás. — Mais uma vez, —ela exigiu.

Ele fez o que ela pediu, puxando e rolando, alternando o suave e o áspero.

Ela o montou com força, seu corpo tão apertado em torno de seu pênis, que a fricção era quase insuportável. Observá-la gozar para ele era uma das coisas mais sexys que ele já tinha visto.

Ela gemeu sua respiração falhando e depois ficando ofegante. — Mais. Mais forte.

— Use sua mão em seu clitóris, —ele instruiu e esperou até que ela o obedeceu.

Ele observou a mão dela deslizar entre as pernas, sentiu seus dedos buscar o alvo e então ouviu sua respiração sibilar enquanto ela acariciava e puxava. Ele puxou e rolou os seios e começou a combinar o ritmo com o dela, entrando nela enquanto ela descia sobre ele. A beleza dela esticada em um rack de prazer, desesperada por liberação, ficaria para sempre marcado em sua memória.

A boca dela se abriu. Seus olhos ficaram nebulosos. Sua pele estava corada. Sua bainha apertou o pau dele em um aperto vicioso, forçando seu pênis a inchar. *Dio.* Ele apertou os dentes. Sua respiração saiu de seus pulmões em uma longa sinfonia de sons guturais.

Sua mulher guerreira estava completamente abandonada, entregando-se, levando-o com ela, forçando seu pênis a dar-lhe o que queria—torcendo cada gota de sua semente. Quente e vicioso, ele disparou fortes jorros como se ela o tivesse ordenhado implacavelmente. Ela gritou seu nome quando veio, meio soluçando, meio chocada, Gemendo.

Mariko entrou em colapso contra ele, seus braços em volta do pescoço, a cabeça em seu ombro, seios pressionados em seu peito. Ele a abraçou, tão sobrecarregado com o amor por ela que não podia falar. Ele tinha tudo nela. Uma parceira admirável querendo ser sua amiga e ter as costas dele, como tinha sido quando tinha sido ferido nas ruas do território Ferraro. Uma cavaleira para ajudar a defender os desamparados. Uma amante extraordinária, uma disposta a combinar sua paixão e suas aventuras fora da norma das fronteiras sexuais. Tão feroz quanto ele, ela ainda estava disposta a acomodá-lo e até mesmo apreciar as sessões em seu estúdio, quando ele precisava praticar Shibari para aterrá-lo. Ela estava disposta a aceitar isso e incorporá-lo ao amor deles.

— Eu te amo, Mariko Majo Tanaka.

— Te amo também. —Ela parecia muito sonolenta, já estava a deriva.

Ele acariciou o topo da cabeça, gostando da maneira como a cerda escura em sua mandíbula se emaranhava com a seda loura de seus cabelos.

— Se case comigo em breve.

— *Hmm?*

A mão deslizou por suas costas, seguindo sua espinha até a curva acima das nádegas dela. Ele a acariciou e sentiu que ela relaxava mais. — Se case comigo em breve.

— Okay. —Seus lábios roçaram a clavícula.

Aquele gesto pequeno e íntimo o chocou. Ele deveria estar saciado. Ainda estava dentro dela, ainda compartilhava sua pele. Conectado a outro humano como ele nunca tinha estado, não apenas fisicamente, mas emocionalmente.

— Dê-me a sua palavra de honra.

Seus lábios se curvaram. Ele sentiu o sorriso dela impresso em sua pele. Ele amava isso. Queria mais.

— Você não quer muito, não é?

A nota sonolenta em sua voz enviou calor como um relâmpago por suas veias. Ele estava pronto. Ela tomou tudo o que ele tinha—no momento—e ainda assim ele ainda estava pensando em sexo. Isso o fez sorrir. Ele Inclinou a cabeça contra a parte de trás da banheira e fechou os olhos.

— Prometa-me, *farfallina mia*. —Ele murmurou suavemente, apertando o controle nela.

— Sim.

Foi tão suave que ele quase não ouviu. — Quando eu disser.

Ele sentiu seu riso como uma melodia de notas suaves contra sua pele. A chuva caindo no telhado, correndo pelas janelas. O vapor subindo ao redor deles, encerrando-os. Envolvendo-os. Ele esperou. Ela não estava completamente adormecida, mas ela deu-lhe a maior das coisas que ele queria. Ele *realmente* queria sua promessa. Mariko não quebraria sua palavra a ele, e ele tinha um mau pressentimento de que as coisas poderiam não sair bem com o irmão dela.

A sensação estava crescendo há algum tempo. Ele sabia que Stefano tinha a mesma intuição intestinal que ele. Ele não queria perder a chance, não se as coisas dessem horrivelmente errado. Muito tempo tinha se passado desde que Ryuu estava longe. Muito tempo para que o resultado fosse bom.

— Você sempre quer do seu jeito.

Adorava aquela voz, sonolenta, sexy, à deriva em uma exaustão induzida pelo sexo.

— Eu faço. —Ele estendeu a mão para abrir o ralo e soltar a água. Tanto quanto ele não queria se mover, a água estava ficando fria, e ele precisava dormir, também.

— Okay.

— Diga que você promete. —Ele ficou de pé, usando a força das pernas para apoiá-los. Ambos. Relutantemente, ele tinha que permitir que o corpo dela escorregasse. — Segure a borda da banheira para mim. Não demorará um minuto e eu vou levá-la na cama.

Ela não protestou nem abriu os olhos. Ela se inclinou e agarrou a borda da banheira. Muito gentilmente ele a lavou, curtindo a tarefa de cuidar dela agradecido que ela tivesse permitido, extremamente agradecido por ela não ser tímida com ele. Ele enrolou uma toalha ao redor dela e a levou para a cama, secando-a rapidamente antes de colocá-la no meio dos lençóis de novo.

— Mariko. Não vai dormir sem me prometer.

— Você é um chato. Você está me importunando.

Ela virou de lado, curvando seu corpo, parecendo deliciosa. Ele sabia que sempre ficaria ansioso para os momentos deles irem para a cama. Ele esperava que nunca adormecesse primeiro, então ele poderia ter esses momentos quando ela estava se afastando, boba como um inferno, adorável e toda dele.

Ele riu suavemente. — Eu posso mantê-la acordada por horas. É melhor ceder agora.

— Bem.

Ele sabia que ela usava deliberadamente essa palavra porque levantou a cabeça e deu-lhe um olhar calmante. Rindo, ele deslizou para a cama, enrolou seu corpo ao redor do dela e puxou o lençol. — Eu vou levar esse *'bem'* como uma promessa, *amore.* —Ele envolveu seu braço ao redor dela, segurando um seio na palma da mão. — Vá dormir. Nós estaremos em um avião em algumas horas.

Ela se voltou para ele, sua única resposta, e então ela estava perfeitamente relaxada, já dormindo.

17

Mariko estava na entrada do incrível jato que eles costumavam viajar pelo país. A aeronave era mais um hotel de luxo do que um avião, completo, com quartos. Ela passara mais tempo acordada do que dormindo, mas não se arrependeu em nenhum momento de seu tempo com Ricco. Ele era um amante exigente—mas, ela também.

As luzes da cidade iluminavam o céu em todas as cores do arco-íris. Ela amava tudo sobre Tóquio à noite. Quando ela era adolescente, chateada com o tratamento que recebia de Osamu, ou com algo que Ryuu tinha dito a ela para cair nas boas graças de Osamu, ela montava sombras por toda a cidade. Escapar era

bastante fácil. Esgueirar-se de volta à cama quando Osamu estava esperando não tinha sido.

— Você não precisa ir conosco, —disse Ricco, ficando atrás dela. A mão dele foi para a nuca. Um dedo deslizou sobre sua pele naquela carícia que ela conhecia tão bem. Aquela que sempre parecia lhe dar confiança.

— Eu sei. —Ela olhou para ele por cima do ombro e encontrou seu olhar escuro. Ela queria que ele soubesse que ela *tinha* que enfrentar Osamu—para ver por si mesma de uma vez e por todas. Ela podia ler Osamu, mesmo que a mulher fosse adepta de mentir.

Ele não discutiu com ela. Embora ele não quisesse que ela fosse. Ele deixou isso claro suficiente. Ela sabia que ele queria protegê-la de qualquer coisa que pudesse encontrar, e ela o amava ainda mais por isso. Às vezes, ela não sabia como contornar sua raia protetora, mas ela sempre agradecia por isso.

Ela se recostou contra ele para mostrar que entendeu que era difícil para ele, que ela fosse com eles para enfrentar Osamu Saito. A mulher tinha sido tão áspera com ela e, no entanto, ela era a única mãe que Mariko conhecera. E se Osamu estava por trás do sequestro de Ryuu, Mariko honestamente não sabia o que faria.

— Vamos fazer isso então. Temos que entrar e sair rápido. —Stefano decretou. — Você segue nossa liderança, Mariko, e se as coisas forem para o inferno, pegue a primeira sombra e volte para o avião.

Ela assentiu com a cabeça porque conhecia os irmãos Ferraro agora. Quão teimosos eles eram. Eles ficariam lá até o inferno congelar se não concordasse com as ordens de Stefano. Não haveria argumentos. Eles não discutiriam. Em qualquer caso, apesar de ter plena confiança em si mesma e em suas habilidades como cavaleiro, sabia que seria uma jornada emocional e que iria cobrar pedágio dela.

Ela olhou para o anel em seu dedo. Não era qualquer anel. Era um anel de cavaleiro—especialmente elaborado pelo famoso joalheiro Ferraro de Nova York. Ela tocou a aliança, esfregou-a, sentindo a presença sólida em torno dela do mesmo modo que as cordas de Ricco a cercavam, como os braços dele.

O anel era uma parte dela e quebraria assim como ela fazia nos tubos de sombra. Ela poderia carregá-la com ela para todos os lugares que ela fosse o que significava ter Ricco com ela. Sua força. Seu poder. Sua crença nela.

Stefano estendeu a mão e cumprimentou Franco Mancini, outro primo e cavaleiro Ferraro, no ombro. — Nós estaremos de volta em algumas horas. Caso contrário, você saber o que fazer.

Franco não sorriu, e Mariko podia ver, apesar de sua expressão inexpressiva, que ele estava preocupado. Ela queria tranquilizá-los de que Osamu seria graciosa com eles. Era só para Mariko—e, às vezes Ryuu—que ela mostrava a sua maldade. O olhar de Franco mudou, apenas por um momento, para ela e depois se afastou, em direção à grande área asfaltada, onde ele tinha taxiado a aeronave, primeiro o nariz e depois estacionou. Ele estava preocupado com ela? Ela olhou novamente para o rosto de Ricco.

— Eu vou ficar bem, —ela assegurou, embora ela estivesse realmente tranquilizando *todos* eles. Ela tinha deixado de ter Ryuu—e isso geralmente era em tempo parcial—para ter o que parecia uma família enorme. Irmãos e primos tratavam-na como se ela já fosse parte deles.

— Eu gostaria que você ficasse com Franco aqui, onde eu sei que você está segura, —disse Ricco. — Eu tenho um mau pressentimento, *il mi amore*[17]. —Ele

[17] ***il mi amore*** – meu amor, em italiano

envolveu seus braços ao redor dela e acariciou seu pescoço. — Eu não viveria muito tempo sem você. Prefiro saber que você está segura do que correr o risco.

— Sério, Osamu não é uma ameaça para nós. Seu marido era um cavaleiro. Até onde eu sei, ela parou de montar sombras quando teve filhos, mas ela sempre respeitou um cavaleiro.

— Exceto por você, —murmurou Franco.

A cabeça de Stefano levantou-se. — Osamu foi treinada em montar sombras?

Mariko franziu a testa e assentiu. — Ela me disse uma vez que foi. Ela estava chateada porque eu vencia todos os tempos nos testes. Tivemos que ir de um lado de Tóquio para o outro. Havia postos de controle para garantir que nós não os enganávamos, como se algum cavaleiro da sombra o fizesse. Ela detestava me dar algum reconhecimento e contou que poderia ter batido facilmente meus tempos quando ela estava treinando.

Os olhos de Stefano encontraram Ricco sobre sua cabeça. — Essa informação não é de conhecimento comum, Mariko. Todos os cavaleiros treinados são conhecidos dentro da comunidade. Osamu nunca foi registrada como cavaleiro.

— Eu perguntei a Daí sobre isso. Ele disse que ela não gostava de estar nos tubos, mas que ela foi treinada e, apesar de se sentir doente quando estava dentro, era muito boa quando era jovem. —Ela olhou de Stefano para Ricco. — Que diferença isso faz? Ela é casada com um cavaleiro. Ela produziu filhos e eles eram cavaleiros. Ela respeita os cavaleiros, mesmo que ela não quisesse sair em missões ou continuar depois de adulta. Existem muitos cavaleiros que tentam, mas não fazem isso por vários motivos.

— Tudo faz a diferença, Mariko. Quanto mais conhecimentos temos melhor, —disse Ricco, sua voz gentil. — Nós investigamos completamente todos os que visamos.

— Não estamos visando Osamu, —apontou Mariko. Ela olhou de um irmão para o outro. — Nós estamos? É possível que ela tenha recebido a nota e colocado no meu quarto?

Tão terrível quanto sua infância havia sido, Osamu ainda era a única mãe que ela conhecia. O sofrimento que tinha vivido nessa casa todos os dias. Osamu tinha sido uma boa mulher, uma cavaleira, uma mãe de dois meninos que ela adorava. Uma esposa. Daí amava-a apesar da tristeza ter pesado e a mudado. Ele sempre voltava, e mais de uma vez, Mariko o viu segurando Osamu enquanto ela chorava. Ela não queria que os Ferraro pensassem que Osamu era ruim. As pessoas tinham camadas sobre elas. Ela nunca experimentou o lado compassivo e bom de Osamu, mas ela tinha visto isso em suas interações com Ryuu e Daí. Ela a ouviu rir com os amigos dela.

— Estamos apenas investigando, —disse Stefano. — E precisamos de todos os fatos.

— Desculpe, acho que não pensei em dizer-lhe que ela tinha treinado. Ela nunca foi um cavaleiro oficial nem saiu em missões. Algo sobre entrar nos tubos a deixa violentamente doente.

— Mariko, —disse Stefano. — Há uma razão pela qual não investigamos perto de casa. Você está esquecendo fatos importantes porque você não quer ver a verdade.

— Você admitiu que acredita que Osamu escorregou a nota por baixo da sua porta, —Ricco apontou gentilmente, dando a seu irmão um olhar de aviso. Ele

envolveu o braço em volta de sua cintura e puxou suas costas contra ele, segurando-a apertado.

Ela não queria ser a causa de uma briga entre os irmãos, mas ... — Ocorreu-me que qualquer cavaleiro da sombra poderia ter colocado essa nota no meu quarto. Teria sido bastante fácil de fazer.

— É verdade, —disse Stefano. — E muito fácil para Osamu. Deixe-nos fazer as perguntas.

Não havia como se afastar daqueles olhos escuros e atraentes. Mesmo com Ricco a rodeando com a força de sua personalidade, com sua força e proteção, seu irmão mais velho era simplesmente assustador. Ela assentiu, não porque ela estivesse intimidada, mas porque, como cavaleiro, sabia que ele estava certo.

Ela estava muito envolvida emocionalmente. A vida de seu irmão estava em perigo—se ele ainda estivesse vivo. Não houve nem uma palavra dos sequestradores. Nenhuma. O que não era um bom sinal. Ela não podia se deixar pensar assim. Ela tinha que acreditar que ele estava vivo e, de alguma forma, os Ferraro ou o Conselho Internacional, em suas investigações, encontrariam a trilha de Ryuu.

— Prepare-se, —advertiu Ricco.

Stefano assentiu com a cabeça para Franco e seu primo pisou na frente deles, um pequeno dispositivo em suas mãos. As luzes piscaram, caíram e depois brilharam em toda a área onde o avião estava estacionado. As sombras correram em cada direção, pelos degraus, passando pelas estranhas composições magnéticas dos corpos deles.

Ricco assumiu a liderança, entrando em um tubo sem hesitação, escolhendo um que se relacionava com tantos outros. Mariko entrou atrás dele, sentiu como

se o corpo estivesse se quebrando. Era fácil ver por que alguns cavaleiros potenciais não o faziam. Ter o corpo destruído uma vez após outra era difícil. Era preciso estar em forma física máxima em todos os momentos para suportar o uso dos tubos para ir de um lugar para outro. As consequências muitas vezes podiam deixá-los extremamente doentes como Osamu ficava. Mesmo dentro de uma família de cavaleiros, não era incomum que alguns membros fossem incapazes de trabalhar como cavaleiros.

Mariko hesitou em sair do tubo, mesmo sabendo que estava bloqueando Stefano de emergir diretamente na entrada de Dai e Osamu. Apenas por olhar para a casa, ela se sentiu diferente. Sua confiança recém-descoberta vacilou ao ver a casa em que ela cresceu. Ela sentia-se como a menina indesejada, filha de uma prostituta de rua, desprezada por Osamu e seus amigos.

O círculo de mulheres era muito poderoso. Elas poderiam fazer o bem ou poderiam ser muito feias em seus julgamentos. Suas vozes podiam influenciar as ideias dos maridos e moldar as opiniões de seus filhos. A voz de Osamu tinha sido alta e as de suas amigas tinham sido mais altas. O desdém dela coloriu sua vida, espalhando-se para os outros cavaleiros.

Ela sabia que o treinamento para cavaleiro teria sido diferente se seus amigos tivessem famílias que não lhes dissessem que se afastassem dela. Kichiro admitiu que sua mãe não teria aceitado como nora.

Uma mão no ombro a fez saltar. Stefano inclinou-se para ela, meio dentro, meio fora do tubo. — Você não precisa fazer isso, *la mia sorellina*[18]. Se você está fazendo isso por orgulho, basta saber que você é uma de nós e não temos

[18] **la mia sorellina** – minha irmãzinha, em italiano

problemas para fazer isso sem você. Nós protegemos os nossos. Eu esperaria que você me cobrisse e se eu precisasse. Família é tudo.

Chamando-a de irmãzinha. Incluindo-a na família. Ela nunca tinha tido isso antes. Ela respirou fundo quando Ricco se aproximou dela, preocupação em seus olhos. Ele puxou-a para debaixo de seu ombro.

— Diga-me o que você precisa Mariko.

Ela estava muito apaixonada por ele. Uma mão dele tinha ido para sua nuca, seus dedos massageando a tensão dela. Um dedo deslizou pela nuca. Esse pequeno gesto que ele sempre usava antes de começarem o Shibari juntos. Ele sempre a acalmava. Centrava-a. A fez sentir-se poderosa com aquele pequeno gesto íntimo.

— Você acabou de me dar, —ela assegurou. — Vocês dois. Estou pronta e vou seguir sua liderança.

— Fique no fundo, tanto quanto possível, —aconselhou Stefano.

Ela era boa nisso. Boa em ser quase invisível. Ela praticou não chamar a atenção para si mesma desde que era criança. — Eu vou, —disse ela, porque eles precisavam ouvir que ela era forte o suficiente, que ela confiava neles.

Os três subiram os degraus da frente. As escadas eram de madeira e levavam até a casa. Era considerada luxuosa, em boa parte de Tóquio, onde moradores tinham pequenos jardins com árvores e folhagens em abundância. Era pequena e, embora tivesse quatro quartos, só tinha um banheiro. Toda a casa poderia se encaixar na suíte dela na propriedade de Ricco.

Osamu respondeu a batida e os olhos se arregalaram quando ela recuou para permitir que Stefano, Ricco e Mariko entrassem. Ela não cumprimentou Mariko, mas ela inclinou a cabeça por respeito aos cavaleiros. Daí entrou imediatamente, alarme em seu rosto.

— Stefano. Ricco. É bom vê-los. —Ele não pareceu feliz em vê-los.

Mariko sabia que o Conselho Internacional já havia questionado e ele tinha sido inflexível que seus filhos tinham sido mortos em um acidente de carro—e que a família Tanaka também estava lá.

Ele acenou para os cavaleiros em direção a cadeiras. Mariko não disse uma palavra, mas escorregou para o canto onde passou a maior parte de sua infância.

— Nós viemos falar com Osamu sobre um assunto muito urgente, —Stefano disse. — É extremamente importante.

Daí parecia chocado que não o confrontassem com seu testemunho ao Conselho Internacional. O alívio se estabeleceu em sua face e ele quase relaxou. — Osamu. —Ele levantou a voz para convocar sua esposa, que tinha entrado na cozinha para fazer chá.

Ela veio imediatamente, tão rápido que Mariko estava certa de que ela não estava na cozinha.

— Esses cavalheiros precisam falar com você.

Osamu sorriu e inclinou a cabeça. — Mariko. Nós precisamos de chá. Ela nem olhou para o canto onde Mariko se instalou quando fez o pedido.

— Mariko já não reside em sua casa, —disse Ricco. — Nem é sua empregada.

Osamu parecia confusa. — Ela pode não morar mais aqui, mas ela ainda é *minha* filha. Ela esqueceu que eu a peguei e criei quando nenhuma outra teria feito?

Mariko ficou muito quieta. Osamu usou a máscara de *"mãe"* muitas vezes quando eles tinham companhia, apontando as falhas de Mariko como filha. Daí parecia compactuar com ela a cada momento. Stefano e Ricco agiram como se adotassem Nicoletta em sua família. Eles podiam acreditar que Osamu pensava

nela como uma filha. O sutil lembrete de *"Eu a peguei e a criei quando nenhum outro teria"* era tudo sobre deixar que outros soubessem que ela vivia as ruas.

— Mariko não esqueceu nem uma única coisa, —disse Ricco. — Agora ela está aqui como minha noiva, *não* sua filha, e o que precisamos discutir com você preocupa a ela. Ela precisa estar aqui.

Ele deixou claro, e não houve sutileza sobre isso, que Mariko estava sob sua proteção. Osamu não deixou de entender. Ela deu a Mariko um olhar de puro ódio venenoso. Se instalou na cadeira ao lado de seu marido e olhou para Ricco.

— Noiva? —O desgosto torceu a voz dela. — Você é um cavaleiro com um ótimo nome. Você permite que a filha de uma prostituta o seduza a ponto de dar-lhe um anel?

Ricco chocou Mariko, recostando-se de volta na cadeira, juntando os dedos e se dirigindo a Daí por cima deles. — Desde quando a grosseria com os cavaleiros de sombra e suas famílias é tolerada? Esta família caiu muito desde que eu era um menino. Houve uma vez que o nome Saito foi altamente respeitado. Agora, sua mulher insulta tanto minha noiva quanto eu, em sua casa, bem na sua frente. É triste que sua esposa não o respeite a ponto de insultar um colega em sua própria casa. Você tem minha simpatia.

Stefano se moveu, acenando com a cabeça. — A minha também, Dai.

Custou toda a disciplina que Mariko possuía para permanecer quieta e sossegada em seu pequeno canto. Osamu parecia que ia ter um derrame. Seu rosto estava manchado em um vermelho beterraba e ela explodiu, tentando provocar um protesto. Dai lhe deu um olhar de resignação e desapontamento.

— Basta, Osamu. Você deve responder as perguntas, não dar sua opinião. — Sua voz era baixa e vencida. Ele abaixou a cabeça e pegou as *contas de preocupação*[19] que ele sempre mantinha por perto.

Mariko sabia que Osamu detestava essas contas.

— Estamos procurando o irmão de Mariko, —disse Stefano. — Você sabe onde ele está?

Osamu gargalhou, soando exatamente assim, para os ouvidos de Ricco, como as bruxas dos filmes de terror. O estranho riso fez Daí levantar e começar a andar. Ele olhou para a esposa. Ela manteve os gritos, balançando-se para trás e para frente, olhando para todo mundo como um corvo velho.

Ao mesmo tempo, Mariko tinha considerado Osamu bonita—a mais bonita de todas as mulheres em seu círculo. Não havia nada dessa beleza agora. Ela parecia velha e malvada. Mariko mal podia olhar para ela, mal podia ver a mulher que tinha esperado que um dia viesse a ver que ela tentara o seu melhor para ser uma boa filha.

— Osamu! —Daí pressionou as mãos nos ouvidos. — Pare com isso neste instante.

Osamu ficou séria imediatamente, como se o marido tivesse lhe dado uma bofetada.



19 **Contas de preocupação:** É um sistema de meditação que o praticante utiliza um cordão de contas para repetir mantras de forma concentrada e relaxada completamente.

— Responda a pergunta de Stefano. —Daí caminhou pela sala, virando as costas para ela como se estivesse enojado.

Osamu mostrou os dentes para Stefano. — É claro que sei onde ele está, mas você nunca vai o encontrar. *Nunca.*

— Osamu, —Mariko sussurrou. — Como você pode fazer parte para prejudicá-lo?

Ricco balançou a cabeça, o gesto quase não perceptível, mas Mariko assentiu com a cabeça, com vergonha de ter quebrado o silêncio quando ambos os homens haviam pedido especificamente para não fazer.

— Você não fez o seu trabalho, Mariko, e era tão simples. Assim como os trabalhos, que eu te dei na casa. A cozinha e a limpeza. Tarefas muito simples, mas você sempre as arruinou.

A atenção de Osamu estava inteiramente sobre ela agora. Mariko percebeu por que os irmãos haviam pedido que ela não falasse. Sua própria presença a incitava.

Osamu inclinou-se para ela. — Você era uma criança horrível, sempre querendo escapar do trabalho. Eu tive que bater em você para manter sua atenção em suas tarefas. Você precisava de atenção o tempo todo. A cada segundo do dia. Você atropelou seu próprio irmão para que ele não pudesse ser treinado. Você queria todos os elogios para você mesmo.

— Ela não atropelou Ryuu, —Ricco objetou. — Você esqueceu que eu estava lá naquela noite? Eu vi todos eles. Eu testemunhei o que eles fizeram. Nao Yamamoto pisoteou Ryuu. Eu vi Mariko salvá-lo. Ela chutou Nao e afastou a atenção dele longe de seu irmão.

— Você mente! —Osamu gritou seu rosto novamente torcido. — Por que você mente, Ricco? Nós sempre tratamos você como um filho. Por que você mentiria sobre essa garota? —Suas feições ficaram malvadas. — Você está *fodendo* com ela, não é? Eu sabia que você iria. Sua mãe era uma prostituta na rua e sua filha é igual a ela.

— *Basta,* Osamu, —Daí respondeu, de costas para ela. Ambas as mãos estavam atrás das costas, os dedos apertados em dois punhos. — Responda-os imediatamente. Onde está o garoto?

Ao chicote de comando de Daí, Osamu afundou de volta na cadeira, parecendo pequena e derrotada. Ela começou a se balançar, os braços em volta dela. — Onde ele está? Onde ele está? —Sua voz subiu em uma cantoria. — Onde ele está? —Ela cantava-o mais e mais.

Dai virou-se de onde olhava pela janela para olhar sua esposa. Para o horror de Mariko, havia lágrimas em seus olhos. — Osamu, por favor. Diga-lhes onde Ryuu está então eles podem ir. Você está ficando agitada novamente.

Era muito difícil assistir a loucura de Osamu—não havia dúvida de que Mariko estava olhando uma mulher totalmente insana. Por vezes, ela ficaria louca e então, quando olhou para o marido, ela desmoronou completamente. Era tudo o que podia fazer para não ir para a mulher e tentar confortá-la. Ela deve ter feito um movimento em direção a Osamu porque a mão de Ricco de repente disparou e pegou seu pulso com um aperto semelhante a uma algema.

A ação atraiu o olhar de Osamu e, instantaneamente, sua expressão mudou novamente. O ódio estava marcado em cada linha do rosto. — Você é uma criatura vil. Tentando os homens como sua mãe. Ela arruinou Daiki. *O arruinou.* Ele era

um cavaleiro de talento inimaginável, mas ele foi tão fraco, deixando-se seduzir por aquela cadela.

Daí balançou a cabeça e saiu da sala, o rosto mostrando a idade, a fadiga, e uma tristeza terrível que ia além de todas as palavras. Seus ombros caíram e ele olhou para Mariko como se tivesse envelhecido na sua frente.

— Osamu. —A voz de Stefano era muito baixa, quase muito baixa para ouvir, mas a atenção da mulher imediatamente se virou para ele. — Você deveria nos contar onde está Ryuu.

Ela balançou a cabeça e começou a cantar novamente. — Você nunca o encontrará.

— Nao Yamamoto está com ele?

Osamu tocou o joelho com o punho. — Ele não tem muito tempo de vida. O tempo está se esgotando para ele. —Ela voltou a cabeça em direção a Mariko. — Você deveria ter matado Ricco Ferraro, não fodido com ele. —Ela jogou a cabeça para trás e começou a rir histérica como se ela tivesse contado uma boa piada. — Não que isso te fizesse boa, mas os outros cavaleiros saberiam como você quebrou o código e matou outro cavaleiro.

— Osamu. —Stefano chamou sua atenção para ele. — Nós precisamos saber onde está Ryuu.

— Você precisa? Os Ferraro *oh-tão-perfeitos* precisam de algo de Osamu? —Ela olhou para Ricco. — Eu quero meus filhos de volta. *Ele* os tirou de mim. Me dê meus filhos de volta e eu vou te dizer o que você quer saber.

— Você sabe que isso é impossível, Osamu. —Stefano continuou a usar o nome dela na tentativa de manter sua atenção focada nele.

Ela se inclinou para Ricco. — Você vai morrer, mas antes, você vai sofrer. Todo mundo que você ama morrerá, incluindo essa cadela.

Ricco permaneceu passivo, recusando-se a morder à isca, nem mudar de expressão. Ele simplesmente olhou para a mulher. Mariko sentiu uma urgência desconhecida tentando convencê-la a tirar Osamu da loucura que parecia tomá-la.

— O que Ryuu sempre fez para você? —A questão explodiu nela. — Ele amava você, Osamu. Como uma mãe. Ele pensava em você como sua mãe. Como você pôde ajudar Nao a machucá-lo? Você nunca gostou de mim, eu aceito isso, mas Ryuu gostava de você.

Os dedos agarrando seu pulso apertaram-se ao ponto de machucá-la. Ela sabia que nenhum dos homens queria que ela falasse, mas Ryuu era seu irmão, Osamu, a única mãe que qualquer um deles lembrava. Certamente, ela tinha que ter *algum* sentimento por Ryuu. Ele só era um bebê quando eles foram entregues a Osamu.

Ela tentou arrancar a mão dos dedos restritivos de Ricco, querendo se atirar em Osamu e forçar a mulher a dizer-lhes onde seu irmão estava preso. Ele se recusou a deixá-la ir.

— Você vai me dizer onde meu irmão está neste minuto, —Mariko exigiu.

Osamu saiu de sua cadeira, voando em Mariko, o ódio torcendo mais uma vez rosto bonito. Em sua mão, ela apertava uma adaga que ela havia tirado de dentro do casaco. Ricco empurrou Mariko de lado enquanto Osamu pulava a curta distância entre eles. Sua cadeira caiu enquanto ele ficava de pé, tentando julgar quando ela atacaria na esperança de desarmá-la antes de cortá-lo.

O tempo desacelerou. Espiralou. Mariko caiu no chão, mas toda sua atenção centrada na adaga na mão de Osamu. Naquele momento, ela sabia que não viveria

sem Ricco. Ele era sua escolha. Ele sempre seria sua escolha, e ela o arriscou ao não ouvir os dois homens. Estavam certos. Um cavaleiro não podia estar envolvido emocionalmente, e agora ela estava perto de perder o homem que amava.

Ela tentou se mexer no chão, para distrair Osamu o suficiente para que Ricco pudesse assumir o controle da adaga. Osamu olhou diretamente nos olhos de Ricco, fúria, determinação e ódio em seu rosto enquanto ela deslizava o braço para alcançá-lo.

Um tiro soou. O som foi tão alto no espaço confinado que os ouvidos de Mariko doeram. Um buraco vermelho floresceu no peito de Osamu, bem no seu coração. O olhar de Osamu mudou-se do rosto de Ricco para sobre o ombro dele. Mariko seguiu seu olhar. Para seu horror, Daí estava ali com uma arma na mão, olhando para a esposa, com uma expressão tão dolorosa, que Mariko sentiu a queimadura das lágrimas.

Muito devagar, o corpo de Osamu caiu, primeiro de joelhos, e então ela se inclinou para frente e caiu no chão. Ricco e Stefano não tiraram os olhos de Dai e da arma na mão dele. Ricco estendeu a mão para Mariko, mas não a olhou.

Mariko pegou sua mão e ele a puxou para cima, mas a empurrou para trás. — Fique aí. —Era um comando, nada menos, e o tom trazia uma promessa de retaliação se ela não ouvisse.

— Daí, —disse Stefano, falando com a voz suave que ele sempre parecia usar. — Me dê a arma.

Dai recuou de seu alcance, balançando a cabeça. — Nada disso foi culpa dela.

— Você precisa me dar a arma.

— Não foi culpa dela. Nada disso, —reiterou Dai, lágrimas escorrendo por seu rosto. Ele se moveu cuidadosamente ao redor de Stefano e Ricco até estar parado ao lado de sua esposa. — Era aquele menino. O garoto Yamamoto. Ele era doente. Insano. Os pais dele sabiam disso. Todos nós sabiamos, mas ninguém queria ir contra Isamu.

— Daí, me dê a arma e vamos chamar o conselho, —disse Stefano.

Dai lentamente baixou-se até o chão, seu aperto na arma nunca vacilando. Ele puxou o corpo de Osamu em seu colo e começou a balançar para frente e para trás como se pudesse confortá-la. — Isamu era meu cunhado, irmão de Osamu. Ela o adorava, e não importava o que eu dissesse sobre permitir que os meninos estivessem com Nao, ela queria agradar o irmão. Eu sabia melhor, mas não podia ver Osamu infeliz.

— Daí. —Stefano aproximou-se. — Me dê a arma.

Dai balançou a cabeça. — Deixe-nos, Stefano. Pegue Mariko e vá. Seus aguados olhos levantaram para o rosto de Mariko. — Você é uma Tanaka. Uma cavaleira de primeira qualidade. Eu dei você e Ryuu a Osamu, esperando que isso lhe desse algo para amar. Em vez disso, ela foi cruel com você. Mesmo assim, eu não pude ser duro e tirar você dela porque ela não tinha outra saída. No final, falhei com todos, mas mais que tudo, comigo mesmo.

— Daí, dê a arma a Stefano, —Mariko implorou, sem muita esperança.

— Vá, minha querida. Deixe-nos agora.

— Você sabe onde Ryuu está?

Daí balançou a cabeça. — Infelizmente não, me escondi pelo país quando Osamu ficava muito mal. Eu sei que, qualquer conspiração que ela tenha criado, ela não estava sozinha. Não sei quem a estava ajudando, mas enquanto eu estava

aqui, ela falava frequentemente aos sussurros com alguém no telefone. Agora, vá e deixe-nos em paz.

Ricco pegou sua mão, enfiou os dedos entre os dela e a puxou até que ela estivesse debaixo do ombro dele. Ele a afastou do único pai que ela conheceu. Ela tropeçou uma vez, mas continuou andando com ele, Stefano atrás dela. A arma soou forte outra vez na casa, como um boom de trovão, machucando os ouvidos. Mesmo já esperando, ela gritou, estremecendo. Ricco continuou andando, seu braço apertado em torno dela.

Ela não entendia. Osamu era totalmente insana, e ainda assim Dai a amava por todos esses anos. Claramente, houve algo entre Osamu e Daiki Tanaka em algum momento, e Osamu se ressentiu da mãe de Mariko porque ela de alguma forma roubou Daiki dela. Por que Osamu não foi feliz com o homem que estava mostrando-lhe tanto amor e compreensão ao longo dos anos em que estiveram juntos?

— Nós temos que entrar nas sombras quando sairmos, —Ricco sussurrou seus lábios escovando a orelha dela. — Ninguém pode nos ver. Não podemos ocultar o avião, mas Stefano tem negócios em Tóquio e parece que ele veio aqui por isso.

Mariko assentiu ainda muito atordoada para pensar com clareza. Dai tinha atirado em sua esposa e então tirou sua própria vida. Osamu se recusou a dizer-lhes onde Ryuu estava. Ela atuou como se fosse histericamente engraçado eles estarem procurando Ryuu e tinha o escondido tão bem com seus sequestradores que ninguém jamais conseguiria chegar até ele antes que fosse tarde demais. Mariko pressionou a mão com força sobre seu coração acelerado. Ela tinha que diminuir a respiração antes de entrar na sombra. Ela era uma cavaleira. Ela tinha que conseguir.

— Mariko. —Ricco parou na porta, voltando-se para ela, levantando o queixo com dedos suaves, seu corpo impedindo Stefano de ver as lágrimas ardentes nos olhos.

Era a sua gentileza que a desfazia, o olhar suave no rosto dele. Ela não sabia o que fazer com o amor. Ela nunca tinha tido isso, nunca soube que o sentimento poderia ser tão esmagador.

— Vamos encontrá-lo, —assegurou Ricco. — Os investigadores também estão procurando por ele. Nós iremos tirá-lo de Nao.

Ela assentiu porque sabia que ele queria dizer isso. Ela estava perdendo a esperança, mas tinha que se apegar à sua crença nele. Ele tinha um jeito sobre ele que gritava confiança. Ele não parecia pensar que Ryuu estava morto. Sua palma se enrolou na nuca, do jeito que suas cordas se curvavam em seu corpo quando ele a amarrava—a maneira como seus braços se sentiam quando ele a segurava. Sólida. Segura. Conectando-os.

Sua testa tocou a dela. Sua respiração era quente contra os lábios dela. Ele beijou o caminho até o olho esquerdo, sua língua pegando as poucas lágrimas que conseguiram correr pela bochecha dela. Ele deixou uma trilha de beijos de seu olho direito até a boca, tirando as lágrimas.

— Nós temos que ir, Ricco. —A voz de Stefano tinha uma nota urgente, e compaixão.

— Eu vou te ajudar a passar por isso, —prometeu Ricco, não se virando ou reconhecendo o aviso de seu irmão.

Ela sabia que ele ouviu. Ele simplesmente não ia apressá-la antes que ela estivesse pronta. — Eles foram os únicos pais que conheci. Dai era amável às vezes e indiferente em outros. Às vezes ela me acusava de flertar com ele. Isso começou

quando eu tinha cerca de dez anos, então nós tínhamos o cuidado de nunca ficar sozinhos. Ele se tornou na maior parte indiferente depois disso.

Ela respirou fundo. A palma dele se curvando em volta de sua nuca, o polegar deslizando ao longo de sua bochecha em uma pequena carícia, a respiração, quente e tão firme como a batida de seu coração dele, deu-lhe uma sensação de calma. Ela ajustou seus ombros. — Estou pronta.

— Você é minha mulher, Mariko. Eu sei que nasci para estar com você. Amar você. Quando as coisas estiverem ruins, você me tem. —Ricco levantou a mão esquerda dela para a boca dele, beijando o anel em seu dedo. — Você tem minha família. Você não está sozinha, *amore*.

Ela assentiu, embora não soubesse por quê. Ela não entendia mais nada. Ela estava aterrorizada por seu irmão, e mesmo no último minuto, quando Osamu teve a chance de ser uma mãe tanto para Ryuu quanto para ela, a mulher tinha escolhido não ser. Ela preferiu sacrificar a vida de Ryuu do que fazer uma coisa decente para Mariko.

Ricco empurrou o queixo em direção à porta. Stefano estava olhando as sombras enquanto as luzes em volta das casas lançavam padrões nas escadas, paisagens e nas ruas. Ele abriu a porta e foi instantaneamente engolido por uma sombra. Ricco recuou para permitir que Mariko o precedesse. Ela o fez sem hesitação. De repente, a sombra a separou, puxando-a depois de Stefano.

Pela primeira vez, o tubo pareceu reconfortante apesar da terrível pressão sobre seu corpo. Era familiar para ela. O estranho sentimento de estar separado. A sensação estranha como se o tubo fosse uma onda gigante que rolasse sobre ela e estivesse prestes a estourar em sua cabeça. Ela tinha montado as sombras desde

que tinha dois anos de idade. Parecia mais familiar para ela do que a casa em que ela cresceu.

Na privacidade do tubo, ela podia admitir que estava devastada, que a traição de Osamu a Ryuu era tão inesperada e dolorosa que mal poderia compreendê-la. Ela sempre acreditou que Osamu se importasse com Ryuu. Talvez ela não o amasse como uma mãe normal amaria seus filhos, mas ela o criou desde que ele era um bebê. Ele continuou a viver com Osamu até alguns anos atrás.

Ela seguiu a liderança de Stefano, mudando de sombra para sombra até eles estarem de volta ao aeroporto. Franco estava esperando com a porta do avião aberta, as luzes fornecendo as sombras necessárias para deslizar as escadas diretamente para a privacidade do interior. Assim que Ricco entrou com segurança, Franco falou em seu celular e um carro abriu caminho até o avião.

Stefano imediatamente se virou para Mariko, tocando sua bochecha gentilmente. — Eu tenho que ir para essa reunião. Você fica fora de vista. Volto assim que puder.

Ela sabia que a reunião era seu disfarce, o motivo pelo qual o avião Ferraro estava em Tóquio. Ela assentiu.

— Me desculpe, Mariko. Não havia nada que pudéssemos fazer para evitar isso. Osamu claramente estava fora de si.

— Dai não aguentou mais, —ela murmurou.

— Você sabe que era mais do que isso, —disse Stefano suavemente. — O Conselho Internacional estava investigando seus crimes. Daí sabia que eles seriam considerados culpados, e ele não queria enfrentar as mentiras que tinha contado a seus amigos e familiares. Ele era um homem orgulhoso, mas um fraco. Ele permitiu que o nome Tanaka fosse tirado de você e seu irmão. Ele permitiu que

você fosse mal tratada em sua casa. Não lamente Daí ou Osamu Saito. Eles não merecem suas lágrimas ou tristeza. Justiça estava vindo para eles, e Daí tomou a saída mais fácil. —Ele a tomou em seus braços para um breve abraço e depois saiu, como se estivesse saindo do avião pela primeira vez.

Ricco envolveu seus braços ao redor dela e a levou para o luxuoso interior. — Ele está tentando dizer que você tem uma família, Mariko. Nós te amamos e nós a ajudaremos a encontrar Ryuu.

— Você acha que ele está vivo? —Ela não pôde deixar de perguntar, mesmo que ela não estivesse certa de que quisesse ouvir a resposta.

— Ele está vivo, —ele assegurou.

Seu olhar saltou para o rosto dele. Era, como sempre, impossível de ler. Alguma coisa em seu tom enviou arrepios sobre sua carne e ela esfregou-a braços. Ricco podia ser muito intimidante quando queria.

18

— Eu me perguntava como diabos eles foram capazes de saber onde todos nós estávamos. —Disse Taviano. — Em que loja estava Emme. Onde estava Nicoletta. Até a amante de Phillip. Como nossos inimigos manteve o controle sobre nós sem o nosso conhecimento?

O apartamento de Stefano era mais uma vez o lugar de reunião para todos os irmãos de Ricco. A cobertura cheirava deliciosamente. Francesca e Taviano tinham preparado um jantar depois de uma brutal sessão de treinamento no enorme salão de treino de Stefano. Foi a primeira vez que Mariko treinou com eles, mas eles não pegaram leve com ela. Ela estava feliz de eles respeitarem-na o suficiente, depois de vê-la trabalhar, para tratá-la como um oponente real. Ela também não fez isso com eles.

Somente Stefano, Ricco e Taviano puderam ficar com ela, e Stefano ficou sobre Ricco como um falcão. Emmanuelle ainda estava usando o imobilizador e a faixa para evitar mover o ombro. Vittorio estava fora do hospital. Ele observou os treinos, mas ainda estava proibido de lutar contra um de seus irmãos ou irmã. Ele trabalhou um pouco na esteira, mas na maior parte foi alongamento. O fêmur de Giovanni estava quebrado e precisava de cirurgia extensiva. Ele tinha hastes e pinos na perna. Era mantido imóvel por uma longa armadura. A recuperação era de no mínimo quatro meses, mas mais provavelmente seis. Isso era imperativo que todo o metal fosse removido para ele voltar a montar. Ele estava lá, pálido e dolorido, mas não se queixou.

— Você descobriu? —Stefano perguntou quando pegou a cesta quente de pão de alho com manteiga e sal. — E qual a fixação em Nicoletta? Você descobriu isso?

Giovanni tentou pegar o macarrão, não conseguiu então Mariko colocou a massa em seu prato. Ela adicionou dois pedaços de pão de alho e uma muito grande quantidade de salada antes de se servir.

— Obrigado *mia sorellina*. Eu aprecio que você me alimente. —Ele olhou para seus irmãos.

Vittorio encolheu os ombros. — Eu gosto muito de você não conseguir chegar à mesa corretamente, Gee. Mais comida para mim e eu nem tenho que trabalhar para isso. Ele não vai morrer de fome sem algumas refeições, Mariko.

— Vittorio. —protestou Francesca. — Isso é tão malvado.

— Ele está me chutando enquanto eu estou para baixo, —Giovanni apontou, claramente procurando simpatia e um aliado em Francesca.

— Vittorio. —Francesca enviou-lhe um olhar severo. Os Ferraro explodiram em risadas. Mariko também teve que sorrir. Francesca não parecia severa nem que tentasse. Ela parecia doce, assim como Lúcia. Ela podia ver por que a família a considerava seu centro com Stefano e era protetora com ela. Ela se sentia um pouco protetora com ela também.

Stefano passou o prato para sua esposa e ela colocou uma porção saudável de macarrão sobre ele. — Taviano. O que você achou?

— Câmeras. Em toda a aldeia. Na casa de Eloisa. No lobby do hotel e posicionadas em toda a rua registrando todas as entradas. Uma vez que percebi que nós praticamente tivemos nosso próprio reality show, verifiquei as casas de todos. As câmeras eram posicionadas pelas ruas e, às vezes, nas garagens. —Ele deu uma mordida na massa, mastigou, engoliu e continuou. — As câmeras foram instaladas há algum tempo atrás. O suficiente para que haja sinais de ferrugem nos parafusos de montagem. Quem seja, é muito bom com vigilância. Sabe o que está fazendo. —Ele pegou outro bocado de massa e mastigou, então acenou seu garfo para eles. — Eu acho que quem colocou essas câmeras também fodeu o carro de Ricco.

Mariko olhou rapidamente para Ricco. Ele estava sentado perto dela, perto o suficiente para que suas coxas estivessem se tocando. Ele fez isso muito nos

últimos dias. Eles voltaram do Japão e ele ficou perto dela, muito protetor. Ela teve pesadelos e ele sempre esteve lá, segurando-a, dizendo a ela que tudo ia ficar bem e que ela não estava sozinha.

Estava aterrorizada de que pudesse perder Ryuu. Ele era toda a família que tinha. Doía descobrir o quanto Osamu a odiava. Daí sabia, ele sabia exatamente como Osamu a tratava, e ele não interferiu. Mariko tinha sido uma criança. Tinha três anos quando sua família havia sido massacrada. Agora ... Ela lutou contra o pânico. Ela não *podia* perder Ryuu.

Ricco se moveu em sua cadeira, sua palma ondulando em volta da nuca. Ela piscou, olhou ao redor e descobriu que toda a família estava olhando para ela. Todos eles. Compaixão em seus rostos.

— Estamos com você, Mariko, —disse Emmanuelle. — Todo o caminho. Estamos com você. Você é de Ricco, mas também é nossa.

Ela sorriu, mas até curvar a boca doeu quando queria desesperadamente chorar. Eles tiveram um ao outro. Eles sempre se tiveram. Não importa o quão ruim foi para eles, eles tiveram um círculo de amor absoluto e lealdade. Ela nunca conheceu isso. Era uma luta acreditar que era real, e eles estavam estendendo esse amor de família para ela. Ela não estava certa de que pudesse se fazer acreditar que era digna disso quando lhe disseram com tanta frequência que não era.

O dedo de Ricco deslizou por sua nuca, estabilizando-a. Conectando-a. Ela não sabia por que funcionava, mas sim. No momento em que sentiu aquela pequena carícia, ela sentiu-se forte novamente. Completa. Não porque ela estivesse com ele, mas porque ele de alguma maneira conseguiu, através da arte da corda, capacitá-la como mulher e como ser humano. Ele estava lhe oferecendo a vida dele. Mais de uma vez, ele se tornou vulnerável a ela. Ela tinha que segurar

isso com ela. Lembrar-se de cada vez que teve a certeza de que Ricco sentia que ela era digna. Sua família se sentia assim. Ela *tinha* que chegar a essa conclusão, e o Shibari a iniciou ao longo desse caminho.

— Tento não pensar sobre Ryuu e sobre o que ele deve estar passando. Osamu o deixou tão confuso, que ele provavelmente pensa que não estou procurando-o.

— Todos estão procurando, —disse Stefano gentilmente. — O Conselho Internacional e todos os cavaleiros que temos. Estamos todos tentando pegar a trilha.

No entanto, ninguém tinha. Isso é que era tão perturbador. Ela pegou o macarrão e colocou na boca, embora tivesse gosto de papelão para ela. O choque de ver Daí atirar em sua esposa e depois saber que ele se matou...

— Nós realmente não vimos o corpo de Daí, —ela disse, virando a cabeça para olhar para Ricco. — E se ele não se matou e queria que pensássemos que sim. Ele é inteligente. Ele poderia estar por trás disso.

Os dedos de Ricco apertaram ao redor de seu pescoço. Ele balançou sua cabeça. — A policia os encontrou. Os corpos foram levados ao necrotério e os membros do conselho japonês, bem como os do Conselho Internacional, os viram. Quando estávamos presentes.

Emmanuelle franziu a testa. — O que isso significa? Eles suspeitaram de nós?

Stefano levantou a mão quando seus irmãos protestaram alto. O coração de Mariko ficou nervoso. Ela poderia muito bem ter deixado toda a família Ferraro em problemas com o conselho.

— *Farfallina mia.* —Ricco se inclinou para ela, seus lábios escovando sua orelha. — Eles sempre estiveram atrás de mim. Você foi sugada na *minha* bagunça.

O fato de Taviano poder dizer que as câmeras estiveram lá por muito tempo significa que eles estavam planejando isso por um bom período de tempo.

— Ou eu estou perdendo minha cara de poker, ou você pode ler minha mente, —ela objetou.

— Você nunca teve cara de poker, —disse Ricco, — mas esse golpe na cabeça me deu habilidade psíquica. Eu *posso* ler sua mente.

— O que *exatamente* ela está dizendo neste momento? —Ela perguntou, tentando não rir. Ele sempre podia fazê-la rir, mesmo nas piores circunstâncias.

— Até eu posso ler essa mensagem, —Giovanni disse. — É melhor comer o macarrão se quiser manter o que resta de sua cabeça.

— Isso seria o correto, —ela concordou.

Os irmãos entraram em erupção em outra risada. Desta vez, ela se juntou a eles, se sentindo uma parte deles. Eles tinham uma maneira de envolver um ao outro, como as cordas de Ricco, confortáveis, colocadas perfeitamente para manter-se seguros.

— As câmeras podem ser rastreadas, —apontou Vittorio quando todos estavam sóbrios. — Passe o pão de alho, por favor, Giovanni. Pare de comer tudo. Você vai ficar gordo sentado em sua bunda, comendo a comida fina de Francesca.

— Vittorio. —Francesca tentou outro olhar severo.

— Eu estou *ajudando* ele. Um bom conselho, você sabe. Ele não pode trabalhar por um tempo, o que significa acumular calorias. Pão de alho—ele pegou três pedaços—é rico em calorias.

— Você não está exatamente trabalhando agora. —Giovanni conseguiu arrancar os pedaços de pão do prato do irmão. — Se você chamar esse alongamento de trabalho, eu vou te chamar de garota.

Emmanuelle levantou a cabeça. Ela franziu o cenho para o irmão. — O que isso significa? Sou uma garota. Você está dizendo que eu sou ruim porque sou mulher?

Vittorio sorriu para o irmão. Giovanni o afastou e depois sorriu alegremente para sua irmã. — Ninguém ousaria dizer que você não é durona, *bella.*

— *Humm.* —pensou Taviano. — Eu acredito que o *príncipe,* Val Saldi, pode ter algo a dizer sobre isso. Ele teve a certeza de pairar sobre ela, agindo como se ela não soubesse como atirar com uma arma e ele tivesse que ensiná-la.

O rosto de Emmanuelle corou e ela abriu a boca para retaliar, olhando seus irmãos enquanto todos estouravam em risadas.

— Taviano. —Francesca usou uma voz de advertência antes que Emmanuelle pudesse dizer uma palavra. — Se você quiser continuar comendo, você vai mudar o assunto neste minuto e deixar Emme em paz. Ela tem o suficiente para lutar sem que você a provoque sobre Val Saldi. Ela não pode evitar o que acha dela.

— Não é assim, —murmurou Emmanuelle. — Ele não pode dizer uma palavra boa.

— Talvez não, —disse Stefano, — mas, desagradável ou não, o filho de nosso inimigo, livrou sua bunda quando foi necessário e por isso, eu vou tolerá-lo.

— Estamos todos aqui, —disse Ricco, olhando ao redor. — Quem está com Nicoletta? Eu juro que essa garota vai fugir se você não falar com ela, Stefano. Ela está preocupada com Lúcia e Amo, e com os três ataques com ambos presentes, eu diria que ela tem motivos para se preocupar.

— Enrica tirou o dever de guarda-la esta noite, —disse Vittorio. — Quais as notícias sobre Tomas e Cosimo? Liguei ontem, Cosimo voltou para casa e já está fazendo sua reabilitação. Tomas ainda não recebeu alta.

Stefano suspirou. — Como Giovanni, ambos estão agindo como se pudessem pular de volta ao trabalho. Eu disse a Emilio que absolutamente não, até que os médicos os curem e eles passem por vários meses de treinamento. Eu disse a eles para ir a conselheiros. —Ele abriu um sorriso para seus irmãos. — Isso foi sugestão de Francesca, e uma boa.

Imediatamente, todos os sorrisos desapareceram e os irmãos acenaram com a cabeça, parecendo solenes. Francesca olhou em volta da mesa e depois para Mariko. — O que? Eles quase morreram. Se eles querem ser guarda-costas novamente e eles devem pelo menos ter alguém com quem falar sobre isso. Você não acha que é uma boa idéia? —Antes que Mariko podudesse responder ela se voltou para Stefano.

Instantaneamente ele pegou sua mão. — Nós estamos provocando você, *amor.* Tomas e Cosimo são remanescentes dos dias das cavernas. Pedir-lhes para se aconselhar é pior do que qualquer coisa que você possa imaginar, mas você está absolutamente certa e eu disse que eles tinham que ir. Tomas está se rebelando. Cosimo concordou em fazer uma sessão com a conselheira. Ela vai alugar o pequeno estúdio sobre o Biagi e usar o escritório ao lado dele. Ela é como Francesa. Jovem. O nome dela é Oceane Brisbois, mudando-se no próximo mês. Nosso único conselheiro está se aposentando. Isso deve dar tempo a Cosimo e Tomas para chegarem a um acordo com a idéia. Ela foi completamente investigada antes de permitirmos que ela entrasse.

— Voltemos para Nicoletta, —disse Ricco. — Ela é feroz em uma briga. Eu sei que nós não podemos ensiná-la a montar sombras, mas deve ser ensinada a se defender. Nós poderíamos fazer seu treinamento mão e mão e com armas. Eu acho

que ela ficaria mais inclinada a ficar se estivesse treinando. Ela se sentiria mais no controle e capaz de defender Lúcia e Amo.

— Eu concordo totalmente, —disse Vittorio. — Ela é um pouco brava e precisa de algo para encaminhar toda essa agressão. Comendo mais macarrão talvez. —Ele colocou mais sobre seu prato.

— Você vai se transformar em macarrão se continuar comendo assim, — Giovanni apontou. — Eu também concordo. Treine essa garota, mas então teremos que ler sobre ela avançar em cada garoto do ensino médio que fizer uma passagem sobre ela.

Um gemido coletivo contornou a mesa. Mariko escondeu o sorriso. Havia um cuidado genuíno em suas vozes. Nicoletta podia não saber, mas a família Ferraro tinha suas costas.

— Eu acho que é uma idéia brilhante, —disse Emmanuelle. — E você só pode esperar que ela avance nos meninos da escola que fizerem uma passagem sobre ela em vez de festejar todas as noites como certas pessoas que estão sentadas nesta mesa.

— Não nós, —disse Vittorio. Ele tentou parecer inocente, mas falhou.

Todos riram, incluindo Mariko. Ela amava estar sentada ali ouvindo todos eles. Ela sabia que sempre adoraria. Ao lado dela, Ricco estava sólido e quente, a mão em sua nuca ou segurando a dela contra a coxa dele. Ele a tocou muitas vezes, gentilmente, mal lá, mas o suficiente para que ela soubesse que ele estava perto e consciente dela.

— Você merece ser dedurado quantas vezes você me impediu de sair pela janela, —disse Emmanuelle, fingindo olhar para o irmão.

— Porque você estava se encontrando com o *príncipe,* —disse Taviano. — Isso era estritamente proibido, mas você o fez de qualquer maneira. Você estava no ensino medio, e ele não era muito velho para você, mas ele é o inimigo.

Emmanuelle revirou os olhos e deu outra mordida no pão de alho. — Taviano, o que você acha de treinar Nicoletta?

— Penso que é uma boa idéia. Eu concordo que pode torná-la menos propensa a fugir e todos poderemos dormir um pouco. Precisamos de guarda-costas atribuídos a ela todos os dias.

— Ela não vai gostar disso, —Emmanuelle disse com um pequeno fungar de desdém. — Especialmente se Emilio os treinou e eles estão sob sua jurisdição.

Stefano colocou o copo de vinho de volta na mesa. — Nicoletta é da família goste ela ou não. Nós a adotamos quando tomamos a decisão de tirá-la daquela situação. Ela terá um guarda-costas, quer ela goste ou não, e porque ela é da família, isso significa que eles serão treinados e trabalharão sob as ordens de Emilio. —Era um decreto, nada mais, nada menos.

Mariko achou fascinante assistir a interação dentro da família. Eles todos tiveram um voto, mas Stefano teve a última palavra e todos aceitaram como tal. Ninguém pareceu realmente discutir com ele. Talvez Francesca, mas essa parecia que não tinha muito o que discutir. Stefano claramente lhe dava qualquer coisa que ela pedisse.

Mariko olhou para Ricco e se viu corando. Ele estava olhando para ela com um olhar em seu rosto que prendeu sua respiração e fez seu coração flutuar. Ninguém a olhou assim. Era o mesmo olhar que Stefano tinha no dele quando olhava para Francesca. Adorador. Amoroso. Ela sentiu o calor das lágrimas. Ela não tinha idéia do que fazer quando Ricco a olhava desse jeito. Tudo o que ele

estava oferecendo para ela era novo. Às vezes, ela sentia como se estivesse no labirinto do jardim, tentando encontrar o caminho.

Ele se inclinou e pressionou os lábios contra sua orelha. — Eu acho que é uma noite de Shibari. Uma especial. Você. Eu. As cordas. Uma pose muito erótica. Eu estive sentado olhando para você e eu já vejo a imagem exata que eu quero.

Ela estremeceu. Seu sexo se apertou. Ela estava ciente de seu corpo sob a roupa que usava. O sutiã meia taça de renda e as pequenas calçinhas sexys que deixavam suas nádegas nuas, mas tinham um pequeno arco na base da coluna vertebral, com três cordões envolvendo a frente. Ricco gostava de lingerie. Uma vez, nas cordas, ele sussurrou que gostava de saber que ela a usava apenas para ele. Que ninguém mais poderia ver o que ela lhe mostrava.

— Nós cuidamos de Nicoletta, —continuou Stefano. — Enrica está com ela agora, mas quando isso acabar, eu colocarei os dois novos homens nela. Eles são bons. Emílio os tem treinados e ambos eram das Forças Especiais antes de chegarem em casa. Eu gosto deles.

— Muito fodidamente jovens, —Taviano se opôs simultaneamente a Vittorio.

Mariko teve que esconder o sorriso novamente. Era engraçado como os irmãos todos falavam iguais. Pensavam da mesma forma. Tinham expressões semelhantes. Votos iguais. Ela sorriu para Ricco, corando, a cor subindo por seu corpo como o toque de mãos. Ela queria as cordas ao redor dela. Ela queria ver o desejo nos olhos de Ricco. As linhas de luxúria esculpidas em seu rosto. Principalmente queria o sentimento de pertencer. De ser tão sedutora que ele não podia resistir a ela.

— Taviano, eu sei muito bem que você não abandonou as câmeras, —Stefano disse sentado em sua cadeira, pegando seu copo de vinho. — O que mais você conseguiu?

— O software que ele está usando é muito avançado. *Muito.* Eu o tracei diretamente até a Forward Technologies.

Mariko ofegou e sentou-se reta. — Essa é a mesma empresa que forneceu a passagem de meu irmão para os Estados Unidos. Eles reservaram um quarto de hotel para ele usando um cartão de empresa, mas o cartão foi mais tarde denunciado como roubado.

— Para descobrir que o proprietário da empresa de software deu um pouco do que fazer. Vinci participou, assim como Rigina e Rosina. Depois de descartarmos todos os tipos de testas de ferro, parece que os Yamamoto são os proprietários da empresa de software, e da empresa que produziu o invólucro defeituoso do carro de corrida. Além de uma empresa de segurança líder, com exatamente as mesmas câmeras que usaram para o controle de todos nós. — Taviano pegou seu copo de vinho, sorriu para os irmãos e tomou um gole.

— Nao Yamamoto, —disse Stefano. — Por que esperar tanto tempo?

— Ele não fez seu movimento até depois que seu pai morreu. Ele não desejaria envergonhá-lo ainda mais, —disse Mariko. — Eu suspeitava de Nao e realmente o acompanhei por vários dias antes de chegar aqui. Não havia nada fora do normal com ele. Ele tem um cuidador que está com ele em todos os momentos, mas ele vai trabalhar e depois vai para casa. Eu verifiquei sua casa e seus escritórios. Ryuu não está sendo mantido lá.

— Se ele tem essas empresas escondidas, ele provavelmente tem mais, —disse Stefano. — Nossa família certamente o faz. Eu avisarei Vinci e os outros sobre isso. Estamos todos procurando, Mariko. Todo mundo.

Ela inclinou a cabeça, porque ao redor dos Ferraro era difícil manter sua compostura. Ela queria rir ou chorar, ou se juntar as suas ridículas discussões. Ela amava a família. Ela adorava o modo como eles se reuniam na casa de Stefano e de Francesca, mesmo que vivessem em uma cobertura em um hotel. Francesca tornou o espaço em uma casa linda, charmosa e acolhedora.

— Na próxima vez que nos juntarmos, —disse Ricco, — Mariko e eu vamos cozinhar. —Ele levantou e se inclinou para beijar Francesca no topo da cabeça. — Vamos fazer uma visita a Nao mais tarde?

Stefano assentiu. — Vamos dar uma volta às duas. Até lá seu cuidador já se recolheu, podemos conversar com ele com privacidade.

— Vocês já estão indo? —Perguntou Giovanni, cutucando Taviano. Os dois homens sorriram um para o outro. Vittorio sorriu e piscou para ela.

Mariko corou de novo, mas não se importou com as provocações. Ela sabia que deveria ser afetuoso. Isso a fez sentir parte de sua família. Mais Ricco aproximou-se e envolveu seu braço ao redor dela.

— Vejo você às duas, Stefano, —ele disse, atirando aos irmãos um olhar congelador. Ele beijou sua irmã na bochecha e levou Mariko para a porta com a palma da mão dele na parte inferior das costas dela. Ele ficou em silêncio no elevador, se afastando um pouco, embora ele a abraçasse. Ela notou que ele fazia isso antes de praticar sua arte.

Apenas o pensamento de tê-lo sozinho com ela no estúdio era emocionante para dela. Ela adorava o jeito como ele se movia sua confiança, como ele lidava

com as cordas, como se elas fossem uma parte dele. Ela não podia esperar para ver exatamente o que ele tinha em mente. A tensão sexual se esticou entre eles até que cada nervo em seu corpo estivesse consciente dele, ela estava certa de que poderia ter um orgasmo sem ele tocar nela. Ele só tinha que falar.

Emilio levou-os para a casa e deixou-os na entrada lateral. Ela percebeu após o ataque a casa, que, mesmo de cima, a entrada era protegido de todos os olhos. Nem mesmo um atirador poderia ver alguém enquanto esse deslizava do carro e entrava na casa, as espessas paredes da entrada de cada lado.

— Você está pronta para esta noite? Fisicamente? Posso levar um tempo para amarrar você como eu quero.

Ela assentiu. — Estou pronta.

— Você sabe como se preparar. Use a peça de renda vermelha para mim. Os saltos *estilete vermelho*[20]. Nada mais. —a voz dele acariciou sua pele como veludo sobre o aço. Dominante. Confiante. Completamente Ricco. Ela assentiu já tão excitada que mal podia falar. Ela adorava que ele pudesse fazer isso com ela. Que só Ricco pudesse vê-la assim. Carente. Com fome por ele. Vulnerável. Em algum lugar entre luxúria e amor.

Ele estendeu a mão para tocar seu rosto, o polegar deslizando sobre sua bochecha, seus olhos escuros tão intensos que ela estremeceu novamente.



20 saltos *estilete vermelho*

— Eu te amo, Mariko. Nunca, nunca duvide disso. Eu te amo com tudo em mim.

A almofada do polegar, deslizando para frente e para trás sobre a pele dela, era fascinante. Os olhos dele eram hipnóticos. Ela estava tão envolvida no feitiço dele que sabia que nunca iria sair, e não queria. Ela queria passar a vida com esse homem.

— Eu também te amo.

— Se em qualquer momento, eu fizer qualquer coisa que não goste, me diga e nós paramos. Se uma amarração doer, você me diz isso. Não fique muito tempo porque quer me agradar. Isto não o faria. Shibari, para mim, é uma amarração decorativa. Quero nos afirmar em algo mais erótico. Se você estiver desconfortável ou não gostar, você fala. Você me compreende? A coisa mais importante que temos é a comunicação.

Ela já estava úmida, e ficava mais com cada palavra. Ela o queria. Ela queria a arte dele em seu corpo. As cordas. As mãos. A boca. Tudo dele. Ela esperava que ele levasse sua arte um passo adiante. — Eu vou, —ela prometeu.

— Desta vez, venha ao meu quarto, não ao estúdio.

Ela piscou para ele. Eles sempre trabalharam no estúdio. Apenas o pensamento de ir ao quarto dele, enviou uma onda de calor através do corpo dela. — Eu vou, —disse ela, não fazendo perguntas. Ela sabia que ele não responderia de qualquer maneira, mas ele tinha algo planejado e estava certa de que seria a beneficiária desse plano.

Ele beijou-a sobre a têmpora e então, abruptamente, virou-se e se afastou. Ela o observou ir. Ele se movia como um gato, todo músculos, fluido e exalando poder. Ela sabia que, não importava quantos anos ela tivesse, ou há quanto tempo

ela estivesse com ele, sempre sentiria essa emoção secreta quando o observasse caminhar em direção a ela ou para longe dela.

Ela tomou seu tempo com sua rotina, tomando banho em água perfumada, se hidratando, fazendo o cabelo e a maquiagem. Ela adorava a maneira como se sentia na frente da vaidade—tão feminina. Esse era um sentimento de que ela não estava certa de que se acostumaria.

O robe vermelho de renda era longo e moldava suas curvas com um padrão delicado, se apoiava na pele tão levemente que quase não se conseguia sentir. O decote era baixo, mas não profundo. Teria sido modesto se não tivesse sido feito em renda frágil, deixando a pele exposta em todos os lugares.

Com cada passo em direção a ele, sua excitação crescia. O coração batia em ritmo acelerado. Havia uma batida acompanhando profundamente em seu sexo. Seu pulso latejando diretamente em seu clitóris. Ela hesitou na porta, sem saber se tocava ou simplesmente entrava. Ela estava dormindo em sua cama nas últimas noites, então parecia bobo bater. Ainda assim, ele tinha sido bastante formal quando deixaram o apartamento de Stefano.

Respirou profundamente e abriu a porta. Ricco a olhou de imediato. Ele tinha uma corda na mão e um pedaço de bambu na outra. Ele não veio, mas seu olhar se aproximou dela possessivamente. Seus olhos escureceram e as linhas em seu rosto ficaram esculpidas com sensualidade. Ele parecia um pecado em seus jeans baixos e de botão. Apenas dois dos quatro botões estavam fechados para que ela pudesse ver seus músculos, a ondulação escura de cabelo e o V que era tão intrigante, desaparecendo em seu jeans.

Ela virou-se para ele e depois, dando uma volta para que ele pudesse vê-la, ela fez um alongamento lento. Ela precisava aquecer os músculos antes de

começar, especialmente se fosse um nó longo e complicado. Sua câmera estava na mesa de cabeceira. Ele pretendia tirar fotos.

Ele caminhou em direção a ela, seu passo confiante, nada preguiçoso. Ele era todo negócio, seus traços sérios, um olhar que ela amava quando ele estava praticando sua arte nela. Seu coração empurrou forte em seu peito enquanto ela pegava o cheiro da corda. Doce. Ele estava usando cânhamo. A textura da corda era diferente do que ele já tinha usado nela. Ricco estava hipnotizante enquanto deslizava a mão pela corda, verificando, ela sabia agora, por estilhaços e velocidade de queima para garantir o conforto dela.

Ele pegou suas mãos decisivamente, amarrou-as e as puxou para cima e sobre a cabeça. O movimento foi muito controlado, acelerando as batidas do coração. Não sabia por que ela reagia tanto a Ricco quando ele era tão dominante, mas adorava quando ele tomava o controle, mesmo quando sabia que uma palavra dela e tudo pararia.

A respiração dele tocou seu pescoço quando ele levantou a pesada queda de cabelo e começou a lidar com ele. O puxão pareceu uma massagem no couro cabeludo, e não foi até que ele abaixou os braços, que ela percebeu que seu cabelo estava trançado em seu corpo e sua cabeça estava inclinada em um ângulo que impedia que ela pudesse se mexer. Por um instante o pânico se instalou. Era realmente bobo, ela estava tão amarrada que não podia se mover, e ainda estava com a cabeça imobilizada o que a fazia se tornar ansiosa.

Os lábios dele deslizou pela nuca. — Eu tenho você, *farfallina mia.* Eu sempre terei você. —Seus braços a rodearam e ele a puxou para trás novamente para seu corpo. Ele era forte, o corpo forte, o coração batendo contra suas costas, seu pênis pressionado firmemente contra sua bunda. — Você quer parar?

Ela não queria. Ela queria isso com ele. Assim como o acalmava, fazia o mesmo por ela. A conexão entre eles era muito intensa quando ele a amarrava, e ela ansiava aquela proximidade. Ela sentia como se pudesse ver a alma dele—e ele a dela.

— Sua respiração mudou. —A mão subiu por seu corpo para a garganta dela. Com a cabeça ligeiramente inclinada para trás, sua garganta estava exposta e a palma dele se envolveu em torno dela com facilidade, de modo que parecia que seu coração batia diretamente na mão dele. — Quando estou com você, Mariko, meu foco está inteiramente em você. Sempre você. Eu percebo tudo o que você faz. Como o seu corpo responde a mim, à minha arte.

Os dedos dele caíram por seu peito, para as curvas superiores dos seios. Um dedo continuou, deslizando sobre o mamilo direito. A renda era aberta e permitia que ele tocasse a pele nua dela. Seus mamilos já haviam atingido um pico, pequenos e duros botões. A escova de seus dedos enviou dardos ardentes através de seu corpo direto para seu sexo. Ela não estava segura de sobreviver.

— A sensação de sua pele é tão quente e macia, melhor do que a seda. A renda é bem frágil, e o áspero do cânhamo contrastando. Com os braços erguidos acima de sua cabeça, seus seios estavam levantados em convite. Uma bela tentação.

As palavras, murmuradas em uma voz tão baixa e convincente, enviaram arrepios por sua pele, vibraram na barriga e fizeram seu sexo apertar, derramando mais gotas de creme para ele.

Sua mão se moveu embaixo de seus seios e se acomodou no quadril por um momento, antes de dar um passo atrás, a corda na mão.

— Este é um *arnês corpo de tartaruga*[21], mas o vejo um pouco diferente em você do que eu o amarro normalmente. Sua pele ... —Ele parou e continuou trabalhando, trazendo uma linha dupla ao redor sob seus seios, colocando as cordas ao longo de sua costela para garantir que eles não interferissem em sua respiração. — A renda tão frágil, e a textura mais dura da corda ficará bonita com este nó. —Seus braços passaram por ela, a corda serpenteava, e então sua respiração voltou a ficar contra sua orelha. — Toda vez que olho para você, você tira meu fôlego.

Os dedos se moviam por suas costas, seguindo sua espinha até a base, onde ee colocou a palma da mão brevemente. O contraste entre a pele dele sobre a dela e o mais áspero escovar da corda que ele segurava enviava ondas de calor que a atravessavam. Ela não estava certa de quanto tempo passou depois disso, para construir o nó do corpo de tartaruga. Ele trabalhou rápido e depois diminuiu. Ele a tocou com frequência. Seus cabelos, os lábios, abaixo da garganta exposta, a língua tocando no seio para fora da renda, um roçar da mão sobre suas nádegas.

Ela estava completamente consciente dele em todos os momentos. Seu corpo esperava seu toque, ansiava por isso. Uma série de nós descia a frente de seus seios e por suas costas também em perfeita simetria, e ela se viu se contorcendo um pouco, querendo esses nós em outros lugares. Ele não lhe deu isso, mas ele



[21] Arnês corpo de tartaruga

trabalhou perto, a cabeça baixa às vezes, escovando seus mamilos até eles parecerem fogo.

— Pare de se contorcer, —ele murmurou distraidamente, e seus dentes beliscaram-lhe as nádegas. Ela não conseguiu segurar o pequeno grito de necessidade à medida que sua mão deslizava pela perna, aninhando outra corda longa. Ele estava de joelhos agora, na frente dela, sua respiração aumentando a construção do calor em sua bainha até que ela pensou que se fragmentaria em um milhão de peças. A tensão apertava mais e mais sem alívio.

Ela tentou se concentrar na música, tirar a cabeça da necessidade que tinha crescido fora de controle. Ela nunca se sentiu tão sensual, se contorcendo nas cordas, tentando esfregar as coxas em um esforço para aliviar a dor terrível que crescia a cada momento. Encontrou-se vivendo segundo a segundo, esperando por seu toque. Esperando a respiração. O toque do cabelo. A corda estava apertada, envolvendo-a como seus braços.

Sua mente começou a cantar, *por favor, por favor, por favor.* Ela não podia pensar, ela mal podia respirar com a necessidade dele. A corda deslizou pela perna esquerda e ele começou a amarrar com uma precisão decisiva, sua concentração aparentemente em seu trabalho enquanto toda a concentração dela estava centrada nele.

Sua pele estava cheia de nervos inflamados. O pacote sensível de nervos dentro de sua bainha feminina pulsava e queimava. A língua estava de repente no interior de sua coxa, lambendo a umidade lá. Ela gritou, contorcendo-se novamente, incapaz de evitar quando seu corpo não era mais dela, e sim inteiramente dele. As mãos agarraram suas coxas, dedos escavando a carne sob a corda e a renda, segurando-a enquanto ele se entregava. Sua língua era perversa,

pecaminosa, deslizando-a pelo interior da coxa, dançando ao longo do vinco de seus lábios, batendo duro em seu clitóris, que fez seu corpo inteiro estremecer, e depois de volta a sua outra coxa.

— *Ricco.* —Ela sibilou seu nome. Uma demanda. Um apelo.

Ele ergueu a cabeça para sorrir para ela. — Você tem um gosto delicioso.

Ela queria gritar quando ele voltou a amarrá-la, deixando-a em chamas. Não havia como esfregar as coxas, ele estava entre elas enquanto trabalhava. O cabelo dele escovou o interior de suas coxas, as sensações mantendo as chamas até pensar que ficaria louca de desejo. Então ele a moveu, empurrando-a para o chão, espalhando as pernas ainda mais abertas.

Ele ergueu a perna esquerda dela e habilmente teceu corda da canela até a parte superior da coxa. Ele fez o mesmo com a direita, forçando os joelhos a se separarem e as pernas a se abrirem. Ele enrolou a corda ao redor de um dos postes da cama e o colocou no gancho à sua direita e, em seguida, fez o mesmo com a esquerda. Seus olhos nos dela, um pequeno sorriso, malvado em seu rosto, ele apertou a corda, e ela engasgou enquanto ele prendia a perna esquerda mais aberta. Ele apertou a outra corda e a perna direita foi puxada mais.

Ele recuou para examinar seu trabalho, o olhar ardendo em sua molhada necessidade. Tudo no que ela podia concentrar era a protuberância na frente de suas calças. Ela lambeu os lábios. Ele se aproximou, bem entre as pernas dela. Sua cabeça estava inclinada, e se ele estivesse nu, ela estaria em um ângulo perfeito para conseguir o que queria, e de repente era tudo o que ela queria.

— O que foi, *farfallina mia*?

Ela não tinha percebido que estava fazendo sons frenéticos. — Você. —Ele concordou em ir para lá, olhando para ela, esticando a necessidade dela até que

ela quisesse se acender. — Seu pau. Na minha boca. *Certo. Agora.* —A última palavra foi uma ordem, só, porque se ele não lhe desse o que ela queria, ela iria perder a cabeça.

Ele alcançou os dois últimos botões do jeans, abriu-os e começou a deslizar o tecido por seus quadris. Ele parecia se mover em câmera lenta. Cada célula do corpo dela se concentrava nele. Nas mãos dele. A pele. A lenta revelação de seu belo pau. Cheio. Duro. Longo e grosso. Todo seu. Tudo por ela. Ele se afastou dela e ela gritou, esforçando-se nas cordas em direção a ele.

Ele sacudiu o jeans, virou-se, colocou-os sobre a parte de trás de uma cadeira e pegou a câmera.

— *Ricco.* —Agora era uma súplica. Seu corpo precisava. Loucamente. Estava obcecado por ele. Ela *tinha* que ser tocada. Sua pele queimava pelo toque dele. O sexo tinha necessidade dele e não havia como esconder com as pernas afastadas. Ela acreditava que deveria ter ficado envergonhada, humilhada, que ele pudesse vê-la, mas, em vez disso, queria que ele visse seu efeito sobre ela.

— Você parece tão bonita. Sua garganta. —Ele arrastou a mão pela garganta. — Seus seios. —A posição de seus braços deixava seus seios empinando em direção a ele, peixinhos, gêmeos e apertados, desesperados por sua atenção. Ele massageou primeiro e depois o outro. Em um movimento, de repente, rasgou o laço delicado, deixando ambos os seios nus, emoldurados por rendas vermelhas e cânhamo.

Ele recuou e tirou várias fotos de ângulos diferentes, enquanto ela respirava ofegante seus pulmões em chamas. Tudo o que ele estava fazendo inflamou ainda mais seu corpo.

Ele voltou a se aproximar e se recostou, mais uma vez, com a mão em sua garganta, sentindo seu coração bater na palma da mão enquanto os dedos puxavam seus mamilos. Então sua boca estava lá, quente e exigente. Ela estava impotente, incapaz de se mover ou tocá-lo. Ela percebeu por que algumas mulheres e homens achavam as cordas tão eróticas. A tensão sexual foi construída além de tudo o que ela poderia ter concebido. A boca em seus seios a estremeceu de desejo. Seu sexo se apertou e latejava, ardendo em necessidade.

Ele tirou várias fotos dela. Ela não podia ver seus seios, mas ela estava com marcas lá. Ele se ajoelhou, sua mão deslizando entre as pernas dela, o dedo movendo a renda de lado para tocar seu clitóris, fazendo seu corpo inteiro estremecer de prazer. O prazer foi tão intenso que limitava a dor. O dedo dele sondou profundamente, seu corpo necessitado se apertou, tentando levá-lo mais profundamente. Seus músculos estavam apertados e o seguravam dentro dela, onde ele sentiria o calor ardente. O dedo dele se moveu e ela gritou, movendo seus quadris, desesperada por liberação.

Ele tirou o dedo, lambeu, depois sugou, seus olhos sobre os dela. Um outro pequeno gemido escapou e ele sorriu e abaixou mais uma vez, rasgando a renda. A ação quase a enviou ao longo da borda, seu orgasmo tão perto que ela o alcançaria com pouco. Ele se afastou, fora de seu alcance e ela gemeu com a perda.

— Bonita, —ele murmurou e tirou várias fotos.

— Ricco. Por favor. —Ela não conseguiu dizer mais nada. Ela não sabia que uma mulher poderia ficar tão excitada.

Ele colocou a câmera cuidadosamente para baixo e mais uma vez se moveu entre suas pernas. A mão dele circundou seu pênis, o polegar deslizando sobre a cabeça para manchar o perolado por toda parte. O olhar dela estava retido lá. A

língua dela saiu para molhar os lábios. Ela não conseguia mover a cabeça para a frente a escassa polegada para alcançá-lo. Ela só podia assistir enquanto o punho deslizava lentamente para cima e para baixo.

— É isso que você quer?

Ela tentou dizer que sim, mas saiu como um soluço. Ele sorriu e chegou mais perto, a cabeça de seu pênis deslizando sobre seus lábios. Ela abriu a boca, mas ele apenas rastreou seus lábios, apenas o suficiente para que ela tivesse o masculino e quente gosto dele atiçando seu vício. A mão dele deslizou em seus cabelos, se fixando lá. Quando ele puxou a cabeça dela mais para trás, cada corda em seu corpo vibrou, enviando ondas de choque através dela.

Ela gritou quando seu corpo reagiu, os nervos ficaram selvagens. o pênis deslizou para a boca dela e ela fechou os lábios ao redor dele, atraindo-o, grata em ter algo para se concentrar, em vez da necessidade ardente correndo através dela como uma tempestade de fogo. Ela leu livros, aprendeu a técnica praticando em uma banana ou pepino. Tinha sido uma idiota, mas estava muito feliz por ter sido. Ela usou tudo o que aprendeu, usando a língua. Dançando. Agitando-a contra o lugar logo abaixo da coroa que enviou tremores através do corpo dele.

Os quadris dele começaram a se mover, um ritmo lento e gentil. Ela não entendeu como ele podia ser tão gentil quando ela se sentia selvagem e fora de controle. Ela sugava fortemente enquanto fazia o trabalho. Ela não conseguia mover a cabeça, então ele ajustou a velocidade. Ela deveria ter medo, mas quando ele foi mais fundo, ela o recebeu, querendo mais.

Ela queria engoli-lo. Levá-lo profundamente nela. Rodeá-lo com o calor úmido de sua boca do jeito que as cordas dele a rodeavam. Os olhos dela nunca deixaram o rosto dele. Ela precisava ver o desejo lá, a maneira como ele respirava

ofegante. Os estremecimentos que atravessaram o corpo dele enquanto ela trabalhava. Ela estava impotente nas cordas e, no entanto, mais poderosa. Esse homem tremia por ela.

— *Farfallina mia.* —Ele começou a se retirar lentamente.

Ela apertou os lábios com um pequeno grito de protesto. Ela podia senti-lo inchando ainda mais, crescendo mais e mais. Gotas de sua essência vazaram em sua boca e ela os engoliu ansiosamente, levando seu comprimento mais profundo ainda.

— Eu não vou poder parar e você terá que engolir, —ele advertiu.

Ela amamentou mais. A língua dela provocou e dançou, voou para cima e para baixo pelo eixo dele enquanto ela o trabalhava. Os quadris dele empurraram mais fundo. O punho no cabelo dela apertou seu couro cabeludo, movendo as cordas, então elas pegaram a pele com mordidas minúsculas e flashs de calor. Ela manteve os olhos no dele. A luxúria estava lá. O amor. A necessidade dele combinava com a fome dela.

Então ele estava entrando em erupção. Xingando. A cabeça jogada para trás. A garganta como vulnerável como a dela. Ela mal conseguia acompanhar o fluxo pela garganta. Era a perfeição. Seu sexo se apertou e chorou necessitado até que ela quisesse chorar. Mesmo levá-lo para dentro do corpo, engoli-lo, deixá-lo praticamente de joelhos, não aliviou a queima. Aliás, só piorou.

Ele se retirou lentamente de sua boca e ela lambeu os lábios, o olhar dela agarrando-se ao dele, silenciosamente implorando por mais. Por qualquer coisa. Por seu toque. Pelo beijo dele. Todo ele. Ele inclinou a cabeça e passou os lábios sobre os dela, a mão dele indo para a parte de trás da cabeça, para as cordas. Com

uma das mãos, ele soltou o cabelo para ela poder endireitar a cabeça. A ação enviou mais vibrações contra sua pele sensível.

Ela gritou e ele soltou a corda ao redor do poste, liberando primeiro um e depois o outro braço. Ele a pegou, as pernas ainda abertas, ainda na posição de caranguejo, os joelhos levantados e amarrados às canelas dela. Isso deixou seu sexo completamente exposto e aberto a ele. Ele a colocou na cama, uma mão foi para a barriga dela e ele a empurrou para trás. As mãos dela estavam debaixo dos ombros, mas não se importava. Tudo o que importava era sua boca dele sobre ela.

Ele não esperou. Não houve pausa. Nenhum aviso. Sua língua a atacou, os dedos espalhando-a mais aberta, e então ele a estava devorando. Ela caiu, gritando, seu corpo jogando sua mente no caos, em algum lugar em que ela nunca tinha estado. Ele não parou quando o orgasmo se apressou sobre ela como um trem sem freios. Sua língua estava selvagem, lambendo, cortando, revirando contra o clitóris, seguindo seus dedos enquanto ele mergulhava dois dentro dela, empurrando através de dobras apertadas para encontrar seu ponto mais sensível. Ela explodiu novamente, se fragmentando, se jogando mais fundo em um mundo de puro sentimento, tão profundo que ela temia nunca voltar.

Ela estava indefesa sob sua investida, sob aquela língua perversa e dedos de pecado. Extraindo mais e mais creme. No momento em que um orgasmo parava, o próximo começava a se construir. Cada um parecia mais forte do que o anterior. Então ele estava mais uma vez em cima dela, seu pau batendo fundo sem preâmbulo. Ela estava quente, lisa e gritou quando ele entrou nela porque nunca sentiu nada tão bom.

Ele a levou forte e rápido, dirigindo-se para ela, alavancando com os braços na cama enquanto seus quadris subiam por ela uma e outra vez. Raias de fogo

correram através de seu corpo dos dedos dos pés aos seios e irradiavam para seus braços e pernas. Cada batida dura enviava seu corpo deslizando sobre o colchão, empurrando-a mais fundo para que as cordas vibrassem e cantassem, acendendo a pele, dando mordidas pequenas e aquecidas, então sentia como se Ricco a estivesse tocando, beijando e beliscando em todos os lugares.

A necessidade ficou cada vez maior. Cada vez mais alta. A cabeça dela bateu de um lado para o outro. Ele tinha que parar, ele nunca poderia parar. Era aterrorizante. Bonito. Brutal. Perfeito. O pau inchou, empurrando o tecido, desencadeando a explosão. Ela se quebrou. Completamente e totalmente. Tantas peças. Tão bom. Tão ruim. Então, tudo. Ela ouviu seu lamento agudo, o único som que pode surgir quando ela se quebrou em milhões de pedaços e todos flutuando em algum lugar no subespaço.

Ela sentiu o jato quente da liberação dele enchendo-a, provocando-lhe outro orgasmo e as cordas vibraram e cantaram enquanto ele se debruçava sobre ela, lutando por ar. Ele escovou beijos em seu ombro e sobre a parte inferior de seus seios. Ele ergueu a cabeça para olhar para ela, seus olhos ainda escuros com a intensidade de sua união selvagem. "Eu deveria ter sido um pouco mais gentil.

A cabeça de Mariko ainda estava girando. A euforia difícil de descer. — Eu não queria gentil. Eu queria a perfeição e a ganhei.

Ele a beijou e depois se levantou, parecendo muito masculino e muito satisfeito. Em vez de começar a desatá-la, pegou a câmera outra vez. Ela passou a língua pelos lábios. — O que você está fazendo?

— Se eu conseguir que as minhas mãos parem de tremer, eu vou tirar uma foto de você. *Dio,* você é linda. Estou ficando duro só de olhar para você. —Ele tirou várias fotos de vários ângulos e depois colocou a câmera de lado.

Ela não precisou perguntar, ele já estava soltando cordas e era rápido. No momento em que ele a tinha desatada, começou a massagear os braços para garantir que a sua circulação não fosse prejudicada. Ele rasgou a renda vermelha, jogando-a de forma que ele pudesse massagear as marcas de corda em sua pele. — Você ficará com elas por alguns dias, —disse ele.

— Espero que elas durem muito tempo. —Ela foi verdadeira.

Ela não conseguia tirar suas mãos dele. Ela queria tocá-lo em todos os lugares e o fez, acariciando, beijando, mordendo, lambendo-o. Suas unhas se moveram sobre suas costas e para baixo por suas nádegas.

— O que você está fazendo? —Ele perguntou.

— Nós temos até as duas horas e eu estou fazendo o segundo tempo.

— Eu sou humano, Mariko. Vir duas vezes é ...

Ela o empurrou de costas. — Então eu brinco.

Ele riu suavemente quando ela beijou sua garganta e baixou seus mamilos até o peito dele, onde sua língua acenava. — Brinque tudo o que quiser. —As mãos cobriram nádegas delas, os dedos escavando profundamente em uma massagem.

Ela beijou o caminho até o pênis dele, já pernicioso. Sim. Ela iria seguir seu caminho.

19

Ricco detestou que sua mulher insistisse em acompanhá-lo. Ele estava orgulhoso de Mariko por sua decisão e sabia que ela nunca faria menos, mas ele estava determinado a descobrir onde os sequestradores estavam prendendo Ryuu. Seus métodos podiam não ter a aprovação dela.

Ela também estava exausta. Sair das cordas geralmente era um processo lento, e eles tiveram sexo selvagem várias vezes. Mais do que ele jamais pensou ser possível, antes que ambos dormissem. Ele estava coberto pelo corpo dela quando acordou os seios contra suas costelas, o braço em volta da cintura. Ele tinha adormecido de bruços e ficou assim, algo muito incomum para ele, mas ele amou sua mulher deitada sobre ele. Ele dormiu profundamente, novamente algo muito incomum.



O apartamento de Nao era no último andar. Havia câmeras de segurança por toda parte. Os cavaleiros da sombra eram obrigados saber mentir, interromper a eletricidade, ser quebrado e juntar-se. A maioria poderia obrigar a



verdade a sair como dom. Essa era uma das especialidades de Ricco e ele tiraria a verdade de Nao.

Stefano levantou a mão na entrada do tubo e indicou uma câmera apontada para eles. Não seria capaz de capturar as imagens, escondidas no interior do tubo como estavam, mas no momento em que saíssem, elas os gravariam. Ele ergueu a mão, um gesto que não era estritamente necessário, mas que eles faziam. Era um gesto humano. A interrupção realmente começava em seus cérebros e não tinha nada a ver com as mãos. Stefano concentrou-se e as luzes fracas piscaram. A câmera fez fumaça e então, abruptamente, morreu. Ele olhou com cautela, buscando outros dispositivos que pudessem ser um problema antes de sair no corredor e acenar para Ricco, Taviano e Mariko.

Taviano avançou na frente de Stefano. Ele era extremamente poderoso para interromper equipamentos elétricos. Ele garantiria que nenhuma câmera funcionasse, enquanto eles se dirigiam pelo apartamento para os aposentos privados de Nao. As paredes eram decoradas com pinturas caras, a maioria retratando torturas antigas de homens em vários estágios de nudez com cordas feitas em nós intrincados. Ricco reconheceu a arte antiga do *hojojutsu.* Ele fez uma pausa para olhar as impressões. Nao gostava de armas e torturas antigas.

Algumas cópias muito antigas e livros extremamente raros eram mantidos sob vidros. Acima deles ao longo da parede havia armas de todos os tipos ao longo da história do Japão. A coleção era digna de museu. Centenas de armas de todas as épocas. Ricco teria adorado ter tempo para estudar todas elas, porque havia três, que ele estava absolutamente certo de ter dado um lance em leilão e perdido para um licitante anônimo. O primeiro havia sido dez anos antes. O segundo, sete e o

último, há cinco anos. Se ele estivesse certo sobre os itens, então Nao tinha acompanhado-o por um longo, longo tempo.

Ele continuou andando, seguindo Stefano, mas aquele estranho sentimento irritante no intestino dele apenas se intensificou. Ele notou quatro espaços vazios, como se a parede tivesse sido preparada para mais quatro armas, que Nao ainda não tinha encontrado.

Quando passaram a porta do banheiro, Ricco hesitou. Seu intestino ainda estava falando com ele, dizendo-lhe que algo não estava certo. Ele parou e fez sinal aos outros de que ele queria verificar a sala. Ele esperou o reconhecimento de Stefano e depois entrou na sombra maior que escorregava por baixo da porta.

O conjunto de quartos era espaçoso e muito limpo. O cuidador era uma aberração. Cada coisa estava colocada precisamente no lugar, dos livros nas prateleiras em ordem alfabética até as canecas de café com as alças viradas exatamente para o mesmo lado. Os copos estavam alinhados nos armários, os pratos em slots, com espaços de precisamente um quarto de polegada. Em todo lugar, ele olhou, os quartos eram perfeitos.

Ele entrou no quarto. A cama não estava feita, os cobertores virados, mas ninguém estava nela. Um travesseiro era militar reto, o outro colocado em ângulo. Ele olhou para o banheiro. Não havia luz derramando de baixo da porta, indicando que o cuidador estivesse lá.

Ricco olhou ao redor, verificando a área da cozinha, a sala de estar e o quarto antes que decidisse olhar no banheiro. Não havia nenhum som vindo do quarto escuro. Ele virou a maçaneta com cautela. Não estava trancado. Ele tomou seu tempo em abri-lo, lentamente, polegada a polegada. Esperou por qualquer coisa

que indicasse que o quarto estava ocupado. Se alguém estava lá, estava prendendo a respiração, e fazendo-o por muito tempo.

Ele entrou com confiança, pisando silenciosamente enquanto examinava a área principal onde havia uma grande pia e uma grande banheira de hidromassagem. O vaso era em uma seção separada, larga, com um grande armário alto atrás dele, subindo até o teto.

Perplexo, olhou em volta. Mesmo que o cuidador tivesse recebido uma folga, a pesquisa que os investigadores fizeram indicava que outro cuidador sempre tomava seu lugar. O nome do homem era Darin Salsberry e ele trabalhara para Nao há cinco anos, muito mais do que a maioria de seus cuidadores haviam durado. Outros vieram e foram, fugidos depois de dois ou três dias com Nao. Ele gostava da maneira como Darin cuidava dele, ou só Darin conseguia aturar o constante abuso que Nao acumulava nas cabeças dos que trabalhavam para ele.

Não surpreendeu Ricco, pelo menos, que Nao fosse um valentão. Ele tinha sido um quando tinha dezessete anos. Seu pai não só mentiu por ele, mas o protegeu das conseqüências de assassinar uma família, incapacitando uma criança e causando a morte de outros três meninos. Mais, Yamamoto colocou seu filho em uma posição de autoridade desde o início em suas empresas no exterior, removendo as possíveis retaliações das famílias Saito e Ito.

Os pesquisadores disseram que garotos de programa visitavam regularmente o condomínio. Muitas vezes, retornavam, sem dúvida porque Nao tinha milhões para queimar. Ele definitivamente teve muito dinheiro para financiar um ataque tão elaborado contra a família Ferraro. Ele pôde contratar mercenários, e a maioria, Eloisa e Henry descobriram, vieram da África do Sul, e não eram baratos.

Então, onde estava Darin? Ele não estava em seu quarto. Nao o chamou? Ele estava com o cliente? Essa era a única explicação, ainda assim por algum motivo, Ricco sentiu-se surpreso. Ele andou duas vezes ao redor do apartamento, mas não conseguiu encontrar o que estava provocando a reação em seu intestino. Ele ficou no meio do quarto, respirando profundamente, ouvindo, certo de que algo estava errado, mas sem conseguir entender o que era. Havia vários armários, e ele os ignorou.

Curioso, abriu as duas portas restantes, uma embutida no quarto e uma na sala principal. Ambas abriam para corredores estreitos. Quando abriu as portas, as luzes LED se iluminaram ao longo do teto, iluminando o corredor. Ricco seguiu os corredores. Um conduzia à cozinha e o outro para a suíte de Nao. Quando Nao tinha convidados, claramente não queria que Darin fosse visto.

Finalmente, sabendo que estava usando muito tempo, Ricco escorregou em uma sombra que permitia que ele alcançasse os outros mais rápido do que ele poderia andando. Taviano cegou as câmeras para que pudessem ir rapidamente para o quarto principal.

O quarto de Nao era enorme. A cama era de tamanho king-size com um espelho no teto. Uma parede tinha um longo espelho do chão ao teto. O closet projetado para alguém em uma cadeira de rodas, as roupas mais baixas para serem facilmente acessíveis. Ambas as portas estavam abertas, revelando o enorme quarto, tão grande quanto alguns apartamentos. Nao, obviamente, gostava de roupas e sapatos. Todo tipo de sapato e botas estavam alinhados em fileiras arrumadas. Centenas de pares.

A porta para a passagem que Darin usava estava no canto da frente do quarto e à esquerda da entrada principal. Dois painéis de cada lado da cama, do chão ao

teto, eram luzes que iluminariam a sala instantaneamente se Nao os ativasse. Também fazia o homem se sentir seguro.

Stefano e Ricco trocaram um longo olhar. Nao era vaidoso. A cadeira de rodas não afetou em nada sua personalidade narcisista. Em todos os relatórios, ele era um mestre manipulador e fechava negócios mais rápido do que seu pai—que tinha sido conhecido por estar mais próximo—já havia feito. Dizia-se—mas não se provava—que ameaças eram freqüentemente usadas e as empresas cediam imediatamente depois de falar com Nao. Ricco, tendo testemunhado a extensão de seu comportamento sociopata, acreditava em todos os rumores sobre o homem.

A sombra o levou para o lado esquerdo da cama. Stefano foi para a direita. Taviano examinou os outros quartos cuidadosamente e balançou a cabeça para indicar que Darin não estava em qualquer lugar. Mais, com Nao dormindo profundamente, não havia evidência de que o cuidador estivesse lá nas últimas horas. Ele recuou nas sombras para protegê-los. Ricco acenou para Mariko se posicionar na cabeceira da cama, então a primeira coisa que Nao veria quando abrisse seus olhos era ela. Os homens olharam para ela e ela assentiu com a cabeça.

— Nao, —ela chamou suavemente. — Akiko queria que eu lhe desse seus cumprimentos.

Nao se moveu com dificuldade enquanto dormia, uma carranca enrolando em seu rosto.

— Você achou que ela não ficaria de olho em você? Ela não gosta que tente prejudicar o resto de sua família.

Nao franziu o cenho e bateu no ar. — Vá embora. —Sua mão revirou no ar e caiu em seu peito. — Pare de vir aqui.

Havia alguma satisfação em saber que Akiko ainda estava na cabeça de Nao. Ricco pressionou o joelho no colchão para ajudar a acordá-lo. O movimento fez com que o homem batesse o punho no travesseiro e esfregasse os olhos mais apertados.

— Vá embora, Akiko. Você está morta.

— Sim, —disse Mariko. — Eu estou morta. Você me matou. Isso significa que posso aparecer sempre que quiser. Você enviou homens atrás da minha irmã para matá-la. Não gosto disso. Acorde e olhe para mim. —Ela colocou comando em sua voz.

As pálpebras de Nao vibraram e então ele se forçou a espreitar. Sua inalação súbita foi audível e seus olhos se arregalaram de choque. Ele empurrou seu traseiro para o suporte que corria ao longo dos quatro postes, agarrou com ambos os punhos e puxou-se para uma posição sentada, o tempo todo olhando para ela. Ele tentou por um momento e depois apertou um botão. Os grandes painéis de cada lado da cabeceira da cama se iluminaram, lançando uma luz fraca na sala.

— Quem é você?

— Mariko. A irmã de Akiko. Onde está meu irmão, Ryuu?

Ricco estava orgulhoso da baixa ordem em sua voz. Ela não superou isso ou foi teatral, ela apenas declarou a verdade suavemente.

— Como é que eu vou saber onde está o teu maldito irmão? Aquele bastardo de dupla personalidade roubou a pesquisa de minhas empresas na minha cara. Hackeou nossos computadores e, em seguida, conseguiu registrar as patentes sem fazer qualquer trabalho. Osamu mentiu para ele. Alimentou-o com mentiras sobre mim, culpando-me pelas mortes de Eiji e Hachiro. Ela nunca quis acreditar que eles ameaçaram minha família se eu não fosse com eles.

— Onde ele está? —Mariko persistiu.

— Saia do meu quarto antes que eu chame a polícia. —Quando Nao deu a ordem, foi para o telefone ao lado de sua cama. A mão de Ricco estava lá primeiro, então os dedos de Nao agarraram os dele. A cabeça de Nao balançou e ele ofegou com alarme. — Ricco Ferraro.

— Não estou morto, Nao. O trabalho não se adequava ao seu time de assassinos.

— Ouvi que seu pai morreu.

Ricco assentiu. — Ele fez. Ninguém mais.

— Isso é ruim.

Nao sorriu, parecendo malvado e louco. Ricco não gostou da atenção dele. Continuou se desviando para Mariko. Ele queria o foco total de Nao nele o tempo todo. Havia algo o chateando, algo que ele não conseguia perceber, mas o estava preocupando. Ele não queria Mariko em qualquer lugar perto de Nao ou em perigo, e ele sentia que todos estavam em perigo.

— Onde está Ryuu? —Ele manteve sua voz baixa, mas ordenando.

— Eu lhe disse, eu não tenho idéia. —Nao agarrou o balcão atrás dele firmemente e arrastou-se para uma posição sentada bem vertical. Ele olhou para o sino em sua mesa de cabeceira, o que presumivelmente chamava seu cuidador, mas não fez nenhum movimento em direção a ele. Em vez disso, ele apertou os braços atrás da cabeça e recostou-se, seus olhos em Mariko.

— Osamu me disse que você seduziria Ricco. Você realmente é uma vagabunda como sua mãe. Osamu e as outras mulheres fizeram o seu melhor para contar ao seu pai, mas ele não escutava. Ele era um fraco. Não precisávamos de

cavaleiros fracos. Não podemos tolerar cavaleiros fracos. Era nosso trabalho destruí-los.

— De quem era o trabalho? —Stefano falou pela primeira vez, e a cabeça de Nao girou para enfrentar a nova ameaça.

Ricco o observou de perto. Nao tinha o mesmo olhar superior que ele lembrava tão vividamente em seus pesadelos da adolescência.

Nao inclinou-se para Stefano. — Todos nós. Todos os cavaleiros. Não podemos permitir que o gene do cavaleiro enfraquecesse. Deve ser puro.

— Puro? —Stefano ecoou uma sobrancelha subindo. — Puro, o quê?

— Não contaminado por homens ou mulheres fracas.

— Akiko derrotou você, —lembrou Ricco. — Eu estava lá. Eu vi o que ela fez. Você não conseguia entender que uma mulher era mais forte que você.

— Ela não era mais forte. —Nao cuspiu as palavras, seu famoso temperamento subindo. — Ela era uma vagabunda, assim como sua mãe. Ouvi a conversa sobre Tanaka. Que verme ele era. Perder a grandeza. O nome dele. Sua honra. Tudo por quê? —Ele zombou enquanto olhava para Mariko. — Uma prostituta.

— Ela não era uma prostituta, —disse Ricco suavemente, sua voz tão baixa, que Nao balançou a sua cabeça de volta para aquele fio de som. — Nós a investigamos, assim como a família de Tanaka teria feito antes de se casar com ela. —Ele não olhou para Mariko, ele não podia. Ele sabia que estava revelando demais. Ela saberia que sua família a havia investigado. — Marie Hammond era uma boa mulher, não uma prostituta. Osamu e as outras mulheres estavam com ciúmes de Daiki Tanaka se casar com ela em vez de uma delas, e elas foram

viciosas, virando todas contra ela. As mentiras que Osamu disse a Chiharu fizeram com que ela se virasse contra Marie.

— O Conselho Internacional investigou *sua* família, —disse Stefano, puxando a atenção de Nao para ele. — Suas descobertas foram interessantes. Quatro dos membros de sua família foram mortos em silêncio por outros membros da família. Você sabe por quê? Eles ficaram loucos. Os Archambaults destruíram outros dois. Osamu foi hospitalizada duas vezes em um hospital psiquiátrico e seu pai uma vez.

— Por depressão! —Nao gritou seu rosto ficando vermelho de raiva. Ambos os punhos apertados. — Por *depressão.* Meu pai perdeu tudo graças a aquele monstro torcido e ela ... —Ele cuspiu para Mariko.

— Na verdade, Nao, —Ricco disse calmamente, — seu pai estava fora de sua mente. Ele tentou matar várias enfermeiras depois que as atacou fisicamente.

— Seu mentiroso. Você é um maldito mentiroso. Você fode uma prostituta, você não deixa que eles liderem. Você vive ao redor de seu pênis. Ela o *infectou* com sua fraqueza. Com depravação. —Nao inclinou-se para frente, suas mãos deslizando ao longo de seu colchão quando fez isso. Instantaneamente, as luzes de cada lado dele caíram, mergulhando a sala nas trevas.

Com os instintos agindo, Ricco mergulhou para Mariko. Ele estava muito longe para chegar a ela suficientemente rápido. Stefano fez o mesmo mergulho do outro lado da cama. Taviano jogou-a no chão, pousando em cima dela, o corpo dele cobrindo o dela. Ricco e Stefano atingiram o chão de cada lado dela, envolvendo os braços em torno de seu irmão, então nenhuma parte do corpo de Mariko ficou exposta.

Um leve zumbido brilhou no ar por um momento. Um *baque.* Ricco virou sua cabeça da cama, olhando para a escuridão atrás deles. A porta para a passagem de Darin estava aberta e uma figura sombria, segurando uma besta, de repente, virou-se para correr. Quando o intruso virou, três figuras surgiram das sombras e Ricco reconheceu três dos cavaleiros Archambault.

— Cubra-me, —ele sibilou na orelha de Stefano. Ele acariciou as costas de Taviano e rolou em direção à porta parcialmente aberta.

Stefano e Taviano ficaram de pé, ambos entre os cavaleiros franceses e a porta para o corredor. Taviano galantemente ajudou Mariko a se levantar.

Todos olharam para Nao. Uma flecha enfiada em seu peito. Sua boca estava grotescamente aberta, como se ele tivesse visto a morte chegar e tentou detê-la com um grito.

— Maxence, —saudou Stefano, olhando para o irmão mais velho. — O que você está fazendo aqui? —Ele sabia que parecia ruim, mas todos estavam com as mãos vazias. Ainda assim, os cavaleiros franceses saberiam que Ricco também estava lá.

— As investigações estão completas. Nós estávamos aqui para trazer justiça a Nao Yamamoto. Onde está Ryuu?

Havia algo na voz de Maxence que deixou Mariko pálida e Stefano se sentindo como um homem velho, cansado de estar sempre certo. — Nós não sabemos, —disse ele. — Por que?

— Osamu Saito treinou Ryuu como um cavaleiro das sombras e o usou como instrumento de vingança contra a família Yamamoto. Ele começou a hackear suas empresas, roubar as pesquisas e vendê-las para quem pagasse mais. Ele provou ser

extremamente bom em espionagem industrial. Ele também conseguiu transferir a maior parte da fortuna pessoal de Nao para uma conta que ele controlava.

Mariko recuou, longe de Taviano e Stefano, balançando a cabeça. Taviano fez um movimento para deslizar o braço em volta dela, mas ela ficou rígida e avançou mais adiante. — Isso é impossível, —ela sussurrou. — Os ossos do meu irmão foram quebrados e torcidos. Ele não podia andar nas sombras, mesmo que quisesse.

— Você está certo de que Osamu o treinou? —Perguntou Stefano, já sabendo a resposta. O Conselho Internacional nunca teria enviado os cavaleiros franceses se não estivessem 100% convencidos de que tinham todos os fatos.

Maxence assentiu. — Eu tenho medo Stefano. Que Ryuu e Osamu estão por trás do ataque a sua família. Eles usaram o dinheiro que Ryuu roubou dos Yamamoto para os mercenários. Nós rastreamos o dinheiro até a conta que Ryuu configurou. Eles também atacaram os Yamamoto. Sango Yamamoto foi empurrada nos trilhos. Testemunhas disseram que outra mulher estava com ela. Nós acreditamos que a mulher, pela descrição, era Osamu.

Stefano balançou a cabeça. — Osamu teve que ter estado totalmente insana.

Maxence concordou. — Ela tinha sido cortejada por Daiki Tanaka quando eles eram jovens, mas no último minuto ele recuou. Há uma pequena trilha que nos leva a acreditar que ela começou a se vingar dele. Certamente, ela era conhecida por dizer as coisas contra Daiki para seus amigos e seus filhos. Nós acreditamos que ela rastreou Marie e a matou. Ela estava na pequena cidade na época da morte de Marie, e isso é coincidência demais para nós engolirmos.

Taviano aproximou-se de Mariko. Ela estava pálida, seus olhos pareciam com duas flores esmagadas em sua cabeça. Com o movimento, Stefano olhou para o

Taviano. Em algum lugar, na casa, Ricco estava caçando naquele momento. Ricco e Stefano estavam preocupados que Ryuu estivesse envolvido de alguma forma. Eles não sabiam nada sobre o seqüestro fazia sentido.

Stefano queria que Taviano colocasse as mãos em Mariko. Ela era uma mulher muito inteligente e iria perceber que, não só a família Ferraro, seu irmão e Osamu também tinham atacado-a. No momento em que Ricco estava no corredor, sua expressão tornou-se assassina. Ele gostaria de proteger Mariko antes de qualquer outra coisa, sem se dar conta de que, se ele matasse seu irmão, ela nunca mais poderia perdoá-lo.

— Nós fizemos nossas próprias investigações e nossas descobertas diferiram das da polícia quando chegou ao suicídio de Isamu. Mantivemos nossas descobertas secretas, mas sabíamos que ele não estava sozinho quando se matou. E mais do que provável, que Ryuu colocasse uma arma na cabeça de Osamu e obrigou Isamu a se matar para salvar sua irmã. Ele simplesmente não tinha percebido que sua irmã quisesse se vingar.

— Você acha que Daí sabia que sua esposa estava por trás dessas mortes? — A última coisa que queria era que um dos cavaleiros franceses se deparasse com Ricco matando Ryuu. Ele tentou detê-los.

Maxence encolheu os ombros. — Todos sabiam que ele a amava, e ainda assim a matou. Ele não a teria matado a menos que soubesse que não havia outra saída. Ele tinha que saber que no momento em que o Conselho Internacional lançou uma investigação sobre os mortos da família Tanaka iria descobrir a conspiração de Osamu para matar todas as famílias envolvidas.

Stefano suspirou. — Se Daí soube o tempo todo e não fez nada, ele era tão culpado quanto ela.

Maxence assentiu. — De acordo. Encontramos provas de que a família Ito era a próxima a cair. Ao longo do tempo que Ryuu estava fingindo ajudar Nao. Nao estava obcecado com Ricco. Pelas evidências que reunimos, Ricco assumiu o cargo. Ele começou a agir contra Ricco tentando superá-lo em vários itens que ambos colecionavam. A coleção de Ricco era maior, mas Nao decidiu competir. Durante um tempo, ele confiou em Ryuu e deu-lhe acesso a seus computadores sem perceber. Isso permitiu que Ryuu começasse sua destruição ao império Yamamoto.

Os pesquisadores de Stefano sabiam que alguém estava roubando Nao Yamamoto e que seus bens pessoais, bem como as empresas, estavam sendo cuidadosamente destruídos de diversas maneiras. — Ryuu mudou o composto da fabricação das caixas para os carros de corrida, não é? Essa companhia era de Yamamoto.

Maxence assentiu de novo. — Nós acreditamos que ele se assegurou de que o seu irmão tenha ficado com a caixa ruim. Ele está vigiando seu irmão há muito tempo.

— Ricco preocupou-se por anos que alguém estivesse entrando em sua casa. Ele teve a certeza de que ninguém, nem mesmo um cavaleiro, podia.

A sobrancelha de Maxence levantou-se, mas ele não comentou aquela informação. — Ryuu matou Darin Salsberry. Seu corpo está em um dos corredores dos armários. Temos certeza que Ryuu está em algum lugar nesta casa. Ele poderia usar a passagem sem medo de que Darin tropeçasse nele. Meus irmãos estão caçando-o enquanto falamos.

Um pequeno som de aflição escapou antes que Mariko pudesse detê-lo. Não o irmão dela. Ele não faria isso. Ele nunca conspiraria para matar toda uma

família, apenas porque Osamu pediu a ele. Ele seria? Ela pressionou os dedos trêmulos nos lábios e deu outro passo pequeno para trás dos homens, para a passagem onde Ricco havia seguido o assassino de Nao.

Ela não podia acreditar que Ryuu faria isso, mas uma parte dela já era reconhecia as bandeiras vermelhas que ela escolheu não ver. Muitas vezes Ryuu riu quando Osamu a tinha envergonhado. Ele voltava ao seu quarto mais tarde e dizia a ela que lamentava, era apenas que Osamu parecia tão engraçada com a vassoura, golpeando-a como se pudesse varrê-la para baixo de um tapete. Embora o riso a tivesse ferido na hora, ela permitia que ele a convencesse a sorrir depois.

Houve tantos incidentes que ela tinha negligenciado enquanto cresceram, porque ela precisava acreditar que Ryuu a amava. Alguém tinha que amá-la. Agora ele estava em algum lugar da casa com Ricco atrás dele. Ricco. Seu coração gaguejou. Ryuu poderia matá-lo. Ricco tinha um coração gentil. Ele podia hesitar porque Ryuu era irmão dela. Como ela se sentiria se ele matasse Ryuu? Ela não sabia. A mente dela normalmente calma tornou-se um caos total.

Ela se virou e correu para o corredor. Ela não se importou se os cavaleiros franceses ficariam bravos com o que ela estava fazendo. Ela tinha que encontrar seu irmão. Ela precisava de respostas. Ela precisava escutar que ele não tinha feito essas coisas e Osamu não o tinha virado completamente contra ela. Lutando contra as emoções que ameaçavam sobrecarregá-la, correu pela passagem, procurando sombras que diriam a ela para onde eles foram.



Ricco correu pela estreita passagem atrás da sombria figura que ele sabia ser Ryuu. Estava se preocupando, quase desde o início, de que o irmão de Mariko estivesse envolvido. Quando ele perdeu a trilha e depois os investigadores disseram que não havia nenhuma trilha, ele olhou as imagens das câmeras de vigilância do hotel ele mesmo. Ele e Stefano. Nao havia dito uma palavra sobre suas suspeitas para Mariko. Ricco queria estar errado. Ele até mesmo fez uma ou duas orações, e ele não era homem de rezar.

Haviam muitas imagens de Ryuu caminhando para o quarto do hotel, mas nenhuma dele saindo. Stefano e Ricco haviam observado cada centímetro das gravações, identificando quem entrava e o seguindo para garantir que cada pessoa que entrou no hotel tinha negócios legítimos lá. Ninguém tinha vindo para seqüestrar Ryuu, e aparentemente, ele nunca saiu de seu quarto. Isso deixava apenas duas maneiras possíveis. Alguém podia ter adulterado as câmeras, e não havia evidência disso. Ou, Ryuu era um cavaleiro de sombras e tinha deixado o quarto por sua própria conta. Se fosse verdade, ele tinha que ser uma grande parte da conspiração contra a família Ferraro.

Isso também explicava muitas outras coisas. A coleção de Nao imitando tanto a de Ricco. Ryuu poderia estar entrando na casa de Ricco e fotografando as armas para Nao. Ricco sempre suspeitou que alguém estava entrando em sua casa. Como um cavaleiro sombrio, Ryuu saberia sobre os Ferraro usarem sombras para viajar e poderia ter avisado os mercenários para atacar as sombras.

Ricco abriu a porta que levavam aos aposentos do cuidador com cautela, consciente do ataque a Vittorio fora da casa dos Fausti. Ele entrou no quarto, escaneando enquanto rolava em direção à porta. Parecia vazio, mas as luzes

estavam ligadas, lançando sombras pelo quarto. Ele continuou rolando até estar na boca de uma delas, a maior que passava sob a porta para o próximo quarto, e então pulou para dentro.

Ryuu tentou acertar a cabeça de Ricco com um golpe vicioso no local exato da batida no acidente na pista. Esperando o ataque, Ricco abaixou e varreu a perna de Ryuu. Ryuu caiu, mas mergulhou para frente, mais fundo nas sombras, deixando-se engolir.

Ricco correu atrás dele. A sombra o separou, lembrando-o de que ele não estava 100% fisicamente. Ele consolou-se com o conhecimento de que o corpo de Ryuu também não era perfeito e a atração brutal da sombra sobre ele tinha que ser muito dolorosa. Havia uma certa satisfação nisso.

Quando se aproximou do final do tubo, ele diminuiu, odiando perder preciosos segundos, mas ele não podia correr o risco. Ryuu não estava à vista, mas, novamente, as sombras corriam pelas paredes e debaixo das portas. Ricco entrou na sombra mais próxima e seguiu-a sob a porta da suíte do zelador, para a entrada privada de Darin.

Ryuu estava esperando, de pé, coberto pela coluna ornamentada que estava fora a porta. Ricco não conseguiu ver nenhuma semelhança com Mariko. Ryuu era quase cuspido a imagem de seu pai, Daiki Tanaka. Ele sorriu para Ricco.

— Ferraro.

— Tanaka.

— Então você sabe.

Ricco assentiu. Ele tomou tempo para permitir que seu corpo se juntasse com ele mesmo. Seu coração precisava encontrar um ritmo calmo e constante enquanto avaliava o adversário. Ryuu não podia ficar reto. Suas costas pareciam ser torcidas

o suficiente para um ombro ser mais alto e seu quadril direito vir para frente. Ainda assim, ele era um homem bonito pela maioria dos padrões.

— Eu vejo que Nao pisar em você quando você era um bebê não impediu que você aprendesse a usar as sombras, —disse Ricco. Ryuu era um homem inteligente. Ele precisaria mostrar a Ricco quão inteligente ele tinha sido. Quanto mais falassem, melhores as chances de Ricco encontrar todas as suas fraquezas.

— Nao não teve nada a ver com os meus ossos. Foi minha querida irmã—a mulher que afirma que é minha irmã. Ela estava dirigindo em um carro e perdeu o controle. Passou sobre mim.

Ricco balançou a cabeça. — Eu suponho que Osamu lhe contou essa mentira. Ela era muito boa em manipulação. Mariko me disse que você era inteligente, mas não pode ser se você não reconheceu a loucura de Osamu e ouviu a mentira em sua voz.

— Cavaleiros podem ouvir mentiras, —Ryuu informou. — Eu sou um cavaleiro e nunca ouvi uma mentira na voz da minha mãe.

— Sua mãe era Marie Tanaka.

— Minha mãe era Osamu Saito, —explicou Ryuu pacientemente. — Daiki Tanaka era meu pai. Olhe para mim se você não acredita em mim.

— Estou olhando para você e vejo um idiota.

Ryuu sorriu. — Passei tanto tempo em sua casa, conheço todo o layout de cor. Fotografei tudo para Nao. Ele era obcecado por você. Totalmente obcecado. Ele achava que você era um Deus. O cavaleiro perfeito. —Ele bufou seu escárnio. — Eu estava bem debaixo de seu nariz e ele nem sabia disso. Todos aqueles anos sugando sua companhia e ele nunca suspeitou até que eu o deixei saber que fui eu.

—Ele riu suavemente. — Nao, sentava neste trono, acreditando que era melhor do que eu, porque ele tinha o sangue puro de um cavaleiro.

— Deve ter sido difícil ouvir sua alegria. Eu o conhecia quando tinha dezessete anos. Ele também era fanfarrão e valentão.

Ryuu encolheu os ombros. Ele mudou a posição apenas um pouco, aliviando seu peso da perna direita. — Eu o achei tedioso. Eu estava roubando-o, debaixo do seu nariz, e tudo o que ele podia fazer era saber o que você estava querendo, o que você estava fazendo, quantas mulheres você fodeu, quais quadros você estava adquirindo.

— Por quê? —Ele não tirou os olhos de Ryuu, respirando uniformemente, o corpo dele frio agora e esperando. Pronto para atacar. Defender. Toda defesa era anormal.

— Ele queria ser você. —Ryuu sorriu novamente. — Eu costumava falar sobre você com ele, mostrar-lhe todas as revistas. Ele foi a todas as corridas em que você dirigiu. Ele mexeu na caixa de seu carro e se certificou de que estava no reboque de corrida, quando você entrou diretamente na parede. Tive um tempo difícil em decidir a quem olhar, você batendo, ou ele olhando você bater. Eu o escolhi. A expressão em seu rosto valeu a pena.

— Por que você o odiaria tanto se não acreditasse que foi ele que quebrou seus ossos? Ele é sobrinho de Osamu.

— Ele levou Eiji e Hachiro de nós—meus verdadeiros irmãos. Ambos eram grandes e ele estava com ciúmes deles. Ele tentou desonrá-los. Ele estava dirigindo o carro que os matou e estava bebendo.

Ricco balançou a cabeça. — Eiji, Hachiro, Kenta Ito e Nao assassinaram a família Tanaka. Nao tirou você de um armário e pisou em você. Mariko salvou você, chutando-o na virilha. Ela também era um bebê.

— Isso é uma besteira. Todos conhecem a história, menos a culpa de Nao. Seu pai se recusou a permitir que alguém dissesse a verdade. Meus irmãos estavam perdidos para nós e para toda a comunidade de cavaleiros. Ninguém fez nada sobre isso.

— Ryuu, isso realmente faz sentido para você? Ela criou você no ódio e na vingança. Cada momento de sua existência, ela forjou uma arma contra aqueles que ela achava serem seus inimigos.

— Eles eram seus inimigos. Eles eram inimigos de toda a comunidade de cavaleiros.

— Mariko era uma criança inocente, assim como você. Por que o alvo de Osamu era ela? Por que ela teria que se vingar de sua irmã?

— Ela *não* é minha irmã, —Ryuu cuspiu a declaração venenosa, seu rosto torcido de ódio.

Atrás de Ricco, Mariko ofegou. Ele xingou silenciosamente. Ele não queria que ela ouvisse nada disso, visse a evidência de quão louco seu irmão estava. Ele tinha sido criado por uma louca e ele acreditava em todas as palavras que ela havia dito.

— Ela é uma Tanaka. Mesmo que Marie não fosse sua mãe, Ryuu, por sua conta admissão, Daiki é seu pai. Isso torna Mariko sua meia-irmã.

— Uma *prostituta?* Osamu disse que ela iria dormir com você, e ela o fez. — Ryuu virou o olhar para o rosto de sua irmã. — Você não fez?

Era a pequena distração que Ricco esperava. Ele deslizou pela entrada, batendo o pé na coxa direita de Ryuu, o peso corporal todo no chute. Ryuu caiu com força e Ricco estava nele. Ele não poderia simplesmente matar Ryuu, não com Mariko assistindo, e isso deu a Ryuu uma grande vantagem. Ele acertou-o com força no estômago e Ryuu pegou seu corpo, desenhando os joelhos dele e batendo os pés no peito de Ricco, caindo outra vez.

Ryuu se levantou, mancando agora, mas vindo em Ricco, pressionando-o com força. Ricco fingiu cair voltar um passo ou dois e depois desviou, chutando a perna direita novamente, desta vez um golpe sólido, visando exatamente o mesmo lugar. O rosto de Ryuu empalideceu um pouco, mas ele continuou em movimento, passando para uma posição canhota para melhor proteja sua perna.

— Pare. Ryuu pare, —Mariko implorou. — Você não sabe o que está fazendo.

— Feche a porra da boca, —ironizou Ryuu, nunca tirando os olhos de Ricco. — Não fale comigo. Você está morta para mim. Você sempre esteve. Você não é nada além de uma pequena prostituta como sua mãe.

— Ryuu, você não é assim.

Ricco estremeceu ao som de implorar em sua voz. Ele odiava isso por ela. Ele sabia que não havia como retomar todos os anos de Osamu sussurrando para Ryuu, transformando-o em seu instrumento de vingança. Ele queria ser amado, e Osamu amava-o enquanto ele fizesse exatamente o que ela dissesse.

— Eu *desprezo* você. —Ryuu cuspiu no chão. — Ela a acolheu e até permitiu que você se tornasse uma cavaleira, mas você nunca foi grata. Você era como sua mãe, sempre flertando com Daí até que ela teve que mandá-lo embora. Quando ele implorou para voltar para casa, ela cedeu, mas lá estava você, tentando atraí-lo para sua cama.

— Eu não fiz isso, —Mariko negou.

Ricco ouviu as lágrimas agora. Sua mulher estava chorando. Seu coração estava quebrando. Ele deu um soco, forçando Ryuu a girar seu corpo apenas o suficiente. Ele deu outro chute.

O olhar de Ryuu foi desesperadamente para a entrada, procurando uma sombra. A perna direita dele tinha que estar entorpecida, morta. Ricco teve muito disso durante o início do treinamento, antes de aprender a proteger suas pernas. Ryuu tinha sido ensinado a montar as sombras e ele definitivamente treinou combate corpo-a-corpo, artes marciais e luta de rua, mas não teve os anos de treinamento e experiência que Ricco tinha.

Ricco o rodeou, mantendo-o longe das sombras, forçando-o a arrastar a perna direita para manter Ricco à vista o tempo todo.

— Ela mentiu para você, —disse Mariko. — Ela mentiu, Ryuu, sobre tudo.

— Eu lhe disse para não falar comigo, —disse Ryuu, sua voz baixa e viciosa. Ele manteve sua atenção centrada em Ricco, movendo-se torpe para frente com uma série de socos. No último momento, ele se lançou para o lado, em Mariko.

Havia uma grande sombra bem atrás dela. Mariko se manteve firme e Ryuu a golpeou com força. Ele a socou duas vezes na boca.

— Mantenha sua boca imunda fechada, —ele cuspiu sobre ela enquanto rolava, chegando triunfante na frente do tubo.

Ela cambaleou sob o assalto, mas não perdeu o equilíbrio. Ela estendeu a mão para o irmão. — Ryuu. —Apenas sussurrou o nome dele.

Ele olhou para ela de volta.

Mariko gritou. — *Não.*

O último foi dito a Sacha Archambault. Ele emergiu da sombra diretamente atrás de Ryuu e pegou sua cabeça em ambas as mãos.

— A justiça é servida, —disse Sacha enquanto se afastava.

Houve um estalo audível. Mariko gritou e se ajoelhou. Sacha largou o corpo e olhou para Ricco.

— Sinto muito, que ela estivesse aqui, —ele disse suavemente.

Ricco assentiu com a cabeça e foi até ela, envolvendo seus braços ao redor dela, forçando-a a levantar. Eles tinham que sair de lá e deixar a limpeza para as pessoas encarregadas. Eles eram cavaleiros. Eles dispensavam justiça.

— Terminou *farfallina mia.* Vamos para casa. —O que mais havia para dizer? Agora ele tinha que encontrar uma maneira de mantê-la com ele.

20

— Faz um mês. —disse Mariko suavemente. Ela completou seus dias transformando a casa de Ricco em sua casa. Ele havia dito a ela para mudar o que quisesse e ela seguiu sua palavra. O Conselho Internacional decretou que as famílias pagariam uma indenização a ela e a Ricco. A dela era uma quantia enorme, uma que ela mal conseguia lidar. Ela passou a dor de cabeça de todo esse dinheiro para o pessoal do financeiro de Ricco.

Ela atravessou a casa até o jardim japonês. Tornou-se seu lugar favorito desde a morte de seu irmão. Não havia motivo para voltar para o Japão, embora ela amasse seu país. Ela não poderia aguentar já que não havia ninguém por quem ir. Atravessou a ponte sobre a *lago de kois*[22], parando para ver os peixes nadando preguiçosamente. Ela encontrava a paz observando-os, nomeando-os, estudando a variedade de kois e tentando identificá-los.

Ricco tinha sido mais do que bom para ela—sempre paciente—nunca perguntando nada. Eles compartilhavam a mesma cama e ele não tinha tocado-a até que ela o procurou. Ele era gentil com ela, amoroso, nunca ficava selvagem, ela sentia o controle nele, mas não tinha a energia para lhe dizer que queria que ele fosse selvagem. Ou o seu Shibari. Ela o ouviu várias vezes na sala de treino, batendo no saco pesado e não tinha ido até ele. Ela deveria ter ido.

— Mariko?

A voz de Emmanuelle a fez sorrir. Ela olhou para cima e ambas, Emmanuelle e Francesca estavam caminhando em sua direção. Ela parou na entrada da casa de chá elaborada que Ricco havia construído em seu jardim. Era de estilo tradicional e muito bonita. Ela adorou e passava um bom tempo lá meditando. Emmanuelle e Francesca vinham todos os dias para vê-la e sabiam que a encontrariam na casa do chá.



22 **Lago de Kois** – e um lago de jardim, com Kois 'carpas', peixes de agua fria.

Ela exibiu um sorriso genuíno, o primeiro em um mês. — Estou feliz que vocês vieram, —ela cumprimentou. — Eu vou fazer chá. Há coisas que precisam ser ditas.

Emmanuelle e Francesca trocaram uma careta preocupada. — Coisas que precisam ser ditas? —Francesca ecoou. — Você precisa de nós para falar com Ricco? Vocês estão bem?

— Finalmente. Eu finalmente estou bem. —Mariko entrou na casa de chá e olhou em volta. Havia paz e serenidade no edifício. — Ricco me disse que construiu este lugar de meditação esperando um dia encontrar uma mulher que o aproveitasse com ele. Eu sei que sou essa mulher. Eu nasci para ser essa mulher. —Ela disse com confiança absoluta.

Francesca e Emmanuelle pareciam aliviadas. Elas a seguiram até o lugar e se afundaram nas confortáveis cadeiras baixas em frente a ela. O som da cachoeira percorrendo as rochas para cair na piscina acalmava-a. Ela olhou para seus rostos. Ela as adorou no último mês. Tinham sido tão pacientes quanto Ricco com ela. Não forçavam, mas a deixaram saber que elas estavam lá.

— Eu tenho que deixar Ryuu ir. O irmão que tanto amei morreu naquele dia que eu perdi o resto da minha família. Ele nunca teve a chance de ter uma vida normal. Eu fui me agarrando ao homem que eu queria que ele fosse o que eu inventei em minha cabeça para sobreviver. Esse homem não era meu irmão. —Ela olhou para as mãos dela. — Eu já sofri o suficiente por alguém que não existia.

Ela olhou para as duas mulheres que tinham sido seu constante apoio. — Eu tenho uma família agora, e não me arrisco a perder isso para me apegar a alguém que nunca existiu. Me desculpem, me levou muito tempo para chegar a essa conclusão.

— Você tem o direito de demorar todo o tempo que precisar, —assegurou Emmanuelle. — Nós somos sua família e sempre estaremos aqui para você.

A sombra escura em Mariko, que a jogou para baixo por tantas semanas, desvaneceu ainda mais. — Que eu possa me lembrar, eu nunca fiz parte de uma família, então vou cometer erros. Espero que vocês duas possam ser tolerantes.

Francesca riu suavemente. — Nós somos os Ferraro. Temos de ser tolerantes uns com os outros. Você pode querer se lembrar disso hoje.

— *Hoje?* O que há de diferente hoje?

Francesca e Emmanuelle trocaram outro olhar e então ambas voltaram toda a atenção para ela, os olhos brilhando de malícia, lembrando-a de Ricco quando ele estava aprontando alguma coisa—o que era muitas vezes.

— Oh céus. O que vocês estão fazendo agora? Se você me fizer parte disso, o quanto Ricco vai ficar aborrecido?

— Ricco não é tão paciente como ele devia ser, não quando se trata de você, —Francesca disse.

Mariko balançou a cabeça. — Não, ele tem sido incrível. Muito melhor do que eu mereço. Eu perdi aquilo que eu tinha na minha frente. Tenho sorte dele ser tão paciente. Outro homem poderia ter se afastado.

— Se ele se afastasse, Mariko, —disse Emmanuelle, —ele realmente não amaria você em primeiro lugar e você estaria melhor sem ele. —Havia algo em sua voz que fazia com que ambas as mulheres olhassem acentuadamente para ela. Ela mostrou-lhes um sorriso que não alcançava seus olhos. Sacudiu a cabeça e forçou um sorriso. — Nós viemos ajudá-la a se preparar.

— Preparar para que? Não há nada marcado. Esqueci de um evento importante? —Seu estômago apertou. Elas realmente estavam aprontando algo, e seu intestino lhe disse que era grande.

— Apenas o fato de você se casar hoje.

A respiração de Mariko ficou presa nos pulmões. Ricco a observava atentamente, mas ele não falou em casamento além de ter que preencher os papéis necessários para se candidatar a residência, uma vez que ela não era dos Estados Unidos. — Isso é impossível.

— Ricco é um Ferraro. Nada é impossível. Nós trouxemos tudo para você se arrumar. Stefano vai te levar e nós somos suas madrinhas. —Emmanuelle parecia imensamente satisfeita com a idéia.

— Mas ultimamente eu fui tão difícil, —disse Mariko. — Não. —Ela balançou a cabeça. — Eu preciso falar com ele primeiro. —Ela tinha que dizer a ele que estava arrependida de passar tanto tempo de luto por um irmão, mãe e pai que nunca foram reais na vida dela.

Francesca deu outro sorriso. — Pelo menos você não está protestando por se casar. Se você o fizesse, ele disse que devíamos lembrá-la da sua promessa.

Mariko revirou os olhos. Claro que ele lançaria aquela promessa tola para ela—que ela se casaria com ele no momento em que ele escolhesse. Então, ele estava escolhendo agora. Ela era agradecida que tivesse percebido a família que tinha na frente dela, pessoas dispostas a amá-la, que valiam muito mais que as que a rejeitaram.

Se ele insistia em casar com ela sem qualquer preparação, pelo menos o casamento tinha que ser pequeno, não um evento enorme que os paparazzi participariam e apareceria na capa de todas as revistas. Ela não queria um

casamento bilionário. Ou mesmo um casamento de celebridade. Ela queria que a cerimônia fosse sobre eles, não sobre o vestido de cem mil dólares e o bolo de cinquenta mil.

— Precisamos começar, —disse Emmanuelle. — Ricco pode ter decretado que se casem hoje, mas ele não sabe o que planejamos.

— Pétalas de rosas para sua cama. Toneladas delas, —disse Francesca.

— Também tenho alguns planos, —disse Mariko. — Vamos começar. Pelo menos, eu tomei um banho. —Tinha demorado a subir e Ricco já tinha ido embora. Ela estava chateada com ela mesmo por isso. Ele gostava de sexo matinal e, no entanto, ele não a perturbou. Isso pode ter sido o catalisador para ela, finalmente percebendo que estava jogando fora algo bom por algo irreal.

As próximas duas horas passaram muito rapidamente. As duas mulheres arrumaram seu cabelo, puxando-o em volta do rosto para deixá-lo cair em cachos soltos pelo pescoço. Elas fizeram tudo com perfeição, os olhos esfumaçados e um acento de batom escuro que fazia com que ela estivesse muito sexy.

O vestido era seu vestido de sonho, um de designer, da *Yumi Katsura*[23]. Ela adorava seu trabalho e muitas vezes olhou os vestidos on-line, sem pensar que se casaria em uma de suas criações. Ela mencionou o nome do designer uma vez para



[23] **Yumi Katsura**  estilista de maior sucesso do Japão.

Ricco, de passagem, e ele deve ter se lembrado. Claro que ele tinha. Lembrava-se de tudo o que ela dizia a ele. Se ele achasse que era importante o suficiente, ele tomava tempo para conseguir o que quer que fosse, ou fazê-lo para ela imediatamente. Ela falou sobre o fato do designer fazer vestidos únicos, mas não queria gastar esse tipo de dinheiro.

Mesmo agora que poderia comprar tudo o que queria, ela tinha sido muito comedida crescendo e morando na pequena casa que viveu. Tudo o que ela comprou tinha sido cuidadosamente escolhido. Tinha visto tanta pobreza e tantos outros necessitados que ela era muito grata pelo que ela tinha. Ela queria continuar desse jeito, e queria que seus filhos valorizassem o que tinham e se conscientizassem de que outros não o faziam. Em sua mente, era um estrago ter um vestido de noiva tão bonito, e, do jeito que era, sabia que o vestido escolhido era caro, não apenas para os padrões Ferraro.

Ele tinha um top de marfim modificado, feito especialmente para ela. O vestido caia em redemoinhos de tule branco, camada após camada, por isso parecia leve e arejado.

Mariko tocou o vestido com reverência e depois passou a mão ao longo dos *cristais Swarovski*[24] que adornavam o top. — Eu adoro os cristais. —Estava se conscientizando que ela tinha o vestido. Seu coração começou a acelerar. Ela



24 cristais Swarovski

estava casando com Ricco Ferraro. Ela seria sua esposa, amada por ele, apreciada por ele. Era um conto de fadas, algo sobre o que ela poderia ter lido em um dos muitos livros que lera. Ela nunca acreditou que iria encontrar um homem que realmente a amasse, muito menos torná-la o centro de seu universo.

— *Hum,* querida, —disse Francesca. — Isso não são cristais.

Mariko franziu a testa, seus olhos se encontraram com os de Francesca no espelho. — São. Confie em mim, eu li a descrição desse vestido um milhão de vezes. Eu sempre o amei.

— Este vestido foi feito especialmente para você. Isso são diamantes.

A respiração de Mariko pegou sua garganta. — Ele não fez isso.

— Eu tenho medo que ele tenha feito, —disse Emmanuelle. — Foi montado só para você e o decote feito de diamantes. Ele disse algo sobre como ele amava o jeito como os diamantes pareciam em sua pele nua e ele queria ver isso quando você fosse pelo corredor em direção a ele. Ele também enviou estes brincos e um colar.

Ela entregou os brincos de pingentes com diamantes e um colar combinando. Eles ficavam muito bem contra sua pele, e quando ela olhou para o espelho ficou chocada com a beleza que viu. Ela teve que piscar as lágrimas. Ricco tinha dado isso a ela também. Ela nunca se consideraria bonita, se ele não a fizesse se ver assim.

Ela podia ter protestado contra os diamantes, mas sabia que ele estava se referindo ao seu Shibari—não—o Shibari *deles.* Ele estava falando com ela do modo como falava com as cordas dele. Dizendo-lhe que a amava, e ela ouvia cada palavra. Ela se recusou a passar um momento mais longo em seu passado. Ela esperava que ele a ouvisse quando ela lhe falasse isso.

Ela não fez perguntas, deixou Francesca e Emmanuelle prepará-la. Elas passaram um tempo se preparando e então a limusine estava lá para buscá-las. Enzo estava dirigindo e assobiou suavemente quando a escoltou. Stefano já estava dentro e sorriu para ela enquanto Emilio a entregava.

— Você está linda, Mariko, —ele cumprimentou.

— Obrigado. Você está muito bonito nesse smoking. —Ele estava. Os homens Ferraro foram feitos para ternos.

— Você está pronta para isso? Ele está esperando você.

— Você o está ajudando.

Ele riu. — É claro que o estou ajudando. Você não acha que eu vou deixar a melhor coisa que ele já teve em sua vida se afastar dele, não é?

— Sua família é a melhor coisa que já aconteceu a ele, Stefano. Talvez dentro dessa família, seja você. Você é o único que deu a seus irmãos essa proximidade.

Francesca e Emmanuelle também haviam entrado na limusine. — Você conseguiu isso, —Emmanuelle concordou, mostrando um sorriso amoroso para o irmão. — Claro, ele é terrivelmente mandão.

As sobrancelhas de Stefano dispararam. — Mandão não é o mesmo que chefe.

— Você é ambos. —Francesca e Emmanuelle disseram em uníssono.

Mesmo Emilio sorriu um pouco sobre isso. Mariko olhou para as mãos. Ela sentiu o amor no veículo, emanando dos outros. Mesmo dos primos de Stefano. Ela fazia parte desse círculo porque eles haviam aberto espaço para ela. Os irmãos a tratavam exatamente como faziam com Francesca e Emmanuelle, como se ela fosse o mais precioso tesouro em todo o mundo. Era um pouco desconcertante depois de ter sido ignorada, espancada ou envergonhada por toda a vida. Alguns dias atrás, ela não tinha certeza de como responder, então ficava muito quieta.

Depois de perceber que sua depressão e sofrimento pela perda de seu irmão estavam impedindo que ela desfrutasse o que tinha, ela estava determinada a agarrar a vida com ambas as mãos. Todos os dias com Ricco seriam um milagre para ela. Ela sabia que o amava e acreditava que ele a amava. Ela sabia que haveria dúvidas, ela estava condicionada a duvidar de si mesma, mas usaria as cordas para parar as vozes, assim como Ricco fazia.

Ela deveria ter perguntado para onde eles estavam indo. Ela não perguntou por que não importava—até ela chegar lá. Ela pensou em uma pequena cerimônia, apenas a família. Esta era uma igreja, e não apenas para a família, mas metade ou mais da metade das pessoas que viviam e trabalhavam no território Ferraro estavam sentados, esperando a noiva. Ela sabia por que olhou pela porta onde esperava com Stefano, Emmanuelle e Francesca. Ela deveria ter sabido. Eles eram muito leais aos Ferraro, indo tão longe quanto pudessem para tentar defendê-los quando foram atacados. Isto justificava que a família os convidasse. Ela reconheceu Nicoletta, Lúcia e Amo na frente, logo atrás do banco familiar. A signora Moretti também estava lá. Esses foram todos os que ela reconheceu no mar dos rostos porque começou a se sentir a ponto de desmaiar.

Ela era uma mulher das sombras, não apenas quando estava trabalhando, mas quando estava em casa. Ela tentava desaparecer nos cantos, não estar no centro das atenções. Ela não sabia se poderia seguir, mesmo sob a proteção de Stefano. Ela fechou a porta e se inclinou contra ela, lutando por ar.

— Ele convidou todos.

Emmanuelle assentiu, indo para o lado dela pedindo-lhe que se sentasse. Francesca trouxe um copo de água. — Nossos primos de Nova York estão aqui, é

por isso que a igreja parece tão cheia. Nós temos uma família grande. Queríamos que todos os primos soubessem quem é você.

Ela sabia o porquê. Todos eram próximos e se protegiam, ao contrário da família em que ela cresceu. — Eu preciso dele.

— Ele não pode vê-la antes do casamento, —protestou Francesca.

— Eu *preciso* dele agora mesmo, —Mariko disse desesperada. Se ele não fosse lá, ela não sabia o que faria. Correr? Ela nunca o humilharia dessa maneira, mas ela podia desmaiar, ou pior, vomitar no corredor para ele. — Por favor, vá buscá-lo.

Stefano saiu pela porta e Mariko contou os batimentos cardíacos até que Ricco entrou. Ele parecia um pouco desconfiado, como se ela estivesse prestes a dizer-lhe que estava fugindo, mas ele foi direto para ela. Ela se levantou e ele ofegou, sua visão correndo sobre ela. Algo nela se prendeu no olhar em seu rosto. Ela não tinha idéia de porque ele a amava tanto, mas ela não só viu a intensidade da emoção nua no rosto dele, mas também sentiu isso.

— *Dio, farfallina mia,* você é a mulher mais linda que eu já vi.

Ele acreditava nisso. Ela se deixou respirar, sem se dar conta de que ela estava prendendo, esperando por ele. — Eu precisava te ver. Eu sei que é suposto ser ruim antes do casamento, mas ... —Ela parou. Ela não sabia exatamente o que precisava dele ou por que, só que era imperativo ou não podia deixar a segurança da sala.

Ele sorriu e seu sorriso era lindo. Ele deu o passo que os separava e puxou-a para dentro de seus braços. Ela sentiu o cheiro de Ricco. Maravilhoso. Familiar. Dela.

— *Não* vai beijá-la, —Emmanuelle ordenou. — Você vai arruinar a maquiagem dela.

Seu dedo deslizou pela nuca dela, um gesto que sempre a estabilizou. Era isso que ela precisava. Saber que ela era dele. Que ela pertencia a ele. Que ele acreditava que ela era forte e confiante como mulher, assim como ela era como cavaleira.

— Emme, você não tem mais batom? Você está me matando aqui. Olhe para ela. Você não quer beijá-la?

— Bem, claro, simplesmente não exatamente da mesma maneira, — respondeu Emmanuelle, com a voz risonha.

Mariko explodiu em risadas. — Estou bem agora. Vá me esperar.

— É isso? Você está bem agora? —Seus olhos procuraram o rosto dela.

Ele assentiu. — Eu só precisava te ver. Saber.

Ele entendeu. — Você sempre deve saber. Agora que eu vi você nesse vestido, você sabe que cada segundo da recepção será um inferno.

A recepção foi um inferno. Cada toque, cada cumprimento. As danças. A música lenta enquanto ele a segurava em seus braços, seu corpo se movendo em ritmo perfeito com o dela. Adorava dançar com ele. Amava. Estar em seus braços e flutuar no chão juntos era uma experiência que ela nunca pensou que teria. Não sabia muito sobre dança, mas ele era extremamente bom para orientar tudo o que se movia.

— Desculpe-me demorar tanto tempo para perceber que estava triste por Ryuu quando ele não me amava, quando ele conspirou para ajudar Osamu a matar todos nós, eu, você, sua família, até mesmo Nao, fui ridícula. —Mesmo falar nisso ainda doía. Seu irmão. O único membro de sua família a queria morta recusou-se a reconhecer a conexão entre eles.

— Não se desculpe, Mariko. Você o amava. Não há nada de errado com seus sentimentos por ele. Você o amou todos esses anos, tal como deveria. Ele é que foi envenenado. —Ele roçou sua boca suavemente com a dele.

O toque de seus lábios contra os dela enviou borboletas através do estômago dela. Ela sabia que sempre se sentiria assim apenas de olhar para ele.

— Eu simplesmente lamento ter demorado tanto para chegar à conclusão do que eu tinha em minha vida.

Ele a tirou do perigo quando outro casal chegou muito perto. — A verdade é, *amore,* que eu esperaria toda a vida por você.

Havia honestidade em sua voz que deixou seu coração batendo duplamente. Ela tinha uma família. Um homem que a amava. Foi tudo o que ela sempre quis. Eles dançaram a noite toda, Mariko se sentindo como uma princesa de conto de fadas. A limusine levou-os para casa. Adorava a visão de sua casa, o telhado alto e os portões de ferro em torno dos extensos jardins.

— Não posso aguardar para entrar, —disse Ricco.

As linhas sensuais esculpidas em seu rosto se sobressaiam. Ela sentiu como se estivesse esperando por toda a vida, seu corpo tão sensível e pronto para o dele. Ela era grata de saber que não estava sozinha na forma como estava sentindo.

Ele segurou sua mão até em casa como se pensasse que ela poderia fugir dele. Ele a conduziu diretamente ao elevador até o segundo andar em vez de levá-la pelas escadas. No elevador, ele começou a abrir a longa fileira de botões de pérolas em seu vestido. Ela adorava que ele estivesse tão concentrado em tirá-la do vestido que ele parou no corredor para terminar, encorajando-a a sair da mistura de renda. Mariko fez isso, de pé no corredor em sua renda marfim, quase nada, tanga, ligas,

saltos altos e meias. Ele a destituiu do sutiã na porta do quarto principal, deixando seus seios nus.

Nós estamos saindo para a lua-de-mel pela manhã, —ele prometeu. — Nós possuímos uma ilha e podemos ter toda ela para nós mesmos. Não me importaria de impor uma regra de sem-roupa.

— Eu aposto que você não vai. —Ela prendeu a respiração, esperando.

Ele virou a cabeça e olhou para a cama, salpicada com pétalas de rosa e coberta de feixes de corda de todas as cores e texturas. Ela estava falando com ele. Dizendo que o amava e precisava de seu Shibari tanto quanto ele precisava.

Ricco a alcançou, puxando-a para perto dele. — Você está certa?

— Absolutamente. Percebi que ambos precisamos disso. Você está capturando nossa jornada juntos nas fotos, e esta é a nossa noite de núpcias. Devemos ter pelo menos uma imagem, mesmo que seja simples. Ela esperava que ele soubesse o que ela estava dizendo para ele. Ele passou o último mês batendo no pesado saco quando precisava de alívio para seus demônios. Ela tinha ido para a casa de chá no jardim japonês quando precisava. Shibari juntava-os em suas lutas.

— Isso me torna mais forte, Ricco. Eu percebi que eu preciso disso tanto quanto você.

Ele colocou o vestido na cama, as pétalas de rosa ao redor. Ele colocou três bobinas de corda perto da renda marfim e, em seguida, seu sutiã sobre uma das bobinas de corda.

— Você já sabe o que quer fazer.

— Prepare-se.

Sua voz era *aquela* voz, aquela com quem ela se familiarizara. Ela assentiu com a cabeça e dirigiu-se para o banheiro, excitação percorrendo-a. Ela não podia esperar para ver como ele a amaria. Seu sexo já estava quente, apertado e úmido. Ela sabia que a noite de casamento seria espetacular, e então estava ansiosa pela lua-de-mel ...

Fim

Por enquanto . . .

